

cadernos Lab.Hum

VOLUME 2

OS INTÉRPRETES DA CIDADE

pesquisadores e histórias de São Paulo

Fernando Atique
(org.)



OS INTÉRPRETES DA CIDADE

pesquisadores e histórias de São Paulo

Fernando Atique
(Organizador)



*Esta obra é dedicada à memória da
Professora Marcia Barbosa Mansor D'Alessio*



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons -
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

Livro resultante do Ciclo de Entrevistas realizado como parte da Disciplina de Pós-Graduação **“A Produção Historiográfica sobre a Cidade de São Paulo”**, ministrada entre agosto e novembro de 2018 no Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos, pelo Prof. Dr. Fernando Atique.

Produção Editorial: Fernando Atique

Projeto Gráfico: Carlos Moura e Fernando Atique

Capa: Desenho produzido por José Clewton do Nascimento (UFRN / Urban Sketchers Brasil)

Diagramação: Carlos Moura

EFLCH – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Diretora: Profa. Dra. Magali Aparecida Silvestre

Vice-Diretor: Prof. Dr. Janes Jorge

Lab.Hum – Laboratório de Humanidades Digitais da Unifesp

Coordenador: Prof. Dr. Luís Antonio Coelho Ferla

Vice-Coodenador: Prof. Dr. Daniel Arias Vázquez

Grupo CAPPH – Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica

Coordenador: Prof. Dr. Fernando Atique

<http://capph.sites.unifesp.br>

Conselho Editorial da Série Cadernos Lab.Hum

Andréa Cláudia Miguel Marques Barbosa

Daniel Arias Vazquez

Fernando Atique

Henrique Zoqui Martins Parra

Humberto Prates da Fonseca Alves

Luís Antonio Coelho Ferla

Lab.Hum

Campus Guarulhos da Unifesp

Estrada do Caminho Velho, 333 – sala 330

Jardim Nova Cidade

Guarulhos / SP

SUMÁRIO

Apresentação - Interpretar a Metrópole: Relações, Revelações e Relatos de Acadêmicos a propósito da Pauliceia <i>Fernando Atique</i>	9
Prefácio - São Paulo e suas Histórias de Afeto e Crítica <i>Barbara Weinstein</i>	13
A Cidade dos Arquitetos <i>Hugo Segawa</i>	17
A Cidade dos Urbanistas <i>Sarah Feldman</i>	45
A Cidade dos Historiadores <i>Maria Stella Martins Bresciani</i>	65
A Cidade dos Geógrafos <i>Odette Carvalho de Lima Seabra</i>	87
A Cidade dos Cientistas Sociais <i>Fraya Frehse</i>	111
Referências Bibliográficas	137

APRESENTAÇÃO

Interpretar a Metrópole:

Rela es, Revela es e Relatos de Acad micos a propósito da Pauliceia

Fernando Atique

A oralidade   uma potente maneira de invoca o. Ela, como instrumento da linguagem,  , também, um veículo de história, na medida em que permite o estabelecimento de uma narrativa. Ao longo da história das civiliza es, as conversas, as falas coloquiais, os discursos e os *causos* constituíram-se em potentes instrumentos de organiza o política e de poder. A disciplina histórica, já há décadas, tem valorizado os relatos orais e tem permitido, desta feita, o estabelecimento de rela es e de revela es que a sua circunscric o ao mundo escrito, *per si*, já não era capaz de dar conta.

Este livro foi produzido a partir de uma disciplina de p s-gradua o ministrada em 2018 no Programa de Pós-Gradua o em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp, campus Guarulhos, cujo teor foi debater a produ o historiográfica sobre a cidade de São Paulo. A estratégia era extravasar os limites disciplinares tradicionalmente abordados no Programa de Pós-Gradua o em História. O intuito da discussão era duplo: mostrar como o urbano se tornou pauta dos estudos históricos, e como surgiram campos relacionados ao mesmo, dando origem às histórias urbana, da cidade, do urbanismo, do planejamento e do território. Concomitantemente, procurava-se apresentar como a produ o histórica sobre São Paulo ocorreu em outras disciplinas acadêmicas para além da esperada participa o dos historiadores de forma o *stricto sensu*. Assim, abordamos cinco grupos de produtores de “histórias” sobre São Paulo: 1) a Cidade dos Arquitetos; 2) a Cidade dos Urbanistas; 3) a Cidade dos Historiadores; 4) a Cidade dos Geógrafos e, 5) a Cidade dos Cientistas Sociais. Para a ênfase analítica destes cinco grupos, além de seminários de leitura de textos referenciais, contamos com a presença de alguns dos produtores destas “histórias” em sala de aula, momento em que os p s-graduandos, reunidos em grupos, produziram a série de entrevistas que aqui estão. Os trabalhos foram organizados de maneira a que os mestrandos e doutorandos não apenas exercitassem a dinâmica de obten o de repertório histórico e historiográfico, mas avançassem rumo   compreensão do legado de cada um destes pesquisadores. A ida desses cinco acadêmicos ao campus Guarulhos da Unifesp, alguns pela primeira vez, foi um acontecimento marcante para a jovem Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e, em especial, para os p s-graduandos. Pessoas referenciais na produ o de conhecimento histórico sobre São Paulo, a disciplina levou o professor Titular do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Hugo Massaki Segawa para compor o debate acerca da Cidade dos Arquitetos. A professora livre-docente do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Sarah Feldman, foi a convidada para as discussões envolvendo a Cidade dos Urbanistas. A professora

titular do Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Maria Stella Martins Bresciani esteve ligada aos debates suscitados em torno da Cidade dos Historiadores. A professora livre-docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Odette Carvalho de Lima Seabra, figura referencial para os estudos da Cidade dos Geógrafos esteve conosco compartilhando suas memórias e seu conhecimento de pesquisadora e a também professora livre-docente da mesma instituição, no Departamento de Sociologia, Fraya Frehse, conosco debateu a Cidade dos Cientistas Sociais.

Os instrumentos digitais de registro têm um enorme impacto na produção deste livro. Gravados por diferentes grupos de pós-graduandos, reunidos por afinidade temática em torno de um dos convidados a serem entrevistados, gravadores e máquinas fotográficas digitais e câmeras de celulares revelavam o quanto os suportes se alteraram rapidamente nas últimas décadas, mas o evento que levava à mobilização desses recursos era ainda a presença efetiva, *in loco*, algo que neste ano de 2020, frente à pandemia de COVID-19, também já foi alterado. Pensar, então, a produção de uma publicação que amealhasse as entrevistas impôs-se desde a organização da própria disciplina, em 2018. Em um primeiro momento, a organização de um dossiê temático em alguma revista científica foi aventada, mas face à relevância da discussão que aqui está presente, e diante da organização da coleção Cadernos Lab.Hum, inaugurada com o volume 1, em 2019, vimos que o potencial de circulação do livro digital era maior e menos submetido a nichos disciplinares, algo que vínhamos perseguindo com a própria disciplina. Assim, este livro constitui-se como o volume 2 dos Cadernos Lab.Hum da Unifesp. O Laboratório de Humanidades Digitais da Unifesp, organizado na Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo congrega cinco grupos de pesquisa sediados no campus Guarulhos. Todos os grupos reunidos no Lab.Hum, além de vínculos com o campo de conhecimento das humanidades, possuem relações diretas com aspectos tecnológicos na produção de suas pesquisas. Estreitando ainda mais os vínculos de pertencimento, os grupos CAPPH – Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica -, HIMACO – História, Mapas e Computadores -, VISURB – Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas –, PimentaLab – Grupo de Pesquisa Tecnologia, Política e Conhecimento – e GESUA – Grupo de Pesquisa em Estudos Sociais, Urbanos e Ambientais – tratam das questões urbanas. Estes grupos estão ligados aos Programas de Pós-Graduação do campus, em específico, aos PPGs em História (CAPPH e HIMACO) e em Ciências Sociais (VISURB, GESUA, PimentaLab). O conselho editorial dos Cadernos Lab.Hum, desta maneira, é composto pelos coordenadores destes grupos, e tem aprovado os livros que possuem relações diretas com o escopo de trabalho do Laboratório. Agradecemos, desta maneira, à acolhida deste livro aos colegas do Conselho Editorial dos Cadernos Lab.Hum.

Para que estas entrevistas fossem preparadas para a publicação em livro, alguns ritos metodológicos foram seguidos. Antes da vinda ao campus dos nossos entrevistados, cada grupo de estudantes se dedicou ao estudo das produções acadêmicas de cada um deles. Foram levantados, por meio da consulta ao Currículo disponibilizado na Plataforma Lattes, os artigos, livros, orientações e, também, os destaques dados por cada professor à suas produções. Estes trabalhos foram lidos pelos pós-graduandos, que então, criaram um roteiro de perguntas. A agenda das entrevistas foi negociada pelo professor responsável pela disciplina, e sempre

ocorreram após uma palestra – que foram verdadeiras aulas magnas – ministrada pelos convidados. Ocorridas na segunda parte do encontro, a entrevista permitiu o conhecimento das diversas camadas que compõem a vida de um acadêmico, passando por sua história de vida, formação, vínculo universitário e ofício de pesquisador. O professor Atique atuou como mediador de todas as entrevistas, que foram acompanhadas por todos os matriculados na disciplina – que, diga-se de passagem contou com um número expressivo de interessados, mais de 20 – provenientes do próprio PPG em História da Unifesp, mas também do mestrado profissional em Ensino de História e do Programa de Pós-Graduação em História da PUC São Paulo. As entrevistas foram conduzidas por todos os componentes dos grupos, mas em alguns casos, houve a escolha de entrevistadores oficiais. Todos os encontros foram gravados por diversos aparelhos. As gravações foram cotejadas, e as que possuíam melhores condições de audibilidade, foram utilizadas como documentos digitais-guia. As transcrições realizadas pelos próprios grupos de pós-graduandos seguiram os preceitos do CPDOC da FGV do Rio de Janeiro, que há décadas organizou relatos e um dos maiores centros de documentação em história oral do Brasil. As transcrições foram entregues como um dos produtos finais da disciplina, e se constituem em documentos que se acoplam às próprias gravações, que são, também, testemunhos sonoros de inestimável importância para a memória da pesquisa científica paulista.

O livro que ora se publica, passou por outro processo além do acima descrito. Ao organizador coube a tarefa de revisar as transcrições, eliminando cortes abruptos, interjeições de linguagens, bem como a criação de certa normalização de grafia nos documentos. Estes produtos mais aproximados foram enviados para os entrevistados. A eles ficou a tarefa de revisão das informações que forneceram, supressão ou acréscimo de explicações e dados que porventura tenham ficado truncados quando da entrevista fornecida. Todos fizeram alterações pontuais em seus depoimentos, de maneira a melhorar argumentações que estavam enviesadas e procederam a pequenos acréscimos de dados, como sobrenomes, datas etc. Após a devolutiva do documento, convidamos pesquisadores experientes do grupo CAPPH para que elaborassem notas contextuais. A preocupação com estas notas era de fornecer um texto paralelo, quase como hiperlinks dos relatos, de maneira a permitir uma fluência ainda maior pelo público multidisciplinar que terá acesso ao livro. Assim, todas as entrevistas possuem informações que levam a contextos ainda mais densificados e colocam os professores entrevistados em redes intelectuais às quais pertencem.

O título da obra “Intérpretes da Cidade: pesquisadores e histórias de São Paulo” é, ao nosso ver, muito propício para o momento e revela a essência da própria disciplina geradora da publicação: a produção de histórias acadêmicas por vários campos do saber devotados aos estudos urbanos. Interpretar é uma tarefa imprescindível para o fazer histórico. Tratar fontes é condição *sine qua non* da produção da história. Mas as fontes, os interesses, os temas e os procedimentos variam de área para área, e é exatamente neste prisma que a beleza do urbano reside. Todos os pesquisadores aqui entrevistados revelam como operam em suas investigações com o saber histórico. Mostram, claramente, como não se restringem aos cursos de história *stricto sensu* a atuação de historiadores, e explicitam como a teoria da história é fundamental para a produção nas áreas de onde e sobre as quais falam.

Ao leitor desta obra, enfim, convém frisar que não se pretende com ela minorar a importância de Clio,

antes, deixar claro como a musa da História passeia por sobre muitas áreas não descuidando de olhar para a cidade como objeto privilegiado para a escrita sobre o passado. Interpretar a cidade é olhá-la por múltiplos ângulos. Ouvir as sábias lições destes nossos mestres é uma daquelas tarefas que desperta prazer e aquece os corações, ainda mais nestes tempos em que à cidade se imputou a pecha de perigosa e contaminante, como tantas vezes na história aconteceu, com outras epidemias. Enquanto a vida e a fruição do urbano não se normalizam, leiamos esta obra que nos mostra o quanto temos de vida lá fora... à espera de interpretações.

***Fernando Atique** é professor associado de História, Espaço e Patrimônio Edificado no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em História da Unifesp. É o coordenador do CAPPH, grupo de pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica. É membro do Lab.Hum e Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.*

PREFÁCIO

São Paulo e suas Histórias de Afeto e Crítica

Barbara Weinstein¹

Inaugurei o novo milênio com uma mudança, aliás temporária, da região metropolitana de Nova York, minha terra natal, para um subúrbio do Distrito Federal. Por isso, pela primeira vez na minha vida assinei o consagrado jornal, *The Washington Post*. Poucos meses depois de virar leitora diária do *WaPo*, ele publicou, para minha surpresa, uma reportagem sobre a cidade de São Paulo na primeira página. Eu estava, naquela época, pesquisando para meu segundo livro sobre São Paulo (cidade e estado) e, portanto, fiquei muito curiosa para ler o artigo que tratava do crescente uso de helicópteros pelos executivos paulistanos. Infelizmente, não demorou meio minuto para minha curiosidade dar lugar à irritação. No segundo parágrafo, o reporter declarou que “quem voa por cima de São Paulo enxerga principalmente favelas e prisões”. E mais adiante, o autor do artigo retratou São Paulo como uma cidade composta de uma “elite minúscula, mas fantasticamente rica, e formada por uma imensa população miserável”, apagando, assim, totalmente, os milhões de paulistanos que pertenciam à classe média. Agora, já estou acostumada a ler todo tipo de besteira sobre o Brasil (e América Latina, em geral) nos periódicos norte-americanos e se eu reagir de forma concreta a cada uma delas, eu irei passar a vida toda escrevendo cartas aos editores. Naquela vez, porém, não houve como me segurar, e a razão tem bastante a ver com aquilo que disse o Professor Segawa neste livro, com quem concordo totalmente: “há tantos jeitos de se ver a cidade!”. Contudo, neste caso que relato, nem todos os modos são iguais e esta história de uma vista aérea de São Paulo dominada por favelas e prisões certamente foi uma distorção violenta da sua realidade urbana. Eu, que já peguei dezenas de vôos na ponte aérea do Rio a São Paulo, sei muito bem que quem examina São Paulo de cima enxerga uma densa “selva” de milhares de prédios de concreto, um quadro que não é especialmente bonito, mas não se encaixa na visão de São Paulo como cidade-pesadelo, como narrou o jornalista do *WaPo*.

Mais uma vez, para minha surpresa, a carta de “protesto” que escrevi foi publicada na mesma semana na seção “*Letters to the Editor*” do jornal. Logo depois, fui convidada com vários outros brasilianistas a um coquetel na residência do embaixador brasileiro em Washington D.C., onde recebi os agradecimentos do pessoal da embaixada por ter escrito a carta publicada no *Washington Post* “defendendo a honra de São Paulo”. Confesso que fiquei um pouco incomodada. Será que minha carta serviu para dar a impressão que favelas e prisões não são aspectos expressivos e perturbantes da região de Grande São Paulo? Será que meu profundo carinho para com São Paulo me levou a minimizar as desigualdades e injustiças daquela cidade? Será que eu estava caindo no

¹ [NE] Barbara Weinstein é historiadora, professora de história do Brasil e da América Latina na *New York University*. Conceituada pesquisadora sobre o Brasil, tem obras capitais para a compreensão dos mundos urbanos e do trabalho, enfocando discussões de gênero, política, cultura e economia. Foi professora visitante no Programa de Pós-Graduação em História da Unifesp, em 2017, quando ministrou o minicurso “Uma História da Cidade de São Paulo: empresariado, raça e urbanização”, fomentado pela FAPESP. A convite do organizador, que foi seu supervisionando de pós-doutoramento na *New York University*, Weinstein redigiu este prefácio.

ufanismo paulistano, do tipo “São Paulo é Modernidade”, como vemos na placa do novo Terminal do Aeroporto Internacional de Guarulhos?

Depois de ler os textos das cinco entrevistas que compõem este livro, lembrei deste episódio e me senti sossegada. Ter muito carinho por uma cidade não implica uma falta de juízo com respeito ao objeto do seu amor. Todos os cinco grandes estudiosos incluídos neste volume, Hugo Segawa, Sarah Feldman, Stella Bresciani, Odette Seabra e Fraya Frehse, revelam um profundo senso crítico nas suas pesquisas e nos seus comentários sobre São Paulo sem, contudo, perderem seu afeto pela cidade. As entrevistas indicam, em cada caso, uma relação quase íntima com os cantos e encantos da cidade — com seus prédios, suas avenidas, suas praças, seus rios, seus bairros, seus vendedores de rua. Claro que, de vez em quando, o leitor detecta um tom saudosista nas lembranças dos entrevistados, mas isto é algo notável em estudiosos que são íntimos de seus objetos. Mas o que me impressiona muito mais nestas entrevistas é o reconhecimento da cidade de São Paulo e sua região metropolitana como uma entidade dinâmica, de referências que são, por sua natureza, instáveis. O arquiteto procura preservar prédios notáveis, mas aceita a realidade de uma cidade que está sempre mudando. Os nomes e os trajetos das ruas mudam, as praças acabam sendo divididas, até os rios ficam alterados e enterrados, como vemos nas explicações dos acadêmicos aqui reunidos. Há mudanças ao longo dos anos que são verdadeiramente lamentáveis por causa dos impactos no meio-ambiente e na qualidade de vida dos paulistanos, especialmente dos mais pobres. Mas a transformação em si mesma, não é lamentável nem lamentado. Para citar as lindas palavras da minha estimada colega Maria Stella Bresciani, “[sua] imagem é a de São Paulo meio errante, desloca-se sucessivamente ao invés de modificar as áreas já urbanizadas...”

14

Vários colegas dos Estados Unidos, preparando-se para a primeira visita a São Paulo, vinham me perguntar sobre a cidade: “Onde é o Centro?”; “Quais são as principais atrações turísticas?” Eu sempre acabo dando respostas que eles acham um pouco inadequadas e confusas. Primeiro, respondo à pergunta com outra: “Qual Centro?”, “O Velho ou o Novo (ou um dos vários ‘novos’)?” E fora dos museus, duvido que haja “ponto turístico” em São Paulo. Um dos pontos na cidade que eu pessoalmente adoro visitar é o pátio embaixo do MASP que oferece um lindo (para mim) panorama, na direção do bairro do Bela Vista, dos múltiplos níveis da cidade. Mas será que uma pessoa visitando São Paulo pela primeira vez vai achar que esta vista é especialmente “bonita”? Creio que não. Sempre fica difícil explicar ao iniciante por que, para mim, - estudiosa de história e fã de cidades - São Paulo continua sendo especialmente fascinante. Minha leitura destas entrevistas certamente vai me ajudar nisso.

Claro que há outros centros urbanos no Brasil que conheço bem e adoro visitar, mas eu, sendo *novayorkina nata* (ou “da gema” - uma expressão linguística tão gostosa!), sempre me sinto mais à vontade em São Paulo. Nas entrevistas que seguem, há várias referências aos paralelos entre São Paulo e Nova York e concordo que as duas cidades têm muito em comum, mesmo levando em conta as divergências significativas (particularmente o maior grau de segurança na vida cotidiana de Nova York, nas últimas décadas). Nas duas cidades há vários bairros que você consegue conhecer apenas caminhando. É somente do ponto de vista da rua que você pode descobrir suas “riquezas.” As duas têm uma história de imigração e de bairros étnicos que continuam marcando a imagem da

cidade mesmo enquanto a presença destes grupos étnicos esteja diminuindo rapidamente e os bairros estejam sendo descaracterizados. Em Nova York, tanto quanto em São Paulo, há pouca preocupação com a cidade como monumento, e mais afinidade pelo novo, o inovador, o “moderno.” E, em Nova York, existe a mesma “praga” dos interesses imobiliários que vemos em São Paulo. Adaptando as palavras da Professora Seabra, no processo aparentemente sem fim de “renovação urbana” [*urban renewal*], muitos novayorkinos “foram expropriados pela especulação dinherária, financeira e pela especulação fundiária.”

Abri este breve texto com uma referência ao artigo do *Washington Post* que ofereceu um exemplo assustador da tendência do olhar pelo telescópio produzir uma distorção da paisagem urbana. Como historiadora, concordo com Professor Segawa que o olhar pelo microscópio pode acabar corrigindo tais distorções, permitindo-nos descobrir coisas preciosas para entender o passado, o presente, e os possíveis futuros da cidade. Os cinco estudiosos entrevistados neste volume, mais o professor responsável pelo projeto, o estimado amigo Fernando Atique, tem feito descobrimentos fantásticos, enriquecendo nossa visão da Grande São Paulo através de olhares incisivos e, ao mesmo tempo, combinando a visão do microscópio com uma conceituação abrangente da cidade como um todo. Enfim, muitas vezes a visão de quem anda na calçada acaba sendo bem mais ampla do que a do passageiro no helicóptero. Ainda bem!

Meus agradecimentos sinceros ao Professor Fernando Atique e ao grupo de pós-graduandos da Unifesp pelo lindo trabalho que resultou nestas entrevistas tão intrigantes.

Barbara Weinstein
New York
18-10-2020

A CIDADE DOS ARQUITETOS

Hugo Segawa



Entrevistado: Hugo Massaki Segawa

Data: 11 de setembro de 2018

Duração: 1h21min32s

Roteiro e transcrição: Diógenes Rodrigues de Sousa, Raissa Campos Marcondes, Cláudia de Andrade de Rezende, Carlos Thaniel Moura e Rafaela Cristina Avelar

Entrevistadores: Carlos Thaniel Moura, Cláudia de Rezende de Andrade

Notas Contextuais: Osvaldo Bruno Meca Santos da Silva

Mediação: Fernando Atique

Local da entrevista: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP) – Campus Guarulhos



Fig. 1. Hugo Segawa fotografado com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.

CM: Bom, professor, para começar, a gente gostaria de saber qual é o seu nome completo?

HS: O meu nome completo é Hugo Massaki Segawa. Massaki é um nome, obviamente, japonês. Não é um nome composto, mas era uma prática dos imigrantes japoneses de dar um nome japonês, o que não acontecia com as mulheres. As mulheres, quando se casavam, adquiriam um outro sobrenome e os pais não davam o nome em japonês para não ficar comprido.

CR: Professor, a gente gostaria de saber onde o senhor nasceu.

HS: Eu nasci na cidade de São Paulo.

CM: O senhor poderia contar um pouco sobre a história da família do senhor: os seus pais, irmãos...

HS: Por parte de minha mãe, eles são imigrantes regulares. Quando digo regulares, foi aquela imigração que veio para o Brasil formada por um casal e uma terceira pessoa; no caso, essa terceira pessoa era a minha mãe, que tinha, acho, três anos quando chegaram aqui. Há registro de entrada no Museu da Imigração, antiga Hospedaria dos Imigrantes. Eles vieram para o interior, vieram como proprietários, isto é: meu avô, ainda no Japão, comprou uma área, na região de Araçatuba, e entraram em uma colônia para o plantio de café. Eles e os seus companheiros de imigração foram para a região chamada Segunda Aliança,¹ e fracassaram redondamente porque o meu avô não era agricultor, ele era professor. E, obviamente, um professor, para meter a mão na terra, tinha que aprender tudo, não é? Foi muito curioso porque me contaram que essa era uma colônia intelectualizada. Diziam que se lia [Jean-Paul] Sartre² nesse lugar... Eles mudaram para a capital porque o negócio da agricultura não deu certo. Eu me recordo que meus avós mantiveram essa propriedade, e só muito depois a venderam e se desligaram totalmente do campo. Meu pai veio por outro caminho. Não está registrado no Museu. Ele era o segundo filho, e a cultura japonesa considera apenas o mais velho. Como não era o primogênito e o Japão estava em uma situação muito complicada – isso um pouco antes da Segunda Guerra –, com 19 anos, saiu de lá e foi para os Estados Unidos. Ele foi para Nova York, para uma filial de uma empresa japonesa ligada a atividades bancárias. Ele trabalhou em Wall Street³ até o momento em que os japoneses foram avisados que haveria o

1 **Segunda Aliança**, ou também chamada de Colônia Aliança 2, é um bairro fundado em 1927, onde hoje é o município de Mirandópolis, na região administrativa de Araçatuba, Estado de São Paulo. Tanto o terreno da Segunda Aliança, como da Primeira e Terceira (que atualmente formam o distrito Três Alianças) foram escolhidos pela qualidade da terra para cultivo e também pela proximidade com as estações da Estrada de Ferro Noroeste. Os colonos poderiam adquirir lotes a partir de sociedades ultramarinas formadas com esse intuito.

2 **Jean Paul Sartre** (1905-1980), filósofo francês. Expoente da escola do existencialismo. Em 1924 ingressou na *École Normale Supérieure* de Paris. Em 1929 serviu no Exército como meteorologista até 1931, e voltou a servir durante a Segunda Guerra Mundial. Foi preso em 1940 pelas forças alemãs, sendo libertado em 1941. Criou, com Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), a revista *Les Temps Modern*. Em 1964 ganhou o Nobel de literatura, mas recusou o prêmio.

3 **Wall Street** é uma rua ao sul do distrito de Manhattan, cidade de Nova York, Estados Unidos da América. É um símbolo do mercado financeiro internacional, por ser o endereço da Bolsa de Valores de Nova York e também sede de diversos bancos. A história do nome não é um consenso, mas uma parte da historiografia afirma que um muro foi construído naquela região no século XVII por conta da questão de defesa de território e também para diminuir a fuga dos escravos. O nome Wall Street extrapolou a questão geográfica, e pode se referir tanto a uma questão financeira (investimentos), como até um tipo de negócio (hotéis no Brasil que se chamam Wall Street, por exemplo).

bombardeio de Pearl Harbor.⁴ Meu pai veio para a filial brasileira dessa firma, fugindo do que pouco depois se tornou um confinamento nos Estados Unidos, a partir de 1941. Se eu me recordo, aqui ele andou na Zona Cerealista⁵ de São Paulo, andou em uns lugares que eram no interior do Estado, como Pereira Barreto, por conta dessa empresa japonesa. Uma curiosidade é que no começo deste século, eu fui para Nova York, na Universidade de Columbia, que é lá na rua 103...

FA: 110...

HS: Isso! Na rua 110, e o pessoal da Columbia me sugeriu lugares para ficar, baratos. Ali perto ainda existiam aquelas casas antigas de pensão, padrão de quarto minúsculo e banheiro coletivo. Quando eu voltei para São Paulo, contei para o meu pai onde tinha me hospedado. Ele ficou pensando, pensando e disse: “olha, eu acho que eu morei se não nesse quarteirão, logo ao lado. Porque era onde os imigrantes ficavam”. No final dos anos 1930 à altura da rua 110, era uma periferia da cidade. Ele morava lá e descia toda a Broadway em direção a Wall Street para trabalhar. Foi muita coincidência. E ele me falou de outras coisas de imigrante. Eu fui dar aula no Panamá e, obviamente, a gente vai passear, e eu lhe contei: “estive no Canal do Panamá!”⁶ E ele ficou pensando, pensando, pensando e disse: “olha, no Panamá eu tive uma experiência extraordinária”. Os imigrantes japoneses saíam do Japão e atravessavam o Canal para chegar a Nova York: “foi no Canal do Panamá a primeira vez que eu vi um homem negro ao vivo”. Essas são experiências muito impactantes para um imigrante que, enfim, tornavam à memória na medida em que eu relatava. De toda forma, meus pais se conheceram aqui, já em São Paulo, e, então, nasceu o meu irmão mais velho e, depois, eu.

CM: Em que região, especificamente, de São Paulo?

HS: No início, eles ficaram no bairro da Aclimação. Minha maternidade foi a Cruz Azul,⁷ não é bem

4 O **Bombardeio de Pearl Harbor**, ocorreu em 7 de dezembro de 1941, pelas forças da Marinha japonesa à base naval que estava localizada na cidade de Honolulu, capital do Estado do Havaí, território dos Estados Unidos da América. Segundo o historiador Eric J. Hobsbawm, esse ataque foi uma resposta japonesa às pressões econômicas dos Estados Unidos, que temiam uma expansão do Eixo na Ásia por conta do aumento do poderio japonês na região. Ainda segundo Hobsbawm, após o ataque a guerra se torna mundial, pois os Estados Unidos passou a assumi-la oficialmente (2013).

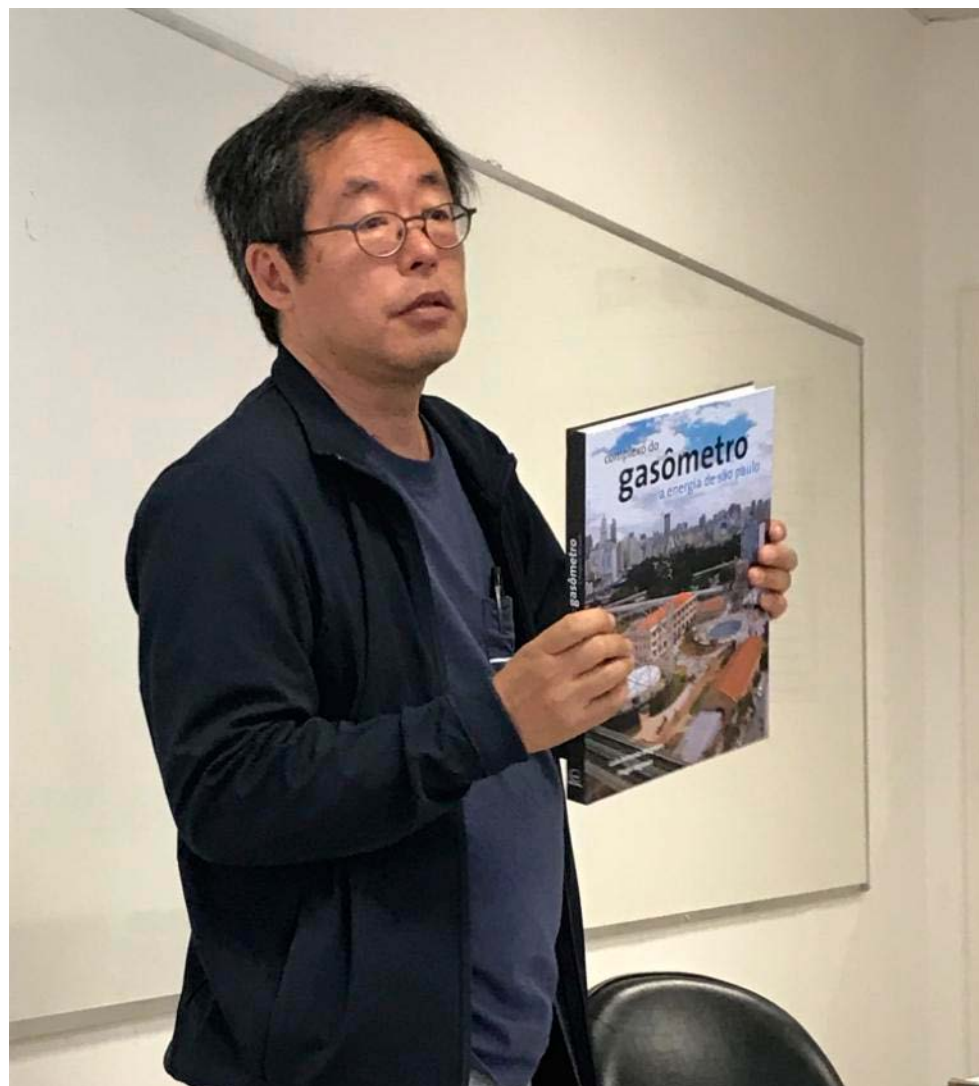
5 **Zona Cerealista** é um centro de abastecimento de grãos e outros produtos alimentícios, como bebidas, laticínios e frutas, localizado no bairro do Brás, cidade de São Paulo. A Zona Cerealista teve sua transformação entre o fim do século XIX e início do século XX, sobretudo por conta da instalação de imigrantes na região do Brás e abertura de comércios.

6 O **Canal do Panamá** é um canal artificial para passagem de navios, e foi construído entre 1904 e 1914, pelos Estados Unidos da América, em uma faixa de aproximadamente 77 km, para ligar os oceanos Pacífico e Atlântico, otimizando as rotas das embarcações. O Canal do Panamá foi inicialmente concedido aos Estados Unidos pelo Tratado Hay-Bunau-Varilla, em 1903, um mês após a independência do Panamá. Philippe Bunau-Varilla (1859-1940) era um panamenho, mas representante da empresa *Compagnie du Canal Interoceanique de Panama* (responsável pela construção do Canal desde 1879, a partir de uma concessão da Colômbia, mas que faliu em 1889, sem a conclusão do Canal). O tratado, acordado diretamente com o secretário de Estado do governo americano, John Hay, não foi vantajoso para os interesses do Panamá. Para essa questão ver Villa e Cordeiro (2006).

7 **Cruz Azul** é um hospital e maternidade localizado no bairro do Cambuci, cidade de São Paulo. O hospital teve sua fundação a partir da iniciativa da Comissão de Damas da Sociedade Paulistana que articulou com o Coronel Pedro Dias Campos (1873-1953), chefe da Força Pública do Estado (atualmente Polícia Militar) um hospital que atendesse as famílias dos soldados. O terreno foi doado por José Sampaio Moreira (1866-1943), que mantinha negócios relacionados ao comércio, finanças, seguros e a construção civil. O hospital foi inaugurado em 1935.

Fig. 2. Hugo Segawa fotografado quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



21

Aclimação, é Cambuci, mas eles moravam no Aclimação. Eu já nasci quando eles estavam para o lado do Jabaquara. No quarteirão de trás de casa, hoje, é a Avenida Bandeirantes.

CR: Professor, como as suas experiências na infância e adolescência foram importantes para que a Arquitetura surgisse na sua vida enquanto carreira profissional?

HS: Olha, eu não sei se eu tenho consciência disso... Dessa permanência da infância como parte da minha carreira. Mas os meus pais acham que eu virei professor de Arquitetura – ou poderia ser de qualquer outra área –, porque a minha tia era professora da USP,⁸ de Biologia. Desde cedo, eu sabia o que era a vida acadêmica porque a minha tia era professora universitária. Ela foi uma das fundadoras do Departamento de Ecologia da USP. Eu me lembro, na infância, de ir com a minha tia ao Departamento de Biologia e visitar a Cidade Universitária. E no

8 A Universidade de São Paulo, **USP**, foi criada pelo decreto nº 6283 de 25 de janeiro de 1934, assinado pelo interventor federal Armando de Salles Oliveira (1887-1945), que hoje dá nome ao campus Butantã da Universidade. A iniciativa da construção de uma Universidade de excelência deveu-se também a derrota de São Paulo na Revolução Constitucionalista de 1932, para a formação de uma elite intelectual paulista. Em seu início foram contratados para os quadros docentes pesquisadores estrangeiros, entre eles Roger Bastide (1898-1974) e Fernand Braudel (1902-1985). Hoje a USP conta 183 cursos de graduação e 239 programas de pós-graduação, espalhados em 42 unidades (na capital e interior de São Paulo) e aproximadamente 58 mil alunos por ano. Para mais informações ver Irene de Arruda Ribeiro Cardoso (1982).

dia a dia conhecer um pouco dessa vida acadêmica. Então não me era estranha essa vida no ensino. Eu não tive na família nenhuma pessoa que lidasse com Arquitetura e Construção, mas é aquela história, um clássico: você gosta de desenhar, então vai fazer Arquitetura. Mas eu poderia ter sido um arquiteto de prancheta, trabalhar em escritório ou ter um escritório, mas acabei por um motivo ou outro enveredando para a área acadêmica, e isso talvez porque, aí sim, já algo mais consciente, ter trabalhado ainda estudante com a Prof^a Aracy Amaral,⁹ com o Prof. Benedito Lima de Toledo,¹⁰ com o Prof. Carlos Lemos,¹¹ com a Ana Belluzzo¹² (que não foi minha professora) e outras pessoas. Acho que isso me guiou também para esta escolha que fiz. Na FAU havia um dado que, decerto, hoje, talvez não seja compreensível. Eu fiz um curso de Arquitetura durante a ditadura, entre 1975 e 1979, e havia uma discussão muito forte, sobretudo de um professor chamado Sergio Ferro,¹³ que dizia que (ou botavam na boca dele...) bem, simplificando muito, caricaturizando, que fazer Arquitetura é colaborar com o *status quo*, com o Sistema, e que a luta deveria ser mais aguda. Enfim, luta armada, luta contra a ditadura. A nossa geração passou por essa fase em que a Arquitetura não era desenhar prédios, mas era fazer Planejamento Urbano; era trabalhar em órgãos de planejamento urbano, porque nessas circunstâncias você estava se dedicando a um campo muito mais coletivo do que fazer casa burguesa, trabalhar para as elites. Naquela imagem de que arquiteto faz casa

9 **Aracy Abreu Amaral** (n. 1930), pesquisadora, professora, crítica de arte e curadora brasileira. Em 1959 formou-se em jornalismo pela Escola Cásper Líbero de São Paulo. Fez mestrado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP) concluído em 1969, e doutorou-se em Artes, também pela Universidade de São Paulo, em 1975. Tornou-se Livre Docente em 1983. Também tem experiência na área de museologia, como diretora técnica do Museu de Arte contemporânea da USP (MAC/USP) entre 1975 e 1979. Em 1988 tornou-se professora titular da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo. Publicou *Arte Para Quê? A Preocupação Social na Arte Brasileira, Arte e Sociedade no Brasil e Tarsila sua obra e seu Tempo*.

10 **Benedito Lima de Toledo**, (1934-2019), arquiteto, urbanista, e historiador da urbanização da cidade de São Paulo. Formou-se em 1961 em arquitetura na Universidade de São Paulo e foi professor na mesma Universidade. Concluiu a Livre-docência em 1985, com o trabalho *Victor Dubugras e as atitudes de inovação em seu tempo*. Também escreveu *São Paulo: três cidades em um século* e *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno em São Paulo*, entre artigos, ensaios e matérias para periódicos. Recebeu inúmeras premiações, sendo a mais recente o Prêmio Jabuti de Arquitetura e Urbanismo pela obra *Esplendor do Barroco Luso-Brasileiro*. Informações do Currículo Lattes do autor.

11 **Carlos Alberto Cerqueira Lemos** (n.1925), arquiteto brasileiro. Ingressou, em 1946, na primeira turma do curso de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e formou-se em 1950. A partir de 1952 dirigiu o escritório de Oscar Niemeyer em São Paulo. Em 1954 iniciou a carreira na docência, como assistente de Eduardo Corona (1921-2001), na disciplina de Teoria da Arquitetura, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Defendeu seu doutorado em 1973, livre-docência em 1983 e concurso de titularidade na mesma década. Aposentou-se em 1988, passando a orientar apenas pesquisas do programa de Pós-Graduação. Também colaborou com o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT), como diretor técnico de 1968 a 1981, e como conselheiro, de 1983 a 1989, e também foi conselheiro do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) de 1992 a 2000. Informações do Currículo Lattes do autor.

12 **Ana Maria de Moraes Belluzzo** (n. 1943), pesquisadora brasileira. Formou-se na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP), em 1966, no Curso Para Formação de Professores de Desenho. Em 1980 defendeu seu mestrado em Artes pela Universidade de São Paulo (USP), com o título *Voltolino e as raízes do modernismo* e em 1988 defendeu a tese de doutorado *Artesanato, Arte e Indústria*. Foi professora titular de História de Arte da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Informações do Currículo Lattes da autora.

13 **Sérgio Ferro** (n. 1938), arquiteto, pintor e pesquisador brasileiro. Nasceu em Curitiba (PR) e formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), em 1961. Sérgio Ferro foi aluno de Vilanova Artigas, do qual se aproximou da linguagem moderna e também da atuação política. Fundou na década de 1960, junto com Flávio Império (1935-1985) e Rodrigo Lèfevre (1938-1984) o grupo Arquitetura Nova, que pretendia pensar uma prática da arquitetura a partir do pensamento sobre possibilidades de habitação, questões da desigualdade e exclusão, reflexões sobre o trabalho no campo da arquitetura. Em 1962 tornou-se docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Sérgio Ferro mantinha, relacionada à sua prática de pesquisa e docente, a reflexão, a crítica e a atuação política progressista, duramente perseguida durante o regime militar. Em 1972, por conta da ditadura, foi para o exílio na França, onde depois se radicou cidadão francês. Ver mais em Angélica Irene da Costa (2008) e Hugo Segawa (2018).

para gente rica, e que o planejamento seria um viés social. Por isso havia muitos colegas que queriam estagiar não no escritório de Arquitetura, *stricto sensu*, mas estagiar em um órgão de planejamento, como a COGEP,¹⁴ que era a Coordenadoria Geral do Planejamento (que antecedeu à SEMPLA – Secretaria Municipal do Planejamento). Uma pequena parte dos alunos da FAU¹⁵ daquela época foi para a Arquitetura no sentido do edifício. Na minha turma, ou época, teve pouca gente. Talvez o Brasil Arquitetura¹⁶ tenha sido uma dessas exceções. Hoje, é um escritório bastante importante. Mas enfim, da minha experiência de criança, não sei em que medida ela foi tão marcante para seguir em Arquitetura, exceto essa relação com a minha tia na universidade.

CM: Quais outras experiências profissionais o senhor teve antes da Arquitetura. O senhor as teve ou não?

HS: Não. Eu vim de uma família de classe média. Meu pai era bancário, não tive que trabalhar antes do curso superior. Acho que isso faz parte da cultura japonesa: a educação é o mais importante; a formação primeiro, e se há condições de escolher entre trabalhar e educar, é melhor que siga a educação. Meu pai foi muito rigoroso nesse sentido. Então, não tive uma experiência anterior de trabalho. Eu fiz os antigos primário, ginásio e colégio em escolas públicas e eu frequentei a universidade pública. Eu tive toda a minha formação em escola pública. Uma lembrança: você falou das lembranças de infância... Fiz o primário no Grupo Escolar Almirante Barroso – era um edifício desenhado pelo Hélio Duarte,¹⁷ da época do Convênio Escolar.¹⁸ Frequentei o Colégio

14 A Coordenadoria Geral de Planejamento, **COGEP**, foi criada pela lei nº 7694, de 7 de janeiro de 1972, para, em linhas gerais, promover o processo de planejamento da cidade de São Paulo, estabelecer diretrizes e coordenar as atividades de planejamento dos órgãos municipais e entidades vinculadas à Prefeitura, como as secretarias, assessoria para a prefeitura nos assuntos sobre implantação do Plano Diretor e articulação de órgãos de planejamento com atuação na área do município. Seu funcionamento foi até a década de 1980, quando foi substituída pela SEMPLA (Secretaria Municipal do Planejamento).

15 Texto arrumado da Nota: A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, **FAU**, foi fundada em 1948, e faz parte da Universidade de São Paulo. Um dos fundadores, e primeiro diretor, foi o engenheiro Luiz Ignácio de Anhaia Mello (1891-1974). A FAU nasce com um projeto de formação que se desvinculava do curso de engenheiros-arquitetos que existia na Escola Politécnica da USP. Seu primeiro endereço foi na rua Maranhão, em um casarão em Higienópolis, conhecido como Vila Penteado. Em 1962 houve uma reforma curricular do curso, em que nomes como Vilanova Artigas se destacaram no processo. A conclusão da reforma foi a estruturação do curso em três departamentos: Projetos, História da Arquitetura e Tecnologia da Arquitetura. Houve também a mudança do curso para a Cidade Universitária, em um prédio projetado por Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi (1919-2010), com a obra concluída em 1969. O casarão da rua Maranhão é ocupado hoje pelos cursos de Pós-Graduação da FAU. Ver mais em Renata Monteiro Siqueira (2015).

16 A **Brasil Arquitetura** é uma associação de arquitetos, fundada em 1978, pelos sócios Francisco Fanucci (n.1952), Marcelo Ferraz (n. 1955) e Marcelo Suzuki (n.1956), ambos formados pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Desde o início, a associação teve como objetivo realizar projetos de arquitetura e urbanismo, recuperação e restauro, tanto para o poder público como para particulares. Para mais informações ver Nahas (2008).

17 **Hélio** de Queiroz **Duarte** (1906-1989), arquiteto, urbanista e professor brasileiro. Formou-se em Arquitetura em 1930, pela Escola Nacional de Belas Artes. Dedicou-se ao trabalho com projetos em diversos escritórios, e em 1949 passou a lecionar na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e a partir de 1969 integrou de forma exclusiva essa instituição, além de organizar o curso de Pós-Graduação.

18 O **Convênio Escolar** foi um acordo entre o município da cidade de São Paulo e o governo do Estado de São Paulo para construir escolas, afim de diminuir, ou zerar, o déficit de salas de aula, entre 1949 e 1953, com previsão de conclusão até o IV Centenário da cidade, em 1954. Esse projeto foi dirigido por Hélio de Queiroz Duarte, e teve em sua equipe profissionais como Eduardo Corona, Roberto Goulart Tibau (1924-2003), Oswaldo Corrêa Gonçalves (1917-2005) e Ernest Robert de Carvalho Mange (1922-2005). O resultado desse trabalho foi a construção de 52 escolas com o conceito de escola aberta à comunidade, como defendia Anísio Teixeira (1900-1971). Para mais informações, ver Ivanir Reis Neves Abreu (2007).



Fig. 3. Hugo Segawa fotografado quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.

Estadual Presidente Roosevelt, que era um colégio respeitado: a Marilena Chauí,¹⁹ o Carlos Guilherme Mota²⁰ e mais um monte de gente fez o Roosevelt. E o Roosevelt ficava no prédio do Grupo Escolar Campos Salles, na Rua São Joaquim, no bairro da Liberdade, que era um projeto do DOP,²¹ o Departamento de Obras Públicas do final do séc. XIX e início do séc. XX. Quando o Colégio Roosevelt ganhou prédio próprio nos anos 1970, foi com um projeto do Paulo Mendes da Rocha.²² Terminei o colégio no Roosevelt, e fui estudar no prédio da FAU, que é do Vilanova Artigas.²³ Então eu praticamente só estudei em prédios modernos. Estive sempre envolvido com

19 **Marilena Chauí** (n. 1941), filósofa, pesquisadora e escritora brasileira. Formou-se em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) em 1965. Concluiu o mestrado em 1967 e o doutorado em 1971, pela mesma Universidade. Em 1986 tornou-se professora titular de História da Filosofia Moderna. Entre suas principais obras estão *Manifestações Ideológicas do Autoritarismo Brasileiro* e *O que é Ideologia*. Informações do Currículo Lattes da autora.

20 **Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota** (n. 1941), historiador e pesquisador brasileiro. Formou-se em história pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), em 1963. Defendeu seu mestrado na mesma instituição em 1967, e o doutorado em 1970. Atualmente é professor titular na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Também atuou na fundação do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA/USP) e do Memorial da América Latina, e já dirigiu o Arquivo Público do Estado de São Paulo. Entre suas obras destacam-se *Ideologia da cultura brasileira* e *A ideia de Revolução no Brasil e outras ideias*. Informações do Currículo Lattes do autor.

21 O Departamento de Obras Públicas, **DOP**, foi fundado em 1962, pela lei nº 7193, promulgada pelo então governador do Estado de São Paulo, Carlos Alberto de Carvalho Pinto (1910-1987). Seu antecedente data do final do século XIX, a partir da Secretaria da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (SACOP), fundada pela lei nº 15 de 1891.

22 **Paulo Archias Mendes de Rocha** (n. 1928), arquiteto brasileiro. Formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), em 1954. Tornou-se professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1961. Por conta dos debates que estava envolvido acadêmica e politicamente, teve seus direitos cassados em 1969 e foi proibido de lecionar, retornando apenas em 1980. Em 1988 tornou-se professor titular da disciplina de projeto arquitetônico, mas teve a aposentadoria compulsória no mesmo ano. Paulo Mendes da Rocha, ao lado de outros arquitetos e urbanistas, formam a Escola Paulista de Arquitetura, como é chamada pela historiografia. A Escola Paulista foi desenvolvida na virada da década de 1950 para a década de 1960, e é caracterizada, entre outros elementos, pelo largo uso do concreto armado e marcas aparentes do processo construtivo. Ao longo de sua carreira, também foi agraciado com o prêmio Pritzker, em 2006. Entre seus projetos estão a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo e o prédio do Serviço Social do Comércio (SESC) 24 de maio, inaugurado em 2017.

23 João Batista **Vilanova Artigas** (1915-1985), arquiteto brasileiro. Formou-se no curso de engenheiro-arquiteto, em 1937, na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP), que precedeu o curso de Arquitetura e Urbanismo da mesma Universidade. Em 1945 filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). No ano seguinte, ganhou uma bolsa de estudos que o levou a ficar 13 meses como pesquisador nos Estados Unidos da América. Em 1948, como já supracitado, participou da criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e mais tarde da reforma do currículo do curso, bem como da construção do prédio,

prédios de bons arquitetos, de boa arquitetura. Talvez isso, inconscientemente... A FAU não me era estranha: a gente passava frio desde o colegial [risos].

INÍCIO DE CARREIRA E PRODUTOS PROFISSIONAIS

CR: Professor, como foram as suas experiências no início da sua carreira como arquiteto?

HS: A gente fazia de tudo. Eu era de classe média. Então, desde o primeiro ano eu comecei a estagiar, em 1975. Mas eu fui estagiar onde? Em um projeto do Benedito Lima de Toledo e do Carlos Lemos para identificação de prédios para preservação na cidade de São Paulo.²⁴ Vou contar uma circunstância curiosa: eu tinha lido no *Jornal da Tarde*²⁵ que havia esse levantamento de bens culturais arquitetônicos. O Lemos e o Benedito fizeram, a pedido da COGEP, uma primeira listagem, recomendando a preservação de edifícios, só uma relação de prédios e os seus endereços. Foi por aí que começou essa discussão, essa sensibilização sobre a Arquitetura como Patrimônio Cultural no âmbito municipal. Eles selecionaram de um modo que eles chamavam de *by feeling*, isto é: eles olhavam e diziam “olha, eu acho que isso é importante, aquilo é importante”, muito pelo repertório do Lemos e do Benedito como historiadores de Arquitetura. Alguns saíram da lista depois. Eu vi essa lista e reparei: “eu acho que esse prédio está sendo demolido...” Hoje, eu não saberia explicar. Eu fui ao escritório do Benedito e avisei: “passei em frente e estão demolindo esse prédio na ladeira do Dr. Falcão, ao lado do Palacete Riachuelo”. O que um estudante de arquitetura vai fazer lá para denunciar que estão demolindo? O que eu não sabia era que os dois professores haviam sido contratados para estudar mais a seleção, levantar o histórico dos prédios para se entender um pouco melhor aquela listagem. Eles estavam montando uma equipe para fazer um levantamento detalhado, fotografar e ter dados factuais um pouco mais consistentes. Aí, eles estavam com esse projeto em encaminhamento²⁶ e o Alexandre Luiz Rocha,²⁷ que coordenava o projeto, me chamou: “você não quer trabalhar aqui?” Eu comecei o estágio assim. Eu não fui lá buscar o estágio; eu fui lá porque eu achava que era importante eles saberem que aquilo que estavam levantando estava ameaçado, estavam demolindo e, de fato, demoliram. Com o convite, eu fiquei, trabalhei com o Benedito um par de anos. Até esse episódio que também não está nem no meu currículo Lattes, que foi o concurso do Vale do Anhangabaú,²⁸ que resultou no projeto que o

junto com o arquiteto Carlos Cascaldi. Vilanova Artigas também fazia parte do movimento denominado Escola Paulista, e defendia uma arquitetura vinculada a um projeto político e uma estética nacional, afastando-se de projetos marcadamente europeus. Por conta da ditadura militar, exilou-se no Uruguai em 1969, retornando no ano seguinte, porém sem direitos políticos. Para aprofundamento ver Wisnik (2015).

24 COGEP Z8 200 - Programa de preservação de bens culturais arquitetônicos da área central de São Paulo ou Programa Toledo/Lemos para a preservação de bens culturais arquitetônicos da área central de São Paulo, 1975.

25 MORENO, Júlio. Primeiro catálogo do tesouro que São Paulo esconde em suas ruas. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 19 maio 1975, p. 18-19.

26 A propósito, ver ANDRADE, Paula Rodrigues de. **O patrimônio da cidade: arquitetura e ambiente urbanos nos inventários de São Paulo na década de 1970**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

27 **Alexandre Luiz Rocha** (n.1951), arquiteto e urbanista. Formou-se em 1977, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) e defendeu o doutorado em 2008, na mesma Universidade.

28 O **concurso do Vale do Anhangabaú** ocorreu em 1981, a partir da demanda de que na região ocorriam muitos atropelamentos, visto que era aberto a circulação de automóveis. Inicialmente, a solução apresentada pela prefeitura foi a construção de passarelas cortando o Vale, mas sofreu críticas de arquitetos, urbanistas, pesquisadores e da imprensa. Assim, a prefeitura, a partir da Empresa Municipal

Jorge Wilhelm²⁹ mais ou menos implantou com a participação da Rosa Kliass.³⁰ Aquela intervenção que estava lá foi o resultado de um concurso de 1981.³¹ Isso nasceu de uma matéria de jornal sobre um projeto da Emurb³² que consolidava o caráter de “autopista” do Anhangabaú, com os eixos da 9 de Julho e da 23 de Maio desembocando no vale, ligando com a avenida Tiradentes, cortando a cidade. E que a Emurb iria fazer uma série de passarelas porque não seria mais possível cruzar o Vale do Anhangabaú a pé. O Benedito publicou uma matéria no Jornal da Tarde dizendo mais ou menos assim: “Isso é um absurdo! Destroçando paisagens, vão fazer uma série de travessias sobre o Vale do Anhangabaú como se fossem amarrar o cadarço de um sapato.” Isso gerou reação na imprensa, que fez o então prefeito, Reynado [Emygdio] de Barros,³³ dizer: “Bom, então, vocês resolvam isso!” Na ocasião, quem era o coordenador técnico da Emurb era o Paulo [Júlio Valentino] Bruna.³⁴ Aí, resolveram abrir um concurso e chamaram o Benedito para ser o consultor pelo IAB.³⁵ E o Benedito me chamou para ser o assistente dessa consultoria. Eu conheci bem esses projetos que foram apresentados, participei de todas as fases do processo, da elaboração do edital do concurso aos resultados. Foi o último trabalho com o Benedito. Mas nesse meio tempo, eu trabalhei muito para a Aracy Amaral, quer dizer, *part-time*. Eu organizei os arquivos dela, imagina? Os arquivos de artes plásticas. Mexi em catálogos, e depois na biblioteca dela. Fiquei conhecendo mais artistas plásticos que arquitetos nessa tarefa de ficar ordenando todo esse material. E também com o Carlos Lemos: trabalhei com ele naquele programa dos bens culturais arquitetônicos, e depois ele me chamou: “você não quer fazer uns levantamentos em jornais?” Foi para o livro *Alvenaria Burguesa*.³⁶ Depois, a Ana [Maria de Moraes]

26

de Urbanização de São Paulo (Emurb) lançou o concurso, no qual também participou da organização o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), sendo Benedito Lima de Toledo um dos consultores do concurso. Houve 153 inscritos e 93 projetos entregues para o certame. O projeto do arquiteto Jorge Wilhelm foi o vencedor, por apresentar uma solução da criação de um parque, com acesso por duas estações de metrô, terminais de ônibus e o tráfego de automóveis transferido para um túnel. Na equipe também estava Rosa Kliass e Jamil Kfoury como paisagistas. A construção do projeto foi concluída em 1991. Para aprofundamento ver Carlos Eduardo Murgel Miller (2017).

29 **Jorge Wilhelm** (1928-2014), arquiteto e urbanista. Nasceu na cidade de Trieste, na Itália, e mudou-se em 1940 para o Brasil. Formou-se em Arquitetura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Teve em seu portfólio diversos projetos, como o Parque Anhembi, o supracitado Vale do Anhangabaú e o Pateo do Collegio (todos em São Paulo/SP). Também seguiu uma carreira política. Foi Secretário de Economia e Planejamento do Estado de São Paulo (1975-79), duas vezes Secretário de Planejamento do município (1983-1985 e 2001-2004), além de presidente da EMPLASA, Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (1991-1994).

30 **Rosa Kliass** (n.1932), arquiteta e paisagista brasileira. Formou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP). Entre seus projetos mais conhecidos estão o supracitado Vale do Anhangabaú, o Parque da Juventude (ambos em São Paulo) e o Mangal das Garças, em Belém/PA.

31 WILHEIM, Jorge; KLIASS, Rosa. Anhangabaú: uma conquista dos arquitetos e da população. **Projeto**, São Paulo, n. 31, p. 33-54, jul. 1981.

32 A Empresa Municipal de Urbanização, **Emurb**, foi criada pela lei nº 7670 em 1971, e tinha como objetivo atuar no replanejamento urbano do município de São Paulo. Sob as diretrizes da Emurb houve a reestruturação do Vale do Anhangabaú, o Palácio das Indústrias, Edifício Martinelli e da Praça da Sé e da Praça Roosevelt. A Emurb foi extinta em 2009, tornando-se SP-Urbanismo.

33 **Reynaldo Emygdio de Barros** (1931-2011), engenheiro e político brasileiro. Formou-se na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (EP/USP). Foi o 40º prefeito da cidade de São Paulo, no mandato de 1979 a 1982, indicado pelo governador do período, Paulo Maluf (1931), ou seja, um prefeito biônico, visto que não concorreu as eleições.

34 **Paulo Júlio Valentino Bruna** (n. 1941), arquiteto brasileiro. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1963, e em 1964 tornou-se docente da mesma instituição. Em 1973 concluiu o doutorado. É aposentado da carreira docente na FAU/USP, mas está credenciado no programa de Pós-graduação. Entre seus projetos, está a restauração do Teatro Cultura Artística, que sofreu um incêndio em 2008, na cidade de São Paulo/SP. Informações do Currículo Lattes do autor.

35 CONCURSO para reurbanização do Vale do Anhangabaú. **Projeto**, São Paulo, n. 27, p. 6, fev. 1981.

LEMOS, Carlos A. C. **Alvenaria burguesa**: breve história da arquitetura residencial de tijolos em São Paulo a partir ciclo econômico

Beluzzo, também via Aracy, me convidou: “você fotografa, ajuda a fazer meu mestrado. Quer ajudar a fazer esse levantamento sobre o Voltolino?”³⁷ Comecei por esses caminhos a vida profissional. Ao mesmo tempo que a gente fazia uns bicos de desenho de arquitetura com colegas. Coisas que se fazia naquela época e, ainda hoje se faz. Montamos um escritório com colegas para prestação de serviços. E não era AutoCAD, era desenhar com nanquim, esquadros e régua paralela sobre vegetal. A gente desenhava, fazia projetos, enfim, vida de estudante, a gente ganhava dinheiro tocando um monte de coisas ao mesmo tempo. A Arquitetura é um campo que abre muitas frentes profissionais e, sobretudo, com o currículo da FAU, no qual havia Comunicação Visual, Desenho Industrial, a gente se envolvia em tudo. Fotografia era uma coisa muito usual para os estudantes. O Cristiano Mascaro³⁸ era um funcionário da escola. Ah! a fotografia foi muito importante... eu trabalhei com o Julio Abe Wakahara.³⁹ Eu trabalhei um bom tempo com ele. Quando eu digo “muito tempo”, não é que ficava 24 horas. A gente ia pulando de escritório em escritório. Hoje, professor universitário fica dando aulas em várias escolas, não é? A gente ficava estagiando em vários lugares para juntar um dinheiro. Eu trabalhei alguns anos com o Julio Abe, que foi o idealizador – não sei se vocês já ouviram falar – do Museu de Rua.⁴⁰ Foi uma experiência de colocar, em pontos do centro de São Paulo, painéis fotográficos no mesmo ângulo de fotos antigas, que fossem do Militão [Augusto de Azevedo],⁴¹ por exemplo, comparando com a paisagem atual. Ele fez vários projetos para o Museu da Cidade. Eu acompanhava do escritório dele essas coisas que ele produzia para a Secretaria Municipal de Cultura.⁴² Aprendi muito sobre fotografia com ele, mexer com equipamentos mais sofisticados.

liderado pelo café. São Paulo: Nobel, 1985. Originalmente apresentada como tese de livre-docência ao Departamento de História da Arquitetura e Estética do projeto.

37 BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **Voltolino e as raízes do modernismo**. São Paulo: Marco Zero, 1992. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado.

38 **Cristiano Alckmin Mascaro** (Catanduva, SP, 1944) é arquiteto e urbanista formado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1968. É um dos fotógrafos mais renomados do país, e se dedica há décadas à fotografia dos espaços urbanos e arquitetônicos. É mestre e doutor em Arquitetura pela FAU-USP (1986 e 1995, respectivamente), e traz em seu currículo exposições individuais e coletivas, e um extenso trabalho como repórter fotográfico, tendo desenvolvido carreira por muitos anos na editora Abril. Também exerceu o magistério superior ensinando fotojornalismo e fotografia e comunicação visual no estado de São Paulo. Possui diversas obras publicadas na temática do espaço. Para mais informações: <http://cristianomascaro.com.br/sobre>

39 **Júlio Abe Wakahara** (1941-2020), arquiteto e fotógrafo brasileiro. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 1968 e concluiu o mestrado na mesma instituição em 1978. Foi professor na cadeira de Comunicação e Visual de 1970 a 1983. Também foi conselheiro de diversas instituições ligadas a cultura, como o Museu da Casa Brasileira e o Museu da Imigração.

40 O **Museu de Rua** foi idealizado por Júlio Abe Wakahara, e funcionou de 1977 a 2013, na cidade de São Paulo. Nesse período, foram realizadas 80 exposições no Museu de Rua, para sensibilizar e possibilitar a visualização sobre as transformações do espaço urbano da cidade de São Paulo, a partir das coleções de Militão Augusto de Azevedo e Aurélio Becherini (1879-1939), entre outros. Ver mais em Ingrid Hotte Ambrogi (2017).

41 **Militão Augusto de Azevedo** (1837-1905), fotógrafo brasileiro. Nasceu no Rio de Janeiro/RJ, no período em que a cidade era a capital do Império. Teve sua atuação na cidade de São Paulo entre 1862 e 1887. Entre seus registros, estão aproximadamente 12 mil retratos de pessoas (autoridades e anônimos) e a paisagem urbana: ruas, edifícios, canteiros de obras e tomadas panorâmicas. Para aprofundar, ver Araújo (2010).

42 A departamentalização da Cultura em São Paulo remete ao Departamento de Cultura, criado em 1935, tendo como primeiro diretor Mário de Andrade (1893-1945), durante a gestão do prefeito Fábio Prado (1887-1963), com o objetivo de organizar e criar equipamentos culturais da cidade, como os parques infantis, bibliotecas públicas e instituições de ensino de artes, além de desenvolver pesquisas e levantamentos. Em 1945 o departamento foi para a pasta da Secretaria Municipal de Cultura e Higiene. Em 1975, na gestão de Olavo Setúbal (1923-2008) criou-se a **Secretaria Municipal de Cultura** de São Paulo (SMC/SP), tendo como primeiro secretário Sábato Magaldi.

Daí a facilidade que sempre tive em lidar com fotografia. Isso explica por que a Ana Belluzzo me chamou para ajudar na reprodução das imagens da pesquisa dela. A gente tinha que se virar.

FA: Eu me lembro que há alguns anos você me contou que um dos primeiros trabalhos profissionais que você fez com alguns colegas – e se você puder falar quem são esses – teve muito a ver com um monumento a São Paulo que iria ser posto no Pico do Jaraguá. O que foi essa iniciativa? E que atividade foi essa? Como foi essa experiência? O que é essa atitude monumentalizante que, de certa maneira, atraía um grupo de arquitetos a participar de uma concorrência dentro das atividades profissionais de recém-formados?

HS: Éramos recém-formados e a municipalidade abriu um concurso em 1981 para o projeto de um monumento ao Padre Anchieta⁴³ no Pico do Jaraguá.⁴⁴ Eu e mais três colegas entramos: o Marcos Santacruz de Souza,⁴⁵ a Marlene Dias Ferraz⁴⁶ e a Renata Coury Bussab.⁴⁷ A gente foi ver no que daria! Eu já conhecia um pouco da história de São Paulo. Ficamos imaginando o que um monumento a Anchieta no Pico do Jaraguá poderia ser. Por que lá? Partimos do contrário do senso comum: “O que todo mundo vai fazer?” Um bonecão. Botar uma estátua do Anchieta no Pico do Jaraguá. Que relação se estabelece entre o Pico do Jaraguá e o Anchieta? O Anchieta é um dos presumíveis fundadores da cidade e o Pico do Jaraguá era aquele acidente geográfico em que as pessoas, os indígenas, os bandeirantes ou quem quer que seja, se orientavam para chegar e sair da cidade. Então, em vez de fazer um monumento abstrato, uma peça que você rodeava, como é qualquer estátua, qualquer objeto, surgiu a seguinte ideia: Qual é a relação entre o Pico do Jaraguá e São Paulo? É o caminho. Faz sentido botar um bonecão? Não. Fazer um outro Borba Gato⁴⁸ ali não fazia o menor sentido, nem éramos artistas plásticos para produzir esculturas. Depois de pensarmos muito, estabelecemos uma relação entre o Pico do Jaraguá e São Paulo. E a ideia que surgiu foi: ao invés de fazer um “monumento boneco”, era fazer uma estrutura

28

43 **Padre José de Anchieta** (1534-1597), religioso, poeta, ensaísta, teatrólogo e gramático. Nasceu na ilha de Tenerife, arquipélago das Ilhas Canárias. Aos 14 anos foi para Coimbra para estudar no Real Colégio de Artes. Com 17 anos ingressou na Companhia de Jesus, ordem religiosa dos padres e irmãos jesuítas, fundada por Santo Inácio de Loyola (1491-1556), reconhecida por bula papal em 1540. José de Anchieta, ao ter notícias da missão no Brasil, decide navegar até a colônia recém-formada, com a intenção de se curar de uma doença. Participou da fundação de São Paulo, em 25 de janeiro de 1554 e manteve sua missão no litoral do sudeste. Faleceu em 1597, na aldeia de Reritiba, hoje cidade de Anchieta, no Estado do Espírito Santo. Foi canonizado em 2014, passando a se chamar São José de Anchieta. Para mais informações ver Franguelli (2018).

44 O **Pico do Jaraguá** é o ponto mais alto do município de São Paulo, com 1135 metros de altitude. Está localizado na zona oeste da cidade, no bairro do Jaraguá, onde hoje há o Parque Estadual do Jaraguá, para a conservação da área. É permitido visitas no Parque, e para chegar ao pico é possível ir por trilhas a pé ou até mesmo de automóvel.

45 **Marcos Santacruz de Souza** (n.?), formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1979.

46 **Marlene Dias Ferraz** (n.?), formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1979.

47 **Renata Coury Bussab** (n.?), formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1980.

48 Manuel **Borba Gato** (1649-1718), bandeirante paulista. A referência, no entanto, é acerca da estátua erigida em sua homenagem, para a comemoração dos 400 anos de Santo Amaro, em 1960, hoje distrito de São Paulo, mas que foi município independente até 1935. Por questões familiares, o artista Júlio Guerra (1912-2001) entregou o monumento apenas em 1963. A estátua foi construída na Avenida Santo Amaro, na Praça Augusto Tortorello de Araújo. O sistema construtivo se vale de trilhos de bondes, de argamassa, pedras e mármore. A figura homenageada gera debates, sobretudo por representar um período violento com os povos originários do Brasil.

Fig. 4. Hugo Segawa fotografado quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



29

no Pico do Jaraguá que olhasse para o Pateo do Collegio.⁴⁹ Era um mirante que do Pico do Jaraguá apontasse onde está o centro da cidade. O nosso monumento era uma plataforma horizontal, como se fosse um trampolim que saía de um dos platôs do Parque do Jaraguá, do ponto mais alto, que apontava para o Pateo do Collegio. Não era um “trampolim” qualquer, era uma estrutura metálica, caprichada como um pilar da FAU.⁵⁰ E ganhamos.⁵¹

49 O **Pateo do Collegio** foi construído pelos jesuítas, no século XVI. Em um planalto entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, a escola inicialmente foi construída de pau a pique, e mais tarde de taipa de pilão, junto com a Igreja. Em 1759 os jesuítas foram expulsos de todas as colônias portuguesas, por ordem do Marquês de Pombal (1699-1782). O Colégio passou então para a Arquidiocese em 1760, e em 1765 tornou-se Palácio dos Governadores. Ao longo dos anos o espaço e as construções passaram por modificações, descaracterizações e demolições. Por conta do IV Centenário da cidade de São Paulo, o governador Lucas Nogueira Garcez (1913-1982), pela lei nº 2658, transferiu novamente o terreno à Companhia de Jesus, com o objetivo da reconstrução do local. O complexo do Pateo do Collegio e a igreja foram entregues em 1979, na gestão do prefeito Olavo Setúbal (1923-2008), a partir do projeto de Jorge Wilhelm. Hoje funciona a Igreja, com celebrações regulares, além do Museu Anchieta, arquivo e biblioteca.

50 O **Pilar da FAU** é uma estrutura do projeto de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, como supracitado. Edificado em estrutura de concreto armado, sustenta parte da empena, além de expressar claramente a intenção “poética” do brutalismo paulista. Para mais detalhes ver Felipe de Araújo Contier (2015).

51 LEMOS, Fernando Cerqueira. Monumento a Anchieta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 11 out. 1981, p. 42; ARQUITETOS vencem

Depois a gente viu os concorrentes: todos fizeram boneções ou coisas pousadas. Ganhamos e não levamos: não construíram e ainda bem que não construíram. Acho que não ia fazer muita diferença, mas isso responde à sua pergunta, Fernando.

CR: Professor, o senhor contribuiu com a revista *Projeto*⁵² nos anos 1980. Gostaríamos de saber como foi escrever para essa revista quase que mensalmente? Como foi essa experiência?

HS: Comecei a prestar serviço para a *Projeto* em 1978. Estávamos no escritório que montamos com colegas, todos tinham seus contatos e a editora que fazia a revista *Projeto* precisava de alguém para fazer um levantamento iconográfico para um livro. Na verdade, tratava-se de uma publicação chamada *Edifício*⁵³ do Edgar Graeff.⁵⁴ O Minoru Naruto⁵⁵ nos conhecia, mas conhecia mais o Fernando Mascaro,⁵⁶ um dos sócios no nosso escritório, que me recomendou: “Acho que o Hugo faz isso! Já fez isso para fulano e beltrano.” Eu fiz tudo direitinho. Depois, como eu escrevia, e tinha uma certa facilidade em escrever, comecei a redigir textos para a revista. O primeiro artigo que eu publiquei na *Projeto* foi sobre o Vale do Anhangabaú em 1981,⁵⁷ relacionado ao concurso. Mas antes disso, eu tinha entregue um artigo para a revista *Módulo*,⁵⁸ que era a revista do Oscar Niemeyer,⁵⁹ mas que foi publicado depois, em 1981,⁶⁰ sobre um concurso municipal de casas operárias de 1916

concurso em homenagem a Anchieta. **Projeto**, São Paulo, n. 35, p. 4, nov.-dez. 1981.

52 A **Projeto**: revista brasileira de arquitetura, planejamento, desenho industrial, construção, funcionou de 1977 a 1995, com periodicidade regular e com publicação pela Editores Associados. Em 1987 surge, editada pela mesma editora, a revista *Design & Interiores*. Na década de 1990, com a mudança do proprietário, a revista passa a se chamar *Projeto Design Interiores*.

53 GRAEFF, Edgar. **O Edifício**. São Paulo: Projeto, 1979. Cadernos Brasileiros de Arquitetura, n. 7.

54 **Edgar** Albuquerque **Graeff** (1921-1990), arquiteto brasileiro. Nasceu no Rio Grande do Sul e formou-se em 1947 pela Faculdade Nacional de Arquitetura da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro/RJ. Realizou diversos projetos a partir da arquitetura moderna, e também foi professor e pesquisador da área de arquitetura. Em 1962 participou da fundação do curso de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB), onde passou a lecionar. Também publicou diversos artigos na revista *Projeto*.

55 **Minoru Naruto** (n. ?), arquiteto brasileiro. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1968. Concluiu o mestrado em 1987 e o doutorado em 2007, ambos pela mesma instituição. É professor aposentado da FAU/USP e já realizou inúmeros projetos, sobretudo nas áreas de habitação social, mobiliário e desenho urbano e comunicação visual urbana.

56 **Fernando** Alckmin **Mascaro**, formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1979.

57 SEGAWA, Hugo. Exclusivo: os primeiros estudos sobre o Vale do Anhangabaú. **Projeto**, São Paulo, n. 28, p. 14-17, mar.-abr. 1981.

58 A **Revista Módulo** foi criada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O primeiro número da revista é de 1955, e o último de 1965, e tinha frequência trimestral. Em 1975 voltou a ser publicada, mas em 1986 encerrou as atividades.

59 **Oscar Niemeyer** (1907-2012), arquiteto brasileiro. Formou-se engenheiro-arquiteto em 1934, na Escola Nacional de Belas Artes. No terceiro ano de curso, estagiou com o arquiteto Lúcio Costa. A partir dessa relação, Oscar Niemeyer aprofundou seus conhecimentos, tanto em rede de contatos como em projetos. Em 1936, entrou para a equipe de Lúcio Costa que foi responsável pelo projeto do prédio do Ministério da Educação e Saúde, no Rio de Janeiro/RJ. O arquiteto Charles-Edouard Jeanneret-Gris, ou mais conhecido como Le Coubesier (1887-1965), foi consultor do projeto e Niemeyer teve oportunidade de conhecê-lo. Niemeyer ganhou popularidade nacional e internacional pelos seus projetos e cresceu o número de encomendas para o poder público. Em 1940 foi chamado por Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) para fazer o projeto da Lagoa da Pampulha. Em 1950, foi convidado para o projeto do Parque do Ibirapuera em São Paulo/SP, como uma das obras do aniversário de 400 anos da cidade. Em 1957 foi convidado a construir Brasília. Lúcio Costa ganhou o concurso para o desenho do planejamento urbano. O desafio era a rapidez da obra, de apenas um mandato. Brasília foi inaugurada em 21 de abril de 1960. Em sua carreira, Niemeyer realizou diversos projetos, públicos e particulares. Ver mais em Durand e Salvatori (2013).

60 SEGAWA, Hugo. Anos 10: um concurso de habitação operária. **Módulo**, Rio de Janeiro, n. 64, p. 12-17, maio-jun. 1980.

em São Paulo, um capítulo do meu TGI⁶¹ e que mais tarde saiu no meu livro *Prelúdio da Metrópole*.⁶² Daí para frente eu fui participando mais da redação da revista porque não havia muita gente que escrevesse sobre arquitetura. Tínhamos que falar sobre arquitetura moderna, contemporânea. E o campo acadêmico ainda era muito restrito. Nada do que vocês imaginam hoje, como fazer mestrado, era comum. Em 1978, não existia doutorado na FAU, nem no Brasil. O primeiro curso de doutorado surgiu em 1980 na USP. Somente a partir de 1998 é que surgiram cursos de doutorado em Arquitetura em outros estados. Daí, entrando na revista *Projeto*, a experiência foi extraordinária, porque quando você pergunta: “Escrevia todo mês?” Era isso mesmo. Às vezes mais de um artigo. Isto é imprensa. Você tinha que escrever sobre o que pintasse, o que fosse necessário, não do ponto de vista de um jornalista por formação, mas a partir do olhar de um arquiteto. E nisso havia também certos paradoxos, problemas profissionais porque, nessa ocasião, para exercer o jornalismo, era preciso ter registro profissional. Então, nós não poderíamos fazer parte da redação, porque tinha que ser jornalista. Éramos “colaboradores”, eu e a Ruth Verde Zein,⁶³ que entrou na *Projeto* por minha sugestão. Algo que foi muito importante foi essa urgência para escrever. Vamos dizer que Arquitetura não é um campo profissional em que você redija com a mesma demanda que há em História. Escrever é algo próprio da História, da Arquitetura não necessariamente. Então, esse convívio com jornalistas foi muito bom no sentido de aprender o ofício de escrever rápido e, sobretudo, necessariamente escrever com clareza, que não é exatamente o universo acadêmico. Para alguns, quanto mais complicado se escreve, mais acadêmico fica. Quer dizer, parece erudito. É uma falsa ideia de que erudição é escrever complicado. Acho que o importante em qualquer campo – e eu defendo isso com os meus orientandos –, que é preciso escrever claro para que a difusão do conhecimento se faça pela inteligibilidade dos argumentos. Você não escreve uma tese com uma redação pesada para depois “traduzir” e transformar em livro, caso consiga publicar. Escreve-se uma tese cujo texto já é um livro. É esse o meu entendimento de que é função do mundo acadêmico produzir para que o mundo em geral entenda o que está acontecendo. É claro que na Física, na Matemática, essas coisas são um pouco mais específicas. No mundo das Ciências Sociais Aplicadas e das Ciências Humanas, eu acho que escrever e fazer inteligíveis as ideias é fundamental. Isso foi um grande aprendizado ao trabalhar na imprensa especializada, porque essa escrita aponta para a eterna briga entre o Jornalismo e a Academia. O que se escreve no jornal diário amarela no dia seguinte, não é mesmo? Ou como agora, com a morte do Otávio Frias [de Oliveira Filho],⁶⁴ da *Folha de S. Paulo*, vem à tona sua ideia de que o jornalismo diário é uma escrita premida entre a véspera e o dia seguinte. A História, eu diria que é premida entre o passado e o

61 SEGAWA, Hugo. **Alguns aspectos da arquitetura e do urbanismo em São Paulo na passagem do século**. Trabalho de Graduação Interdisciplinar (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

62 SEGAWA, Hugo. **Prelúdio da metrópole: arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2000. Originalmente apresentado como trabalho de graduação.

63 **Ruth Verde Zein** (n.1955), arquiteta brasileira. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP), em 1977. Concluiu o mestrado em 1999 e o doutorado em 2005, ambos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2006 recebeu o Prêmio CAPES 2006 da área de Arquitetura e Urbanismo, pela tese *A Arquitetura da Escola Paulista Brutalista: 1953-1973*. Atualmente é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

64 **Otávio Frias de Oliveira Filho** (1957-2018), jornalista brasileiro. Formou-se em Direito pela Universidade de São Paulo. Em 1975 começou a atuar no jornal *Folha de S. Paulo*, de seu pai Octavio Frias de Oliveira (1912-2007). Foi diretor de redação do jornal desde 1984 até seu falecimento.

futuro, porque você está escrevendo no presente. E é importante escrever para tornar o presente inteligível. É se comunicar com clareza, que seja compreensível, porque estamos pensando, interpretando, e esclarecendo para um público que não precisa e não deve ser só acadêmico.

CM: Professor, a gente vê no trabalho do senhor toda uma paixão pela fotografia, e o senhor mesmo falou sobre sua carreira como fotógrafo. Atualmente o senhor realiza ou está desenvolvendo algum trabalho em relação à fotografia?

HS: A Arquitetura e o Urbanismo são universos muito visuais. Um primeiro instrumento de apreensão e registro é o desenho. Pegar o papel e o lápis e desenhar, esquematizar. Eu mostrei na palestra alguns esquemas de explicação da cidade a partir de linhas, abstraindo a cartografia, onde é que vão essas linhas de força, vamos dizer, os vetores. Esse é o primeiro papel da imagem: de ajudar a distinguir, tornar visível. Agora, a fotografia, para mim, sempre foi um instrumento de trabalho. Por que ferramenta de trabalho? A fotografia é uma forma de registro tanto quanto o desenho o é porque quando você enquadra, hoje na telinha (antigamente era um visor), você – o fotógrafo – está olhando o mundo de um certo jeito, dentro daquele retângulo. A fotografia não é um registro inocente, você faz daquele ângulo, você define aquela posição porque você quer registrar aquela coisa de uma certa maneira. Você pode dizer alguma coisa pela imagem. Então é um instrumento de registrar a realidade, mas também de olhar a realidade, interpretar a realidade. A fotografia e a imagem são formas de educação do olhar. Eu sempre ouvia esse conflito, sobretudo no campo da História, que a fotografia é uma “ilustração”; os historiadores não tinham domínio dos usos da fotografia, da imagem, de saber ler o “documento”, porque a disciplina sempre teve muito apego ao verbal, à escrita. Não, hoje os historiadores sabem tudo isso, sabem qual sua importância e quanto mais se mover nisso, sobretudo com a informática e plataformas, que seja o SIG, 3D, a História ganha. A fotografia, quando a gente se torna professor, se torna uma maneira de, existe aquele jargão: uma foto vale por mil palavras. A gente cai nesse tipo de desculpa para dizer que a fotografia é um instrumento extraordinário do ponto de vista pedagógico. E um terceiro fator que, enfim, é uma interpretação meio enviesada, vem de uma aula do Décio Pignatari,⁶⁵ nosso professor, que eu só saquei depois, em relação à minha ascendência, que é a seguinte: a linguagem ocidental é verbal, isto é, as palavras são construções, associações de fonemas e que têm ou dão sentidos. O alemão é aquele idioma que parece invertido, você só entende a sentença depois que o verbo aparece lá no finalzinho da sentença. E a linguagem asiática é por símbolos, por ideogramas: um ideograma significa algo e que, na medida em que se associa esse ideograma a outro ou outros, eles estabelecem um sentido. O que o Décio Pignatari dizia é que a linguagem ocidental é mais discursiva, mais verbal, e a linguagem asiática é icônica, porque opera o tempo todo com símbolos e é a combinação de símbolos que gera o significado. Fiquei pensando: será que essa proximidade com a imagem

65 **Décio Pignatari** (1927-2012), poeta, ensaísta e professor brasileiro. Formou-se em na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (FD/USP), em 1953. Desenvolveu, junto com Haroldo de Campos (1929-2003) e Augusto de Campos (n.1931), a poesia concreta. Foi professor da Escola Superior de Desenho Industrial (ESDI) e Universidade de Brasília (UnB). Também lecionou na PUC/SP. Defendeu sua tese de doutorado em 1973, sob orientação do professor Antônio Cândido de Mello e Souza (1918-2017) e aprofundou estudos na área da Semiótica. Pignatari foi professor do Departamento de Projeto da FAU-USP, onde se aposentou em 1994.

não tem algo a ver com o meu DNA, a estrutura mental dos símbolos que maneja a imagem como uma forma de expressão e percepção? Enfim, é pura especulação. Daí a força da fotografia.

Já comentei sobre a importância da fotografia, da imagem, para o ensino. Mas na década de 1980, quando comecei a dar aulas, não havia essa facilidade de baixar imagens da internet. Era preciso reproduzir de livros, usando filmes slides para poder fazer projeções em classe ou em palestras – não existia *Power Point*. E a fotografia hoje, mesmo com o acesso a bancos de imagens por internet, ainda é protegida por direitos de uso e reprodução. Essa é uma tremenda e cara limitação que conhecemos quando precisamos apelar para reproduções em nossos trabalhos publicados. Então eu preferi buscar ser autossuficiente, produzir minhas próprias imagens para aulas, publicações e, quando possível, ajudar colegas que precisam de imagens. Claro que isso leva muito tempo. Ademais, numa perspectiva de análise de Arquitetura, se não conseguimos visitar presencialmente uma obra, hoje temos à disposição fotografias muito bonitas, feitas por profissionais, que muitas vezes não servem para a crítica de Arquitetura. Tais fotos resultam de encomenda a excelentes fotógrafos, geralmente contratados pelos projetistas ou construtoras das obras, que desejam que as fotos do prédio sejam as mais bonitas possíveis, mesmo que elas pareçam absurdamente irreais. Um fotógrafo consegue, por incrível que pareça, melhorar uma obra de Arquitetura – pelo menos visualmente. Às vezes, os prédios são muito mais bonitos na foto do que ao vivo. É claro que nem sempre é assim, a fotografia pode ser “fiel” à obra, por mais que a espacialidade da Arquitetura não possa ser reproduzida em uma foto. Eu parti um pouco desse pressuposto: se estamos ensinando Arquitetura, não podemos trabalhar com imagens que falseiam ou criam uma outra ideia desse edifício. Então, eu vou, se possível, visitar a obra, ver quais são os problemas ou as virtudes desse edifício e fotografar eu mesmo registrando o que é bom e o que é ruim, para examinar e registrar criticamente a obra. É um dado muito empírico, isto é, também é uma coisa do arquiteto que tem que sentir a materialidade, como nos sentimos dentro e fora dele, como funciona isso? Como isso se resolveu? Como é que bate o sol? Como é a luz? Se esquenta à tarde, ninguém consegue ficar dentro, enfim... tudo isso faz parte um pouco do que é vivenciar Arquitetura, que pode de alguma forma ser registrada pela fotografia, desde que dirigida nesse sentido.

CM: Atualmente o senhor tem algum projeto vinculado à fotografia?

HS: Na realidade eu nunca tive trabalhos ligados à fotografia como projeto de pesquisa. Lateralmente, tenho é um projeto difuso. De anos para cá eu virei um colecionador de cartões postais. Os postais são objetos de desejo de colecionismo, a cartofilia. Este mundo do postal é extraordinário. Benedito Lima de Toledo, Carlos Lemos, Nestor Goulart Reis usam postais em suas pesquisas. Uma coisa é entender o postal como lembrança de um turista: “ah eu estive em Araxá!” Outra coisa é, eu tenho uma foto das Termas de Araxá e o que aquilo significa do ponto de vista de Arquitetura, de paisagem. É o registro de uma cena, de um recanto da cidade, de valores urbanos e simbólicos representativos como exaltação, identidade, memória, feito por um fotógrafo que elegeu aquele lugar, aquele ângulo, para alguém despachar pelo correio para qualquer parte do mundo. Carrega múltiplos significados para explorar. Às vezes, uma coisa é a frente, onde está a imagem, e outra é o verso, quando há mensagens manuscritas. Tenho dois postais incríveis, que eu não tinha visto as costas quando

comprei. Um postal é da igrejinha de Pampulha⁶⁶ [projeto de Oscar Niemeyer],⁶⁷ manuscrita em 1951, de um ou uma jovem escrevendo para a avó em Recife, enviando um abraço, explicando a imagem com o fundo da igreja, tendo o horizonte do lago: “Vozinha isto é uma igreja moderna” [risos]. O outro postal é do Hotel de Ouro Preto do [Oscar] Niemeyer. Eu o comprei pela imagem do prédio que ainda não havia sido alterado com o prolongamento do beiral da cobertura do terraço – é um documento do edifício em estado original. E o verso trazia uma informação super legal, manuscrita em 1955, não se identifica se mulher ou homem: “Grande Hotel de Ouro Preto, moderno e bastante confortável. É interessante encontrar em uma cidade tão antiga, um único edifício bem moderno e com o conforto do século XX” [risos]. O verso é um lado interessante, um universo que traz mais sentidos. Coisas com que, no fundo, a gente acaba viajando com quem enviou o postal. Por que comprar um cartão postal daquele prédio? Essa é uma pergunta. Nós, que estudamos a Arquitetura Moderna, reconhecemos prédios como o Ministério da Educação,⁶⁸ o Grande Hotel de Ouro Preto, a Pampulha, enfim, são os tais ícones da Modernidade. No entanto, há tanta arquitetura miúda, cotidiana, feito o hotelzinho de Araxá, aquela casa de pensão em São Lourenço, os banhos de Cambuquira. Iraí é uma cidade no oeste de Santa Catarina, tem um balneário de planta circular dos anos 1940, dizem que construído por uruguaianos. O Brasil é muito mais do que eu coloco no meu livro *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. Quem sabe eu consiga algum dia colocá-los?

34

CR: Professor, sobre sua trajetória no CONDEPHAAT, gostaríamos que o senhor contasse um pouco sobre suas principais funções, os trabalhos mais relevantes na sua opinião.

HS: O CONDEPHAAT,⁶⁹ Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, foi criado em 1968, como um processo, uma estratégia de descentralização da defesa do patrimônio, que dependia

66 O Conjunto Arquitetônico da **Pampulha** é um projeto desenhado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, construído entre 1942 e 1944, na zona norte de Belo Horizonte/MG, a convite do então prefeito da cidade, Juscelino Kubitschek de Oliveira. O Conjunto, localizado em uma porção das margens da lagoa da Pampulha, conta com a Igreja de São Francisco de Assis, um casino (que em 1957 tornou-se o Museu de Arte da Pampulha), uma casa de baile (atualmente Centro de Referência de Urbanismo, Arquitetura e Design), um Iate Golfe Clube (atualmente o Iate Tênis Clube) e a Casa Kubitschek. O conjunto foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais (IEPHA) em 1984, e em 2016 tornou-se Patrimônio da Humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

67 O **projeto de Oscar Niemeyer** para o Conjunto Arquitetônico da Pampulha foi elaborado, como supracitado, no ano de 1940, para ser construído entre 1942 e 1944. Contou com uma equipe e convidados para diversos componentes, como o engenheiro Joaquim Cardozo (1887-1978) para a parte estrutural, Cândido Portinari (1903-1962) para os painéis da Igreja de São Francisco de Assis e Roberto Burle Marx (1909-1994) para parte das obras de paisagismo.

68 O prédio do **Ministério da Educação e Saúde**, localizado no Rio de Janeiro/RJ, foi construído a partir do projeto de Lucio Costa e uma equipe de outros arquitetos, formada por Affonso Eduardo Reidy (1909-1964), Carlos Leão (1906-1983), Jorge Moreira (1904-1992), Ernani Vasconcellos (1909-1988) e Oscar Niemeyer. O prédio é considerado um marco na arquitetura moderna brasileira, por ser uma encomenda de grande porte a partir do poder público federal, em que Getúlio Vargas era o mandatário no período. Inicialmente o prédio seria construído a partir do projeto de Archimedes Memória (1893 - 1960), vencedor do concurso lançado pelo então ministro Gustavo Capanema (1901-1985), em 1935. O projeto foi premiado, mas não executado, e Lucio Costa e sua equipe foram convidados para a formulação do edifício e sua construção. As obras foram iniciadas em 1937, e a inauguração se deu em 1945. Em seu acabamento há obras de outros artistas, como Cândido Portinari e Roberto Burle Marx.

69 O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico Arqueológico, Artístico e Turístico, **CONDEPHAAT**, foi criado pela lei estadual nº 10247 de 1968. O Conselho tem como objetivos proteger, valorizar e divulgar o patrimônio cultural do estado de São Paulo, a partir da pesquisa, preservação e tombamento de bens. As cadeiras do Conselho são ocupadas por representantes das Secretarias Estaduais, entidades de classe, universidades e pela Procuradoria Geral do Estado.

então somente do IPHAN.⁷⁰ Com a Carta dos Governadores⁷¹ e uma série de movimentos (o CONDEPHAAT até antecede essa movimentação da Carta dos Governadores), propunha-se a criação de organismos estaduais e, em certa escala, até dos municipais, voltados à preservação. Nessa época, 1968-70, patrimônio não era nada, nem os arquitetos se preocupavam, além de meia dúzia deles – Luís Saia,⁷² Carlos Lemos, Benedito Lima de Toledo, Nestor Goulart Reis, Gustavo Neves da Rocha,⁷³ em São Paulo, alguns poucos, tendo Lucio Costa,⁷⁴ sobretudo, como referência. Em 1982, houve um processo seletivo para técnicos do CONDEPHAAT. Eu tinha acabado de sair da escola, na maior crise econômica, não tinha emprego. Houve o concurso, passei, foram trinta e poucos arquitetos. Para mim, a atividade não era novidade, porque havia trabalhado com Benedito e Lemos, mas para muitos colegas que passaram no concurso, era. Éramos técnicos, que continuam fazendo a mesma coisa hoje, que é identificar ou avaliar obras que foram apontadas para tombamento, fazer vistorias, fiscalização, produzir pareceres, desenvolver estudos de caso, levantamento de informações, projetar restauros. Também nesse concurso entraram onze historiadores. Vejam que curioso, éramos tão técnicos como o Carlos Lemos. O Lemos foi técnico do CONDEPHAAT, um funcionário público. Só que ele, claro, com toda sua experiência, nosso professor, e nós recém-formados, uma grande parte, jovens. Mas ele não estava mais lá quando chegamos. Fiz alguns trabalhos em Santana de Parnaíba, montamos um escritório de atendimento à população, essa cidade que é a terceira ou quarta cidade fundada em São Paulo, que preserva seu núcleo histórico. Era um sistema de assistência técnica, porque naquele momento o CONDEPHAAT tinha estabelecido uma política de cidades históricas em São Paulo: São Luiz do Paraitinga, Santana do Parnaíba, Iguape, enfim, havia uma série de centros históricos, parte de um projeto de tratar não o edifício, mas a cidade. Eu participei da equipe de Santana do

70 O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, **IPHAN**, foi criado em 1937, durante o Estado Novo, denominado, inicialmente, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, SPHAN. Entre os objetivos do IPHAN estão a preservação (a partir do registro, inventário e tombamento) e a promoção de bens culturais (materiais e imateriais) do Brasil. O IPHAN tem uma estrutura de 27 superintendências, ou seja, uma em cada unidade federativa, escritórios técnicos e unidades especiais.

71 A **Carta dos Governadores** diz respeito a um movimento de cartas patrimoniais do Encontro de Governadores (e demais autoridades) para a Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Natural do Brasil. O primeiro encontro ocorreu em 1970, em Brasília/DF, gerando como produto o Compromisso de Brasília, assinado por Lúcio Costa. O segundo encontro, no ano seguinte, em 1971, ocorreu na cidade de Salvador/BA, gerando o documento Compromisso de Salvador, que ratificou o Compromisso de Brasília, com novas e propostas e recomendações, como a criação de um Ministério da Cultura, criação de legislação específica para o patrimônio, criação de fundos etc.

72 **Luís Saia** (1911-1975), arquiteto brasileiro. Formou-se engenheiro-arquiteto na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, em 1948, tendo ingressado no curso em 1932. Atuou com Mário de Andrade em pesquisas e levantamentos, sobretudo pelo seu interesse na questão histórica e da arquitetura, inclusive para a elaboração do anteprojeto do SPHAN. Em 1939, Saia participou de obras de restauro sendo chefe da regional de São do Paulo do SPHAN. As obras foram da Igreja de Nossa Senhora do Rosário, na cidade de Embú das Artes/SP, e na Capela de São Miguel, em São Paulo/SP. Ao longo de sua carreira aprofundou a questão da preservação e da restauração, além de contribuir para a historiografia da São Paulo colonial. Em sua produção profissional, além dos restauros e de artigos em jornais e revistas, se destaca o livro *Morada Paulista*, uma compilação de reflexões que fizera em outros veículos de imprensa. Para mais informações ver Jaelson Bitran Trindade (2014).

73 **Gustavo Neves da Rocha Filho** (n. 1928), arquiteto brasileiro. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1962. Defendeu a tese de doutorado em 1986 e concluiu a livre-docência em 1992. Tornou-se professor titular da FAU/USP em 1996. Para aprofundamentos ver João Clarck de Abreu Sodré (2010).

74 **Lucio** Marçal Ferreira Ribeiro de Lima **Costa** (1902-1998), arquiteto e urbanista brasileiro. Formou-se pela Escola Nacional de Belas Artes em 1924. Foi diretor dessa instituição, em 1931, nomeado por Rodrigo Melo Franco de Andrade (1898-1969). Aproximou-se de um currículo de tendência moderna na arquitetura, a partir de Le Corbusier. Foi o autor do projeto de plano piloto de Brasília. Atuou como técnico do SPHAN-IPHAN por décadas, onde se aposentou e continuou assessorando até seu falecimento, em 1998.

Parnaíba⁷⁵ – houve uma equipe que foi trabalhar com Bananal⁷⁶ – e promovemos várias ações. Desenvolvemos um trabalho com uma socióloga e uma historiadora que fizeram um reconhecimento sobre os valores e significados do patrimônio arquitetônico para a população de moradores tradicionais e os “forasteiros” – aquelas pessoas que tinham casa de fim de semana em Santana do Parnaíba, mas que não eram moradores permanentes. Quando digo “moradores”, havia os “de dentro”, aqueles que tinham laços de parentesco em Parnaíba, se não do tempo colonial, mas que tivessem ascendência de alguma ordem, e os “de fora”, aqueles que, apreciando o pitoresco de Santana do Parnaíba, montavam suas casas de fim de semana lá. Foi um trabalho que eu acompanhei com a Naira Iracema [Monteiro] Morgado,⁷⁷ uma socióloga, que fez esse estudo e o transformou em um mestrado. Eu e mais uns colegas também trabalhávamos com orientação e aprovação de reformas. Nós tentamos revitalizar a Casa de Anhanguera,⁷⁸ que é um “casarão-museu”, bem no centro. Nesse museu tentamos valorizar o carnaval de Santana do Parnaíba, organizamos uma mostra a respeito. É uma cidade que tem um carnaval bem tradicional: havia desfiles, havia os artesãos que faziam os “cabeções”, grandes cabeças produzidas em um tipo de papel machê; vestiam essas cabeças, túnicas e botavam perna-de-pau para desfilar. Os artesãos ainda pegavam jornal e preparavam a massa, tinham as formas para moldar os “cabeções”. Bem, acho que a gente tinha uma certa juventude de achar que se podia tentar inventar algumas coisas. A gente tentou.

FA: Ótimo saber disso!

36

HS: Ainda eu fiz o projeto de recomposição da Ladeira da Memória.⁷⁹ A estação Anhangabaú, da linha Vermelha do Metrô estava para ser inaugurada, em 1983, e era preciso compatibilizar o acesso à estação – projetada pelo arquiteto Paulo Sérgio Souza e Silva⁸⁰ – e a Ladeira, projetada por Victor Dubugras,⁸¹ inaugurada

75 **Santana de Parnaíba** é um município do Estado de São Paulo e pertencente a região metropolitana. Foi fundado em 1580, e em 1625 foi elevado a categoria de vila.

76 **Bananal** é um município do Estado de São Paulo, localizado na região do Vale do Rio Paraíba. Foi elevado a categoria de vila em 1832 e de cidade em 1849.

77 **Naira Iracema Monteiro Morgado** (n.?), historiadora brasileira. Concluiu o mestrado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/UNICAMP) em 1987, com a dissertação *O espaço e a memória: Santana de Parnaíba*.

78 O Museu **Casa de Anhanguera** é uma construção residencial bandeirista do século XVII, localizada no Largo da Matriz de Santana de Parnaíba. É construída em taipa de pilão e há indícios que foi a casa de Bartolomeu Bueno da Silva (1672-1740), o bandeirante apelidado de Anhanguera (Diabo Velho, em tupi). Em 1958 a construção foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

79 A **Ladeira da Memória**, ou também conhecido como Largo da Memória, está localizada no centro da cidade de São Paulo. Sua origem é do período colonial, quando o local se chamava Piques, Paredão do Piques ou Ladeira do Piques. Em 1814 houve a construção de um chafariz, e, para sinalizá-lo, um obelisco. Em 1919, por conta das comemorações do centenário da independência do Brasil que iria ocorrer em 1922, o prefeito Washington Luís (1869-1957) contratou o arquiteto Victor Dubugras para a reforma do local.

80 **Paulo Sérgio Souza e Silva** (1934-1992), arquiteto brasileiro. Formou-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU/USP) em 1960 e defendeu o mestrado em 1988, pela mesma instituição. Entre 1961 e 1962 foi arquiteto colaborador do escritório de Vilanova Artigas, atuando no projeto do prédio da FAU/USP. Entre 1976 e 1983 atuou na Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo (Emurb), com os estudos para o projeto do acesso da Ladeira da Memória da estação Anhangabaú do Metrô de São Paulo. Em 1988 tornou-se professor da FAU/USP.

81 **Victor Jean Baptiste Dubugras** (1869-1933), arquiteto. Nasceu na França, e ainda criança mudou-se com a família para a Argentina. Em Buenos Aires trabalhou para o arquiteto italiano Francisco Tamburini (1846-1891), entre 1883 a 1891. Com a morte do primeiro

em 1922. Foi o único projeto de certa envergadura que desenhei enquanto trabalhei no CONDEPHHAT.⁸²

VIDA ACADÊMICA E DESAFIOS DE PESQUISA

CM: O senhor poderia falar um pouco sobre a sua experiência no exterior como professor convidado? O que agregou no seu trabalho essa vivência fora do país?

HS: Toda vivência fora do país, fora da sua cidade, é extraordinária! Quando se fala de trabalhar no exterior, é uma questão de oportunidade, de circunstâncias, para conhecer outras realidades. Vale dizer que se pode estudar a cidade de São Paulo e fazer carreira aqui. Mas se a gente estudar a cidade de São Paulo, sem estudar processos de urbanização, eventualmente, de outras cidades, talvez não se tenha muita clareza o que significa estudar uma cidade. Esse ensimesmamento é bom até certo sentido porque você se aprofunda em uma realidade, mas se você não sente o que é a construção de uma metrópole, o que é uma metrópole, que seja Tóquio, Nova Iorque, Londres... É muito importante ter esse olhar de lá para cá. Eu fui dar aulas na Argentina, Panamá, México, Espanha, Japão, e nesse sentido há uma reciprocidade: a gente leva nossa visão lá para fora e a gente aprende dialogando, aprendendo a experiência deles. Cruzar experiências é muito importante. Esse intercâmbio – que se faça também com bolsa sanduíche e coisas do gênero – é muito importante porque não é porque se estuda São Paulo, Pindamonhangaba ou Sorocaba, que vocês não devam ter uma experiência exterior, porque aí a questão não é só o objeto: é o método, a metodologia. A forma como você olha o seu objeto pode ser alterada se você experimenta olhar outros lugares. Isso nos leva a aprender, a adaptar ou refletir o que não se deve fazer também.

CR: Professor, lendo algumas obras do senhor, como essas que estão aqui, *Oswaldo Bratke: Arquiteto, Arquiteturas no Brasil 1900-1990, Architectura Contemporânea Latinoamericana, Ao Amor do Público: Jardins no Brasil*, ficamos curiosos em saber quais critérios o senhor utilizou para classificá-las lá no Currículo Lattes, com aquelas estrelinhas, essas obras mais relevantes da sua carreira acadêmica. Pode nos dizer?

HS: Eu acho que os cinco que eu coloquei lá foram *Oswaldo Bratke, Arquiteturas no Brasil, Ao Amor do Público, Architectura Latinamericana* e falta um?

CR: Não, só tinham essas quatro...⁸³

HS: Bom, primeiro, *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*⁸⁴ é um *college book*, é um livro paradidático. Ele não é um livro importante por sua profundidade, mas eu o considero importante porque é um livro de introdução a

tutor, mudou-se para São Paulo e iniciou o trabalho com Francisco de Paula Ramos de Azevedo (1851-1928). Em 1894 foi convidado para integrar o corpo docente da Escola Politécnica, nas disciplinas de arquitetura e desenho. Trabalhou na Superintendência de Obras Públicas (SOP) e manteve seu escritório próprio. Ver mais em Amanda Bianco Mitre (2018).

82 SILVA, Paulo Sérgio Souza e. Acesso Memória da estação Anhangabaú do metrô. **Projeto**, São Paulo, n. 58, p. 64-66, dez. 1983; SEGAWA, Hugo. Recuperando (fotograficamente) a Ladeira da Memória. **Projeto**, São Paulo, n. 58, p. 67-72, dez. 1983.

83 No calor da conversa, escapou o livro *Prelúdio da Metrópole*.

84 SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

um campo de conhecimento. Tem uma função social, vamos dizer, de difusão, ou de acesso, de inteligibilidade a um tema que não deveria ser difícil. Arquitetura não é um bicho de sete cabeças, para ninguém, e não deveria ser. Acho que existe uma responsabilidade social de um livro paradigmático, que não é uma descoberta científica, não é uma coisa estrondosamente inédita, mas na medida que você organiza um conjunto de fatos e ideias para que outras pessoas possam, a partir disso, crescer, discordar, concordar; já cumpriu sua finalidade. Sei que alcançou, por exemplo, jornalistas, sociólogos, historiadores, que me comentaram que sua leitura foi útil. E o *Arquitectura Contemporânea Latinoamericana*⁸⁵ é a mesma coisa, porque é uma visão abrangente do assunto. Os meus colegas especialistas podem discordar, achar que é isso, que é aquilo, não importa, acho que é por isso que a gente põe a cara para bater. Isto é, concorde-se ou se discorde, daqui a dois, três, cinco, dez anos, essas ideias estarão superadas, principalmente porque o título traz o “contemporâneo”. Para mim a superação não tem a menor importância. O importante é que as pessoas leiam, se motivem a conhecer, concordem, discordem. É melhor ser massacrado, xingado, do que passar pela indiferença. Porque as ideias têm que ser discutidas; as ideias têm que ser colocadas! E têm vigência. Eu sei que há gente que detesta, que julga que é porcária, que é isso, que é aquilo, não importa. O que importa é que as pessoas reagiram e eu sei também que houve muitos professores e estudantes, muita gente que, a partir dessa obra, pôde partir para as suas próprias interpretações. O *Ao amor do Público*⁸⁶ é uma abordagem inédita sobre um tema que é a história dos jardins no Brasil, dos jardins públicos. Não havia estudos precedentes, hoje existem mais trabalhos nesse campo. Daí talvez a sua importância pioneira.

38

Já *Oswaldo Bratke*⁸⁷ foi a chance de trazer à tona um arquiteto que estava meio perdido na história e cuja obra está na paisagem da cidade de São Paulo e fora dela. Quem é esse personagem? A maneira como abordamos seu pensamento e obra, a partir de uma documentação basicamente inédita, serviu para muita gente rever arquitetura e repensar a feitura de trabalhos monográficos-biográficos. Eu acho que, assim como nós trabalhamos com Oswaldo Bratke,⁸⁸ muitos outros pesquisadores, hoje, trabalham com arquitetos ditos “desconhecidos”. Mas que deixarão de ser anônimos quando se debruçarem sobre eles e que não são Niemeyer, Lina Bo Bardi,⁸⁹ Lucio Costa, ou Vilanova Artigas. E qual é o outro livro?

85 SEGAWA, Hugo. **Arquitectura contemporânea latinoamericana**. Barcelona: Gustavo Gili, 2005. Originalmente apresentada como tese de livre docência.

86 SEGAWA, Hugo. **Ao amor do público: jardins no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1996. Originalmente apresentada como tese de doutorado.

87 SEGAWA, Hugo; DOURADO, Guilherme Mazza. **Oswaldo Arthur Bratke: arquiteto**. São Paulo: ProEditores, 1997.

88 **Oswaldo Arthur Bratke** (1907-1997), arquiteto brasileiro. Em 1926 ingressou na Escola de Engenharia Mackenzie, em um período de discussões acerca da arquitetura eclética e moderna. Pertenceu a uma geração de arquitetos de projeção nacional e internacional, como o próprio Oscar Niemeyer, mas não aprofundando modelos, como de Le Corbusier, presente no trabalho de arquitetos cariocas. Para mais informações ver Segawa (1997).

89 **Lina Bo Bardi** (1914-1992), arquiteta e escritora. Seu nome original era Achillina Bo. Lina Bo Bardi nasceu em Roma, Itália. Formou-se na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Roma em 1939. Em 1940 mudou-se para Milão, em uma Europa já com os contornos da II Guerra Mundial e uma Itália fascista. Ingressou no Partido Comunista e nos movimentos de resistência ao fascismo. Com o fim da guerra, veio para o Brasil em 1947, junto com o marido, Pietro Maria Bardi (1900-1999), com quem se casara um ano antes. São recebidos no Rio de Janeiro, por artistas e arquitetos já reconhecidos no cenário mundial. Pietro Maria Bardi foi convidado por Assis Chateaubriand (1892-968) para organizar o Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o casal estabelece residência no Brasil. Lina Bo Bardi dirigiu a revista *Habitat*, colaborou com projetos de arquitetura e design. Entre suas obras, está sua própria residência, a Casa de Vidro,

CM: Aparecem só os quatro mesmo...

FA: Qual seria o quinto agora? Tem que atualizar ...

HS: Mas não eram cinco obras?

FA: Você só pôs quatro livros. Você tem que eleger uma nova aí.

HS: O novo que vem.

FA: Ah! Vem?

HS: Sempre o próximo é o melhor livro. [risos]

FA: Também acho. [risos]. Você comentou na tua fala geral sobre o teu mestrado *Construção de Ordens*, que era um trabalho *foucaultiano*. Quais são suas referências teóricas ou por quais referências teóricas e historiográficas você passou com os trabalhos que você desenvolveu ao longo de tua vida?

HS: Cada trabalho tem seus próprios pontos de partida. O mestrado que foi *Construção de Ordens*,⁹⁰ veio de uma discussão que corria muito nos anos 1980, sobre Michel Foucault.⁹¹ Ele foi o filósofo que estava detonando, nos anos 1980, as bases epistemológicas da História. Com essas ideias sobre a microfísica do poder, do controle, do esquadramento, do disciplinar, ele estava pondo em xeque certas atitudes como a longa duração e outros procedimentos da *École des Annales* etc. E aquilo, claro, caía muito forte quando ao longo das matérias de jornais que eu fui descobrindo nos levantamentos para o Carlos Lemos, para a Ana Belluzzo. Nos jornais havia notícias sobre escolas, prisões... E quando apareciam, vinha o pensamento: “são temas malditos, não?” Ou seja: qual o arquiteto que vai desenhar uma penitenciária? Tem, claro que temos.

FA: Nenhum famoso.

HS: Ficaram na história como projetistas de prisões. Não é nenhum famoso. Escolas talvez, mas hospitais? Hospitais, também é um tema... não é maldito, mas é um tema difícil. Então o que isso causou no momento?

de 1951, e a nova sede do MASP, na Avenida Paulista, inaugurada em 1968, ambas na cidade de São Paulo/SP. Para aprofundamentos ver Fabiana Luz Tannuri (2008).

90 SEGAWA, Hugo. **Construção de ordens:** um aspecto da arquitetura no Brasil 1808-1930. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

91 **Michel Foucault** (1926-1984), filósofo, professor e historiador francês. Estudou na *École Normale Supérieure* de Paris. Teve como seu tutor nesse período o pesquisador Louis Althusser (1918-1990) e desenvolveu seu trabalho a partir do estruturalismo. A partir de 1970 tornou-se professor do *Collège de France*. Entre suas obras estão “A Arqueologia do Saber” e “Vigiar e Punir”.

Era associar a *Vigiar e Punir*, *História da Loucura*, por exemplo. Era muito forte a referência foucaultiana. Naquele momento também se discutia e se contestava as formas de escrita na História. Havia naquela época, vocês vão encontrar no livro do Eric Hobsbawm,⁹² uma discussão sobre narrativas, a volta da narrativa, isto é, aquele tipo de história que novamente é “contar histórias” e não, vamos dizer, inserir aquele fato histórico numa superestrutura, dentro de esquemas explicativos, materialismo histórico, luta de classes etc. Havia as críticas ao marxismo como de Raymond Aron,⁹³ em *A Miséria do Historicismo*.⁹⁴ Este tipo de literatura está sendo revista com certos alertas, mas não estava de todo errado, em certo sentido. Isso aconteceu no mestrado. No doutorado, que foi sobre jardins ou espaços públicos, houve o olhar ao universo da natureza, do espaço público, da reunião, da diversão: o que é o jardim? Foquei o jardim dentro da cidade barroca. Digo isso como uma forma de situar no tempo, mas as cidades do século XVIII, do século XIX, do Iluminismo, da construção artística das cidades e dos seus espaços abertos, não tinham jardins, não tinha vegetação. Me levou a perguntar: “como entra a vegetação na cidade?” Então, a questão da tese era: “como é que a natureza entra na cidade?” E mais: “que natureza é essa?” Hoje se discute, fala-se da paisagem cultural, da paisagem natural... Hoje a coisa está bastante assentada, mas quando se falava de Natureza, que raio de Natureza era essa? Então era entrar no *Declínio do Homem público* do Richard Sennett,⁹⁵ na praia do *Território do Vazio* do Alan Corbin.⁹⁶ Era a literatura que rodava nessa época, boa parte traduzida pela Companhia das Letras, vale recordar. Era *O homem e mundo natural* do Keith Thomas...⁹⁷ eram autores marxistas num certo sentido.

40

FA: Raymond Williams?

HS: Raymond Williams!

FA: Campo e cidade.

92 HOBSBAWM, Eric. A volta da Narrativa. In: **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 201-215. Li na época na revista *Past and Present*, n. 86, fev. 1980.

93 **Raymond Aron** (1905-1983), filósofo e sociólogo francês. Formou-se na *École Normale Supérieure* de Paris. Viajou para a Alemanha para aprofundamento de leituras e pesquisas. Defendeu sua tese em 1938. Após o fim da II Guerra Mundial, retorna a França e colabora com revistas e jornais, entre elas a *Les Temps Modern*, dirigida por Sartre e Maurice Merleau-Ponty.

94 ARON, Raymond. **A miséria do historicismo**. São Paulo: Cultrix, 1980.

95 **Richard Sennett (n. 1943)**, sociólogo e escritor americano. Formou-se em Sociologia pela Universidade de Chicago, em 1964, e defendeu seu doutorado em 1969, pela Universidade de Harvard. Em sua obra, aprofundou leituras de Hanna Arendt e Michel Foucault, analisando temas da arquitetura e sobre a cidade. É professor da *London School of Economics*, do *Massachusetts Institute of Technology* (MIT) e da *New York University* (NYU). Entre suas obras estão *O Declínio do homem público* e *O Artífice*.

96 **Alain Corbin** (n.1936), historiador francês. Nasceu na região da Normandia e estudou da Universidade de Caen. Foi professor da *Sorbonne Université*, na disciplina de História Contemporânea. É especialista em história da França do século XIX e história da paisagem. Foi contemplado com o prêmio de história da *Académie Française*, no ano 2000. Ver mais em Vidal (2005).

97 **Keith Thomas** (n. 1933), historiador inglês. Formou-se em História Moderna pela *Balliol College, Oxford University*. Passou toda sua carreira na Universidade de Oxford, como bolsista na *St. Antony College, All Souls College e St John's College*. Tornou-se professor de História Moderna a partir de 1986. Publicou ensaios e livros de História social e Cultural sobre o início da Inglaterra moderna, entre eles *Religião e o declínio da magia* e *O homem e o mundo natural*.

HS: *Campo e cidade*, exatamente. Enfim, tudo serviu um pouco como base, mas também havia uma produção naquele momento na Inglaterra, sobretudo, mas na França também, uma literatura sobre praças e jardins. Nos anos 1980 surgiu uma ótima literatura sobre cidades, espaços livres, e paisagismo, que é um campo da Arquitetura. Mas eu não sou daqueles que defendem: “eu sou um lefebvriano”⁹⁸ ou “eu sou um miltonsantiano”,⁹⁹ “eu sou...”, não, eu acho que as situações levam à...

FA: Teoria...

HS: A certas teorias e a assumir uma certa atitude crítica de que não dá para traduzir diretamente numa tese. Não dá para “transpor” Richard Sennett, nem o Keith Thomas para o Brasil. Mas entender que a partir do que eles escrevem, do que ele comentam, do que levantam, dá para pensar que o Keith Thomas tratando do campo, da caça, dos aristocratas ingleses nos abre caminho para pensar aqui. Nós não vamos achar aquilo que ele descreve no Brasil, não tem nada a ver. Mas, sim, para pensar o bucolismo, o pitoresco, uma série de valores que são mais abstratos, que do ponto de vista das ideias podem fazer sentido entre nós mediante os portugueses ou espanhóis que implantaram jardins ou paisagens na época colonial, a partir dessa circulação de ideias no mundo europeu. Tudo isso faz parte de uma imposição acadêmica que eu critico muito: o trabalho que tem que ter um “marco teórico” no singular. Claro que é preciso ter um domínio teórico, mas um domínio que não seja uma camisa de força. Um exemplo: existe um campo de estudo que é o *shopping center*. Os arquitetos e urbanistas detestam, criticam, mas o *shopping center* é uma realidade: tem que estudar o que é o *shopping center*, o que ele significa, como funciona. Agora há pouco, eu estive em um seminário em Porto Alegre. Havia um mestrando, que dizia: “eu vou explicar o *shopping center* a partir do Lefebvre.” Aí eu levantei e disse: “tenho uma grande dúvida: o Lefebvre escreveu sobre *shopping center*?” E agora, imagina no século XXI, o *shopping center* que viveu um problema: o rolezinho. O Lefebvre não imaginou que ia haver rolezinho. O Lefebvre não imaginou que ia ter *e-commerce*. Os shoppings estão desabando. A loja física está desabando. Então o que é falar de espaço público-privado quando um aplicativo, tipo *Airbnb* está destruindo as cidades históricas como Veneza? Veneza está sendo destruída porque todo mundo quer ceder seus cômodos para o *Airbnb*. Os venezianos estão saindo de suas casas para permitir que haja este tipo de ocupação turística. E o *Airbnb*, os aplicativos em geral, são formas privadas de interferir no espaço público. As administrações municipais não sabem como lidar com *Airbnb* ou com *Cabify*, *Uber*, que são aplicativos que interferem no espaço urbano sem nenhum controle do poder público, esvaziando ou alterando as relações de apropriação e uso nas cidades. Então qual é essa teoria? Claro que Lefebvre é muito importante de conhecer, quando ele fala do direito à cidade, essas coisas todas, mas não dá para imaginar que o Lefebvre vá explicar esses fenômenos dos aplicativos e seus impactos nas cidades. Ou é

98 Identificar-se como **lefebvriano** diz respeito a uma adesão a teorias do filósofo e sociólogo francês Henri Lefebvre (1091-1991), de uma corrente marxista do pensamento sobre a cidade. Entre suas obras estão *O direito à cidade* e *A Revolução urbana*. Ver mais em Ana Fani Alessandri Carlos (2020).

99 Identificar-se como **miltonsantiano** diz respeito a uma adesão a teorias do geógrafo brasileiro Milton Santos (1926-2001). Milton Santos foi um pesquisador brasileiro, tendo colaborado para a pesquisa e o ensino na área de geografia, e a teoria de temas como globalização, território, paisagem e cidade. Ver mais em Flavia Christina Andrade Grimm (2011).

preciso baixar o seu espírito. Então quando isso vira camisa de força, essas teorizações devem ser repensadas. Estamos aqui para repensar essas teorias, inclusive dos grandes mestres, com todo respeito. Eu creio que a gente deva ler os mestres, mas nós somos produtores de conhecimento? Sim. Senão estamos sendo reprodutores de conhecimento.

CM: Professor, tendo em vista que nas obras *Prelúdio da Metrópole* e *Ao Amor do Público*, a relação entre espaço e agentes sociais é tratada no nível das classes mais abastadas, como o senhor enxerga, atualmente, as atribuições de significados por parte dos agentes sociais ao patrimônio?

HS: Você quer dizer os agentes que definem o que é patrimônio, é isso?

CR: Isso. Outros níveis sociais. Porque eu entendi da fala do senhor e lendo o livro, que o senhor trata mais das classes mais abastadas, justamente porque estes espaços foram planejados para elas, porque havia todo um protocolo de comportamento, de vestimenta...

HS: Acho que isso é um campo extraordinário para vocês. Por quê? Porque eu trabalhei em uma escala, em um momento em que, por exemplo, este tema em *Ao Amor do Público* era um campo inexplorado. Eu operei com aqueles agentes, uma certa elite, que cria para si seus espaços. Pensando a *Plaza Mayor*, a *Plaza de Armas*, enfim, desde a época colonial, vice-reinado hispano-americano, até hoje, são sempre os espaços de poder. Aí tem o Foucault metido nessa história. Existe outra história não contada que parte, sobretudo, da documentação primária que eu não operei. Não pude operar. Eu acho que essa documentação primária é que vai dar nome aos personagens com mais clareza porque se estamos trabalhando em uma escala, como vocês mesmos constataram, de uma certa elite, é preciso varrer as demais escalas. D. João VI, o vice-rei D. Luís de Vasconcelos que fez o Passeio Público do Rio de Janeiro... ou o Ramos de Azevedo ou, enfim, todos os personagens que fazem parte de uma certa narrativa. Se usarmos alguns termos de hoje – história do homem branco, da elite –, isso leva a desvelar o contraditório, que é outro universo que não seja a representação de um certo poder, que eu não mexi. É um campo extraordinário, aberto. E eu repito: não faça mais trabalhos genéricos sobre a Lina Bo Bardi, nem Oscar Niemeyer. Não é para dizer que não é para olhar mais o Ramos de Azevedo, mas eu acho que é possível capilarizar mais esse universo porque essa história está nos documentos e na sua interpretação. Essa interpretação nos leva a reconstruir, ou melhor, ainda construir narrativas, que precisam trazer nuances que estão nos documentos. Porque o documento em si não é nada. Depende do que você leu neles, e como você relaciona o que está lá. Já estou velho para fazer isso, entrar nesse universo tão incrível como eu fiz para a Ana Belluzzo e para o Carlos Lemos. Ficar lá folheando jornal e essas coisas todas. Eu até fiz uma coisa recentemente desse modo...

CM: O que foi?

HS: Uma visão sobre a apropriação da praia do Flamengo.¹⁰⁰ Eu entrei na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional para ver as notícias do começo do século XX sobre o Flamengo, que não tinha exatamente uma praia como hoje vemos lá. E quem ocupava aquela praia, na verdade uma faixa de areia estreita? As fotos são impressionantes. Parece ser gente de toda parte. É uma praia democrática, como deveria ser o jardim. Mas aí seria incrível saber quem são essas pessoas. É algo que eu não vou conseguir mais fazer.

CR: E já pegando esse gancho, essa São Paulo que aparece nos seus trabalhos, e também de outros colegas do senhor, ela se mantém ou o senhor já consegue enxergar que esses temas dos seus trabalhos já cobertos por outras análises ou ainda restam temáticas a serem investigadas?

HS: Existem muitíssimas temáticas. Acho que podemos inventar uma a cada dia. A questão talvez seja distinguir a escala da abordagem. Porque se pode fazer uma macro-história, uma micro-história, você pode pegar as minorias, como o rapaz, colega de vocês, o Luiz [Gustavo Reis] estava fazendo sobre os negros. É um segmento incrível! Mas se você pega uma lupa, talvez você não enxergue esse universo que ele está estudando. Eu operei no volume organizado pela Paula Porta, *História da Cidade de São Paulo*,¹⁰¹ um telescópio. Não vou enxergar o que o Luiz está vendo. Vocês podem operar e, sobretudo vocês que são historiadores que dominam essas técnicas, com olhar minucioso, podem olhar com o microscópio. Essa história precisa ser feita. Muita gente ainda vai descobrir coisas sobre o Michelangelo, assim como se pode descobrir a respeito da Lina Bo Bardi ou Oscar Niemayer. Sim, muita coisa, mas precisam ter domínio de escala, de pesquisa. Saiu um livro sobre o Attilio Corrêa Lima.¹⁰² Ele é o urbanista que começou a desenhar Goiânia, em 1933 e depois foi substituído na função. Saiu um livro,¹⁰³ que é uma tese, publicando as cartas do Attilio Corrêa Lima quando ele estava na França quando fazia o curso de Urbanismo no final dos anos 1920. Ali ele emite uma série de opiniões sobre arquitetura moderna, sobre isso, sobre aquilo... Vejam: Attilio Corrêa Lima é aquele arquiteto que todo mundo acha que já sabe tudo sobre; dizem que ele é um arquiteto disso, daquilo, e que ele é importante por isso. Mas agora essas cartas trazem uma outra luz sobre esse personagem. Então é a mesma coisa sobre São Paulo: você está perguntando se ainda restam temáticas a serem investigadas. Talvez o olhar pelo microscópio acabe contando coisas que superem ou desqualifiquem o olhar pelo telescópio. Porque como todo telescópio (e microscópio) é uma lente, é óbvio que a lente pode trazer distorções.

CM: É, nessa questão, eu acho que a gente poderia então encadear aqui uma pergunta que tem tudo a

100 SEGAWA, Hugo. As praias desertas continuam esperando por nós dois: o Flamengo e o Hotel Central. Disponível em: <https://www.academia.edu/37415403/As_praias_desertas_continuam_esperando_por_n%C3%B3s_dois_o_Flamengo_e_o_Hotel_Central_The_Deserted_Beaches_Continue_Waiting_for_Both_of_Us_Flamengo_and_the_Hotel_Central> Acesso em: 28 jul. 2020.

101 SEGAWA, Hugo. São Paulo, veios e fluxos: 1872-1954. In: PORTA, Paula (Org.). **História da Cidade de São Paulo, v. 3:** a cidade na primeira metade do século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 341-385.

102 **Atílio Corrêa Lima** (1901-1943), arquiteto, urbanista, paisagista e designer. Nasceu em Roma, Itália, mas foi registrado cidadão brasileiro, pois seu pai era o escultor brasileiro José Octávio Corrêa Lima (1878-1974). Formou-se como engenheiro-arquiteto pela Escola Nacional de Belas Artes em 1925, e fez uma pós-graduação em urbanismo pela Universidade de Paris, de 1927 a 1930. Participou dos projetos do plano urbanístico das cidades de Goiânia/GO e Volta Redonda/RJ. Ver mais em Luiz Gonzaga Montans Ackel (2007).

103 DINIZ, Anamaria. **Atílio Corrêa Lima: o itinerário pioneiro do urbanista.** Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017, 2v.

ver com o que o senhor está falando, que é o que é pensar a cidade como objeto de pesquisa?

HS: A cidade é tão fascinante que é difícil pensar isso como *um* objeto. Quando digo objeto, vamos pensar juntos: o arquiteto vê a materialidade – parede [ele bate na parede da sala, de drywall]: “vai cair!” [risos]. Não, eu acho que este objeto é tão incrível, fascinante que eu não imagino que haja um limite para ver. Tem tantos jeitos de ver a cidade! Este curso é a visão de historiador, de um arquiteto, de um urbanista, de um antropólogo, mas poderia também ser a de um economista, enfim, de um...

FA: de jornalista...

HS: ... de um jornalista, de um médico. A sua pergunta toca diretamente nesse objeto tão multifacetado. Quem você trazer aqui, vai ver de um jeito. Cada um de vocês pode ver de um jeito. Embora sejam todos historiadores, aqui, eu acho que do ponto de vista do negro, do imigrante, do ponto de vista do acendedor de lampiões de rua, enfim, de múltiplas presenças, como seria a cidade? Teremos respostas lindas (ou não). Eu não tenho uma resposta muito objetiva.

FA: Hugo, quero te agradecer muito, primeiro por ter vindo inaugurar esse ciclo de formação que vai redundar nessas entrevistas todas, então, quero te agradecer por isso, por sua generosidade, pela facilidade de acesso e pelas possibilidades de termos contato com você. Estou certo que hoje saímos daqui inspirados com várias outras possibilidades de análise, de leituras e de pensamento sobre carreira, profissão e pesquisa. Então, obrigado.

HS: Bom, eu que agradeço essa possibilidade de conversa!

44



Fig. 5. Hugo Segawa fotografado com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



A CIDADE DOS URBANISTAS

Sarah Feldman

Entrevistada: Sarah Feldman

Data: 16 de outubro de 2018

Duração: 01h01

Roteiro e transcrição: Brenda Laisa, José Wagner, Karina Santos, Matan Ankava

Entrevistadores: José Wagner, Karina Santos

Notas Contextuais: Máira de Camargo Barros

Mediação: Fernando Atique

Local da entrevista: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP) – Campus Guarulhos



Fig. 1. Sarah Feldman fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.

KS: A gente gostaria que a senhora fizesse uma apresentação mais geral, indicando sua formação, idade - se quiser dizer -, origem... enfim, elementos mais para identificação.

SF: Eu, Sarah Feldman, sou formada em Arquitetura e Urbanismo, mas nunca exerci a Arquitetura, fui direto para o Urbanismo. Fiz o mestrado e o doutorado na FAU - USP com o professor Flavio Villaça.¹ Foi um privilégio ter a orientação do Flavio, um aprendizado enorme, o admiro muito. Trabalhei em planejamento antes de ir para a vida acadêmica. Trabalhei na Secretaria de Planejamento de São Paulo, quando ainda era a COGEP² (Coordenadoria Geral de Planejamento), e o coordenador era o Cândido Malta Campos Filho³. Foi muito importante para minha formação trabalhar lá naquele momento, com – cinco anos de formada, porque lá estavam Lucio Kowarick⁴, Mayumi Watanabe⁵, Gabriel Bolaffi⁶, Vicente

1 **Flávio** José Magalhães **Villaça** (n. 1929) formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, em 1953. Em 1959, tornou-se mestre em *City Planning* pelo *Georgia Institute of Technology* com a dissertação *The experience of planning and building of New Towns and its application to Brazil's new capital city*. Em 1979, recebeu o título de doutor em Geografia Física também pela Universidade de São Paulo com a tese *A estrutura territorial da metrópole sul brasileira*. Concluiu seu pós-doutorado, em 1985, pela *Lawrence Berkeley National Laboratory*. Aposentou-se como professor da Universidade de São Paulo. Foi também Chefe de Assessoria Técnica da Prefeitura Municipal de São Paulo e arquiteto da Fundação Prefeito Faria Lima. Informações colhidas em: Currículo Lattes (2020).

2 **COGEP**, Coordenadoria Geral de Planejamento, foi criada em 1972, e tinha como função cuidar, zelar e desenvolver estudos de urbanização e reurbanização a serem realizados na cidade de São Paulo. As leis de Uso e Ocupação do Solo eram de sua alçada, e com a implantação do metrô na década de 1970, passou a cuidar também das chamadas Z8, Zonas Especiais, que dentre várias especificidades, levantaram a questão da necessidade de preservação do patrimônio ambiental na cidade. Para mais informações, ver FERREIRA, 2015 e ANDRADE, 2012.

3 **Cândido Malta** Campos Filho (n. 1936) graduou-se pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU-USP, em 1959. cursou três pós-graduações voltadas à sociologia urbana, entre os anos de 1966 e 1968, com os professores Juarez Brandão Lopes e Nestor Goulart Reis Filho. Em 1967, entrou para o Grupo Executivo da Grande São Paulo- GEGRAN, sendo coordenador do Setor Territorial até 1969. Em 1970, tornou-se diretor da empresa Neves & Paoliello, uma das responsáveis pela elaboração do Plano Metropolitano de Desenvolvimento Integrado da Grande São Paulo- PMDI. Concluiu, em 1971, o mestrado em Planejamento Urbano e Regional na Universidade da Califórnia, em Berkeley e, em 1973, o doutorado. Três anos depois, assumiu a Secretaria de Planejamento da Cidade de São Paulo, permanecendo no cargo por seis anos. Em 1982, assume a diretoria da Urbe, Planejamento, Urbanismo e Arquitetura SS Ltda. Realizou seu pós-doutorado, em 1987, novamente na Universidade da Califórnia. Em 1993, formulou o Plano Diretor de Belém, no Pará. É autor dos livros: *A Grande São Paulo: Trabalhos e Entrevistas de 1965 a 1973* (1987), *Controle ou o Caos* (1989), e *Reinvente seu Bairro: Caminhos para Você Participar do Planejamento de sua Cidade* (2003). Para mais informações: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

4 **Lucio Kowarick** (n. 1938) formou-se em Ciências Políticas e Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1961. Recebeu o título de mestre em Ciências Sociais pela *Diplôme D'études Approfondies en Sciences Sociales*, em 1967, e tornou-se doutor em Sociologia pela Universidade de São Paulo, em 1973. Dez anos depois, concluiu a livre-docência pelo Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo. Encontra-se aposentado, porém ministra na pós-graduação deste departamento a disciplina: *Movimento Sociais, Sociedade Civil e Sub (Cidadania): Teorias e Realidades*. É autor dos livros: *A Espoliação Urbana*, de 1983, *Escritos Urbanos*, de 2000 e *Viver em Risco*, de 2009. Este último recebeu o Prêmio Jabuti em 2010, na categoria Ciências Humanas. Informações colhidas em: Biblioteca Virtual da FAPESP (2020) e Wikipedia (2020).

5 **Mayumi Watanabe de Souza Lima** (1934-1994) nascida no Japão, naturalizou-se brasileira em 1956, ano em que ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU-USP, formando-se em 1960. Ainda graduanda, estagiou com os arquitetos Lina Bo Bardi, Joaquim Guedes e Vilanova Artigas. No início dos anos 1960, fez sua pesquisa de mestrado na Universidade de Brasília- UNB, na área de História e Filosofia da Educação, sob orientação de João Filgueiras Lima, o Lelé. Dividiu sua carreira entre a academia e o serviço público, desenvolvendo projetos de complexos escolares e universitários, sempre pautados pela qualidade, pela construção racional e aplicando os conceitos de seu mestrado. Para mais informações ver: <https://www.revistahabitare.com.br/arquitetura/mayumi-watanabe/>

6 **Gabriel Bolaffi** (1934-2011) nascido em Turim, Itália, migrou com a família para o Brasil em 1939 fugindo das tropas de Hitler. Formou-se, em 1959, em Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo- FFCL-USP. A partir de 1960, ministrou aulas na mesma faculdade. Em 1962, passou a compor o Núcleo de Fundamentos Sociais e Econômicos da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo ainda na Universidade de São Paulo. Em 1968, tornou-se doutor pela Universidade de Washington. Nos anos de 1976 e 1977, foi professor visitante na Universidade de Sussex e, em 1988, na Universidade de Nova York. Paralelamente a academia, trabalhou na Empresa Municipal de Urbanização- EMURB e na Companhia Metropolitana de Habitação- COHAB. É autor dos livros: *A Casa das Ilusões Perdidas: aspectos socio-econômicos do Plano Nacional de Habitação*, de 1977; *A Saga da Comida*, de 2000 e *O Legado de Renata*, de 2006. Outras informações em: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

Trevas,⁷ Luís Carlos Costa⁸, Flavio Villaça. Foi com essa geração de profissionais que iniciei a prática em planejamento. Lá dentro aconteceu uma coisa importante para eu ir para a pesquisa depois. O Gabriel Bolaffi resolveu fazer uma pesquisa sobre evolução dos preços de terrenos em São Paulo, de 1900 a 1978, e o Cândido Malta topou. Assim, o Bolaffi foi juntando pessoas que trabalhavam na COGEP. Estava na equipe, além de mim, a Nádia Somekh⁹, a Clara Ant¹⁰, a Ana Fernandes¹¹, o Paulo César Xavier [Pereira]¹² entre outros. O consultor da pesquisa era o Warren Dean¹³. A gente fazia seminários, lendo e discutindo toda a bibliografia sobre São Paulo. Para a coleta de valores de terreno, fizemos pesquisa em jornal, no acervo do jornal físico, lendo e selecionando anúncios de venda de terrenos, indo lá, folheando jornal por jornal. O Warren Dean montou um conjunto de indicadores que tinham que ser pesquisados nos acervos de várias bibliotecas. Eu fui pesquisar no Seade e na FGV. O Warren Dean foi comigo na primeira vez, em um e no outro [arquivo]. E, entre outras coisas que

7 **Vicente Trevas**, Cientista Social, possui atuação nas áreas de sociologia e ciência política. Foi um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores, em 1980. Desenvolveu longa trajetória política nos quadros do PT e foi parte dos governos municipais de SP, e da presidência da república do governo Lula da Silva. Informações advindas de <https://fpabramo.org.br/tv-fpa/entrevistafpa-com-vicente-trevas/>

8 **Luís Carlos Costa** (1935-2018) graduou-se em 1958, concluiu seu mestrado em 1983 e seu doutorado em 1994, na Universidade de São Paulo, onde também foi professor. Informações em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2018/03/mortes-arquiteto-luiz-costa-lutou-por-uma-cidade-mais-democratica.shtml>

9 **Nádia Somekh** formou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo em 1976. Pela mesma Universidade tornou-se mestre, em 1987, e doutora, em 1994. É professora emérita da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Mackenzie, onde leciona desde 1987. Foi presidente do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo- COMPRESP e diretora do Departamento do Patrimônio Histórico da Prefeitura de São Paulo- DPH entre 2013 e 2016. Ocupou em sua trajetória profissional uma série de cargos públicos entre eles: Secretária de Desenvolvimento Econômico de Santo André e presidente da Empresa Municipal de Urbanização da cidade de São Paulo- EMURB. É professora convidada do *Institut d'Urbanisme* de Paris e da Universidade de *Cergy Pontoise*. Ainda, é autora do livro *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. Para mais informações ver: Currículo Lattes (2020).

10 **Clara Levin Ant** (n. 1948) concluiu a graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo em 1975. Foi professora de Planejamento Urbano na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas-PUCCAMP em 1977, entre os anos de 1981 e 1986 e, novamente, entre 1991 e 1993. Foi uma das fundadoras e dirigente da Central Única dos Trabalhadores-CUT. Elegeram-se deputada estadual pelo Partido dos Trabalhadores - PT em 1987. Dentro do partido ocupou diversos cargos, entre eles o de tesoureira nacional e assessora do presidente, a época Luiz Inácio Lula da Silva. Participou da estruturação de projetos sociais como o Fome Zero e o Segurança Pública na gestão do ex-presidente da república Lula, além de ser sua assessora especial. Em 2010, recebeu o prêmio de “Arquiteta do Ano” pela Federação Nacional dos Arquitetos e Urbanistas. Desde 2011 coordena as atividades no continente africano do Instituto Lula. Para mais informações: <https://www.ebad.info/ant-clara>.

11 **Ana Maria Fernandes** graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo em 1978. Fez mestrado em *Diplôme D'études Approfondies*, em 1982, e doutorado em *Amenagement et Environnement*, em 1985, ambos pela Universidade de Paris XII. Possui pós-doutoramento pela Universidade de Columbia (1996-1997) e pela Escola de Arquitetura de Paris Malaquais (2004). Desde 1985, é professora na Universidade Federal da Bahia - UFBA, onde coordena o grupo de pesquisa Lugar Comum. Ver: <https://ppgau.ufba.br/ana-maria-fernandes> e Currículo Lattes (2020).

12 **Paulo Cesar Xavier Pereira** formou-se bacharel em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo em 1974, sendo licenciado pela mesma Universidade em 1975. Também pela Universidade de São Paulo, em 1984, tornou-se mestre em Ciências Sociais e, em 1990, doutor em Ciência Política. Desenvolveu seu pós-doutorado na *École d'Architecture* de Grenoble no ano de 1992. É professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo desde 1978. Autor do livro *São Paulo, a Construção da Cidade - 1872-1914*. Informações contidas em: <http://www.fau.usp.br/docentes/paulo-cesar-xavier-pereira/>

13 **Warren Kempton Dean** (1932-1994), Estadunidense, cursou História na Universidade de Miami. Em sequência, participou do programa *Reserve Officer Training Corps*, tornando-se segundo tenente da força aérea dos Estados Unidos. Serviu ao exército na Guerra da Coreia como controlador de tráfego aéreo. Após o serviço militar, ingressou no Programa em História da América Latina na Universidade da Flórida, tornando-se doutor em 1964 com a dissertação *A Elite Industrial de São Paulo, 1890-1960*. Foi professor da Universidade do Texas em Austin, entre os anos de 1965 e 1970, e da Universidade de Nova York de 1970 até seu falecimento, em 1994. Articulou o Comitê Americano para Informação sobre o Brasil, durante a ditadura civil-militar, denunciando os casos de tortura promovidos pelo regime. Dedicou-se à pesquisa da temática brasileira, estando no país diversas vezes e escrevendo livros como: *A industrialização de São Paulo, Rio Claro: um sistema brasileiro de “plantation”* e *A Luta Pela Borracha no Brasil*. Outras informações ver: <https://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00547> e Wikipedia (2020).

Fig. 2. Sarah Feldman fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



49

eu aprendi com ele, além de pesquisar e trabalhar os indicadores, foi que nos dois lugares, a primeira coisa que ele fez quando chegou foi falar com a bibliotecária e oferecer um livro dele. Certo? Aí as portas se abriam. Essa pesquisa foi muito importante para mim. Aprendi muita coisa... aprendi a pensar a cidade. Era um grupo excelente, e foi fundamental para eu decidir fazer o mestrado.

KS: Sarah, a gente queria que a senhora comentasse também como que se deu a escolha da carreira, o que te levou a escolher arquitetura, se houve alguma experiência anterior que seja importante para essa escolha, enfim...

SF: Eu, na verdade, desenhava, gostava muito de desenhar e não tinha curso de Artes Plásticas ainda

em São Paulo. Arquitetura..., bem, eu sou prima do Abrahão Sanovicz¹⁴, e tinha a referência dele, que já era um arquiteto reconhecido. Mas eu não me enxergava na Arquitetura, não era bem isso.... Então eu fui fazer cursinho para Psicologia, mas no meio do cursinho eu desisti. Fui fazer Arquitetura, mas acabei me descobrindo mesmo foi no Urbanismo, porque na época, final dos anos 1960, o Planejamento estava bombando. No segundo ano eu já fui fazer estágio em Planejamento.

KS: E, Sarah, qual que era a sua percepção enquanto estudante de Arquitetura e Urbanismo em relação ao contexto político, considerando o Regime Militar no Brasil? Como como que esse período ditatorial influenciava no planejamento urbano? Enfim, a gente queria que a senhora falasse de uma forma mais ampla o que era, qual era a sua percepção, nesse contexto político que era um período de exceção do Brasil, tanto de uma perspectiva pessoal - como que a senhora percebia isso enquanto aluna - e, para além disso, como era a sua percepção em relação a pensar o planejamento urbano, dado esse contexto? A gente sabe também que tem essa questão aí, de uma experiência de estudar no Mackenzie¹⁵ no contexto da Ditadura, da herança da batalha do Maria Antônia, enfim, várias questões atravessam esse período.

SF: Do ponto de vista pessoal... Eu estudava no Mackenzie quando aconteceu a guerra na [Rua] Maria Antônia¹⁶ e, dentro do Mackenzie, havia o CCC- Comando de Caça aos Comunistas¹⁷, formado pelo pessoal do

14 **Abrahão Velvu Sanovicz** (1933-1999) ingressou na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - FAU-USP-, em 1954, onde participou do Centro de Estudos Folclóricos e do Centro de Estudos Brasileiros. Em 1959, foi contemplado com uma bolsa do Círculo Italiano de São Paulo para estagiar no escritório do designer italiano Marcello Nizzoli (1887 - 1969), em Milão. Em 1962, tornou-se professor de desenho industrial em sua universidade de origem, migrando, em 1970, para as disciplinas de projeto de edificações, permanecendo na Universidade de São Paulo até seu falecimento. No início dos anos 1970, aceitou o convite do arquiteto Oswaldo Corrêa Gonçalves (1917 - 2005) e contribuiu para a estruturação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos - FAUS -, sendo responsável pelo curso de desenho industrial. Em 1976, devido à bagagem adquirida em Santos é convidado para formular, juntamente com Júlio Roberto Katinsky (n. 1932), seu colega naquela universidade, os cursos de desenho industrial e comunicação visual do Instituto de Arquitetura da Universidade de Brasília. Para informações ver: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

15 **Mackenzie** ou Universidade Presbiteriana Mackenzie é uma instituição de ensino superior privada, mantida pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie, uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, de finalidade educacional e filantrópica. A instituição originou-se a partir da Escola Americana, fundada no Brasil ainda no século XIX. Em 1896 foi inaugurada a Escola de Engenharia, sendo a mais antiga escola privada do país, em um prédio nomeado Edifício Mackenzie, tendo origem o Mackenzie College. Em 1952, o centro educacional foi elevado à categoria de universidade. Informações extraídas de: <https://www.mackenzie.br/universidade/conheca-a-universidade/>

16 **Guerra da Rua Maria Antônia**, conhecida também como Batalha da Rua Maria Antônia, foi um confronto ocorrido nos dias 02 e 03 de outubro de 1968, entre alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo- FFCL-USP, que se opunham à ditadura civil-militar, e da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em alguma medida, simpatizantes do regime. A batalha, motivada por pedágio cobrado pelos alunos da USP para reverter renda para o Congresso Nacional dos Estudantes foi bastante violenta, ocasionando a morte de um estudante do Colégio Marina Cintra, José Carlos Guimarães, e incêndio no edifício da Universidade de São Paulo. Informações: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/09/com-usp-a-esquerda-e-mackenzie-a-direita-batalha-da-maria-antonia-faz-50-anos.shtml> e Wikipedia (2020).

17 **CCC- Comando de Caça aos Comunistas** surgiu no ano de 1964 da junção de grupos de extrema direita como os intitulados “Canalha” do Colégio Mackenzie e os “Matadores” da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. O comando engajou-se na derrubada de João Goulart da presidência da República ainda no ano de sua formação. Em 1968, parte de seus componentes protagonizou com alunos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo- FFCL-USP a chamada Batalha da Rua Maria Antônia (ver nota 14). No mesmo ano, invadiu o Teatro Ruth Escobar na capital paulista e o Teatro Mesbla, no Rio de Janeiro, espancando atores. Em 1975, o CCC voltou a agir em represália às manifestações contra a morte do jornalista Vladimir Herzog. Teve atuação também no estado de Minas Gerais. O grupo perdeu até finais dos anos 1970, atuando neste período contra setores da Igreja Católica Romana e protestantes e entidades a favor da anistia. Para mais informações: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comando-de-caca-aos-comunistas-ccc>

Direito e que provocou a briga. Na Arquitetura, eu tinha um grupo que não compartilhava com nada daquilo. Então a gente estava do lado de lá da calçada da Maria Antônia. E no Mackenzie tínhamos uma atuação que incomodava. Tanto é que na minha turma éramos eu, o Edson Elito¹⁸, o Léo Tomchinsky, o Paulo Montoro¹⁹, filho do Franco Montoro, Ana Ancona, Cristiano Amaral, Marilisa Fernandes, Wilson Barros²⁰(que depois foi fazer cinema), um grupo atuante. Houve um concurso de símbolo do Mackenzie, e fizemos um símbolo com o M: dois M deslocados que, na verdade, formavam duas suásticas. Numa das pranchas de apresentação do trabalho, na aplicação do símbolo, por exemplo, a gente aplicou em uma braçadeira. O nosso símbolo não foi exposto, e depois disso fomos chamados, um por um, pelo diretor, que na época era um topógrafo, Joaquim Pedro. Para cada um de nós, individualmente, falou que se não ficasse quietinho, ele iria pedir a transferência... Enfim, foi uma situação de conflito. O curso, até o segundo ano, foi muito bacana. Tinha professores excelentes, Amélia Toledo²¹ era professora, Ubirajara Ribeiro²², Maurício Nogueira Lima²³, Paulo Bastos, no período em que

18 **Edson Jorge Elito** graduou-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie. Desde 1998 é sócio do escritório Elito Arquitetos. É professor licenciado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Braz Cubas. Atuou no IAB em diversos cargos, sendo vice-presidente entre 1998 e 1999. <http://elitoarquitetos.com.br/equipe.html>

19 **Paulo Guilherme Franco Montoro** (1947-2017). Filho do ex-governador paulista André Franco Montoro, formou-se arquiteto urbanista pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pautou seu trabalho no uso da técnica construtiva em terra chamada taipa-de-pilão para a produção de obras contemporâneas. Para outras informações ver: <https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/12/1944974-mortes-um-arquiteto-que-construiu-casas-com-terra.shtml>

20 **Wilson Barros** (1948-1992) iniciou a graduação em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1967, porém transferiu-se no ano seguinte para a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP, abandonando-a para se dedicar ao cinema. Após ampla vivência na área, e tendo residido em Londres, Paris e Estocolmo começou, em 1975, a cursar cinema na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo- ECA. Fez pós-graduação e, em 1981, começou a lecionar direção e roteiro na mesma Escola. Em 1983, tornou-se mestre e foi para a Universidade de Nova York onde fez seu doutorado. Entre 1985 e 1986, filmou o longa-metragem *Anjos da Noite*, que foi premiado no Festival de Gramado com o Kikito em 1987. Ainda, produziu uma série de curtas metragens: *Tigresa* (1976), *Disaster Movie* (1978), *Maria da Luz* (1981), *Verão* (1983), *Diversões Solitárias* (1983). Para informações ver: Enciclopédia Itaú Cultural (2020) e Wikipedia (2020).

21 **Amélia Toledo** (1926-2017) artista plástica, atuou em diferentes áreas como: gravura, escultura, pintura, design de joias, caracterizando sua obra pelo uso da matéria concreta de forma singular, trabalhando reflexo, peso, transparência, densidade. Estudou na *London Country Council Central School of Arts and Crafts*. Foi professora na Universidade de Brasília- UNB e, em São Paulo, na Fundação Armando Álvares Penteado- FAAP e na Universidade Presbiteriana Mackenzie. No Rio de Janeiro, lecionou na Escola Superior de Desenho Industrial – ESDI -e, em Lisboa, na Sociedade Nacional de Belas Artes. Em 2010, recebeu a condecoração da Ordem do Ipiranga, prêmio concedido pelo governador do Estado de São Paulo. Outras informações ver: Enciclopédia Itaú Cultural (2020) e Wikipedia (2020).

22 **Ubirajara Motta Lima Ribeiro** (1930-2002). Em 1948, estudou pintura com Vicente Mecozzi e, entre 1952 e 1954 com Pedro Corona, João Rossi e Waldemar da Costa. Graduiu-se em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Mackenzie, em 1954. Em 1956, frequentou o curso livre de gravura da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia- UFBA. Fez estágio, em 1960, no escritório dos arquitetos Guillaume Gillet e Paul Chemetov em Paris, através de bolsa de estudos concedida pelo governo francês. Integrou, após seu retorno ao Brasil, o grupo dos cinco arquitetos-pintores composto também por Sérgio Ferro, Maurício Nogueira Lima, Flávio Império e Samuel Szpigel. Para mais informações: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

23 **Maurício Nogueira Lima** (1930-1999) graduou-se arquiteto-urbanista pela Universidade Mackenzie em 1957. Tornou-se mestre em Estruturas Ambientais Urbanas, pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo- FAU-USP com a dissertação **Da cidade para a cidade**. Em 1967, foi contratado pela Fundação Armando Álvares Penteado- FAAP como professor titular de Composição e Iniciação às Artes Industriais da Faculdade de Artes e Comunicações, e como diretor do curso de Formação de Professores de Desenho. Em 1970, tornou-se professor da Universidade Braz Cubas, permanecendo por dezesseis anos na instituição. Ainda ministrou, de 1970 a 1977, a disciplina de Estética e História da Arte na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Tatuí. Sua produção foi vasta, dedicando-se no campo da arquitetura a projetos promocionais, na área de design gráfico a concepção de logomarcas e a painéis no campo das artes plásticas. Destacam-se, em sua obra, os painéis produzidos para as estações de metrô Santana e São Bento, na cidade de São Paulo. Para mais informações: <http://mauricionogueiralima.com.br/o-artista.html>



Fig. 3. Sarah Feldman fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de E. Atique, 2018.

o Salvador Candia²⁴ foi diretor. Um período curto e muito bom. O Candia trouxe essas pessoas todas mas, depois, com o AI5 e tudo mais, ele saiu e entrou o topógrafo. Cada um foi trabalhar, fazer estágio, pois o curso decaiu. Em Planejamento, eu fiz um estágio que foi muito interessante na Sociplan, que era uma empresa de consultoria, pequena, que fazia planos e projetos para prefeituras. Trabalhavam lá o José Expedito Prata, o João Carlos Martins, o Teiji Tomioka... era um espaço que não estava a serviço da Ditadura e eu aprendi muito nos trabalhos. Trabalhei com o Prata (que eu descobri agora que é pai da [arquiteta] Juliana Prata), que depois se tornou assessor do Sérgio Motta²⁵, que foi diretor da Sociplan e se tornou ministro no governo de FHC. E eu era ligada à contracultura; eu morei em comunidade. Era uma comunidade urbana, todo mundo trabalhava. Foi na época em que o Sérgio

24 **Salvador Candia** (1924-1991) em 1948, formou-se arquiteto pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Presbiteriana Mackenzie. No período participou do grupo de alunos responsáveis pela criação da revista **Pilotis**, juntamente com Carlos Millan, Jorge Wilhelm e Luiz Roberto Carvalho Franco. Viajou aos Estados Unidos da América e à Europa, em 1947, fazendo importantes contatos e aproximando-se da obra do arquiteto Mies Van Der Rohe. Em 1948, fundou o Museu de Arte Moderna de São Paulo juntamente com uma série de artistas e intelectuais. Foi o primeiro colocado no concurso nacional para a Estação Ferroviária da Pampulha, em 1950, projeto desenvolvido em parceria com Jacob Ruchti. Foi diretor da Faculdade Presbiteriana Mackenzie entre 1967 e 1969. A partir dos anos 1950, desenvolveu projetos de edifícios residenciais e comerciais com importantes arquitetos do cenário paulistano como: Roberto Aflalo, Giancarlo Gasperini e Plínio Croce. Para outras informações ver: Enciclopédia Itaú Cultural (2020).

25 **Sérgio Roberto Vieira da Motta** (1940-1998). Em 1967, graduou-se em Engenharia Industrial na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- PUC-SP. Na década de 1970, foi o responsável pelo jornal semanal *Movimento*, o qual fazia oposição à ditadura civil-militar, postura que adotara desde a graduação. Em 1975, se aproximou de Fernando Henrique Cardoso- FHC, inserindo-se no meio político a partir de então e participando ativamente de suas campanhas. Em 1986, assumiu a vice-presidência da Eletropaulo e no ano seguinte, a presidência da Hidrobrasileira. Compôs o grupo de fundadores do Partido da Social-Democracia Brasileira- PSDB - no ano de 1988. Foi o coordenador da campanha vitoriosa de FHC à presidência, tornando-se Ministro das Comunicações daquele governo. No posto, incentivou a telefonia móvel e a privatização do sistema no país. Outras informações: <https://www.correioims.com.br/perfil/sergio-motta/> e Wikipédia (2020).

Fleury²⁶ era o delegado, o Flávio Cavalcanti²⁷ tinha um programa de TV, e ele usava um bordão assim: “qualquer movimentação estranha na vizinhança, denuncie”. E denunciaram a nossa casa. Eu era casada com o pai da minha filha, ele era estudante de medicina, na [Escola] Paulista [de Medicina]²⁸, e essa comunidade foi uma junção de gente da Arquitetura e da Medicina. Era uma casa perto do Hospital São Paulo e eu estava fazendo estágio na Socioplan. Um dia, quando voltei para casa, fui abrir a porta, senti uma coisa nas minhas costas. Era um rapaz com um fuzil. Daí abriram a porta, e já havia um grupo lá dentro de casa, todos à paisana, e um amigo e uma amiga que moravam lá, algemados. Tinham achado documentos do Movimento Estudantil no meu quarto. O Momtchilo [Russo] dava aula à noite em um cursinho de Madureza²⁹. Como eles tinham achado material e já estavam averiguando, queriam saber: “cadê o professor, onde está o professor?” E aí levaram, a mim e ao casal, que eram da Medicina da EPM, para o DEOPS³⁰. Eu não tinha ideia de onde estava o Momtchilo. Quando chegamos no DEOPS, por um ou dois segundos, nos cruzamos, e eu falei para ele: “eu vou dizer que eu sou Mackenzista”, e eu dei uma de Mackenzista, que “não sei de nada”, mas ficamos uma semana lá, em solitária, e fui interrogada pelo Fleury e sua equipe. Eles acharam que tinham encontrado um super “aparelho”³¹. Tinham informações do que acontecia na nossa casa: “um casal que foi levar uma televisão” - eram os meus pais -, que “não tinha móveis convencionais na casa”. Constataram que não era um “aparelho”, e depois de uma semana nos soltaram. Agora, o interessante é contar para vocês como eles pegaram o Momtchilo. Eles foram ao local em que ele dava aula, esperaram ele sair. Ele tinha um Fusca, e quando parou em um farol, entraram dois caras: ele não sabia se eram

26 **Sérgio** Fernando **Paranhos Fleury** (1933-1979). Formou-se em direito, atuando como delegado desde 1966. Em 1968, começou a atuar no Departamento de Ordem Política e Social – DOPS. Ficou conhecido pelos interrogatórios em que praticava a tortura, levando muitos detidos à morte. Foi responsável pela morte do opositor do regime Carlos Marighella durante uma captura por ele comandada. Pelos serviços prestados durante a ditadura civil-militar recebeu condecorações: a Medalha do Pacificador do Exército Brasileiro e a Medalha Amigo da Marinha, da Marinha do Brasil. Para mais informações: <http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-ditadura/delegado-fleury/> e Wikipedia (2020).

27 **Flávio** Antônio Barbosa Nogueira **Cavalcanti** (1923-1986). Foi repórter de jornais impressos, porém se destacou como apresentador de programas de auditório com quadros populares de conteúdo sensacionalista, nas décadas de 1960 e 1970, na extinta TV Tupi. Foi responsável pelo primeiro júri da televisão brasileira e pelo primeiro programa transmitido para todo o país, o *Programa Flávio Cavalcanti*. Figura controversa, era apoiador do regime militar, aproveitando-se de seu programa para se posicionar. Informações contidas em: Wikipedia (2020).

28 **Escola Paulista de Medicina** foi fundada em 1933, por um grupo de médicos e cientistas de renome, foi a décima primeira escola de medicina do país, sendo reconhecida em 1938. Em 1956, a instituição foi federalizada. Foi a primeira escola de medicina do país a ter um hospital-escola, o Hospital São Paulo, projetado pelo arquiteto Alexandre Albuquerque. Em 1994, recebeu o título de Universidade Federal de São Paulo- UNIFESP. Na atualidade, a Universidade expandiu suas áreas de atuação para além da saúde, apresentando *campi* em sete cidades do Estado de São Paulo. Para mais informações: <https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/3906-escola-paulista-de-medicina-e-escola-paulista-de-enfermagem>

29 **Programa Madureza**, formulado a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1961, era um curso voltado à formação de jovens e adultos, tendo como objetivo a conclusão dos antigos períodos escolares ginasial e colegial. Eram exigidas as idades mínimas de 16 anos para ingressar no ginásio e de 19 anos para o colegial. Em 1971, a modalidade de ensino foi substituída pelo programa Minerva. Para outras informações: <https://www.educabrasil.com.br/madureza/>

30 **DEOPS – Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo** - foi fundado em 1924, com o intuito de reprimir atitudes e agitações políticas tidas como prejudiciais à convivência social, chamada de ordem pelos governantes da época. Serviu principalmente para a repressão dos contrários à ditadura varguista e à ditadura civil-militar instaurada no país em 1964. Foi extinto em 1983, no contexto da abertura política no Brasil. Informações: arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/textual/deops.

31 **Aparelho** é um termo usado na ditadura civil-militar para se referir a locais nos quais moravam e/ou reuniam-se membros organizados opositores ao regime. Estes espaços poderiam servir além de moradia e reuniões, como depósito de material de divulgação, armas e esconderijo para perseguidos. Informações: Wikipedia (2020).

ligados ao Esquadrão da Morte (que o Hélio Bicudo³² investigou), grupo que atacava e matava as pessoas. Naquela época, o termo que usavam para as pessoas desaparecidas era “virar *presunto*”. Havia também a chance de ser um grupo ligado a assalto a bancos. Ele não sabia para onde estava indo, até chegar no DEOPS. Quer dizer, fomos presos somente porque estávamos morando de uma forma diferente, em uma habitação coletiva, uma moradia coletiva, comunitária. Para nós era uma proposta, uma experiência de vida fora dos padrões convencionais.

KS: A década era 1980, como foi a recepção da temática da prostituição no âmbito da Arquitetura?

SF: Foi interessantíssimo! Eu resolvi estudar este tema porque a segregação espacial era a questão em pauta nos estudos de Urbanismo. Eu queria trabalhar a segregação, mas não pela explicação estritamente econômica, eu queria trabalhar a segregação envolvendo outras questões, valores culturais. Resolvi estudar os territórios de prostituição, porque morei no Bom Retiro, onde foi instalado um território de prostituição... A minha avó morava na [Alameda] Dino Bueno, que agora é próxima da chamada “Cracolândia”³³. Era uma área legal, no entorno de Campos Elíseos perto do SESC [Bom Retiro]. Ela morava em um predinho dos anos 1940, e eu ia a pé com meu pai, e atravessava um pedaço da Alameda Nothmann que era um limite da zona de prostituição. Quando decidi estudar os territórios de prostituição, eu não sabia com quem eu poderia fazer um mestrado com este tema. O [Flávio] Villaça estava na COGEP, e eu achei que ele toparia porque, além de estudar a segregação, ele era homossexual assumido e teria abertura para o tema. E, de fato, quando fui falar com ele, adorou, me ajudou, e... até aí tudo bem! Quando eu fui fazer a primeira disciplina que era Metodologia de Pesquisa, que discutia os projetos de pesquisa na FAU-USP, quem ministrava a disciplina era o Nestor Goulart [Reis Filho]³⁴

◀ A TEMÁTICA DA
PROSTITUIÇÃO NA
ARQUITETURA E URBANISMO
NOS ANOS 1980;
A PRESENÇA DA MULHER
DISCENTE E DOCENTE NA SUA
GRADUAÇÃO;
EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS
MARCANTES.

32 **Hélio Bicudo** (1922-2018) tornou-se bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, em 1946, pela Faculdade de Direito de São Paulo. No ano seguinte, após prestar concurso, foi nomeado promotor público. Depois de exercer seu ofício em uma série de cidades do interior do estado de São Paulo, foi nomeado assessor do governador à época, Carlos Alberto de Carvalho Pinto, em 1959. Neste ano, representou-o na comissão de formação da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP. Em 1963, assumiu o gabinete de Carvalho Pinto, naquele momento Ministro da Fazenda do governo de João Goulart. A partir de 1964, com a instauração do regime militar, passa a exercer funções em empresas privadas. Em 1970, denuncia e torna-se responsável pela investigação acerca do Esquadrão da Morte, porém, devido ao clima político da época, as investigações foram paralisadas. Em 1980, filia-se ao Partido dos Trabalhadores- PT ocupando diversos cargos de chefia. Foi eleito deputado por São Paulo por dois mandatos 1991-1994 e 1994-1998. Em 2000, foi eleito presidente da Comissão Interamericana de Direitos Humanos, pertencente a Organização dos Estados Americanos- OEA. Foi vice-prefeito da cidade de São Paulo, na gestão Marta Suplicy. Criou a Fundação Interamericana de Defesa dos Direitos Humanos, voltada ao fortalecimento da defesa dos direitos humanos nas Américas. Em 2005, desfilou-se do PT em meio as investigações sobre o “mensalão”. Teve sua vida pautada pela defesa dos direitos humanos e das minorias. Para mais informações: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helio-pereira-bicudo>

33 **Cracolândia** é um termo utilizado para designar a região entre os bairros de Santa Efigênia e Campos Elíseos – especialmente entre as Avenidas Duque de Caxias, Ipiranga, Rio Branco, Cásper Libero, Rua Mauá, Alameda Dino Bueno e Praça Princesa Isabel - marcada pelo intenso tráfico de drogas e prostituição. Há número significativo de dependentes químicos, em especial usuários de crack que vivem nas ruas da região. A Cracolândia esteve no alvo das ações do mercado imobiliário e da municipalidade nas últimas décadas, que para a área desenvolveram projetos com nítidos traços de gentrificação. Informações: Wikipedia (2020).

34 **Nestor Goulart Reis Filho** (n.1931) Na Universidade de São Paulo, formou-se em Arquitetura e Urbanismo em 1955 e em Ciências Sociais em 1962. Entrou na docência, em 1956, como assistente do Professor Eduardo Kneese de Mello, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade. Em 1962, participou da formação do Departamento de História e Estética do Projeto, tornando-se responsável pela disciplina de História e Estética do Projeto e Evolução Urbana. Em 1964, defendeu a tese *Contribuição ao Estudo da Evolução Urbana do Brasil: 1500-1720*, a qual foi publicada em 1968. Entre 1972 e 1976, esteve à frente da FAU-USP, contribuindo para a implantação da pós-graduação. Foi vice-presidente e presidente da Empresa Municipal de Urbanização de São Paulo- EMURB - entre os anos de 1973 e 1975 e entre 1975 e 1979, respectivamente. Também presidiu o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,

e o Celso Monteiro Lamparelli³⁵. A minha proposta era estudar do ponto de vista do espaço a prostituição. Foi um superesforço para mim, pegar uma questão que era trabalhada nas Ciências Sociais e na Antropologia, em especial, e trazer para o meu campo... Foi um aprendizado que nunca abandonei. A Ana Lanna³⁶ me fez perceber isso, quando, há alguns anos, me disse: você faz bem isso, de trazer [para a história urbana] discussões de outros campos... Está aí a origem. Quando eu apresentei o projeto, o Nestor teve uma reação dizendo que aquilo não era projeto para ser desenvolvido na FAU, que não tinha por quê. E quem me defendeu foi o Celso Lamparelli, porque o Celso tinha uma abertura, ele estava lendo [Michel] Foucault³⁷, e eu estava muito foucaultiana na época. Então foi o Lamparelli quem virou o jogo, mas a reação foi forte [risos]! Mas, já ao longo do mestrado, o meu trabalho foi sendo aceito.

KS: Considerando a entrada das mulheres no ensino superior nesse período da década de 1970, como era a configuração da sua turma? Geralmente, sabemos que era bastante retraída a entrada das mulheres no ensino superior. Eu queria que comentasse como era para a senhora, em uma perspectiva de gênero, esta defasagem em relação aos estudantes.

SF: Na profissão?

Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo- CONDEPHAAT -, entre 1975 e 1980. Participou do Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano, em 1986 e 1987, e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) desde 1990. Aposentou-se em 2001, mas segue como professor da pós-graduação, pesquisador do Laboratório de Estudos sobre Urbanização, Arquitetura e Preservação (LAP) e membro do conselho e da comissão editorial dos Cadernos de Pesquisa do LAP. É autor dos livros: *Quadro da Arquitetura no Brasil* (1970); *Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial* (2000), *São Paulo: Vila, Cidade, Metrópole* (2004), *Victor Dubugras: Precursor da Arquitetura Moderna na América Latina* (2005) e *Dois Séculos de Projetos no Estado de São Paulo: Grandes Obras e Urbanização* (2010). Informações: Enciclopédia Itaú Cultural (2020) e <http://www.fau.usp.br/docentes/nestor-goulart-reis-filho/>

35 **Celso Monteiro Lamparelli** Arquiteto e Urbanista pela Universidade do Brasil – atual FAU da UFRJ – em 1956, é Livre-Docente pela Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo (1964) e Professor Titular Aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAU - da Universidade de São Paulo. Na USP, lecionou, primeiramente na EESC, de 1962 a 1984, e a partir deste ano, na FAU-USP, onde se aposentou em 1997. Sua atuação na pós-graduação foi marca constante em vários programas pelo Brasil e pelo exterior. Atuou como um dos mais prolíficos planejadores brasileiros, e foi presidente da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR - entre 1989 e 1991. Para maiores informações ver: <http://www.anpur.org.br/publicacao/arquivos/estudos-urbanos-e-regionais-no-Brasil.pdf> e Currículo Lattes (2020).

36 **Ana Lucia Duarte Lanna** é formada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais- UFMG -, em 1980. Tornou-se mestre em História pela Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP -, em 1985, e doutora em História Social pela Universidade de São Paulo- USP, em 1994. Em 2001, desenvolveu seu pós-doutorado pela Universidade Paris IV- Sorbonne. Foi diretora do Instituto de Estudos Brasileiros – IEB da USP entre 2006 e 2010. Assumiu a presidência do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo- CONDEPHAAT -, no biênio 2013-2015. É professora titular da Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo- FAU-USP, onde foi chefe do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto. Atualmente, ocupa o cargo de Diretora da FAU-USP. Foi a coordenadora do Projeto Temático FAPESP *São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade* e do Núcleo de Apoio à Pesquisa- NAPSP - *São Paulo: cidade, espaço, memória*. Para outras informações ver: <http://www.fau.usp.br/docentes/ana-lucia-duarte-lanna/> e Biblioteca Virtual da FAPESP (2020).

37 **Paul-Michel Foucault** (1926-1983) formou-se em Filosofia, em 1948, e em Psicologia, no ano seguinte, pela *École Normale de la rue d'Ulm*. Em 1952, terminou o curso de Psicologia Patológica e iniciou a assistência de ensino na Universidade de Lille. Atuou como psicólogo patologista em hospitais psiquiátricos e presídios. O livro *As palavras e as coisas*, de 1966, trouxe-lhe destaque mundial. Em 1970, começou a lecionar no *Collège de France*. Sua obra foi influenciada por pensadores como: Marx, Freud, Bachelard, Lacan, Heidegger, Nietzsche, Blanchot, Sade. É autor dos livros: *A arqueologia do saber* (1969), *Vigiar e Punir - a história da violência nas prisões* (1975), *A vontade de saber* (1976), *O uso dos Prazeres e Cuidado de Si* (1984), entre outros. Para outras informações ver: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/michel-foucault.htm> e Wikipedia (2020).

KS: Isso! No ensino, na formação.

SF: Ah, na formação. Já era grande a proporção de mulheres no curso de Arquitetura. Professores, não! Muito bem colocada a questão. Professoras...uma: era a Amélia Toledo. Sabe quem é a Amélia Toledo? Artista plástica, ela morreu há pouco tempo. A Amélia Toledo... Só tinha a Amélia Toledo? Gente! Que ótima pergunta. Acho que só a Amélia Toledo! Tanto é que a Amélia Toledo era uma figura fantástica, o trabalho dela, vale a pena ver. Mas a Amélia foi importantíssima para o nosso grupo... nos tornamos amigos dela, frequentávamos a casa dela, fazíamos coisas juntos... Ela formou a gente, na perspectiva de vida, no jeito de morar, no jeito de viver, a Amélia foi fundamental. Será que era só a Amélia? Olha! que coisa, mas era só a Amélia! De qualquer forma, vou checar com mais alguém, mas eu não me lembro de outra mulher, só da Amélia Toledo. Mas dá para fazer esse levantamento.

KS: Bastante Sintomático!

SF: Incrível, não é? Nunca tinha me dado conta que foi só a Amélia Toledo. Porque ela foi uma figura muito forte para o nosso grupo, assim como a gente frequentava a casa dela, ela frequentava a comunidade.

JW: Agora gostaríamos que você falasse um pouco sobre as experiências profissionais, que você considera relevantes, mais importantes. Nós vimos que você atuou no CONDEPHAAT como conselheira, trabalhou no COMPRESP também.

KS: Suas experiências fora da Academia.

SF: Eu fui representante da SEMPLA³⁸ no COMPRESP³⁹ quando trabalhei no governo [Luiza] Erundina⁴⁰. Eu já estava em São Carlos⁴¹ e a Erundina ganhou [as eleições municipais] e eu voltei para o planejamento. E foi superinteressante! A Raquel Rolnik⁴² me chamou para ir trabalhar no Plano Diretor, mas o Vicente Trevas,

38 **SEMPLA** Sigla da antiga Secretaria Municipal de Planejamento da Cidade de São Paulo.

39 **COMPRESP** Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo.

40 **Luiza Erundina de Souza** (n.1934) tem formação em Assistência Social. Entrou para a vida pública em 1958, quando assumiu a Secretaria de Educação de Campina Grande. Perseguida pela ditadura civil-militar, mudou-se para São Paulo. Em 1982, foi eleita vereadora de São Paulo pelo PT, o qual ajudou a fundar, em 1980. Em 1986, tornou-se deputada estadual e, em 1988, prefeita da capital paulista. Sua gestão à frente da prefeitura de São Paulo foi inovadora, trazendo acadêmicos de renome para ocupar cargos chave. Em 1993, no governo do ex-presidente Itamar Franco, assumiu a Secretaria da Administração Federal. No ano de 1999, elegeu-se deputada federal, já filiada ao Partido Socialista Brasileiro- PSB. Em 2016, filiou-se ao Partido Solidariedade e Liberdade- PSOL. Atualmente está em seu sexto mandato como deputada federal. Informações: <http://luizaerundina.com.br/biografia/> e Wikipedia (2020).

41 **São Carlos:** A entrevistada refere-se aqui ao fato de já estar lecionando, naquele momento, no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, campus São Carlos, organizado em 1985 como graduação, a despeito de ter um Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Planejamento fundado em 1972.

42 **Raquel Rolnik** (n. 1956) é graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, em 1978, e mestre também em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade, em 1981. Entre 1989 e 1992, na gestão Luiza Erundina, foi diretora de Planejamento da Cidade de São Paulo. Em 1995, tornou-se doutora pela *Graduate School Of Arts And Sciences no History Department* da Universidade de Nova York. Foi Secretária Nacional de Programas Urbanos do Ministério das Cidades entre 2003 e 2007. Em 2008, assumiu a relatoria internacional do Direito à Moradia Adequada do Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas – ONU -, permanecendo no cargo até 2014. Em 2015, concluiu sua livre-docência pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. A partir de 1979, lecionou em diversas universidades, sendo professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da

Fig. 4. Sarah Feldman fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



sociólogo, que viria a ser o administrador regional da Sé e tinha a perspectiva de virar subprefeitura, me chamou por conta do meu mestrado, em que eu tinha trabalhado o centro. Com isso, eu falei para Raquel que agradecia ao convite dela, mas que eu não estava querendo trabalhar em Plano Diretor, eu estava querendo trabalhar em uma esfera local, porque não acreditava que só o Plano Diretor daria conta das questões da cidade... Naquela época eu estava querendo ter essa experiência local. Aí a Raquel me propôs que, como iria ter uma estrutura na Secretaria de Planejamento, com representantes em núcleos regionais de planejamento visando a criação das subprefeituras, que eu poderia ir para Regional da Sé, via SEMPLA. Então eu aceitei. Aí teve a montagem do núcleo regional de planejamento da Sé, que eu coordenei, e foi fantástico. Tratava-se de montar uma perspectiva de política para a administração da Subprefeitura da Sé, articulando todos os setores da prefeitura. E foi nesse processo que eu formulei toda uma visão sobre os bairros centrais. Muito do que eu estou fazendo agora tem relação com a minha dissertação de mestrado, e principalmente da vivência dos bairros centrais, porque o Vicente Trevas é uma pessoa maravilhosa e ele estava querendo essa reflexão. Recentemente, eu me encontrei com ele e ele falou: “Nossa! Foi tão importante você colocar aquela visão para a gente.” Com a colaboração de todos os assessores dele, conseguimos montar uma perspectiva de política para Área Central. Depois, a Erundina desistiu da estrutura da Subprefeitura, pois não tinha condições políticas, e eu fiquei mais na SEMPLA. Fui para o COMPRESP como representante exatamente porque estava vinculada à área Central que era onde estavam a maioria dos bens tombados. Foi também uma experiência importante. O governo Erundina foi uma experiência fantástica, porque foi transformador, renovador, foi um privilégio, um privilégio mesmo. Todo o espaço de formulação, de discussão. Estar na Regional da Sé, conhecer o que é a Regional, a estrutura das regionais, é uma

loucura, que não mudou nada até hoje, apesar do nome ter mudado. E no concurso de ideias para o Bixiga⁴³, eu fui parte da organização e da formulação. Então foi um período importante, muito do que eu trabalho agora [em pesquisa], do que eu estou fazendo, se deve a essa vivência. Quanto ao CONDEPHAAT, fui conselheira de 2015 a 2018. Os primeiros dois anos foram de grandes avanços conceituais e das práticas de patrimônio ao nível estadual. O quadro de conselheiros era de pesquisadores e profissionais de diferentes áreas de conhecimento, altamente qualificados. No período de 2017 a 2018, foi o início do desmanche do caráter multidisciplinar e da autonomia nas decisões sobre patrimônio, que estão na origem da concepção do Conselho em 1968. Passaram a ser indicados pelas secretarias, representantes que atendiam aos interesses imediatos do governo estadual. Qual foi o outro trabalho que você perguntou?

JW: Foi membro da CLACSO...

SF: Não sou membro da CLACSO⁴⁴. Eu estou em um grupo de trabalho com a Fania [Fridman]⁴⁵.

KS: Como Professora...

SF: Devo muito da minha formação acadêmica à participação no processo de construção do curso de Arquitetura e Urbanismo em São Carlos. Com a criação do curso, estavam contratando docentes ano a ano, e eu entrei no terceiro ano de existência da graduação. Eu me encantei com a proposta de São Carlos quando li a matéria na Revista AU⁴⁶, pois tinha uma outra visão, que era trabalhar Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo, e Urbanismo estar na sequência de projeto, não ser uma sequência separada. Eu estava dando aula em faculdades privadas...eu tinha dado aula na Belas Artes⁴⁷, que implodiu, aí fui para Santos⁴⁸ e tinha resolvido que não era o que eu queria. Quando abriu o concurso, decidi fazer. Eu me encantei pela proposta.

43 **Concurso Nacional de Ideias para o Renovação e Preservação do Bexiga.** O concurso foi realizado pela Prefeitura Municipal de São Paulo, entre 1989 e 1992. A concepção inicial do concurso havia ocorrido no governo Jânio Quadros, porém não foi concretizado. Na gestão Erundina, a proposta ganhou novo fôlego, propondo a gestão participativa do concurso, incluindo a população atingida pela intervenção desde a elaboração das diretrizes contidas no edital. Para mais informações ver: ROSA, 2018.

44 **CLACSO** Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais.

45 **Fania Fridman** graduou-se em Economia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro- PUC-RJ em 1974. Tornou-se mestre em Planejamento Urbano pela Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, em 1980, e doutora em Economia Política pela Universidade de Paris VIII no ano de 1986. Desde 1978, é Professora Titular do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da UFRJ, no qual coordena o Grupo de Estudos do Território e de História Urbana- GESTHU. É autora dos livros: *Donos do Rio em Nome de El Rey* e *Paisagem Estrangeira*, recebendo, pelo segundo, o Prêmio Milton Santos concedido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional- ANPUR. Informações: Currículo Lattes (2020) e <http://www.ippur.ufrj.br/index.php/pt-br/corpo-social/37-docentes/90-fania-fridman>

46 **Revista AU** – Periódico mensal produzido pela Editora PINI desde 1985, que tem como foco a publicação de obras de Arquitetura e áreas correlatas, além de abordar temas da formação do profissional arquiteto, divulgação de novas tecnologias e materiais. Para mais informações: <http://revistaau.com.br/>

47 **Centro Universitário Belas Artes** fundado por Pedro Augusto Gomes Cardim, em 1925, com o nome de Academia Belas Artes de São Paulo. Na instituição foi originado o primeiro curso de Arquitetura de São Paulo. Apresenta hoje diversos cursos relacionados as áreas de arquitetura, design, moda e fotografia. Ver: <https://www.belasartes.br/site/belasartes/institucional/historia/>

48 **Santos:** A entrevistada se refere ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Católica de Santos, no qual lecionou naquele período, conhecido como FAUS – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Santos.

**TRABALHOS NO
IAU – SÃO CARLOS E
COMPRES P; REFLEXÕES
SOBRE AS PESQUISAS
INTERDISCIPLINARES NO
ESTUDO DA HISTÓRIA DAS
CIDADES.**

SF: Trabalhar coletivamente no nível institucional é o que talvez melhor sintetize minha longa permanência em São Carlos. Quando entrei ... eu estava fazendo o meu mestrado, assim como a maioria dos que foram trabalhar lá, e foi uma construção coletiva de problemáticas de pesquisa, de visão de pesquisa, de abordagem de pesquisa, de construção da pós-graduação e do Instituto de Arquitetura e Urbanismo⁴⁹.

KS: E a CLACSO?

SF: Na CLACSO estou em um grupo de trabalho. A Fania [Fridman] abriu uma seleção para novos grupos de trabalho, há um ano ou dois, e me chamou. Nele estão pesquisadores de São Paulo, Rio de Janeiro e pesquisadores da América Latina, mas ainda não está sendo um trabalho coletivo, ainda está como uma articulação de trabalhos com uma visão comum. Foi publicado um livro, mas eu tive um problema de saúde e acabei não colocando o meu texto. É uma outra modalidade de grupo de trabalho. Eu gosto de grupo de trabalho.

JW: Em relação à pesquisa, voltando para o contexto atual, o que você enxerga como um objeto possível ainda de reflexão sobre a história urbana de São Paulo, Professora Sarah?

SF: Nossa, tantas coisas. Mas como assim?

JW: O que você acha como importante a ser pesquisado.

KS: Considerando até os trabalhos que a senhora vem orientando atualmente, a partir destas linhas, destes referenciais.

SF: Olha, eu acho que no campo de pesquisa de História da Cidade e do Urbanismo, do ponto de vista dos Arquitetos e Urbanistas, tem muita coisa nova aparecendo, e muito boa. Tem uma outra geração de pesquisadores, que está fazendo um trabalho novo, abrindo novas frentes de trabalho. Eu vejo desta forma. Eu acho que a geração do [Fernando] Atique tem um novo enfoque. Eu acho que tem um trabalho importante sendo feito sobre os processos de constituição da cidade. Tivemos uma fase muito simplificadora desses processos, que eu até entendo a razão de ter existido. Acho que teve um momento, a partir dos anos 1970, em que os trabalhos que decodificaram a produção das periferias, trouxeram uma contribuição fundamental para o estudo das metrópoles. Mas é recorrente na produção acadêmica, que algumas interpretações se tornem hegemônicas. Foi o que ocorreu a partir dos anos 1980, quando se impôs uma interpretação da cidade reduzida à relação centro/periferia. Eu acho que falta muito esse tipo de trabalho sobre a materialidade da cidade, na linha que o Atique e outros pesquisadores fazem, de trabalhar estes processos múltiplos, que vários de vocês estão trabalhando. Eu acho importantíssimo. Tivemos uma fase em que os geógrafos fizeram isso, dos anos 1940 até os anos 1960. Na História do Urbanismo tem uma tendência de trabalhos focados em alguns personagens, que são muito importantes, mas que não incluem esses personagens em um processo maior. Mas isso tende a mudar. Eu fui

⁴⁹ **Instituto de Arquitetura e Urbanismo- IAU:** O Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, campus São Carlos, foi elevado à categoria de Instituto em 2010, após mais de quatro décadas de vínculo com a Escola de Engenharia de São Carlos. Mais informações: <https://www.iau.usp.br/>

para instituições de urbanismo, porque eu não consigo focar em uma pessoa sem entender as relações, não existe atuação de urbanistas solo, é sempre uma rede, é sempre uma instituição, é sempre um embate de ideias. É isso que eu persigo.

JW: Como a Arquitetura e o Urbanismo dialogam com outros campos de pesquisa na sua visão. Como você enxerga isso? Pensando também nas Inter-relações entre Urbanismo e Historiografia, que é fundamental no seu trabalho.

SF: Como dialogam? Eu acho que tem alguns grupos que buscam esse diálogo... O projeto “São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade”⁵⁰ foi uma troca importante entre disciplinas, foi parte da própria organização do projeto. Tinha Antropólogo, tinha Historiador, Sociólogo, Arquiteto e Urbanista, e para mim foi excelente. E o resultado do trabalho foi importante como forma de enxergar a cidade. E o meu trabalho sobre o Bom Retiro é fruto dessa troca, não é? A forma como eu consegui olhar o Bom Retiro foi complexa, porque eu corria um risco. Eu morei no Bom Retiro, sou judia, então eu poderia enveredar por uma outra coisa memorialista, e é um perigo... Os meus pais tiveram um pequeno negócio, eu podia simplesmente fazer alguma coisa de um único ponto de vista. O trabalho conceitual do projeto, da formulação dos estrangeiros foi muito por aí, de estudar a questão das redes e de todas as formas de inserção dos estrangeiros, o que é ser estrangeiro, e se trabalhou todo o tipo de relação dos estrangeiros com a cidade, mesmo os que passaram por aqui para fazer algum trabalho. Então eu acho que há tentativas de diálogo com outros campos de pesquisa... E sempre que é uma coisa misturada eu me envolvo. Eu acho que isto está em mim, porque eu tenho como referência de cidade o Bom Retiro. O Bom Retiro é uma referência de cidade para mim porque eu vivi num lugar como esse, certo? São as coisas que eu vou pensando quando pesquiso: eu não me surpreendo com essa mistura na cidade.

KS: Qual o nome do projeto, Sarah?

SF: “São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade”, um projeto Temático FAPESP, coordenado pela Ana [Lúcia Duarte] Lanna. Um livro saiu, que é a compilação de textos de várias ordens, eu acho que vale a pena ler, tem textos bons. Tem um segundo livro, “Deslocamentos: os estrangeiros em São Paulo”, que é de textos só dos nove pesquisadores principais, então, quando sair eu aviso. Tem um problema com a editora, por isso ainda não saiu. Eu gosto de trabalhar com essa interdisciplinaridade, com essa troca disciplinar, como diria o [Bernard] Lepetit⁵¹. As trocas disciplinares são importantes. Mas, eu não sei, vocês conhecem grupos, muitos, que fazem isso? Para mim é fundamental, é uma coisa que eu gosto. No meu caso o exercício maior foi no mestrado. Aquela crítica que o Nestor [Goulart Reis Filho] fez naquele momento foi desafiadora. Eu nunca mais conversei com ele sobre isso. Mas foi forte naquele momento.

⁵⁰ **São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade** foi um projeto temático financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, sob coordenação da Profa. Dr. Ana Lucia Duarte Lanna, executado entre 2007 e 2011. O projeto tinha como foco compreender as relações entre os imigrantes que chegaram à São Paulo no final do século XIX e as transformações ocorridas na cidade no período. Para mais informações: Biblioteca Virtual da FAPESP (2020).

⁵¹ **Bernard Lepetit** (1948-1996) é um Historiador francês, integrante da chamada Quarta Geração da Escola dos Annales. Foi professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales* - EHESS.

JW: A próxima pergunta surge da nossa leitura do seu texto: “Planejamento e Zoneamento. São Paulo, 1947-1972”, sobre a dita americanização do urbanismo. Você acha que isso ainda se verifica em São Paulo de forma latente? E se sim, como se dá essa americanização?

SF: Bom, primeiro eu vou falar que quando eu fui fazer o doutorado, não tinha pensando em pesquisar o zoneamento. A minha questão naquele momento foi a seguinte: que entre os anos 1940 e 1960 São Paulo passou por uma mudança brutal e todos os trabalhos só diziam que houve debate e planos que não foram realizados. E eu pensei: não é possível que não tenha acontecido nada porque a cidade mudou numa escala excepcional em vinte anos. Aí, eu comecei a procurar, abertamente, comecei a ler tudo que tinha, comecei a ler todos os textos do Anhaia Melo⁵², do Prestes Maia⁵³, até que eu resolvi ir na biblioteca da Secretaria de Planejamento, que não era nada organizada, era uma salinha onde havia um amontoado de relatórios nas prateleiras. Até que notei que tudo que tinha espiral [de encadernação] em arame era dos anos 40, ou dos períodos anteriores, e foi aí que eu comecei a achar muita coisa sobre zoneamento. Depois disso é que eu fui pesquisar toda a legislação. Pesquisei aqueles conjuntos de leis todos e resolvi fazer um mapa, assim, todo pintado, e apareceu o que eu suspeitava. Fiquei excitadíssima. Desci lá da biblioteca e liguei para o Flávio Villaça no fim do dia. Falei: “Flávio, eu preciso te mostrar uma coisa, um mapa que eu fiz”, e ele percebeu meu entusiasmo, e falou: “eu estou indo hoje à noite a um *vernissage*, vem aqui com o mapa e depois você vai ao *vernissage* comigo”. Fui lá com o meu mapa e mostrei, que tudo tinha acontecido a partir de 1947, etc etc. Então foi aí que eu comecei a estudar zoneamento.

**A TEMÁTICA DA
PROSTITUIÇÃO NA
ARQUITETURA E URBANISMO
NOS ANOS 1980;
A PRESENÇA DA MULHER
DISCENTE E DOCENTE NA SUA
GRADUAÇÃO;
EXPERIÊNCIAS PROFISSIONAIS
MARCANTES.**

SF: Fui estudar, ler todos os textos, e cheguei no vínculo com o urbanismo americano. E fui atrás de tudo que o Anhaia Melo citava, estava lá na FAU Maranhão⁵⁴. Eu li todos os textos de urbanistas brasileiros desde

52 Luís Inácio Romeiro de **Anhaia Melo** (1891-1974) formou-se engenheiro-arquiteto pela Escola Politécnica de São Paulo em 1913. Lecionou, a partir de 1918, naquela escola e foi diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo-FFCL-USP. Se elegeu vereador em 1920, concluindo seu mandato em 1923. Em 1930, foi nomeado prefeito da cidade de São Paulo, permanecendo no cargo até o ano seguinte. Entre 1937 e 1943, esteve Secretário de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo. Foi o autor da primeira lei municipal voltada à regulamentação do aproveitamento dos terrenos urbanos. Participou ativamente da criação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo-FAU-USP, em 1948, sendo seu primeiro diretor. Participou do Instituto dos Arquitetos do Brasil e presidiu do Instituto de Engenharia. Produziu importantes textos sobre a temática da urbanização e do urbanismo. Outras informações em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-inacio-romeiro-de-anhaia-melo> e Wikipedia (2020).

53 Francisco **Prestes Maia** (1896-1965) foi um urbanista e Engenheiro civil formado pela Escola Politécnica de São Paulo em 1917. Ingressou na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo no ano seguinte e, entre os anos de 1926 e 1930, assumiu o cargo de chefia desta, tendo destaque o plano que coordenou, apresentado em 1929, propondo uma reestruturação urbana da cidade de São Paulo. Lecionou por dez anos na Escola Politécnica. Em 1938, foi nomeado prefeito da capital paulista, permanecendo no cargo até 1941, porém seguiu desenvolvendo o projeto de reformulação da cidade até 1945, o qual promoveu significativas mudanças na configuração espacial da localidade como: a implantação do Perímetro de Irradiação e a retificação do Rio Tietê. Nos anos de 1950, 1954 e 1958 concorreu à prefeitura da capital paulista, sendo derrotado nas três oportunidades por Lucas Garcez, Jânio Quadros e Ademar de Barros, respectivamente. Em 1961, disputando o pleito novamente, saindo vitorioso, porém faleceu durante a gestão em curso. É autor dos livros: *Estudo de um plano de avenidas para a cidade de São Paulo* (1930), *São Paulo, metrópole do século XX* (1942), *O plano urbanístico da cidade de São Paulo* (1945) e *Plano regional de Santos* (1950). Mais informações: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-prestes-maia>

54 **FAU Maranhão** – Designação para a Vila Penteado, erigida em 1902 sob projeto do arquiteto Carlos Ekmann para servir de residência a Armando Álvares Penteado. Localizada na Rua Maranhão, no Bairro de Higienópolis, foi o primeiro edifício-sede da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo-FAU-USP, fundada em 1948. Em 1969, ocorreu a transferência

os anos 1920. Eu fui lendo, pegando todas as referências aos Estados Unidos e, realmente, tem um momento em que começam a falar do governo da cidade. Já havia trabalhos que apontavam a relação com o urbanismo americano, com leis, códigos, planos. Mas o que eu mostro é a relação com o urbanismo americano na estrutura toda que se instala no Departamento de Urbanismo⁵⁵. É isso, é estrutural. E isso, quando citam meu trabalho, raramente é apontado. O que eu mostro, e que para mim é a coisa mais importante do trabalho, é que existe uma relação entre o instrumento, a concepção e a estrutura que se monta. Por isso, também, o zoneamento funciona, se efetiva. Então a americanização foi nesse sentido. Como forma de governo. Naquele momento foi o que mudou na relação com o urbanismo dos Estados Unidos. Mas sempre tem outras referências, são misturadas, sempre. Ocorreu realmente uma reorganização da estrutura, montada seguindo o modelo americano, apesar das diferenças. O zoneamento nos Estados Unidos não começou pelas zonas unifamiliares estritamente residenciais. Não tinha zona estritamente residencial no zoneamento de Nova York. Esse é o componente brasileiro, ou melhor, um valor paulistano que entrou no processo de apropriação do referencial. Mas como estrutura, organização, toda a concepção do zoneamento em que são permitidas pequenas mudanças para garantir que ele se mantenha, vem da referência americana. Isso foi, e ainda é, explícito na prática do zoneamento... O Anhaia Melo, o Henrique Neves Lefèvre, e outros funcionários do Departamento de Urbanismo consultaram a legislação americana. Desde os anos 1930, os urbanistas estavam viajando para os Estados Unidos para conhecer as experiências. Tinha o *Regional Plan of New York and its environs*, amplamente difundido no Brasil. Em São Paulo, eu acho interessante que hoje está ganhando muita visibilidade o que acontece em Nova York. Por exemplo, todas as ações relacionadas ao *High Line*⁵⁶ para discutir o Minhocão⁵⁷... Eu acompanhei nas várias vezes em que viajei para pesquisar, a implantação do *High line*. Eu tenho até fotos de todo o processo. Não tem nada a ver o *High Line* com o Minhocão. Também toda a questão das ciclovias, não? Está emergindo com muita força a referência novaiorquina. Eu acho que, sem dúvida, a referência para São Paulo, é muito mais Nova York que Paris. Os grandes centros europeus são outra coisa.

62

JW: você vê projetos em disputa atualmente na cidade de São Paulo, projetos de urbanização? E se os vê, como estas disputas vem se desenvolvendo, como elas ocorrem?

SF: Tem, tem, sim. Tem toda uma formulação que é vinculada à Constituição de 1988, e ao Estatuto da Cidade, que tem uma presença importante. E tem toda uma linha que vai contra isso. Eu acho que os Planos

da Faculdade para a Cidade Universitária, no Butantã, para o prédio brutalista de autoria de Vilanova Artigas. A partir de 1973, a Vila Penteado passou a abrigar as atividades de pós-graduação da instituição. Informações em: Wikipedia (2020).

55 **Departamento de Urbanismo:** A entrevistada se refere ao Departamento de Urbanismo da prefeitura da capital paulista.

56 **High Line:** Trata-se de um parque linear implantado, em 2008, sobre uma linha férrea elevada da cidade de Nova York. A proposta de sua implantação partiu da ONG *Friends of High Line*, a qual se organizou após a ameaça de demolição da linha por investidores da construção civil. Mais informações: <https://concursosdeprojeto.org/2012/01/10/high-line-nova-iorque/>

57 **Minhocão** é a designação utilizada para se referir ao antigo Elevado Costa e Silva, construído em 1970 na gestão do Prefeito Paulo Maluf. A via elevada, construída em concreto armado, liga o Largo Padre Péricles, no Bairro da Barra Funda, à Praça Roosevelt, na região da República. Em 2016, a estrutura passou a se chamar Elevado Presidente João Goulart, como iniciativa a não valorização de protagonistas da ditadura civil-militar, no caso específico, o General Costa e Silva. Leia mais em: <https://vejasp.abril.com.br/estabelecimento/minhocao/> e Wikipedia (2020).

Diretores, os instrumentos que vêm sendo formulados misturam as duas coisas. Acho que tem uma mistura muito grande. Eu fiz a tese em 1996. Quer dizer, foi publicada em 2005. Quanto tempo faz?

FA: 22 anos.

SF: 22 anos. Há 22 anos que eu falo que o zoneamento é o instrumento de planejamento por excelência. E continua sendo. Todos os instrumentos são ancorados na troca do coeficiente de aproveitamento. Quem entende de coeficiente de aproveitamentos é o setor imobiliário, porque é isso que eles querem. E grande parte da política urbana está ancorada no coeficiente de aproveitamento. Sou contra política ambiental ser realizada através da troca de coeficientes de aproveitamento. Não estou falando nada de novo. Quer dizer, falo a partir de evidências do que é o zoneamento, às quais cheguei através da pesquisa. Temos um Plano Diretor aprovado em São Paulo. Vamos fazer um levantamento de tudo que depende do coeficiente de aproveitamento e entender por que e como isso vem se acentuando. Teve uma formulação inicial de uma estratégia de atuar intervindo no mercado com objetivos redistributivos. Acho que foi esse termo que se usou, não? Intervir no mercado imobiliário que, como formulação foi correta e bem intencionada. Temos que voltar para os textos e discussões do período pré-Estatuto da Cidade para recuperar o debate. Temos que entender os descaminhos que levaram à negociação do coeficiente tanto para a criação de paredes verdes nos edifícios como para a preservação de patrimônio. Eu talvez esteja errada. Mas é uma discussão que não é fácil de ser colocada. Não é fácil.

KM: No Brasil, Arquitetura e Urbanismo são campos conjuntos. Diferente de alguns países europeus, por exemplo, em que isso se desenvolve de forma separada. A pergunta é: como a senhora avalia o Urbanismo enquanto uma ciência política autônoma. Quais São os ganhos e os limites dessa separação?

SF: Eu acho interessante a formação conjunta e creio que o curso de Arquitetura e Urbanismo é um dos poucos cursos que ainda não se direcionou para uma superespecialização. [O curso da USP de] São Carlos teve essa perspectiva de articular de forma mais radical Arquitetura e Urbanismo, mas há um debate que nem sempre se explicita. Eu acho que houve um momento em que tanto a Arquitetura como o Urbanismo constituíram seus campos de referência, de conhecimento próprios e que isso tem que ser reconhecido. E não necessariamente o é. Porque para quem trabalha com Arquitetura é muito difícil romper com essa ideia de que tudo é Arquitetura. É uma discussão que em São Carlos perdurou por muitos anos. Quando se falava “não, porque isto é Arquitetura”, eu acrescentava e Urbanismo. Até virou piada, porque eu parecia a defensora do Urbanismo [risos]. Mas, falando seriamente, há um campo de conhecimento que quem trabalha com Urbanismo, quem foi trabalhar com em órgãos de planejamento, entrou em contato que quem trabalha com Arquitetura não entrou, certo? Eu acho que houve uma tentativa em São Carlos, como parte do processo de retomada do projeto urbano que ocorreu em escala mundial nos anos 1980. Mas, mesmo assim tem que se reconhecer que se constituíram campos diversos, o que não impede a formação conjunta. Muito pelo contrário, enriquece... Mas tem que rever como ela se dá. Eu acho que em São Carlos dá para perceber a falta na formação dos alunos de um aprofundamento das questões do campo do Urbanismo. Falta porque persiste, em certa medida, a ideia de que tudo é Arquitetura, e o Urbanismo

segue minimizado. Há uma experiência de uma proposta de formação, que está na hora de rever. E acho que vai ser revista.

KM: Sarah, creio que era isso. Na verdade, a gente tinha várias outras questões; mas por conta do avançar do horário também... Acho que a gente conseguiu focar no que era mais interessante.

SF: Muito bom

FA: quero agradecer à Sarah e dizer que suas atividades perpassam outros tantos campos, não é? Você foi também uma idealizadora do curso de Geografia do IAU-USP, que não saiu ainda, mas...

SF: Mas foi aprovado. Em todas as instâncias de avaliação de mérito da USP.

FA: Foi aprovado. A USP tem isso lá em perspectiva de ser implementado. Eu acho que a tua trajetória perpassa muito pelos jogos de escala, né? Eu estou certo de que essa coisa de, como você relatou, de sair do pequeno mapa, com as pequenas atividades, as minúcias, para poder pensar a grande estrutura, isso é um trabalho de pesquisa muito importante. Acho que pensar a cidade ligada ao seu território, às suas múltiplas profissões, às suas possibilidades de leitura, foi importantíssimo na tua carreira. E acho que hoje aqui também. Eu te agradeço muito pelos ensinamentos, para mim e para eles todos hoje. Obrigado.

64

SF: Obrigada. E obrigada pelas perguntas. Vou ver essa história da Amélia Toledo. Nossa, merece um trabalho.



Fig. 5. Sarah Feldman fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.

A CIDADE DOS HISTORIADORES

Maria Stella Martins Bresciani



Entrevistada: Maria Stella Martins Bresciani

Data: 30 de outubro de 2018

Duração: 1h07min51s

Roteiro e transcrição: Felipe Augusto dos Santos Vaz; Maitê Henriques Lemos Alves; Maria Dóris Simões Fleury e Renan Rosa dos Santos

Entrevistadores: Felipe Augusto dos Santos Vaz, Maria Dóris Simões Fleury e Renan Rosa dos Santos

Notas Contextuais: Renata Geraissati Castro de Almeida

Mediação: Fernando Atique

Local da entrevista: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP) – Campus Guarulhos



Fig. 1. Maria Stella Bresciani fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP. **Fonte:** Arquivo particular de F. Atique, 2018.

RS: Professora, a primeira pergunta é sobre sua formação educacional e familiar, e de como essa formação influencia seu percurso como historiadora, como intelectual.

SB: É longa a questão. Começo pela família: eu sempre me interessei por cidade, em parte porque meu pai era engenheiro civil e esteve ligado à prefeitura da cidade de São Paulo durante sua vida profissional. Trabalhou no Departamento de Urbanismo¹ e também como engenheiro civil na construção de nossa casa, e eu gostava de o acompanhar para ver as obras em andamento; até hoje gosto muito de acompanhar casas em construção, de ver plantas. Considero estarem aí os vínculos fortes com os temas que trabalho. Mas creio também haver experiências mais importantes ainda em relação à cidade: é que, a partir dos treze anos, fui comunicada: “Stella, está formada para se orientar, agora você vai começar a andar por conta própria pela cidade”. Eu estava acostumada a ir [aos lugares] sempre com alguém... Na minha época, mesmo São Paulo, muito mais tranquila do que é hoje, alguém me acompanhava: minha mãe ou uma das minhas tias, sempre com alguma pessoa. Creio que talvez até um pouco antes, doze anos, comecei a sair sozinha, e ter de me orientar na cidade. Como nos orientamos? Fui acostumada a primeiro entender os procedimentos do andar: “ande do lado direito da calçada”, “espere o trânsito passar ao atravessar a rua”; “não agora; você tem que parar e esperar o carro passar”... por isso quando li Walter Benjamin,² em alguns temas sobre o [Charles] Baudelaire³ e a questão da teoria do choque, tudo era muito claro, eu vivi aquilo, quer dizer: a ideia de que você aprende os sinais da cidade para poder se orientar nela, andar, caminhar, já que, nos anos 1950 se fazia muitos trajetos a pé. Quando eu morava na [rua] Albuquerque Lins, íamos de ônibus para a casa da minha avó, na [rua] Santa Isabel, uma rua próxima ao largo do Arouche... Vocês localizam a Santa Casa de Misericórdia, em São Paulo? A Sta. Isabel é a rua da porta principal da Santa Casa, uma rua curta que corta as ruas Bento Freitas, rua Rego Freitas, rua Amaral Gurgel, e mais uma da qual esqueci o nome. Eu fazia muito a pé o percurso da casa da minha avó e depois da minha própria casa ao

1 **Departamento de Urbanismo** foi criado pelo Decreto-lei 431 de 07 de julho de 1947 que organizou a Secretaria de Obras e Serviços Municipais e lhe atribuiu como competência à elaboração do plano de cidade. Para mais informações ver Sarah Feldman (2005).

2 **Walter Benjamin (1892-1940)** em 1914 foi eleito presidente da Liga Estudantil Livre de Berlim e se alistou como voluntário na Primeira Guerra Mundial. Após o suicídio da irmã de sua amiga, tornou-se um grande opositor da guerra pedindo sua dispensa. Em 1919, defendeu sua tese de doutorado sobre **A Crítica de Arte, no Romantismo Alemão**. Em 1920, Benjamin concebeu a revista *Angelus Novus*, nome inspirado por uma gravura de Paul Klee. Em 1925, sua tese de livre-docência *Origem do Drama Barroco Alemão*, foi rejeitada pelo Departamento de Estética da Universidade de Frankfurt, pois era uma crítica aos valores então vigentes na universidade. Em 1933 fugiu do nazismo e em Paris conheceu Hannah Arendt, que guardou após sua morte o manuscrito das *Teses sobre a filosofia da história*. Cometeu suicídio em setembro de 1940, com o consumo de uma alta dose de morfina, após uma tentativa frustrada de fuga para os Estados Unidos.

3 **Charles Baudelaire (1821-1857)** foi um escritor francês, influente crítico de arte, crítico literário e tradutor. A modernidade era observada com enorme desconfiança em suas poesias, a exemplo de *As flores do mal*, publicada em 1857. Nesta obra, Baudelaire critica a moral burguesa, o que lhe rende multa e lhe obriga a retirar sete de seus poemas do livro. Dirceu Villa (2007) aponta que alguns dos sonetos publicado no livro prefiguram o simbolismo e o decadentismo, correntes que começavam a ganhar força no período. Nas obras do francês se constitui a figura do *flâneur*, aquele que caminha pelas cidades sem um percurso objetivo, e que apenas deambula, criando a imagem do que eram as grandes cidades da multidão e da solidão. Essa figura como um observador privilegiado nos relata as cenas cotidianas ali vividas, captando “um momento anedótico” como uma fotografia, sugere Villa. Seus poemas foram utilizados por Walter Benjamin que publicou em 1939 o ensaio “Sobre alguns temas em Baudelaire”.

lado da dela para ir ao Mackenzie⁴ onde estudei até os 19 anos, à União Cultural Brasil-Estados Unidos,⁵ na [rua] Santo Antônio, na Bela Vista, e, antes, mais cedo ainda, para o Theatro Municipal. Na verdade, para a Escola de Ballet do Theatro Municipal instalada sob o Viaduto do Chá. Não sei se permanece ainda lá. Outros dias descia até a [Avenida] São João em direção ao Conservatório [Dramático e] Musical.⁶ Essa formação fazia parte do que na época implicava em ser uma moça bem formada: tocar piano, ter movimentos graciosos que só o ballet ensinava, e o inglês, além de complemento de formação, significava, entender o que o The Platters⁷ e o Elvis Presley⁸ diziam em suas músicas. A música norte-americana havia entrado para valer e queríamos entender as palavras para além do título “Blue Suede Shoes”.... Foi uma experiência muito interessante, andava muito pela cidade, e isso estimulou descobertas muito boas. Dentre elas, a sensação de andar sozinha, o “agora você pode ir por conta própria”, deu uma sensação enorme de me sentir anônima na multidão, de poder andar por onde queria: “não quero pegar a [rua] Barão de Itapetininga, quero pegar a [rua] Vinte e Quatro de Maio”, mudar de rua, parar na frente de uma vitrine; uma sensação realmente muito boa proporcionada por esse tipo de deslocamento solitário em meio à multidão. Houve também uma opção: quando eu terminei o ginásio e queria fazer científico,⁹ porque estava indecisa entre Engenharia e Arquitetura, minha mãe interveio e disse: “Stella, eu conheço essas histórias de quero fazer isso, quero fazer aquilo, depois chega aos dezenove, vinte anos, encontra alguém, resolve casar e larga tudo. Não, você deve fazer um curso que dê formação e emprego”. E assim cursei Química Industrial, uma opção entre os cursos oferecidos no Mackenzie, onde ela e meu pai também estudaram. Quais cursos? Havia o [curso de] Secretariado. “Ser secretária, obedecer chefe? Está doido, nunca” Contabilidade, “contar dinheiro, fazer balanços, que coisa horrorosa!”, Então pensei: “já que deve ser no Mackenzie vamos ver o que mais tem e descobri que havia cursos técnicos equivalentes ao científico: Agrimensura, Eletrotécnica e Química, e foi este último o que escolhi. Cursei durante quatro anos, me formei, trabalhei durante cinco anos como Química, mesmo após ter me casado, até sair, exatamente por causa da condição de jovem, casada e futura mãe. Eu, que nunca havia ficado em casa, pensei “o que faço agora...?” Iniciei um curso de francês e outro de alemão. Grávida, abandonei os cursos porque meu filho resolveu nascer em outubro, não esperou até novembro para nascer. Porém, no ano seguinte (1966) minha irmã mais nova decidiu fazer o vestibular para Ciências

4 **Universidade Presbiteriana Mackenzie**, tem sua origem na Escola Americana em 1870, fundada pela esposa do Reverendo Chamberlain, Mary Ann Annesley Chamberlain. A escola iniciou suas atividades na residência do casal atendendo jovens que não podiam frequentar outras escolas em virtude da intolerância religiosa. Entre 1871 e 1875 o colégio protestante funcionou na Rua Nova de São José; em 1876 passou a funcionar na Rua São João, até que em 1880, adquiriu uma grande área em Higienópolis. Seu nome foi alterado em virtude de uma doação efetuada por John Theron Mackenzie à instituição.

5 **União Cultural Brasil-Estados Unidos**, fundada em 1938, é uma instituição cultural que têm por objetivo disseminar a língua inglesa e promover a aproximação das culturas estadunidenses e brasileira, estreitando as relações de dos dois países.

6 **Conservatório Dramático e Musical de São Paulo**, fundado em 1906 foi a primeira escola de teatro da América do Sul. Como observa Azevedo (2008) sua criação indica um importante aspecto para a modernização e mudança de hábitos que ocorriam na cidade de São Paulo no começo do século. Atualmente a instituição se dedica exclusivamente ao ensino musical.

7 **The Platters**, um famoso grupo vocal norte-americano fundado em 1953, dentre seus sucessos se destaca a música *Only You*.

8 **Elvis Presley** (1935-1977), um dos ícones culturais do século XX, foi cantor, músico e ator estadunidense popularmente conhecido como “o rei”. Dentre suas músicas se destacam *Love Me Tender* e *Jailhouse Rock* que são trilha sonora dos filmes homônimos em que atua. No ano após seu falecimento, a biografia escrita por Jerry Hopkins (1971) sobre o astro vendeu mais de três milhões de exemplares.

9 **Ensino científico**, foi instituído com o decreto-lei nº 4.244 de 9 de abril de 1942, que propunha que o ensino secundário seria dividido em dois ciclos. O primeiro era o curso ginasial e o segundo compreendia dois cursos o clássico e o científico.

Fig. 2. Stella Bresciani fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



Sociais, e pediu minha ajuda. Preparei os cento e vinte pontos necessários para o vestibular, minha irmã me estimulou e me inscrevi também. Como não me atraía as Ciências Sociais, optei pela História. Passei no vestibular e faço um parêntesis para relatar algo meio anedótico. Em 1967, tivemos o último vestibular aplicado pelos próprios professores do Departamento de História da USP. A primeira prova foi a de português, e havia preparado vinte pontos de Literatura e algumas ideias para a prova de redação, e me indagava: “o que será que irão pedir?” Como no curso de Química só usamos símbolos e livros em inglês, minha relação com a língua portuguesa escrita ficara só com a Literatura. A paixão por Literatura sempre me ajudou e muito me ajuda ainda em todas as etapas da leitura e escrita. Várias pessoas haviam me dito que os temas das redações no vestibular diziam respeito a ‘porque escolhi História’, para que serve a História?” Havia pensando: “porque eu escolhi História? O quê eu vou dizer? Porque eu não quero ficar em casa?” [risos]. Não iria dar certo, não é? “Porque quero conhecer melhor a história do mundo, do Brasil, me situar na vida”. Enfim, eram assuntos que me ocorriam e interessavam. Entretanto, Emília Viotti da Costa,¹⁰ professora encarregada da prova de português, anunciou: “sei que todo mundo veio com uma dissertação pronta sobre o porquê de se estudar História, para que serve História, porém não será nada disso, nós resolvemos propor a vocês a análise de um texto” distribuiu uma página escrita e outra em branco, e pensei: “e agora? o que é análise de texto?... Com vergonha de entregar um papel em branco, li, reli o texto e me ocorreu pensar: “se em química, uma análise significa iniciar com um elemento composto e, por meio dos reagentes decompor e chegar aos elementos constituintes e ao elemento que, em medicamentos constitui o elemento ativo, aquilo que realmente atua sobre a doença e seus sintomas, e os que o

¹⁰ **Emília Viotti da Costa** (1928-2017), graduada (1954) em História pela Universidade de São Paulo – USP. Atuou como livre-docente, entre 1964 a 1969 na mesma instituição. Após o golpe civil-militar foi aposentada compulsoriamente, se exilou nos Estados Unidos e entre 1973 e 1999, foi professora de História da América Latina na Universidade de Yale (Connecticut), Tulane (New Orleans) e Illinois (Urbana-Champaign). Recebeu o título de professora emérita pela Universidade de Yale e também pela USP, em 1999.

complementam, pode dar certo com um texto”. Apliquei essa regra e deu certo. O que que era a estrutura do texto? Pensei da forma como fazia ao analisar os componentes de medicamentos na fábrica na qual trabalhara [Eli Lily do Brasil]¹¹ e, assim, decompondo/desconstruindo o texto as palavras foram se agregando e deram um sentido para construir o argumento. Procedimento que uso até hoje, ou seja, a Química me ajudou: análise é análise, creio eu, em qualquer disciplina. Esse instrumental de leitura e desconstrução de um texto ganhou, anos depois, apoio na “análise do discurso”, mantendo uma certeza: a leitura nunca é ingênua, há sempre um filtro, e é um filtro [conceitual] necessário para se ir além do texto. Esse aprendizado foi muito bom e me levou a manter a cabeça sempre aberta e me incentivou no final do curso de graduação em História a cursar disciplinas na pós-graduação em Linguística, Ciência Política, Filosofia; curiosidade intelectual para conhecer essa área chamada Ciências Humanas. Economia já era muito afastada de nós, mas as disciplinas das Ciências Sociais e Filosofia eram mais próximas – foi um excelente aprendizado que me auxiliou a entender como e sobre o quê essas outras áreas atuavam... Foi muito bom porque, como a graduação em História se deu entre 1967 e 70, ou seja, passamos das maravilhosas manifestações de 68 ao tétrico ano de 1969, pós o AI-5, e havia sempre a suspeita em relação a vários colegas; a ditadura é algo tenebroso, decididamente tenebroso, deu estímulo para ampliar o leque de conhecimentos. Da passagem pela universidade, [se dirige ao professor Fernando] você disse que Sarah [Feldman] contou serem quase sempre só professores homens... eu também tive poucas professoras, mas algumas foram marcantes Emília [Viotti] da Costa, aposentada pelo AI-5, e assim tive pouco contato com ela, substituída pela professora Maria Beatriz Nizza Silva.¹² Lembro da professora Maria de Lourdes Monaco Janotti,¹³ responsável pelos seminários de Introdução e Metodologia em História, uma pessoa que muito me marcou pela seriedade e abertura intelectual; suas aulas mostraram existir várias opções teóricas e de método para se pesquisar e escrever história, ou seja, a importância do significado das opções por filtros conceituais. Com ela, aprendi que a denominada “realidade” é sempre uma construção a partir de determinado campo conceitual, tenhamos ou não consciência de usarmos esse filtro também na vida cotidiana. Ou seja, a “realidade” não se dispõe como algo disposto e já dado e a ser apreendido; é sempre uma construção intelectual mediada por noções e conceitos. Mas, de fato, predominavam professores homens em todas as disciplinas. Entendi, depois, ser algo razoavelmente complicado... essa clara opção pelo gênero masculino. E outra anedota: quando fui convidada para ser monitora, os professores que haviam proposto meu nome - Carlos Guilherme [Santos Serôa da Mota]¹⁴

11 **Eli Lily do Brasil** é uma sucursal da empresa farmacêutica com sede na cidade de Indianápolis, nos EUA, fundada em 1876. Foi inaugurada em 1944 no Rio de Janeiro e em 1953 se transferiu para São Paulo. É a fabricante do Merthiolate.

12 **Maria Beatriz Nizza Silva** (n.1938) graduada (1961) pela Universidade de Lisboa e doutora (1967) pela Universidade de São Paulo – USP. Em 1973 obteve sua livre-docência na Universidade de São Paulo. Coordenou em conjunto com Harold Johnson o volume *O império luso-brasileiro 1500-1620* da coleção *Nova História da Expansão Portuguesa* e autora de livros como *Cultura no Brasil Colônia* (1981) referências para a temática. Conforme informações do CV Lattes.

13 **Maria de Lourdes Monaco Janotti**, graduada (1959) em História pela Universidade de São Paulo, defendeu seu doutorado (1970) sob orientação de Eduardo de Oliveira França na mesma universidade. Leciona no Departamento de História da USP desde 1964, em 1983 obteve a livre-docência e, em 2014 tornou-se professora emérita da instituição. Atualmente, continua atuando no Programa de Pós-graduação em História Social da USP. Conforme informações do CV Lattes.

14 **Carlos Guilherme Santos Serôa da Mota** (n.1941) é graduado em História (1963) pela Universidade de São Paulo – USP, mestre (1967) e doutor (1970) pela mesma universidade. Em 1975 se tornou livre docente da universidade, fez pós-doutorado na Universidade Stanford. Foi parte dos conselhos dos programas de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Princeton e diretor de Estudos da

e Fernando [Antônio] Novais¹⁵ me pediram para me apresentar ao professor [Eduardo d'Oliveira] França,¹⁶ antigo catedrático da área de História Moderna e Contemporânea: “é importante, disseram”. Foi uma experiência instrutiva a respeito da formalidade da época. Perto da porta da sala do Prof. França estavam várias pessoas sentadas no corredor, esperando serem entrevistadas para orientação na pós-graduação. Naquela época quase nenhum dos professores havia obtido o título de doutor, eram poucos os que tinham, e um deles era o Prof. França... Não era o meu caso, o prof. Mota era meu orientador. Por isso, bati na porta e entrei; fiquei em pé na frente da mesa e ele se volta para mim e pergunta secamente: “como é seu nome?” Respondi: “Meu nome é Maria Stella, e fui convidada pelos professores Carlos Guilherme e Fernando para atuar como colaboradora”. Imediatamente ele disse: “Ah! Então, professora, sente-se!” Vejam, só! Porque eu ia ser professora tive o direito de me sentar. Um pequeno, mas significativo, exemplo da formalidade que ainda existia no mundo acadêmico. Outro exemplo: só no último ano, em 1970, nós mulheres pudemos usar calça comprida; até então, assistir aula só com saia. Minissaia tudo bem, mas calça comprida, jeans, não! Dá para vocês imaginarem isso? Não dá, não é?

MD: Não mesmo.

SB: Em 1970? Todo mundo usava jeans fora da universidade e não se podia usar em aula!

SOBRE O INTERESSE PELOS ESTUDOS DA CIDADE

RS: Bom, a próxima pergunta está parcialmente respondida, mas eu vou fazê-la mesmo assim: como surgiu, especificamente, o seu interesse pela questão das cidades...

SB: No curso de pós-graduação, já na Unicamp, a Linha de pesquisa “a formação do trabalhador assalariado urbano”, me colocou novamente dentro da fábrica e, acredito ter sido o deslocamento da organização desse mundo fabril [para a rua], que me levou a indagar sobre o quê os operários faziam quando saíam da fábrica. Os

École des Hautes Études en Sciences Sociales. Foi um dos fundadores do Instituto de Estudos Avançados da USP e do Memorial da América Latina. Professor emérito da USP, titular na UNICAMP, atualmente é professor titular da Universidade Presbiteriana Mackenzie, da Universidade de São Paulo e da Fundação Getúlio Vargas. Foi agraciado com o Prêmio Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras pelo conjunto de sua obra em 2011. Conforme informações do CV Lattes.

15 **Fernando Antônio Novais** (n.1933) graduado (1958) em História pela Universidade de São Paulo – USP, e doutor (1973) sob orientação de Eduardo de Oliveira França na mesma universidade. Lecionou no Departamento de História da USP de 1961 a 1986 e em 2006 tornou-se professor emérito da instituição. Entre 1986 e 2003 lecionou no Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Lecionou na Universidade do Texas, na Universidade de Paris III, na Universidade de Louvain, na Universidade de Coimbra e na Universidade de Lisboa. Publicou em 1979, **Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial**, que trata da reestruturação das relações comerciais entre metrópole e colônia. Também dirigiu a coleção *História da vida privada no Brasil (1997-1998)*, em quatro volumes. Conforme informações do CV Lattes.

16 **Eduardo de Oliveira França** (1917-1996) graduado em Direito e História (1937) pela USP. Tornou-se doutor em 1946, com uma das primeiras teses de doutoramento do Departamento de História. Foi assistente de Fernand Braudel na segunda vez que ele foi professor na USP, continuou no cargo quando a cátedra foi assumida por Emile Leonard. Quando o mesmo se retirou do posto, a direção da Faculdade o propôs assumir sua regência. Fez o concurso para catedrático e foi aprovado. França também foi o responsável pela formação de novos historiadores, como Fernando Antônio Novaes, Carlos Guilherme Mota e István Jancsó, dos quais muitos acabaram se tornando professores da universidade.

historiadores Eric Hobsbawm,¹⁷ Edward P. Thompson¹⁸ e Jacques Rancière,¹⁹ e os filósofos Hannah Arendt,²⁰ Walter Benjamin e Michel Foucault²¹ deram o primeiro impulso para investir nessa aventura e a farta documentação sobre cidades europeias no século XIX, já publicada em livros e revistas, pavimentaram o caminho. Muito da vida operária no século XIX, aprendi na leitura de textos literários, Charles Dickens,²² Honoré de Balzac,²³ entre outros. Cenas vívidas do pagamento semanal no sábado à noite, a passagem dos homens pelo bar ou o bordel, e as brigas com suas mulheres, quando chegavam em casa com parte significativa do salário gasta. Regras disciplinares que ultrapassavam os muros das fábricas buscando controlar o que se considerou desregramento do trabalhador. A filantropia buscou moldar hábitos de comportamento, e muito se obteve com a construção de vilas operárias perto das fábricas e com o transporte coletivo ao definir uma trajetória obrigatória e controlável...

17 **Eric Hobsbawm** (1917-2012) em 1936 se filiou ao Partido Comunista da Grã-Bretanha e ingressou com uma bolsa de estudos para cursar história no King's College, em Cambridge. Serviu ao exército britânico ao longo da Segunda Guerra Mundial. Com o fim da guerra, retornou à Universidade de Cambridge para o curso de doutorado. No ano de 1952 fundou, com Edward P. Thompson e Christopher Hill, a revista *Past and Present*. Em foi agraciado com o Prêmio Balzan pela História Europeia. Foi autor de sínteses a respeito dos séculos XIX e XX, e sobre a constituição do nacionalismo, mas também de obras a respeito dos “de baixo” como em *Bandidos* (1969) e *Rebeldes Primitivos* (1959).

18 **Edward P. Thompson** (1924-1993) lutou na Segunda Guerra Mundial ao lado do exército britânico. Ao retornar se tornou bacharel (1946) pela *Corpus Christi College*, Cambridge, neste ano também ingressou no Partido Comunista Britânico. Nos anos de 1950 participou do movimento de fundação da Nova Esquerda Britânica. Fundou em 1952 com Eric Hobsbawm e Christopher Hill, a revista *Past and Present*. Em 1963 publicou *A Formação da Classe Operária Inglesa*, que se tornou um marco para um pensamento cultural marxista, indicando que a classe não é construída apenas em termos culturais, mas sim na construção da experiência. Sua militância também se deu na Universidade de Leeds ensinando em cursos não acadêmicos dirigidos aos trabalhadores. Foi professor da Universidade de Warwick entre 1965 e 1971. Ao longo dos anos de 1970, lecionou em universidades estadunidenses como a de *Pittsburg*, *Rutgers*, *Brown* e *Dartmouth College*. Nos anos de 1980 se tornou um dos mais proeminentes ativistas antinuclear.

19 **Jacques Rancière** (n.1940) graduado pela Escola Normal Superior de Paris. Nos anos de 1960 foi parte do grupo comandado por Louis Althusser, que escreveu o livro *Le Capital*, obra que foi decisiva para o entendimento do marxismo no período. Foi docente entre 1969 e 2000 de Universidade de Paris VIII, tornou-se professor emérito desta instituição. Também lecionou filosofia na *European Graduate School in Saas-Fee* na Suíça. Dedicou-se a compreensão da classe operária, como em *La Nuit des prolétaires* (1981), desafiando seu entendimento apenas como explorados e dominados.

20 **Hannah Arendt** (1906-1975) iniciou seus estudos em Teologia na Universidade de Marburg, sendo aluna de Heidegger, também estudou filosofia na Universidade de Heidelberg onde defendeu em 1928 uma dissertação sobre o conceito de amor em Santo Agostinho. A partir de 1933 passou a trabalhar em uma organização sionista, estudando a perseguição dos judeus, por ser judia foi proibida de defender uma tese sobre Rahel Varnahagen que lhe permitiria lecionar nas universidades alemãs. Para não ser presa por suas atividades políticas se dirigiu para Paris e tornou-se amiga de Walter Benjamin, após a ocupação da cidade pelos alemães, foi presa e mandada para o campo de concentração em Gurs. Em 1941 conseguiu escapar e fugiu para os Estados Unidos. Arendt foi contratada em 1963 para lecionar na Universidade de Chicago e lá permaneceu até 1967, quando passou a ensinar na *New School for Social Research*, onde permaneceu até 1975. Autora de inúmeros livros, entre eles *As origens do totalitarismo* (1951), que aborda a banalização do mal, e *A condição humana* (1958). Para mais informações ver Young-Bruehl (2006).

21 **Michel Foucault** (1926-1984) obteve seu diploma de filosofia da Escola Normal Superior de Paris (ENS) e, em 1949 obteve uma licença em Psicologia e em 1952 um diploma de Psicopatologia da Universidade de Paris. Entre os anos de 1955 a 1958, Foucault exerceu o cargo de diplomata cultural francês, nas Universidades de Uppsala e Varsóvia. Em 1959, assumiu a direção da Universidade de Hamburgo e lá defendeu duas teses de doutorado, a primeira, que fora publicada mais tarde em forma de livro intitulado *História da Loucura na Idade Clássica* e a segunda, uma tradução para o francês de uma das obras de Kant, *Antropologia do ponto de vista pragmático*. Nos anos de 1960 retornou para trabalhar na Universidade de *Clermont-Ferrand*. De 1966 a 1968, Foucault lecionou na Universidade de Túnis, na Tunísia, antes de retornar para a França, onde se tornou chefe do departamento de filosofia da Paris VIII. Em 1970, ele foi admitido no *Collège de France*, onde permaneceu até sua morte.

22 **Charles Dickens** (1812-1870) foi um romancista, jornalista, editor, e defensor das reformas sociais que possui um papel central para a compreensão do período vitoriano da Inglaterra. Seu romance *Oliver Twist* de 1837 apresenta as aventuras de um menino jovem fazendo um retrato sobre a sociedade inglesa da época. Para uma biografia de sua trajetória ver Ledger e Furneaux (2011).

23 **Honoré de Balzac** (1799-1850) criador do chamado realismo literário com sua obra *A Comédia Humana*, que retrata os vários níveis da sociedade francesa do período, em especial a burguesia. Seus escritos com descrições densas sobre a modernidade e os cidadãos foram utilizados pela Sociologia francesa para expandir-se enquanto ciência, ver Junqueira (2017).

Ações que, em tese, facilitavam a vida e insidiosamente complementavam o disciplinamento do trabalhador... Na Inglaterra do século XIX, o patrão, membro da parte abonada da população, não precisava de transporte coletivo, tinha carruagem, tinha seu próprio meio de transporte. Um exemplo, entre vários desses tipos, já no século XX em São Paulo, expõe uma dessas estratégias. Uma visita à Vila Maria Zélia,²⁴ guiada por um antigo morador, permitiu conhecer as regras a serem seguidas para se ter o direito de viver em uma das casas; regras a serem seguidas individual e coletivamente. Importante lembrar que não morar nas vilas operárias ou por perto, exigia recorrer ao transporte coletivo, com gasto de tempo e dinheiro, com trajetória definida. As estratégias de controle despertaram meu interesse por entender as cidades do século XIX e os modos pelos quais as pessoas se deslocavam, se dispunham no espaço de uso público. Encontrei as multidões se deslocando e/ou amotinadas, e também a população que tirava seu sustento das ruas, os atualmente denominados trabalhadores informais. Essas indagações e a documentação orientaram a pesquisa e a escrita de *Londres e Paris no século XIX*. O espetáculo da pobreza (Brasiliense 1982) e dois artigos, “Metrópoles, as faces do monstro urbano. As cidades no século XIX” e “Lógica dissonância. Sociedade de trabalho, lei, ciência e resistência operária” (RBH – 1985, 1986); permitiram identificar procedimentos disciplinares e a definição de leis, como a exigência dos bares permanecerem fechados durante o horário do culto religioso. Há séries de caricaturas nas quais toda a família do trabalhador, incluídas as crianças, se postavam na porta esperando abrir o bar, e não iam à igreja. As charges são documentos excelentes para se estudar a questão de usos e costumes de um determinado momento. A pergunta: “como as pessoas se movimentavam e usavam as ruas em cidades, no caso Londres no século XIX?” A resposta trouxe mais pessoas além da população trabalhadora e veio de minha própria experiência na cidade de São Paulo dos anos 1950 e 60, o período da minha infância e juventude permitia se andar de modo razoavelmente tranquilo. Evidentemente existiam problemas e os pais incutiam os cuidados a serem tomados. Mas era, principalmente, uma questão de orientação e, mesmo quando nos mudamos da área mais central e fomos morar bem mais longe, no Jardim das Bandeiras,²⁵ um bairro novo na época entre o Sumaré e a Vila Romana, a questão se resumia a levar mais tempo para se deslocar para a escola, depois para o trabalho e permitiu ampliar o conhecimento da cidade onde morava. O primeiro trabalho como química se deu em uma fábrica na Mooca, e o trajeto de casa ao trabalho levava cerca de duas horas, mais ou menos o tempo da viagem feita hoje de Campinas para o campus Guarulhos da Unifesp. Tomava dois ônibus: o Sumaré para chegar à Praça do Patriarca, e da Praça do Patriarca eu andava até a Praça Clóvis Beviláqua,²⁶ incorporada à [Praça da] Sé²⁷ quando das intervenções no local para a construção do metrô, e

24 **Vila Maria Zélia**, um importante exemplar da habitação operária do início do século XX, em São Paulo. Construída entre os anos de 1912 e 1916 por encomenda do empresário Jorge Street. Seu conjunto compreende 198 casas de seis diferentes tipos, um alojamento para solteiros e vários equipamentos de uso coletivo, como uma capela, duas escolas (de meninas e de meninos), um prédio com creche e jardim da infância, outros dois para a farmácia e um restaurante. Posteriormente, foi vendida ao Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Industriários (IAPI). Entre 1936 e 1937, funcionou como presídio político. Em 1939, uma parte desse conjunto foi demolida, quando, foi vendida à empresa Goodyear. (CONDEPHAAT, 1985).

25 **Jardim das Bandeiras** é um bairro residencial da Zona Oeste da cidade de São Paulo, pertencente ao distrito de Pinheiros.

26 **Praça Clóvis Beviláqua**, localizada na zona central, seu nome foi oficializado pelo Decreto-lei nº 387, de 07 de janeiro de 1947, homenageando ao escritor e jurista brasileiro Clóvis Beviláqua.

27 **Praça da Sé**, localizada na zona central, é o marco zero do município de São Paulo. Seu nome se deve ao fato de estar à frente da Igreja da Sé paulistana, foi palco de inúmeros eventos importantes, como o comício das Diretas Já.



Fig. 3. Stella Bresciani fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de E. Atique, 2018.

lá tomava o ônibus para me levar até a Mooca, do outro lado da cidade. Trabalhei depois na já mencionada Lily em Santo Amaro e novamente o trajeto exigia dois ônibus, um me levava ao centro da cidade, e outro que me levava do Vale do Anhangabaú até Santo Amaro. Quase não havia transporte coletivo interbairros.

74 Recordo todos esses deslocamentos como experiência de vida e, daí, base para os estudos sobre as cidades. Nas cidades europeias no século XIX, grande número de pessoas nasciam e viviam a vida toda no mesmo bairro, porque lá moravam e trabalham. O *Faubourg Saint-Antoine*,²⁸ em Paris, por exemplo, bairro de artesãos de madeira, principalmente móveis, era considerado um bairro revolucionário... A localização específica de determinada população em certos bairros deu lugar a certos ditos: “se quiser antever movimentos de revolta, em Londres mantenha o olhar no *East End*,²⁹ em Paris, volte o olhar para o *Faubourg Saint-Antoine*”. Os deslocamentos começaram, em parte, com as reformas urbanas do prefeito [Georges-Eugène] Haussmann,³⁰ “expulsando” para fora das áreas centrais a população mais pobre. O centro de Paris ainda mostra resíduos do que denominavam *ninho de rato*. Pode-se encontrar nas laterais de grandes avenidas centrais, ruas estreitas, tortuosas, escuras e úmidas; hoje em dia curiosidades turísticas. Há algo que desejo afirmar: a importância das viagens para nossa formação; imprescindível aos arquitetos, e também de suma importância para historiadores. As noções de tempo e escala só são apreensíveis na exploração de diferentes cidades, países.

28 **Faubourg Saint-Antoine** o nome designava, a partir do século XV, um distrito desenvolvido em torno da abadia *Saint-Antoine-des-Champs*. O local se constituiu em um campo de observação para a vida concreta dos homens, e a constituição de suas relações sociais de solidariedade e dependência interna. Seus moradores eram parte da vanguarda do movimento revolucionário de 1789, e estiveram envolvidos na tomada da Bastilha. Para uma reflexão aprofundada sobre o local ver Monnier (2015).

29 **East End** é a área de Londres, localizada a leste da muralha medieval da cidade. Durante um longo período esta região foi associada com a pobreza por ser o lar de operários, de estivadores e imigrantes. No século XIX ficou conhecido por ser refúgio de dissidentes religiosos e radicais. As obras de Charles Dickens, Oscar Wilde e Arthur Conan Doyle ajudaram a consolidar uma imagem da região, que foi reforçada em 1888 pela série de assassinatos cometidos por Jack, o estripador, pseudônimo do criminoso. Para mais informações ver Palmer (2014).

30 Georges-Eugène **Haussmann** (1809-1891) advogado e político, possuía o título de barão, foi o administrador do antigo departamento do Sena (que incluía os atuais departamentos de Paris, *Hauts-de-Seine*, *Seine-Saint-Denis* e *Val-de-Marne*), entre 1853 e 1870. Foi o responsável pela realização de um grande plano de remodelação da cidade de Paris, criando bulevares espaçosos, destruindo bairros antigos e criando espaços para facilitar o deslocamento de tropas militares visando poder controlar com maior facilidade as insurreições populares. Criou um novo sistema de esgoto e regulamentou as quadras limitando a altura máxima das edificações.

FV: Professora, em seu texto sobre as Sete Portas da Cidade, a sétima porta é, justamente, uma porta de acesso ao estudo das memórias e das identidades que vivem constantemente em conflito. A senhora poderia exemplificar algumas dessas identidades dentro da cidade de São Paulo?

SB: Penso que até agora a conversa foi exatamente sobre memórias, não? Memórias que me territorializam em São Paulo, e não ocorreu com Campinas, embora tenha me mudado para lá em 1976. Talvez por morar na Cidade Universitária, bairro longe da área central da cidade e por me deslocar sempre de carro, diferentemente de São Paulo, quando na juventude usei transporte coletivo até mais ou menos 29 anos. Por isso, estou certa de que para se conhecer uma cidade deve-se caminhar, gastar sola de sapato; só assim se adquire intimidade com ela, ou melhor, parte dela. Mesmo o transporte coletivo não permite conhecer a cidade, leva de um ponto a outro. Abrevia-se o tempo de deslocamento. Bem que, atualmente, nem abrevia tanto o tempo porque nem sempre o transporte coletivo é bem organizado. Vale pensar, digamos... meus avós quando vieram da Itália, levaram pelo menos um mês na viagem de navio. Hoje, descontadas as horas de espera no aeroporto, em onze horas vamos de São Paulo a Roma, na Itália. Mas pergunto: o que se vê do caminho? Mesmo o se deslocar pelo Brasil, dadas as enormes distâncias, se recorre muito mais ao avião, diferentemente de deslocamento em países europeus, nos quais são mais comuns as viagens de trem. Lembro de estar em Milão e desejar conhecer Novara,³¹ cidade natal do meu avô materno, uma cidade entre Milão e Turim. Cheguei na estação e fiquei encantada com as várias direções propostas: Veneza, Pádua, Nápoles, quantas opções em um único terminal de trens! A vontade era a de “pegar todos esses trens”, e não só o na direção de Turim para descer na metade do caminho em Novara onde uma pessoa, um historiador, me apresentaria a cidade... Um privilégio, não é? Mesmo os trens de alta velocidade possibilitam o rápido olhar pelo território que percorrem. Entretanto, o hábito de caminhar me deu conhecimento de uma parte mínima de São Paulo, entre os bairros onde morei, os lugares nos quais estudei e trabalhei. Ainda assim, foi e é muito difícil passar para os alunos a noção de andar em meio à multidão, a maioria deles sempre usou o transporte coletivo ou ia para a escola e voltava no carro dos pais ou em transporte escolar. Afinal, a *balada* é a multidão? O *Shopping Center* é multidão? São experiências muito diferentes do estar em meio à multidão na rua. A sensação de andar nas ruas em meio à multidão constituía uma sensação muito boa, de liberdade... Por isso, a questão da territorialidade implica essa sensação de saber se orientar. Ainda hoje quando viajo sinto prazer em me perder na cidade visitada. Andar ou tomar um ônibus e ver onde ele vai dar, descer, andar, observar o lugar, e, claro, voltar. Para mim isso é sumamente necessário, porque ficar só no trajeto turístico, mesmo nas modernas cidades, como as norte-americanas, pouco se conhece delas! Visitas guiadas dão uma ideia direcionada das cidades, mas pouco nos dizem delas, como entendi na recente estadia em Roma.

FA: Em Roma?

SB: Sim, em Roma! Estava com Ivone Salgado³² e descobrimos ser aquele miolinho histórico somente um

³¹ **Novara** é uma comuna italiana da região do Piemonte.

³² **Ivone Salgado**, graduada (1978) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – USP, mestre (1981) e doutora (1985) em *Urbanisme Aménagement et Environnement* pela *Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne* – UPEC (França). Fez pós-doutorado (2008-2009) no *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* - IUAV (Itália). Em 1995 foi presidente do Conselho Municipal de Desenvolvimento

miolinho; a cidade é muito maior e fora da área central se dispõem modernos conjuntos habitacionais imensos! Conjuntos dos anos 1940, 50, alguns bem grandes. Logo, a área “histórica” pode pouco ter a ver com a vida dos seus moradores que muito provavelmente, vão pouco para o centro de Roma, mais frequentado por turistas. São duas cidades. A mesma experiência tivemos, Ivone [Salgado] e Josianne [Cerasoli]³³ em São Petersburgo. Ficamos hospedadas na casa de uma senhora russa, e pedimos a ela para conhecer os conjuntos habitacionais que havíamos visto no mapa. Fomos de ônibus, e ao nos afastarmos do centro de São Petersburgo, Ludmila indicava as várias fases de construção desses conjuntos apontando os dos anos 1930, dos anos 40, dos anos 50, dos anos 60... Ainda que não tenhamos conseguido ir até o limite da cidade, nesse trajeto do ônibus pode-se descobrir “outras” cidades dentro da própria São Petersburgo. Tivemos uma ideia, ainda que rápida, dessa progressão urbanística, identificada no mapa. Mas me pergunto: posso dizer que conheço Roma? Posso dizer que conheço São Petersburgo? Não! Conheço a parte turística que é enorme em Roma. Conhecer é vivenciar os lugares... Por isso, a única cidade, fora do Brasil, que posso dizer que conheço é Paris, onde passei meses seguidos, a maior estadia foi de 7 meses, e vivenciei a rotina dos habitantes do bairro em que estava, ia aos domingos, a uma feira livre, gostei de ver uma banca com vários tipos de cogumelos e consegui uma receita de omelete de cogumelos do vendedor! A cada escolha, o próprio vendedor me dizia com que alimentos combinava cada um dos cogumelos: carneiro, vitela, cabrito... Eu me senti durante esses meses territorializada... Paris é uma cidade na qual eu me localizo. Posso me perder e me reencontrar.

76

DF: Professora Stella eu irei fazer a próxima pergunta. Bem, o que a gente sente, no contato com pessoas que moram há muito tempo ou mesmo moraram a vida inteira em uma só cidade, é que elas falam da cidade do passado com uma certa idealização. Há sempre uma idealização. O que eu lhe pergunto é o seguinte: se essa idealização também é material para o historiador...

MEMÓRIA, CIDADE E
IDEALIZAÇÃO DO PASSADO

SB: Ah, sim!

DF: Se a própria idealização, o próprio fato de ser idealizado, rende uma preocupação histórica. De que forma o historiador pode tratar isso? Porque se relaciona bastante com a famosa Sétima Porta, então se a senhora ‘podia falar um pouco sobre isso...

SB: Certo... deixei de lado as portas conceituais da cidade e me detive na memória de vivência em cidades. Há sim muita idealização, em particular das cidades europeias, memórias densas, porque compostas por várias camadas de história. A memória pessoal é seletiva; configura uma reconstrução do vivenciado.

Urbano de Campinas - CMDU. Professora titular da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas, conforme informações do CV Lattes.

33 **Josianne Francia Cerasoli**, graduada (1995), mestre (1998) e doutora (2004) em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professora entre 2004 e 2012 do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia – UFU e desde 2012 atua nos cursos de graduação e pós-graduação do Departamento de História da Unicamp. Desde 2007 é editora da Revista Urbana. Desde 2014, membro da diretoria e atual presidente da Associação Nacional de História (ANPUH) regional de São Paulo, conforme informações do CV Lattes.

Vários pesquisadores se debruçaram sobre a questão da memória. Jacy Seixas,³⁴ historiadora, escreveu textos teóricos sobre formas de memória e de como o esquecimento participa, consciente e subconscientemente, da reconstrução do vivido. Indico a coletânea **Memória e (Res)sentimento: Indagações sobre uma questão sensível** [Ed. Unicamp. 2001, 2014] com textos importantes, incluindo o de Seixas. A filósofa Anne Cauquelin³⁵ propõe reflexões instigantes no **Essai de philosophie urbaine** [PUF, 1982] no qual a opinião comum sobre a cidade ou um bairro – a “doxa” urbana – tem para ela especial importância para se estudar e intervir nas cidades, mas em particular entender a vivência em um bairro ou em pedaço de um deles. Penso também em Walter Benjamin, cujos trabalhos foram uma estratégica “porta de entrada” para meus estudos sobre cidades. Cito “A rua de mão única”³⁶ onde reconstrói sua infância em Berlin do início do século XX. Apresenta fragmentos evocativos, o telefone, o posto de gasolina, o jardim zoológico, peças que formam imagens nem sempre acabadas da cidade e da memória de Benjamin adulto, com vazios não preenchidos. Já quando desejamos esticar um fio sequencial, como agora eu faço aqui com vocês, retomo momentos de meu percurso e junto fragmentos dando a eles um sentido, e, muitas vezes, esse sentido é idealizado. Vocês conhecem o livro da psicóloga Ecléa Bosi?³⁷

DF: Já ouvi falar...

SB: Leia-o, porque vale a pena, e sabe por quê? Há nele essa parte idealizada, sem dúvida, a reorganização da memória quando se é incitada a dar depoimentos... Há no livro de Ecléa depoimentos maravilhosos, como, por exemplo, o de um senhor filho de uma família de imigrantes que morou no Bom Retiro logo que chegaram ao Brasil. Durante muito tempo moraram em uma pensão ou cortiço, e depois foram morar em outro bairro mais afastado, e se deslocaram cada vez para mais longe do Bom Retiro... Conforme a família melhorava de vida, foram se afastando até os lados da Penha para ter casa própria... Foi essencial conhecer histórias de vida de antigos moradores de São Paulo e com seus relatos desvendar outras São Paulo.

34 **Jacy Alves de Seixas**, graduada (1979) em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo - USP, mestre (1984) e doutora (1989) pela *École des hautes études en sciences sociales* – EHESS (França). Fez pós-doutorado (2002) na *Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne* (França) e (2002) na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Professora Titular da Universidade Federal de Uberlândia – UFU, conforme informações do CV Lattes.

35 **Anne Cauquelin** é artista plástica, romancista, doutora (1976) e professora emérita de filosofia da *Université de Picardie*, na França. É autora de ensaios sobre arte e filosofia, sendo, atualmente quem promoveu uma renovação nas práticas e discursos sobre estética. Entre seus livros se destacam *A invenção da Paisagem* (1989), *Arte contemporânea* (1992) e *Aristóteles* (1990), e dos romances *Potamor* (1978) e *Les prisons de César* (1979). É redatora-chefe da *Revue d'esthétique*. Para mais informações ver Desmete (2020).

36 **“A rua de mão única”** (*Einbahnstrasse*), foi publicado por Walter Benjamin em 1928. Um texto fragmentado e descontínuo, que contempla uma variedade considerável de temas. Couy o caracteriza como “uma obra exemplar para dizer de um texto construído sob a égide do fragmento; da montagem, tomada de empréstimo da fotografia, do cinema e do teatro; do surrealismo; da colagem, na qual se interpõem textos de anúncios, placas, outdoors, que atravessam a cidade”. Seu caráter não linear revela sua crítica à vida na metrópole e não estabelece fronteiras entre o literário, a crítica e a historiografia.

37 **Ecléa Bosi** (1936-2007) graduada (1966) em Psicologia pela USP onde também realizou seu mestrado (1970) e doutorado (1971). Professora titular do Instituto de Psicologia da USP, no ano de 2008 tornou-se professora Emérita do Instituto de Psicologia. Foi agraciada com o *Prêmio Ars Latina* pelo conjunto da obra em 2009. Seu livro *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos* (1979) se tornou uma referência, pois, manifesta a necessidade das memórias como a forma de manutenção da cultura de nossa sociedade. Suas iniciativas fizeram com que a partir de 1994 a USP inaugurasse o programa Universidade Aberta à Terceira Idade. Conforme informações do CV Lattes.

FA: Memória e Sociedade, é o livro.

SB: Sim *Memória e Sociedade*. Lembranças de Velhos (Queiroz/Edusp, 1973), isso! Vale a pena. Saiu uma segunda edição uns anos atrás. Eu o considero um livro muito sensível, delicado! Ela deixa as pessoas falarem. Ecléa recebeu críticas porque corrigiu o português dos depoentes, porém as memórias ela não corrigiu, deixou fluir no fluxo do lembrar, uma fruição de memória, não uma sequência de perguntas e respostas. Um fluxo que me traz à lembrança minha avó, cuja família veio da Itália direto para São Paulo. Meu avô, também italiano, passou antes pelo Rio, achou a cidade muito quente, insuportável, e se mudou para São Paulo por ser mais “fresquinho” e a garoa e as noites frias lembrarem a “terra dele”. Com algum dinheiro no bolso, montou um armazém, chamaríamos de “secos e molhados”, voltado para a importação de vinho em tonéis da área de onde era originário, região vinícola, e vendia “a retalho” em garrafas. Isso tudo na [rua] 3 de Dezembro. Vocês sabem onde fica a 3 de Dezembro? No coração de São Paulo, próxima à “Praça da Sé e adjacências”. Uma construção com “o negócio” no térreo e na parte superior, a casa. Minhas tias, meus tios - minha mãe não, porque já nasceu na [rua] Santa Isabel - nasceram e lá viveram vários anos. Minhas tias viveram nessa casa mais de 60 anos, mudaram-se crianças para a rua Santa Isabel, no bairro da Vila Buarque na época recém aberto, um bairro classe média; em uma sequência lotearam Higienópolis, bairro de cafeicultores e classe média alta, e abriram a Avenida Paulista, território da nova incipiente burguesia industrial. Nesses bairros, buscava-se manter a configuração urbanística e social por meio das regras impostas à construção. Vila Buarque, terrenos estreitos e longos, terrenos de 7,5m de frente por 50m de fundo, a casa sediada no limite fronteiro do lote: porta, duas grandes janelas, entrava-se por um avarandado que ia da sala de visitas na frente, passava pelos três quartos até a enorme sala de jantar. A casa era maior pois incluía o terreno vizinho. Quando minha avó morreu, a casa foi vendida e minhas tias se mudaram para bem longe, em uma rua próxima das “Águas Espraiadas”, depois denominada avenida Roberto Marinho... Águas Espraiadas tão bonito! Trocar para Roberto Marinho? Essas mudanças de casas dão a dimensão da experiência de vida das minhas tias e do crescimento exponencial da cidade. Posso imaginar a sensação delas de perderem as raízes ao saírem da casa da Santa Isabel, a igreja que frequentavam, o primeiro supermercado de São Paulo, “Pegue e Pague”, logo atrás da casa delas, a feira no Largo do Arouche, transferida depois quando uma rua “cortou” o Largo para ligar a rua Rego Freitas com a Avenida Duque de Caxias. Também vivenciaram a construção do Minhocão³⁸ sobre a rua Amaral Gurgel; a região ficou escura, mas gostei pela nova experiência – me deslocar de casa na Vila Nova Conceição, ao lado do parque do Ibirapuera, e passar pilotando meu carro naquela via elevada. Lembranças que configuram a noção de territorialização e de construção da memória. Se, para a minha avó e tias, essa foi uma experiência ruim, para mim, horrível foi a reforma da Praça da Sé com a demolição de uma quadra que a separava da [Praça] Clóvis Beviláqua. Mesmo antes de tristemente se tornar espaço de moradia de “sem tetos”, a junção das praças tornou o lugar amorfo; as duas praças compunham o enquadramento preciso da Catedral e do Palácio da Justiça. Enfim,

38 **Elevado Presidente João Goulart**, anteriormente nomeado como Elevado Presidente Costa e Silva, e popularmente conhecido como Minhocão foi construído na gestão de Paulo Maluf como prefeito da cidade de São Paulo. Para uma apreciação a respeito da obra, ver Fernanda Barbara (2018).

Fig. 4. Stella Bresciani fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



penso ser evidente o quanto gostava da São Paulo da minha juventude, amor que permanece, embora tenha me mudado para Campinas. Posso afirmar ter vivido uma São Paulo que me proporcionava uma vida urbana. Por vezes, quando escrevia minha tese de doutorado, em 1974-75, preparava aulas para o curso na Unicamp, parava às 21h30 e pensava: “Estou muito cansada!” parava tudo e ia para o cine Belas Artes.³⁹ Era ainda muito tranquilo sair do cinema à meia noite. Provavelmente não faria isso hoje em dia em São Paulo... É uma idealização da memória afetiva? Pode ser parte de minha formação adicionada a ser filha de engenheiro funcionário da prefeitura e vivenciar “São Paulo canteiro de obras...” Algo que me marcou, pois, quando começaram a demolir as casas da Avenida Paulista, eu morava na época na Alameda Santos, esquina com a Avenida Brigadeiro Luiz Antônio, considerava isso natural se aquelas casas não serviam para escritórios e comércio; parte dos moradores havia se mudado para o Morumbi. Enfim, só aprendi a valorizar a questão do patrimônio no curso de História. Por isso, imagino que para maioria das pessoas de São Paulo essas mudanças eram ótimas: substituir aquelas mansões por prédios significava a Modernidade, o progresso... a cidade que não pode parar! São Paulo cidade errante, o centro bancário, financeiro, comercial, de escritórios e consultórios médicos migrou para a Avenida Paulista, rua Augusta e adjacências, depois, para a Avenida Luiz Carlos Berrini. Esse deslocamento progressivo e colonizador me lembra Darcy Ribeiro⁴⁰ e sua experiência como Antropólogo, quando disse que era costume da tribo sobre a qual pesquisava, os indígenas se mudarem quando o lugar ficava infestado de baratas. Penso um pouco isso de São Paulo e essa errância: “o centro ficou muito congestionado, ficou denso... não serve mais, vamos para a Paulista. Paulista ficou muito congestionada, se deteriorou, vamos para a Berrini”! Quando Prestes Maia⁴¹

39 **Cine Belas Artes**, exibia filmes desde 1956, contudo só ganhou este nome em 1967. Um dos mais importantes pontos de encontro da cidade foi ameaçado de fechamento em 2002 quando foi assumido pela O2 Filmes. Porém, em 2011 suas portas foram fechadas dando origem a uma grande mobilização solicitando sua reabertura. Em 2013 sua fachada foi tombada e, em 2014, a Prefeitura de São Paulo e a Caixa Econômica Federal viabilizaram a reabertura do cinema, que desde 2019 conta com o patrocínio da cerveja Petra.

40 **Darcy Ribeiro** (1922-1987) se formou em 1946 em antropologia pela Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Ao lado de Anísio Teixeira foi um dos idealizadores da UnB, sendo também seu primeiro reitor. Fundou a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF). No governo de João Goulart ocupou os cargos de Ministro da Educação (setembro de 1962 a janeiro de 1963) e chefe da Casa Civil (junho de 1963 e março de 1964). Após o golpe civil-militar foi exilado, indo viver no Uruguai. Entre 1983 e 1987 era o vice-governador de Leonel Brizola no Rio de Janeiro. Responsável pela criação do Memorial da América Latina, foi eleito em 1992 para a Academia Brasileira de Letras e em 2005, foi agraciado com a Ordem do Mérito Cultural.

41 Francisco **Prestes Maia** (1896-1865) se formou engenheiro civil em 1917 na Escola Politécnica. Já em 1918 foi nomeado como diretor de Obras Públicas na Secretaria de Viação e Obras Públicas do governo estadual. Atuou como professor substituto na Politécnica a partir de 1924, quando, em 1927 foi finalmente contratado, permanecendo no cargo até 1937. Foi chefe da Secretaria de Viação e Obras

projetou o Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo,⁴² um plano radio-concêntrico, o último anel, o grande anel da “carroça”, expressão usada por Victor da Silva Freire⁴³ para projetar a imagem dos anéis viários, a última volta de anéis propostos eram as marginais Pinheiros e Tietê; a concepção se manteve e hoje em dia deslocou-se para o Rodoanel. Minha imagem é a de São Paulo meio errante, desloca-se sucessivamente ao invés de modificar as áreas já urbanizadas... Penso ser diferente o Rio de Janeiro. O “carioca da gema” detesta a Barra da Tijuca, talvez tenha mudado hoje, mas lembro de meus amigos dizerem: “aquilo não é Rio de Janeiro”. Tive essa mesma impressão ao ir à barra da Tijuca pela primeira vez, parecia que havia mudado de cidade.

FA: Stella, aproveitando um pouco essa sua discussão sobre mudanças e percepções de novos territórios: como foi ser contratada pela UNICAMP e ajudar a construir aquela universidade?

TEMPOS DE CAMPINAS:
UNICAMP E CIEC

SB: Foi uma ousadia compartilhada, o desafio de implantar um curso de graduação em História que respondesse a questões atuais, menos rigidamente estruturado como o da USP, onde me formei, e me titulei. Na época, 1974, constituía um enorme desafio, pois os “anos de chumbo” pouco permitiam de liberdade intelectual. Mas também foi a oportunidade de ter um emprego em tempo integral com a possibilidade de desenvolver uma carreira acadêmica. Porém, creio eu, o que mais me atraiu foi a oportunidade de montar alguma coisa, nova não só para mim, claro, mas também para os colegas já contratados e os que vieram em seguida. Mesmo antes da implantação da graduação e da pós-graduação em História, se mostrou estimulante a experiência de ser professora em cursos que reuniam estudantes de Linguística, Economia e Ciências Sociais. Eu me formara em 1970 e me sentia muito próxima dos alunos, estudando e aprendendo junto com eles; na verdade sabia pouco mais do que eles. Foi uma forma de repassar minha própria experiência. A Unicamp era uma universidade nova e tal como ela, os alunos eram muito abertos a formas novas de aulas e isso ajudou a me sentir mais segura. Quando entrei não havia um Departamento de História no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas;⁴⁴ havia os cursos de Economia, Linguística e Ciências Sociais; as disciplinas de História eram consideradas complementares, “disciplinas de serviço”. Porém a concepção interdisciplinar, muito forte

Públicas da Prefeitura de São Paulo ao longo da gestão de Pires do Rio (1926-1930). Ao longo desse período, em conjunto com João Florence de Ulhôa Cintra elaborou o Plano de Avenidas de São Paulo. Foi prefeito da cidade de São Paulo por duas vezes de 1938 a 1945 após ser nomeado pelo interventor Ademar de Barros e foi eleito para a gestão de 1961 a 1965. Para mais informações ver Maria Cristina da Silva Leme (2010).

42 **Plano de Avenidas** foi um projeto para a cidade de São Paulo elaborado por Francisco Prestes Maia e João Florence de Ulhôa Cintra. Publicado pela Companhia Melhoramentos de São Paulo em 1930, serviu como subsídio para a gestão de Fabio Prado (1934-1938) e do próprio Prestes Maia (1938-1945). Premiada no IV Congresso Pan Americano de Arquitetos, realizado no Rio de Janeiro em junho de 1930, o plano composto por três avenidas perimetrais articuladas por um sistema de avenidas radiais consistia no estabelecimento de uma via circular formando um perímetro de irradiação para São Paulo, mostrando uma predominância do automóvel e do ônibus frente a outros meios de transporte. Para mais informações ver Maria Cristina da Silva Leme (2010).

43 **Victor da Silva Freire** (1869-1951) estudou engenharia na Politécnica de Lisboa (1888) e na *École des Ponts et Chaussées de Paris* (1891) obtendo o título de engenheiro civil. Em 1897 comandou a Comissão de Saneamento do Estado de São Paulo. Assumiu a direção do Setor Municipal de Obras em 1899 e se manteve lá até 1926. Lecionou na Escola Politécnica de São Paulo de 1898 a 1934 e esteve à frente de sua direção entre os anos de 1932 e 1933.

44 **Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH** - foi criado em 1968 como Departamento de Planejamento Econômico e Social da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Seu organograma abrigava o DEPE (Departamento de Economia e Planejamento Econômico), o DCS (Departamento de Ciências Sociais) e o DEL (Departamento de Linguística).

na estruturação desses cursos, proporcionava uma experiência nova e estimulante; os alunos se interessavam pelas disciplinas, tanto do curso básico de dois anos – História Moderna e Contemporânea, História do Brasil, como nos anos seguintes com opção por Seminários temáticos, muitas vezes propostos pelos próprios alunos. Éramos 4 professores: José Roberto do Amaral Lapa,⁴⁵ Fernando Novais (cedido pela USP), Ítalo Tronca⁴⁶ e eu. Logo porém, em 1975, o “time” de historiadores aumentou com Déa Fénelon,⁴⁷ Michael Hall,⁴⁸ Arnaldo Contier,⁴⁹ e resolvemos pensar em “montar” um curso de História. Em parte, porque os cursos de história das faculdades particulares estavam aceitando, sob a pressão governamental, se redefinirem como cursos de três anos em Estudos Sociais. Logo, era importante, como forma de resistência, implantar um curso de História em uma universidade pública. A carência de cursos de História e, principalmente, no nível de pós-graduação, foi um estímulo para nós. Ser mãe de dois filhos, redigir a tese de doutorado e morar em São Paulo foi bem complicado, e motivou nossa mudança para Campinas em 1976. Suprimi a estrada que se interpunha entre casa e sala de aula e entre sala de aula e casa. Facilitou muito ser de 5 minutos a distância, de carro, entre minha casa e a Universidade. A parceria dos colegas, em particular, Déa cuja experiência na pós-graduação na Universidade Johns Hopkins⁵⁰ (EUA) e anos de docência na Universidade de Brasília, ajudou muito. Tivemos o apoio do reitor

45 **José Roberto do Amaral Lapa (1929-2000)** em 1948 obteve o título de Técnico em Contabilidade pela Escola Técnica de Comércio Campineira. Posteriormente, estudou no curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Campinas (atual PUC Campinas). Retomou os estudos na Faculdade de Direito da Universidade Católica de Campinas, obteve em 1959 o título de bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais. Nos anos sessenta passou a lecionar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília e lá em 1966 defendeu seu doutorado. A partir dos anos setenta se tornou professor de História da Unicamp, lá se tornou titular e foi um dos responsáveis pela fundação do Centro de Memória – CMU. Era sócio fundador da Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica - ABPHE, tendo participado ativamente do Congresso de fundação da entidade em São Paulo em 1993.

46 **Ítalo Arnaldo Tronca** (? – 2015), nos anos 60 trabalhou em jornais como Folha da Tarde, Última Hora, Jornal da Tarde e revista Veja. Em conjunto com Bernardo Kucinski, publicou o livro **Pau-de-arara, a violência militar no Brasil**, considerado como uma das primeiras denúncias no exterior sobre a existência das torturas nos porões da ditadura militar. Para mais informações ver Cavalcanti (2003). Graduado (1970) em História pela Universidade de São Paulo – USP e doutor (1976) em História Econômica pela mesma universidade. Foi professor titular do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas, conforme informações do CV Lattes.

47 **Déa Fénelon** (1933-2008), graduada em História (1961) pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, posteriormente, fez uma especialização pela *Duke University* (1964), especialização pela *Johns Hopkins University – JHU* (1970) e realizou o doutorado (1973) na UFMG. Lecionou na Universidade de Brasília – UnB, na Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP, na Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP e na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Foi presidenta do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) durante a gestão de Luiza Erundina (1989-1993) na Prefeitura de São Paulo.

48 **Michael McDonald Hall** (n.1941) é graduado (1963) pela Universidade Stanford, mestre (1965) pela *Columbia University* e doutor (1969) pela mesma universidade. Foi professor da Universidade da Carolina do Norte (1967-1969) e da Universidade Tulane (1969-1974). Atua desde 1975 como professor titular do IFCH e é vice-diretor do Centro de Estudos de Migrações Internacionais - CEMI. Foi um dos fundadores do Arquivo Edgar Leuenroth (AEL). Para mais informações ver Fontes e Macedo (2016).

49 **Arnaldo Daraya Contier** (1941-2019), graduado (1966) em História pela Universidade de São Paulo - USP realizou em 1970 uma especialização na Université de Toulouse e doutorado (1973) pela USP. Fez pós-doutorado em 1985 na *Université de Paris III*. Desde 1966 era professor da USP e em 1988 se tornou livre docente. Conforme informações do CV Lattes.

50 **Universidade Johns Hopkins – JHU**, situada em Baltimore nos Estados Unidos, foi fundada em 1875 pelo filantropo e empresário Johns Hopkins. Sua ênfase na pesquisa acadêmica seguia o modelo da Universidade Humboldt de Berlim, e foi a primeira universidade do Estados Unidos a ofertar esse modelo. É considerada uma das instituições acadêmicas de pesquisa mais importantes do mundo.

Zeferino Vaz,⁵¹ que também havia participado da fundação da UnB.⁵² Ele e Déa traziam uma experiência de universidade mais moderna e com estrutura mais maleável. Propusemos um curso mais focado em História Moderna, História Contemporânea e História da América Colonial e Independente. As disciplinas de História Antiga e Medieval ficaram um pouco prejudicadas, com poucas disciplinas, o que, mesmo quando não se tem por objetivo formar especialistas, conhecer milênios de História sempre dá uma formação mais consistente. Porém, na época foi nossa opção. Foram as viagens de pesquisa e de participação em congressos em países europeus as responsáveis por desenvolver meu grande interesse principalmente pelo período medieval e início da Idade Moderna. Viagens e livros ampliaram o interesse, muitos deles literatura, como **Monalisa: A mulher atrás do quadro** [José Olímpio, 2018] que ganhei de minha amiga Marisa [Varanda Teixeira Carpintéro]⁵³. Nele, Diane Hales, uma jornalista norte-americana apaixonada por Florença, dedicou anos a pesquisar os acontecimentos da e na cidade e a longa pesquisa lhe permitiu recontar, detalhadamente, o dia a dia do complexo e sangrento início do “Renascimento” italiano. Vários aspectos desse momento se mostraram ricos na relação da política com a religião, conflitos e intrigas entre famílias poderosas. Ou seja, me permitiu entrever informações que não tinha e o quanto o “reflorescer das artes” nada teve de tranquilo, incluindo a rivalidade entre Leonardo da Vinci e Michelangelo.

FA: Stella, ainda pensando um pouco essa estruturação do que foi o curso na UNICAMP, o Departamento de História é formado por vários centros que irradiam conhecimentos da graduação para a pós, e você teve a iniciativa, com outros colegas, de formar o CIEC. Conta um pouco para nós como é esse pensamento em Centros de Estudo que estão ali dentro do IFCH, sobretudo no Departamento, e como é que se chegou ao CIEC, eu acho que isso é uma coisa importante para pensarmos na nossa graduação aqui na Unifesp.

SB: Temos vários centros, cito em particular, o Centro de História Social Cultural [CECULT]⁵⁴ com o foco voltado para a história operária, história do trabalho em suas diversas dimensões. Já o Centro Interdisciplinar

51 **Zeferino Vaz** (1908-1981) graduado em Medicina (1931) pela USP. Em 1937 se tornou diretor da recém-criada Faculdade de Medicina Veterinária da USP. Ao longo dos anos de 1940 o Conselho Universitário discutia a necessidade da interiorização do ensino superior no estado, desta forma decidiram por criar uma Escola de Medicina no interior. Vaz foi o encarregado de buscar recursos (um dos financiadores deste projeto foi a Fundação Rockfeller) e um local para sua instalação. Em 1952 foi inaugurada a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, que foi dirigida por Vaz desde sua criação até 1964. Foi o primeiro presidente do Conselho Estadual de Educação de São Paulo (1964-1965) e, após o golpe civil-militar, acumulou o cargo de reitor *pro tempore* da UnB. Em 1965, por sua experiência profissional, um pesquisador renomado e com longos anos de administração universitária, foi encarregado de implementar o projeto de criação da Unicamp e foi seu reitor de 1966 até sua aposentadoria compulsória em 1978.

52 **Universidade de Brasília – UnB** foi fundada em 1962, após quatro anos de idealização pelo pedagogo Anísio Teixeira, primeiro presidente do Conselho Diretor da Fundação Universidade de Brasília e pelo antropólogo Darcy Ribeiro, que foi eleito seu primeiro reitor. Seus prédios foram projetados pelos arquitetos Oscar Niemeyer e Lúcio Costa.

53 **Marisa Varanda Teixeira Carpintéro**, graduada (1984) em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, mestrado (1990) e doutora (1998) em História pela mesma universidade. Fez pós-doutorado (2008-2014) em História pela Unicamp. Atuou como professora, diretora e coordenadora do curso de arquitetura e urbanismo da Universidade Metodista de Piracicaba (1994-2007), conforme informação do CV Lattes.

54 **Centro de Pesquisa em História Social da Cultura – CECULT**, em 1995, foi criado na Unicamp o Centro Interno de Pesquisa em Cultura Popular – CECULT, que em 1997 mudou de nomenclatura ampliando seu escopo de atuação, para promover a reflexão sobre as experiências dos trabalhadores ao longo da história do Brasil.

de História sobre a Cidade [CIEC]⁵⁵ resultou do interesse em estudar cidades, já presente na Linha de Pesquisa Cultura e Cidade da pós-graduação em História, implantada em 1985. A história urbana e o pensamento urbanístico interessavam poucos historiadores, e havia alguns arquitetos interessados; assim foi com alguns colegas historiadores, mas principalmente alunos e colegas arquitetos, o que motivou a fundação do CIEC. O colega José Roberto do Amaral Lapa publicara um livro sobre Campinas,⁵⁶ a antropóloga Ana Maria Niemeyer⁵⁷ estudava moradores de rua da cidade de São Paulo, e Arlete Moyses Rodrigues,⁵⁸ colega da Geografia, pesquisava cidades balneárias. Juntos decidimos formar um Centro que acolhesse as nossas pesquisas. Se havia arquitetos propondo a fazer história, por que não estabelecer um diálogo essencial para um campo de trabalho fundamentalmente interdisciplinar? Os seminários de História da Cidade e do Urbanismo [SHCU],⁵⁹ iniciados em 1990, pelos arquitetos da UFBA Ana Fernandes⁶⁰ e Marco Aurélio Filgueiras Gomes,⁶¹ se tornou um importante fórum de debates, e hoje são vários os grupos interdisciplinares com recortes específicos, dentre os quais o Seminário Urbanistas e Urbanismo no Brasil [SUUB]⁶² e a Associação Ibero-americana de

55 **Centro Interdisciplinar de História sobre a Cidade - CIEC** foi fundado em 1995 pela iniciativa conjunta dos Departamentos de História, Antropologia e Geografia e contou desde o início com a presença de arquitetos. O centro realiza pesquisas relativas às cidades, e a composição de acervo de material didático e de pesquisa. Entre os anos de 2006 e 2011 realizou o projeto temático “Saberes eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração do espaço urbano. Estado de São Paulo, séculos XIX e XX”. Sedia a Associação Ibero-americana de História Urbana – AIHU, e desde 2006 realiza a publicação da Urbana: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade.

56 **A Cidade, os Cantos e os Antros. Campinas. 1850-1900** foi publicado em 1996 pela Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. O livro demonstra a transição de uma sociedade escravista para a ordem social capitalista e burguesa. Abordando o processo de modernização da cidade de Campinas, e a sua tentativa de excluir os indesejáveis do espaço urbano, porém, não sem resistência.

57 **Ana Maria Niemeyer**, graduada (1963) em História e Geografia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC/RJ, mestre (1970) em Geografia na *Université de Paris IV/Sorbonne* (França) e doutora (1985) em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo - USP. Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, conforme informações do CV Lattes.

58 **Arlete Moyses Rodrigues** graduada (1971) em Geografia pela Universidade de São Paulo – USP, mestre (1981) e doutora (1988) pela mesma instituição. Leciona na Universidade Estadual de Campinas desde 1983, onde defendeu sua livre-docência em 1996. Entre 1988 a 1990 foi Presidente da AGB-Associação dos Geógrafos Brasileiros. Atualmente é professora visitante na Universidade Federal da Paraíba. Conforme informações do CV Lattes.

59 **Seminários de História da Cidade e do Urbanismo – SHCU** teve início em 1990 o encontro realizado bianualmente, visando estimular a construção da historiografia a respeito da cidade e do urbanismo no âmbito dos diversos programas de pós-graduação. Preocupado com a interdisciplinaridade entre Arquitetura e Urbanismo, a História, a Geografia, a Sociologia, a Antropologia, o SHCU é o mais importante fórum de debates, no campo da história urbana. Após trinta anos da primeira edição do seminário, o Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia – UFBA receberá pela quarta vez (1990, 1993 e 2002) no ano de 2021 o encontro.

60 **Ana Maria Fernandes**, graduada (1978) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - USP, *Diplôme D'Études Approfondies* (1982) e doutorado (1985) em *Urbanisme “Aménagement et Environnement”* pela *Université Paris-Est Créteil Val-de-Marne* – UPEC (França). Fez pós-doutorado (1996-1997) na *Columbia University* (Estados Unidos) e (2004) na *École d'Architecture Paris-Malaquais* – EAPM (França). Professora titular da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, conforme informações do CV Lattes.

61 **Marco Aurélio Filgueiras Gomes** graduado (1973) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília – UNB, mestre (1978) em Geografia Humana e Organização do Espaço pela *Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne* (França) e doutorado em Ciências Sociais pela *Université de Tours - UT* (França). Fez pós-doutorado (2000) pela *New York University*. Professor Titular da Universidade Federal da Bahia - UFBA nos cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura.

62 **Seminário Urbanistas e Urbanismo no Brasil [SUUB]**, criado por iniciativa conjunta entre o Grupo de Pesquisa em História do Urbanismo e da Cidade (GPHUC-UnB) e o Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade (CIEC-Unicamp). O evento bianual tem por objetivo discutir a produção do conhecimento sobre o urbanismo e o planejamento urbano e regional em perspectiva histórica. Já foram realizadas edições em Brasília (2013), São Carlos (2015), Recife (2017) e Belo Horizonte (2019).

história urbana [AIHU].⁶³ Voltando à UNICAMP, no início da década de 1980 foram formados outros Centros e Núcleos de pesquisa, como o PAGU,⁶⁴ voltado para estudos de gênero; o CESOP⁶⁵ para pesquisas sobre processos eleitorais, o NEPO,⁶⁶ para estudos de população, o CEMARX,⁶⁷ para estudos sobre o marxismo. Em suma, minha intenção quando da formação do CIEC, foi a de juntar pesquisadores interessados em enfrentar a interdisciplinaridade. Infelizmente, o prof. Lapa faleceu, Ana Maria se aposentou precocemente e Arlete deixou o IFCH quando da fundação do Instituto de Geociências. Por isso, foi crucial a participação dos mestrandos e doutorandos da Linha de Pesquisa, Marisa Carpintéro, Abílio Guerra,⁶⁸ Amílcar Torrão,⁶⁹ Josianne Cerasoli, Rodrigo Santos de Faria,⁷⁰ Viviane Ceballos,⁷¹ Clecia Aparecida Gomes⁷² na montagem do Centro. Participar da formação do curso de Arquitetura e Urbanismo com os colegas arquitetos Dóris Kowaltowski [FEC],⁷³ Marco do

63 **Associação Ibero-americana de história urbana [AIHU]** foi criada em 2013 em reunião durante o III Congresso Internacional de História Urbana ocorrido em Brasília. Sediada no CIEC-UNICAMP, a associação abrange pesquisas no âmbito dos estudos urbanos cuja abordagem seja histórica e historiográfica sobre os países de língua portuguesa e espanhola, que integram o Continente Americano e os países da Península Ibérica. A primeira edição foi realizada em 2016 na *Pontificia Universidad Católica de Chile / Universidad de Chile* e a segunda em 2019 na *Universidad Nacional de México*.

64 **Núcleo de Estudos de Gênero PAGU**, foi institucionalizado em 1993 na Unicamp, procurando dialogar com as teorias feministas e de gênero. As pesquisas do núcleo perpassam as diversas vertentes da problemática associada ao conceito de gênero – sociais, econômicas, antropológicas, históricas e políticas.

65 **Centro de Estudos de Opinião Pública – CESOP** foi criado em 1992 na Unicamp com o objetivo de desenvolver pesquisas sobre o comportamento político e social. A instituição realiza pesquisas nas áreas de comportamento eleitoral, representação política, opinião pública, políticas públicas, estudos sobre democracia e cultura política, além de produzir um Banco de Dados de Pesquisas por Amostragem, que coleta, organiza e proporciona acesso público a dados de opinião sobre política, sociedade, cultura e comportamento social geral.

66 **Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – NEPO**, criado em maio de 1982 é um centro de pesquisa na área de Demografia e Estudos de População da Unicamp. Entre seus objetivos está o desenvolvimento de pesquisas cujos resultados possam servir como subsídios à atuação de órgãos públicos e de movimentos sociais.

67 **Centro de Estudos Marxistas - Cemarx** foi criado em 1996 na Unicamp, e se estrutura em torno das linhas de pesquisa sobre o neoliberalismo e relações de classe no Brasil, o sindicalismo e movimentos sociais, o grupo de Estudos Althusserianos, marxismo e pensamento político, marxismo e cultura e ruptura no pensamento de Marx. Desde 2004 publicam o *Cadernos Cemarx* com o objetivo de divulgar pesquisas que dialoguem com as diversas correntes do marxismo.

68 **Abílio da Silva Guerra Neto**, graduado (1982) em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas, mestre (1989) e doutor (2002) em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professor da graduação e da pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da graduação e da pós-graduação da Universidade Presbiteriana Mackenzie. É editor da Romano Guerra Editora e do Portal Vitruvius, conforme informação do CV Lattes.

69 **Amílcar Torrão**, graduado (1992) em História pela Universidade de São Paulo – USP, mestre (2004) e doutor (2008) em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Professor do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP e do programa de pós-graduação em História da mesma universidade, conforme informação do CV Lattes.

70 **Rodrigo Santos de Faria**, graduado (1998) em Arquitetura e Urbanismo no Centro Universitário Moura Lacerda – CUML, mestre (2000-2003) e doutor (2004-2007) em História pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Professor do Departamento de Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UNB) e do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma universidade, conforme informação do CV Lattes.

71 **Viviane Ceballos**, graduada (2001) em História pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mestre (2005) e doutora (2014) em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Fez pós-doutorado pelo Programa *Dual Degree* Unicamp - *Rice University* (2016). Professora da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, conforme informações do CV Lattes.

72 **Clecia Aparecida Gomes**, graduada (2012) em pedagogia, mestre (2015) e doutoranda em história pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, conforme informações do CV Lattes.

73 **Doris Catharine Cornélie Knatz Kowaltowski**, graduada (1969) em Arquitetura pela Universidade de Melbourne - UNIMELB (Austrália), mestre (1970) e doutora (1980) em Arquitetura pela Universidade da Califórnia em Berkeley - UCB (Estados Unidos). Professora titular da Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp,

Valle [IA]⁷⁴ deu mais impulso a persistir no campo da História da Cidade e do Urbanismo. O curso de Arquitetura e Urbanismo ensejou a contratação das colegas Cristina Meneguello,⁷⁵ Marcos Tognon⁷⁶ e Silvana [Rubino].⁷⁷ Já em equipe, propusemos à FAPESP, em 2005, o Projeto Temático “Saberes eruditos e técnicos na configuração e reconfiguração do espaço urbano – Estado de São Paulo, séculos XIX e XX” [2006-2011], muito instada pelo arq. Adalberto [da Silva] Retto [Júnior]⁷⁸ que trouxe os colegas Norma Constantino,⁷⁹ Marta Enokibara⁸⁰ e Célio José Losnak⁸¹ professores da UNESP-campus Bauru, e pela arq. Ivone Salgado, da PUC Campinas. Além das colegas do CIEC e alunos da pós-graduação, a participação dos arquitetos Donatella Calabi,⁸² Guido Zucconi⁸³, ambos da Universidade de Veneza e de Angelo Bertoni⁸⁴ complementaram o time com suas respectivas experiências. Os

conforme informações do CV Lattes.

74 **Marco do Valle**, graduado (1982) em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas, mestre (1991) em Artes pela Universidade de São Paulo – USP e doutor (2000) em Arquitetura e Urbanismo pela mesma universidade. Professor do Instituto de Artes da Unicamp, conforme informações do CV Lattes.

75 **Cristina Meneguello**, graduada (1988), mestre (1992) e doutora (2000) em História pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp. Fez pós-doutorado (2005) na Universidade de Veneza – IUAV (Itália) e (2008) na Universidade de Coimbra - UC (Portugal). Professora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas e presidente da Associação Nacional de História – ANPUH na regional São Paulo entre 2012 e 2014, conforme informações do CV Lattes.

76 **Marcos Tognon**, graduado (1988) em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Ribeirão Preto - FAURP (1988), mestre (1993) em História pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutor (2002) em *Storia Della Critica D'arte* da *Scuola Normale Superiore Di Pisa - SNS*. Professor livre docente da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, conforme informações do CV Lattes.

77 **Silvana Barbosa Rubino**, graduada (1982) em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo – USP, mestre (1992) em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas – Unicamp e doutora (2002) em Ciências Sociais pela mesma instituição. Professora livre-docente atua no Departamento de História da UNICAMP desde 2003, ensinando na graduação e pós-graduação, e também no curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, conforme informação do CV Lattes.

78 **Adalberto da Silva Retto Júnior**, graduado (1986) em Agronomia pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM, e em Arquitetura e Urbanismo (1991) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas, doutor (2002) em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - USP e pelo Departamento de História da Arquitetura e Urbanismo do Instituto Universitário de Arquitetura de Veneza (2003). Professor de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Estadual Paulista – UNESP, conforme CV Lattes.

79 **Norma Regina Truppel Constantino**, graduada (1979) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Paraná - UFPR, mestre (1994) em Planejamento Urbano e Regional Assentamentos Humanos pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP (1994) e doutora (2005) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - USP (2005). Professora de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, conforme informação do CV Lattes.

80 **Marta Enokibara**, graduada (1991) em Arquitetura e Urbanismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC Campinas e doutora (2003) em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo – USP. Fez pós-doutorado (2015) em História das Ciências na Casa de Oswaldo Cruz da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz-RJ). Professora do Programa de Pós-Graduação e Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, conforme informação do CV Lattes.

81 **Célio José Losnak** é historiador formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, a UNESP. É mestre e doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. É professor na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, campus Bauru, onde ministra aulas para os cursos de Jornalismo e Arquitetura e Urbanismo. Sua produção é voltada para as investigações sobre a imprensa, em especial das especificidades da produção impressa no interior paulista e seus vínculos com a experiência urbana.

82 **Donatella Calabi** (n.1943), professora de 1974 a 2014 de história da cidade da *Università IUAV di Venezia*, professora convidada da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* de Paris, professora-visitante da Universidade Católica de Leven e da Academia Britânica de Londres. Já proferiu cursos na USP, Paris VIII, dentre outras. Membro do corpo editorial da revista *Planning Perspectives*. Presidente honorária da *European Association of Urban Historians* – EAUH e, é presidente da *Associazione Italiana di Storia Urbana*.

83 **Guido Zucconi** (n.1950) graduado (1975) pela Politécnica de Milão, mestre (1977) em História da arquitetura pela Universidade de Princeton. Foi professor na Universidade de Edimburgo em 1999 e na *Ecole pratique des Hautes Etudes* – EPHE em Paris em 2001. Lecionou na Faculdade de Letras da Universidade de Udine e na Politécnica de Milão e, atualmente é docente no *Istituto Universitario di Architettura di Venezia* - IUAV (Itália). Conforme informações biográficas do CV da IUAV.

84 **Angelo Bertoni** formado em arquitetura (1999) pela *Università di Firenze* e doutor (2006) pela *École des hautes études en sciences sociales*

trabalhos se mostraram um campo de aprendizado excelente e confirmou o quanto são importantes as trocas e o diálogo entre profissionais com diferentes formações acadêmicas. Houve momentos emocionantes como quando Norma disse: “aprendi a fazer pesquisa porque o Temático me obrigou a fazer pesquisa”. Seu interesse em saber como haviam se formado as cidades do Oeste Paulista, ao longo das quatro linhas ferroviárias, fez com que levasse grupos de alunos para Cartórios imobiliários e com a pesquisa mapearam e expuseram os projetos urbanísticos dessas cidades.

FA: Stella, queria muito de agradecer sua presença, eu acho que a gente teve entradas fantásticas hoje para desenvolver outras relações e conhecimentos e, também, para amalgamar algumas discussões que tem acontecido aqui, ao longo dessa formação. Então muito obrigado! Você é uma referência gigantesca e muito importante.

SB: Foi muito bom estar aqui com vocês e conversando com vocês, eu acho ótimo isso.



Fig. 5. Maria Stella Bresciani fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP. **Fonte:** Arquivo particular de F. Atique, 2018.

A CIDADE DOS GEÓGRAFOS

Odette Carvalho de Lima Seabra



Entrevistada: Odette Carvalho de Lima Seabra

Data: 29 de outubro de 2018

Duração: 59' 44"

Roteiro e transcrição: Adriana Rodrigues, Ana Maria Barbour, Orlando Guarnieri e Luís Gustavo Reis

Entrevistadores: Adriana Rodrigues, Ana Maria Barbour e Orlando Guarnieri

Notas Contextuais: Luís Fernando Simões Moraes

Mediação: Fernando Atique

Local da entrevista: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP) – Campus Guarulhos



Fig. 1. Odette Lima Seabra fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP. **Fonte:** Arquivo particular de F. Atique, 2018.

AB: Professora, onde e quando você nasceu?

OS: Eu nasci em São Paulo em 1937.

AB: Não tinha nem retificação do Tietê ainda.

OS: Não tinha havido ainda retificação do Tietê. O Tietê serpenteava sobre a várzea, descrevendo inúmeros meandros e lagoas em semicírculos. Três intervenções¹ importantes já tinham ocorrido no curso do Tietê, nas proximidades da cidade, visando melhorar o escoamento do Tamanduateí e, assim, minimizar os alagamentos no parque Dom Pedro. Morar nas proximidades das várzeas do Tietê tornava necessário, vez por outra, atravessá-lo para viver. Nasci do outro lado do rio, não nasci do lado da “cidade”. O Tietê, naquele trecho, era já um canal [Canal do Inhaúma]² construído em 1892, com objetivo de melhorar o escoamento do Rio Tamanduateí, na várzea Carmo; ao mesmo tempo servia para drenar de importantes setores da várzea do Tietê. Quando minha mãe nos levava à Barra Funda, atravessávamos o Canal do Inhaúma, sobre o qual fora construída uma ponte de madeira, em 1922. Naturalmente, o fluxo acelerado do Tietê, comprimido no canal, deixava a impressão de que o Tietê fosse um rio acelerado e de águas barrentas. Entre as poucas referências sobre o Tietê predominava a de que “o rio Tietê era calmo”, que “serpenteava” formando meandros e lagoas. Que a “água era preta” e que lá “tinha muitos peixes”. Para nós, esta era uma descrição estranha, porque nós passávamos nesse rio que era tão diferente. Em verdade, por se tratar de uma obra, uma intervenção de engenharia, naquele trecho as condições de escoamento eram peculiares. Era um canal barrento com muito material sólido mexido. E como a canalização, nesse trecho, diminuiu a distância de um ponto a outro, por isso, exatamente ali, a água escoava com mais velocidade do que em outros pontos do Rio Tietê. A percepção sensorial do rio não coincidia com as descrições. Voltaremos a esse assunto adiante porque o conhecimento científico pode esclarecer e abrir caminho de superação dos nossos estranhamentos.

AB: Odette, onde você estudou e como escolheu a Geografia como profissão? Houve resistência ou influência doméstica para escolher a carreira?

OS: [Risos] Que pergunta interessante! Sabe que as perguntas têm a ver com a época também, não é? Naquela época, relativamente à condição social de nossa família, mesmo que os pais projetassem o futuro para os filhos, as dificuldades eram grandes. As escolas públicas eram excelentes, mas eram poucas e geralmente localizadas nos bairros imediatos à cidade, propriamente dita. Isso é verdade! Meu pai mandava os filhos para

¹ O historiador Janes Jorge aponta que, entre 1848 e 1851, houve uma retificação do Tamanduateí, nas proximidades do núcleo central, que suprimiu “as sete voltas” que o rio fazia ali e, também, outra, pequena, num trecho do Tietê, na região da Coroa, próxima à Ponte Grande (JORGE, 2006, p. 37). Na década de 1890, a recém-criada Comissão de Saneamento do Estado abriu os canais de Inhaúma e do Anastácio, no Tietê, além de iniciar novas obras de retificação no Tamanduateí. Ainda no Tietê, na mesma época, foram realizadas obras para desobstrução do leito do rio nos quilômetros 16 e 18 da Estrada de Ferro Sorocabana e, também, se iniciou a abertura do canal de Osasco – terminada apenas em 1941 (JORGE, 2012, p. 109). Mais informações: JORGE, Janes. Rios e Saúde na Cidade de São Paulo, 1890-1940. **História & Perspectivas** (Online), v. 24, p. 103-124, 2012; JORGE, Janes. **Tietê: o rio que a cidade perdeu**. São Paulo, 1890-1940. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2006. v. 1. 232p.

² De acordo com Janes Jorge, o **Canal de Inhaúma** possuía 1200 metros de extensão, quase o dobro do **Canal do Anastácio**, que tinha 620m (JORGE, 2012, p. 109).



Fig. 2. Odette Lima Seabra fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de E. Atique, 2018.

a escola, mas era uma época de poucos livros. O que tinha de bom no ambiente que me fui criando, é que toda vida ele foi assinante de jornal. Os jornais traziam suplementos para criança, o “Tico-Tico”,³ por exemplo, mas a riqueza que as pessoas tinham era de convívio. Claro que vocês já ouviram falar das casas de beira de rua,⁴ não

3 O **Tico-Tico** foi uma das primeiras revistas voltada para o público infanto-juvenil no Brasil. O primeiro número circulou em 11 de outubro de 1905, tendo à frente o jornalista Luís Bartolomeu de Souza e Silva. Já no ano seguinte, tornou-se sucesso nacional de vendas, chegando à impressionante tiragem de 100.000 exemplares por semana. Em suas páginas podiam ser encontrados passatempos, mapas educativos, literatura juvenil e informações sobre História, Ciência, Artes, Geografia e civismo. Fotografias e desenhos dos leitores, enigmas e concursos também eram publicados. Contudo, o mais singular e pioneiro no semanário foi a publicação de histórias em quadrinhos destinadas ao público infantil no Brasil. Com dois tipos de papel, quatro páginas coloridas e as demais em branco com verde, vermelho e azul, inovações gráficas e visuais, abriu espaço para novos autores, ilustradores e desenhistas. Por volta de 1960, a revista entrou em decadência, diminuindo a periodicidade com volumes publicados mensal e depois bimestralmente, seguidos por exemplares veiculados com caráter de edições especiais, voltados para pais e professores. Em 1962 deixou definitivamente de circular. Outras informações em: <http://bndigital.bn.br/artigos/o-tico-tico/>.

4 Casas construídas no alinhamento dos lotes, na face fronteira, com ocorrência em bairros diversos. Bastante comum em bairros

é? Só a partir de 1950 é que desapareceram. A televisão pode ter sido um equipamento doméstico responsável por introduzir novos hábitos e novas formas de usar o tempo. As crianças brincavam nas ruas e quando fazia calor famílias colocavam cadeiras nas calçadas e por ali ficavam. Não havia hábito de se fechar dentro de casa. Além de ter quintais, as casas eram voltadas para as ruas. Ir à igreja e participar de atividades da paróquia, visitar doentes, conversar com os vizinhos. Esses eram atos sociais de vivências compartilhadas que ampliavam o território de uso das famílias na extensão de um bairro. Foi num universo de vida semelhante que fui me criando, com uma família modesta. Meu pai era um homem inteligente, mas carregava valores de outra época. Guardamos imagens do pai, não é? Pode ser que não fosse tão inteligente. Mas ele se preocupava com isso. Sou da época que filha mulher não precisava estudar, só filho homem estudava. Aqueles jornais despertavam interesse, meu pai lia jornal diariamente então ele tinha assuntos. E os assuntos que ele trazia à discussão eu sempre gostava, não dava palpite, mas acompanhava. Tinha dois tios que eram operários, sindicalizados, de postura anticlerical, o que meu pai não era. Eles discutiam muito. A casa era um próprio teatro, sabe? Morávamos à frente da Igreja, quando o padre passava por perto, provocavam falando mal da Igreja de Roma. Meus tios começaram a trabalhar ainda meninos; eram imigrantes espanhóis vindos da Galícia⁵ e sem um tostão. Como em geral acontece a imigrantes, aos galegos restavam os piores trabalhos, além de discriminação. Os galegos formaram uma corrente de imigração em direção às Américas, com entrada através do Porto de Buenos Aires. Lá estando, a família morou um tempo em Rosário de Santa Fé, de onde saíram para trabalhar nas fazendas de café do interior do Estado de São Paulo. Os galegos em Buenos Aires foram os principais trabalhadores da indústria têxtil. Há um bom filme sobre a presença dos operários galegos em um subúrbio industrial de Buenos Aires, com título em português: “Clube da Lua”.⁶ O filme expõe problema enfrentado pela segunda e terceira geração, desses imigrantes, em assumir e dar continuidade à herança cultural enraizada e deixada pelos primeiros. Em um bairro industrial suburbano, operários criam um clube social capaz de congregar os moradores e viverem em comunidade. Em sequência, a geração seguinte não tem meios próprios para repetir a anterior, para garantir o que era próprio da primeira, ou seja, cada geração tem seu tempo, cumpre seu papel. Resta o “Clube da Lua”, sinalizando a impossibilidade histórica de que a História se repita. Os herdeiros não sabiam o que fazer com a herança. Sabemos que a questão é mais complexa. A indústria têxtil, tal como a conheceram os galegos, já não produzia como antes. Com padrão tecnológico modificado, aproxima-se da indústria química. Os meus tios operários galegos, em São Paulo, começaram a trabalhar nas fábricas, com apenas oito anos e dez anos de idade. Na juventude já tinham aprendido ofícios, faziam uma crítica política severa ao capitalismo, e se diziam comunistas. Meu pai era um caipira tradicional, gostava de ler seu jornal diário e de discutir, ao que parece,

operários, propiciava a reunião da vizinhança à noite, para conversar.

5 Também conhecida por **Galiza**, é uma região autônoma pertencente à Espanha, situada a noroeste deste país. Os habitantes da Galícia possuem um idioma próprio, com muitas características em comum com o português, falado no país vizinho.

6 “**Clube da Lua**”, cujo título original é *Luna de Avellaneda*, é um filme argentino produzido no ano de 2004. Dirigido por Juan José Campanella, conta com Ricardo Darín, Eduardo Blanco, Mercedes Morán no elenco. O enredo conta a história de “Luna de Avellaneda”, um clube de dança fundado em Buenos Aires na década de 1940. Porém, em 1990, a crise financeira fez com que essas agremiações comessem a fechar suas portas. Ameaçado pela falta de clientes, o Avellaneda enfrenta a decadência. À beira da falência, os descendentes de seus fundadores se unem para evitar o pior: a transformação do clube em um cassino. Mais informações em <https://www.travessa.com.br/clube-da-lua/artigo/2aa38c4c-5a12-4adc-bc92-01e78a327d4a>.

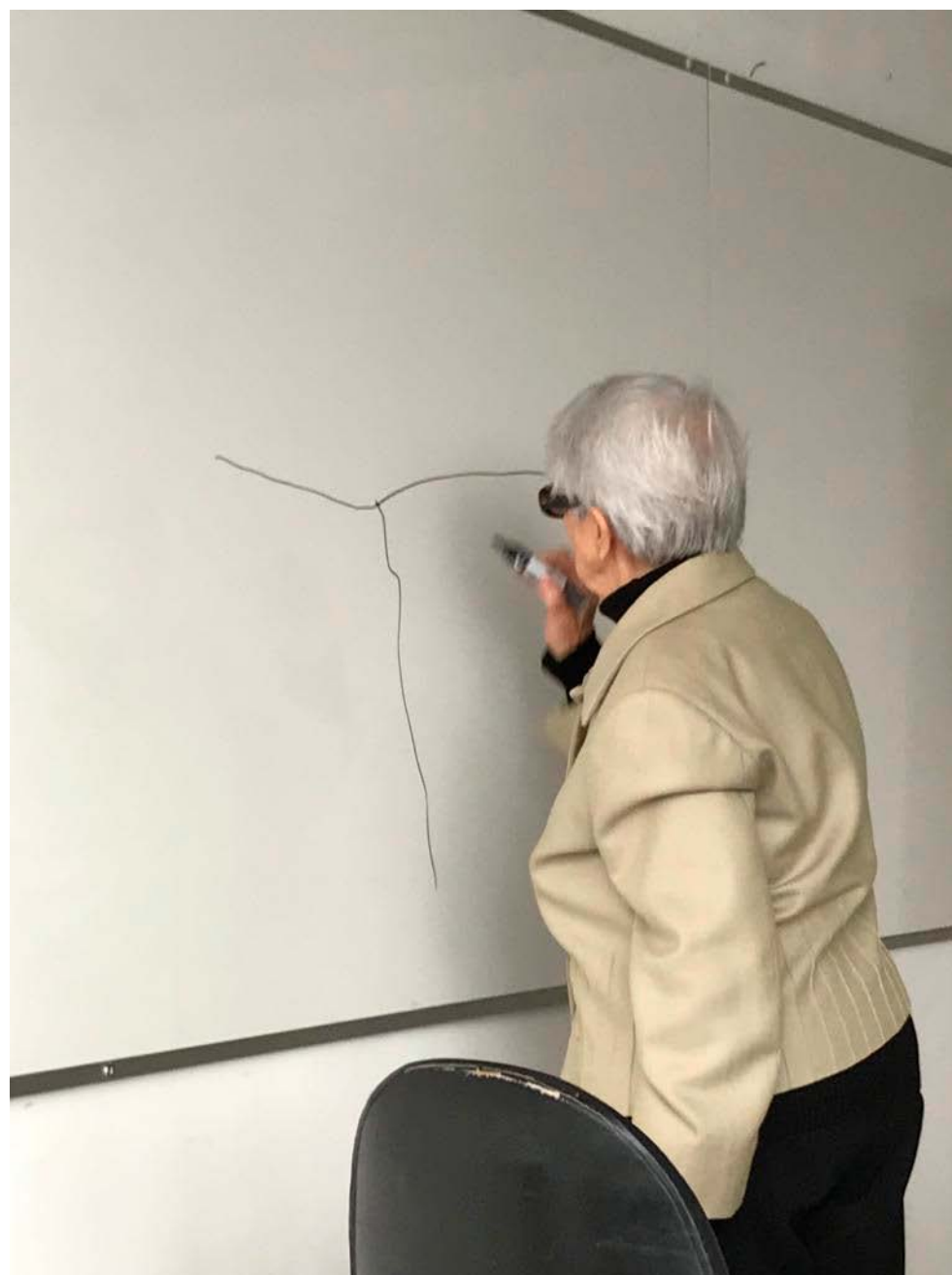
não sabia bem o que aqueles outros falavam. Quando discutiam, geravam motivações diversas. Penso que esse ambiente se expandia para fora da casa e era uma motivação doméstica para estudar. Como dito os meninos deveriam estudar as meninas não. Aos 16 anos disse para a família que prestaria exame de admissão para fazer o curso ginasial; estudar no Bom Retiro, em um dos bons colégios estaduais, foi uma coisa maravilhosa, o mundo ficou maior e melhor. Lá eu conheci parte da colônia israelita, os judeus do Bom Retiro, e também conheci um segmento da imigração italiana em São Paulo. O Bom Retiro é dividido: a parte mais próxima à Estação da Luz até a Rua da Graça é ocupada, sobretudo por israelitas. Da Rua da Graça, onde está localizado o Desinfectório Central,⁷ em direção ao caminho da Casa Verde, é ocupada, sobretudo, por italianos. O colégio ficava na divisa, então na sala de aula havia muitos israelitas e italianos, pessoas interessantes, decentes. A escola pública podia mudar a vida dos jovens. E mudava, principalmente daqueles que estivessem defasados em relação às possibilidades que os contextos de ensino, da cultura geral, que a sociedade oferecia. A escola se apresentava aos estudantes com muitos atrativos. Era um mundo mais simples. Bem, nem por isso melhor. O automóvel era restrito a certos grupos sociais, o jovem não viajava. Conheci Santos, balneário preferido dos paulistas, aos 15 anos. Talvez grande parte das dificuldades de os professores ministrarem aulas hoje, é que os alunos já sabem muita coisa. As informações são abundantes. No que se refere à Geografia sabe-se que nem sempre os programas de ensino respondem adequadamente às motivações que trazem os jovens para escola. Muitos alunos têm pouco interesse pela aula de Geografia porque viajou, já viu, foi, visitou etc. Mas, como estou acostumada a dizer, tudo está impregnado do seu contrário, pois, deliberadamente ou não, isso fez com que o conhecimento caminhasse, tivesse que avançar. À prática de ensino colocou-se o dilema ou problema de avançar refletindo sobre a experiência dos alunos em sala de aula. Trabalhar teoricamente a experiência do aluno até que ele possa se surpreender com o que pensa que sabe e, de fato, com o que não sabe, se detendo nos aspectos formais do que pensa saber. É muito mais difícil para um professor dar aula, não é? Mas a formação ginasial, colegial foi muito importante e continua sendo porque é essencial para o jovem ter sido iniciado na literatura, ter estímulos para frequentar a Biblioteca Municipal⁸ e poder usufruir do ambiente cultural ampliado que na

7 O **Desinfectório Central** foi uma das instituições pioneiras na área do serviço sanitário, executando desinfecções domiciliares, remoção de doentes para hospitais de isolamento e de cadáveres de pessoas mortas por doenças infecto-contagiosas, além de desempenhar importante papel no combate às epidemias. Seu prédio foi inaugurado em 01/11/1893, sendo que as obras de construção ficaram a cargo da Secretaria da Agricultura que, para executá-las, contratou os serviços de Paul Rouch e J. E. Damergue. Em 1925, o Desinfectório Central e o Hospital Emílio Ribas faziam parte da Inspetoria da Profilaxia de Moléstias Contagiosas. No edifício A funciona, atualmente, o Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, com acervo relativo à história dos serviços públicos estaduais de saúde. Fonte: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/desinfectorio-central/>.

8 A **biblioteca** à que a entrevistada se refere é a atual “Biblioteca Mário de Andrade” (BMA), uma das mais importantes bibliotecas de pesquisa do país. Fundada em 1925 como “Biblioteca Municipal de São Paulo”, é a maior biblioteca pública da cidade e a segunda maior biblioteca pública do país, superada, apenas, pela Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Foi inaugurada em 1926, na Rua Sete de Abril, com uma coleção inicial formada por obras que se encontravam em poder da Câmara Municipal de São Paulo, em cujo prédio a Biblioteca funcionava. Em 1937, incorporou a Biblioteca Pública do Estado e, a partir de então, importantes aquisições de livros, muitos deles raros e especiais, enriqueceram seu acervo. O atual edifício, localizado na Rua da Consolação, foi inaugurado em 1942, na gestão do Prefeito Prestes Maia. O projeto do edifício ficou sob a responsabilidade do arquiteto francês Jacques Pilon e é considerado um marco da arquitetura moderna em São Paulo. Desde 25 de janeiro de 1944, conta com uma seção circulante, além de possuir coleções fixas – Artes, Coleção Geral, Mapoteca e Raros e Especiais. Também possui hemeroteca, auditório para eventos e programação cultural diversificada. A mudança para o nome atual ocorreu em 1960. Mais informações em <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>.

Fig. 3. Odette Lima Seabra fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



cidade germina. Na Rua Barão do Itapetininga, em São Paulo, estavam localizadas as principais livrarias.⁹ Aos sábados pela manhã naquele circuito de livros e livreiros encontravam-se estudantes, editores, lançamentos do momento, os sebos com obras raras. Uma das distrações possíveis era visitar as livrarias e remexer livros. Aquilo era uma coisa maravilhosa; mas o mundo mudou muito, não é? Agora eu volto a dizer: é muito importante o

⁹ A Rua Barão de Itapetininga, em meados do século XX, notabilizou-se por congregar diversas livrarias. Dentre estas, destacam-se a *Parthenon*, fundada na década de 1950 pelos bibliófilos José Mindlin, Cláudio Blum e Jaques Bloch, dedicada ao comércio de obras raras, e a *Brasiliense*, de 1943, fundada por Monteiro Lobato, Caio Prado Jr., Artur Neves e a senhora Leandro Dupré. Outro estabelecimento de renome era a *Civilização Brasileira*, inaugurada em 1938 como uma filial da matriz carioca. Também por lá abriram as portas a *Livraria Calil Antiquária* (fundada na década de 1940), a *Francesca* (1947), a *Guatapará* e a loja do *Loja do Livro Italiano* (1950). A concentração deste tipo de comércio era favorecida pela proximidade a estabelecimentos universitários de ensino, como o Mackenzie e a Faculdade de Filosofia da USP, localizados na Rua Maria Antônia (GONÇALVES, 2012, pp. 4-5) e impulsionava um movimento considerável de intelectuais e estudantes. Referências: <https://vejasp.abril.com.br/consumo/as-lojas-mais-antigas-de-sao-paulo/>; GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo. **Cartografia das livrarias do Centro de São Paulo** (1930-1970). Escola de Comunicações e Artes da USP / Dep. de Jornalismo e Editoração. Relatório final PIBIC/CNPq, 2012.

trabalho do professor, mas é muito mais difícil, porque você tem de pôr o conhecimento em um plano e um nível de reflexão que toque no que está pressupostamente sabido. O que a televisão mostrou, o cinema mostrou, o que o estudante leu, o quanto circulou tem que ser refletido para ser incorporado como conhecimento. Estamos vivendo as experiências com *smartphone*, que também precisarão ser incorporadas. É isso que eu posso dizer.

AB: E a escolha da Geografia?

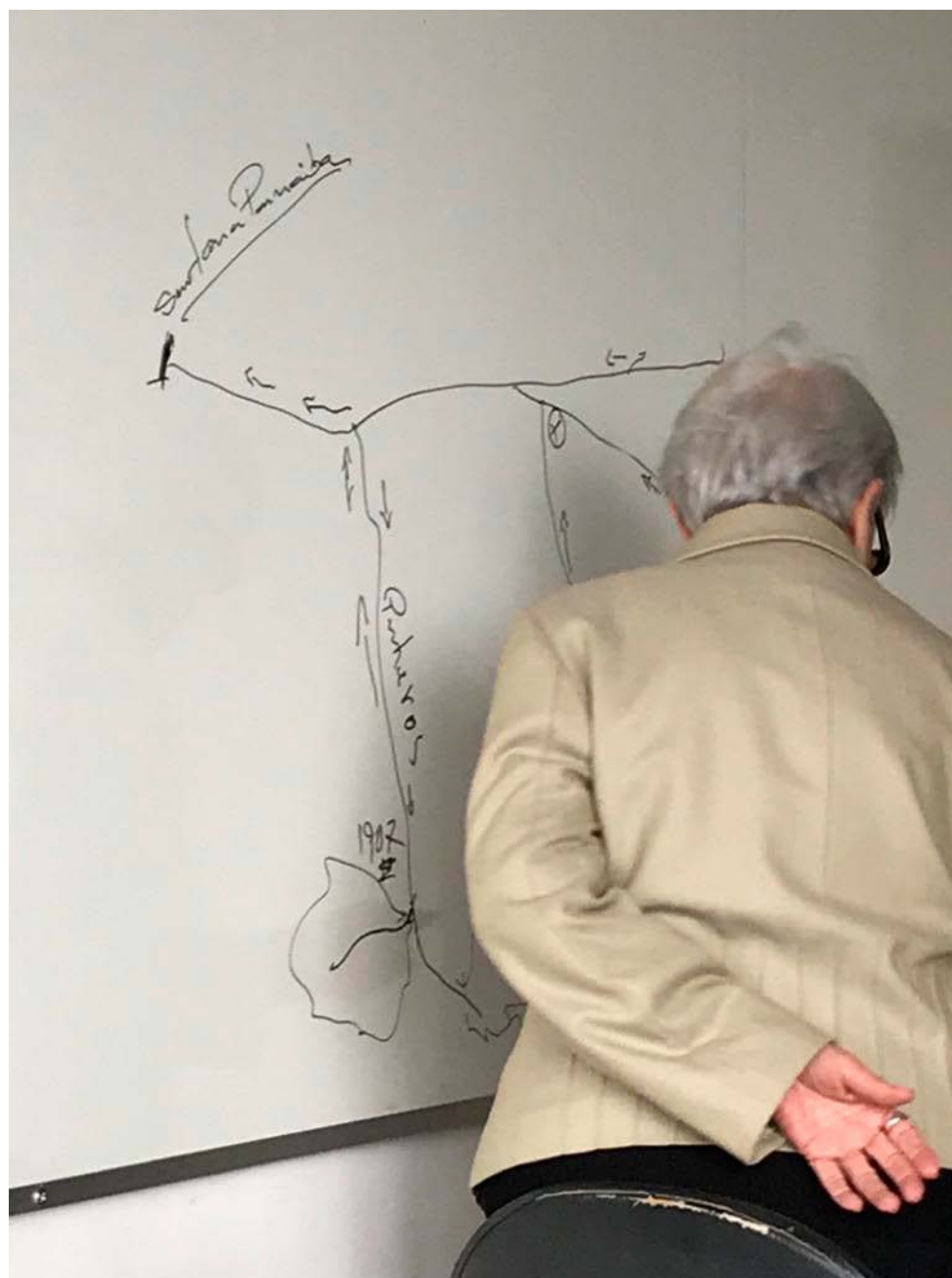
OS: A escolha da Geografia... Pretendo tratar dessa questão, explicando o caminho pela Geografia. Sem estar desconforme com a vida que tinha, gostava de certas coisas e cultivava o que gostava. É simples assim. Eu gostava de ler, sempre gostei muito de ler. Eu fui prestar Geografia porque fui fazer um cursinho e quando lá cheguei, a sala que tinha menos alunos era a de Geografia. Mas, logo em seguida, os “menos” sumiram. Passei a frequentar a sala dos estudantes que fariam vestibular para Economia. Fiquei amiga de todos eles e quase prestei Economia. Mas pensei: “ah não, não vou! Eu vou fazer Geografia!”. A maior parte era de meninos e tinha uma moça também; fizemos muitas amizades no cursinho preparatório... Prestei exame para entrar na Geografia, gostei muito. Foi bom, mas poderia ter sido para História, Língua e Literatura, não é? Embora não sendo uma vocação orientadora, a Geografia, a bem da verdade, era a descoberta do conhecimento geográfico. Isso foi percebido logo de início porque os dois campos do conhecimento geográfico eram apresentados com grande densidade científica. Afinal, a Geografia pertence ao conjunto das Ciências Humanas¹⁰ e mantém sólidas raízes nas Ciências da Natureza.¹¹ O que não é pouca coisa. Discutir os processos e fenômenos do mundo natural, como pertencentes e integradores dos processos sociais, históricos e culturais da sociedade, é o caminho do saber geográfico. Foi gratificante fazer curso superior no Departamento de Geografia, da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas-USP, na década de 1960. Conheci professores notáveis, dedicados ao ensino à pesquisa científica, durante todo o curso. Nesse período, a Social Democracia do pós-guerra na Europa, estimulava a produção intelectual em todas as áreas de conhecimento. Na Geografia não era diferente. Em verdade, fiz graduação no período militar. Refletir sobre a luta política que o movimento estudantil travou na sociedade traz tristezas pelos estudantes que tombaram tanto nas ruas, como pelos calabouços. Uma vez na Universidade, entendia a necessidade de construir um caminho próprio, de superar o que pudesse bloquear as motivações que trazia para o estudo. Certo dia, organizando documentos para um memorial de concurso para Livre Docência,

¹⁰ O que se entende por “**Ciências Humanas**”, na atualidade, compreende conhecimentos produzidos por vários campos de pesquisa – História, Geografia, Filosofia, Sociologia e Psicologia, além de outros, como Política, Antropologia e Economia –, que têm por objetivo o estudo dos seres humanos em suas múltiplas relações, fundamentado por meio da articulação entre esses diversos saberes. Desta maneira, as pesquisas em Ciências Humanas vão desde o estudo do comportamento humano passando pela interação em contextos sociais, culturais, ambientais, econômicos e políticos, aos desenvolvimentos da linguagem, artes e arquitetura. Fontes: Currículo da Educação do Estado de São Paulo, 2011; http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/SEPED/ciencias_humanas/O_que_e_as_CGHS/O_que_e_as_CGHS.html).

¹¹ As **Ciências da Natureza** têm em comum a observação sistemática do mundo material, com seus objetos, substâncias, espécies, sistemas, fenômenos e processos, estabelecendo relações causais, fazendo e formulando hipóteses, propondo modelos e teorias e tendo o questionamento como base da investigação e a experimentação como critério de verificação. Dentre seus principais campos estão a Química, Física e Biologia. Fonte: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2016/anexo5_dge_3dia_sp2016.pdf.

Fig. 4. Odette Lima Seabra fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



deu-me conta de que no ano de 1968 não havia crédito de atividades acadêmicas: “mas que coisa, em 68 eu não tenho um crédito em nada” ... “ah é!” de nada, nem uma conversa, uma palestra, nada. Foi o ano mais ativo da minha vida [risos].

AR: Professora, como você acabou de dizer, você fez a sua graduação no período militar. Como foi isso para você?

OS: Como disse, tem muitas, mas muitas tristezas nisso. No dia em que foi promulgado o AI-5,¹² lembro-

12 O **Ato Institucional nº 5**, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. A concretização deste instrumento legal autoritário ocorreu em um ano celebrizado como o “ano que nunca acabou”, onde o movimento estudantil se destacou nos protestos dos jovens contra a política

me até hoje do local e hora em que estávamos no centro da cidade. Confesso que não percebi a extensão do problema e menos ainda as consequências. Em rede de rádio e TV foi lida uma relação nominal de Professores da Universidade de São Paulo que, a partir daquele momento, teriam acesso interditado às dependências da Universidade. Assustei-me: “meu Deus o que será isso?” Eram os nossos professores aqueles que não podiam entrar mais. O AI-5 marcou muito fortemente a nossa situação na Universidade e não precisava fazer grande resistência, não. Era só se mobilizar minimamente e você ia preso. A partir dessa época, nos sentávamos ao lado de agentes do DEOPS¹³ para assistir aulas. Tínhamos o nosso grupo do Grêmio estudantil na Geografia e os meninos me davam a função de avisar às mães caso alguém tivesse problemas com a repressão. E tinha a mãe de um colega que até falava assim: “não queria te ver na minha frente” porque eu iria falar que alguém havia sido preso na passeata. Ia preso mesmo. Nós tínhamos os advogados a quem recorrer. Mas isso, até certo ponto, até quando o *habeas corpus* esteve em vigor,¹⁴ conseguíamos liberar os colegas. Ficava preso dois, três dias, uma semana. Foi difícil, foi difícil, mas sempre teve quem ajudasse. Conseguíamos dinheiro até com o homem da cantina para pagar advogado e tirar gente da cadeia. Era uma época muito dramática. Tomara que a gente não caia nisso de novo porque hoje em dia a truculência na rua é ainda maior.

AR: Mas teve impacto nas produções das Universidades, na Geografia, naquilo que vocês vinham fazendo...?

OS: Ah, sim. Teve impacto. Como consultar bibliografia, fazer seminário com colegas perseguidos e com agentes do Departamento de Ordem Política e Social sentados ao seu lado? Fazer o quê? Em 1968 ninguém fez nada! O período militar durou muitos anos e teve fases diversas. Mesmo a reação aos militares manifestou-se de formas diversas. Os campos do conhecimento, em Ciências Humanas, foram remexidos, assim percebi aquele momento. Em 1965 e 1966 o discurso geográfico colocava muito mais a problemática da Europa, onde a Geografia contava com grande produção e mantinha importância em relação às demais disciplinas das Ciências Humanas. Para o conhecimento geográfico ou, a Geografia do Brasil, contribuía fortemente as pesquisas realizadas no IBGE,

tradicional, mas principalmente como demanda por novas liberdades. O radicalismo jovem pode ser bem expresso no lema “é proibido proibir”. Esse movimento, no Brasil, associou-se a um combate mais organizado contra o regime: intensificaram-se os protestos mais radicais, especialmente o dos universitários, contra a ditadura. Ao fim do mês de dezembro do mesmo ano, 11 deputados federais foram cassados, entre eles Márcio Moreira Alves e Hermano Alves. A lista de cassações aumentou no mês de janeiro de 1969, atingindo não só parlamentares, mas até ministros do Supremo Tribunal Federal. O AI-5 não só se impunha como um instrumento de intolerância em um momento de intensa polarização ideológica, como referendava uma concepção de modelo econômico em que o crescimento seria feito com “sangue, suor e lágrimas”. Maiores informações em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>.

13 O **Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo** (DEOPS-SP) foi criado em 1924, numa época de agitações políticas e crise social, para reprimir e prevenir delitos considerados contra a ordem e a segurança do Estado. Até ser extinto, em 4 de março de 1983, o DEOPS cresceu de uma simples delegacia até se tornar um dos departamentos mais temidos da polícia civil do Estado de São Paulo. A extinção do DEOPS ocorreu na esteira das eleições diretas para governador e o seu arquivo passou para a guarda da Polícia Federal. A impossibilidade de acesso a documentos que tratavam do desaparecimento e morte de vítimas da Ditadura Militar provocou um amplo debate, envolvendo diferentes setores da sociedade, que resultou na transferência dos arquivos do DEOPS para o Arquivo Público do Estado em 1991. Fonte: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/textual/deops>.

14 A suspensão do *habeas corpus* foi uma das supressões de direitos previstas pelo AI-5, por meio do qual, em caráter excepcional e, portanto, sem apreciação judicial, o presidente da república ficava autorizado a: decretar o recesso do Congresso Nacional; intervir nos estados e municípios; cassar mandatos parlamentares; suspender, por dez anos, os direitos políticos de qualquer cidadão; decretar o confisco de bens considerados ilícitos. Fonte: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>.

e nos centros universitários, contando sempre com a presença de professores estrangeiros. Sobre esse aspecto é preciso dar um passo atrás. Em 1958 a Geografia separou-se da História. A História ficou com o corpo principal do conhecimento. O processo de separação, com formulação da Geografia como uma disciplina autônoma, contou com participação de intelectuais de envergadura como do historiador Lucien Febvre.¹⁵ A Revista dos *Annales*¹⁶ acompanhou os debates e os registrou. Os historiadores queriam essa separação. Processo que deixou frases famosas como a reproduzida por Elisée Reclus:¹⁷ “A Geografia faz a história do espaço e a História faz a geografia do tempo”. A Geografia tinha que construir o seu *corpus científico*. Aos nossos professores, em geral tidos como bons entre os alunos, cabia entrar nesse debate cuja formulação havia nascido na França. Era o momento em que a própria disciplina tinha que se ver consigo mesma. Foi muito difícil. Eu entrei nesse momento no curso. Agora, o movimento dentro da Geografia pela e para Geografia tinha que dar conta do movimento do pensamento, do conhecimento do mundo, que mudava rapidamente. No início dos anos 1970, revistas especializadas ligadas à Geografia mostram uma vontade coletiva de romper padrões tradicionais quanto aos objetos e métodos de pesquisa. Por exemplo, quando percebi que podia ser um caminho interessante discutir a produção do espaço, coloquei-me nesse debate e estudei a produção da segunda residência na orla da praia de Santos: A Muralha que

15 **Lucien Febvre** nasceu em 1878, em Nancy, França. Estudou na *École Normale Supérieure*, onde se formou em história e geografia. Em 1911, doutorou-se com a tese *Philippe II et la Franche-Comté: étude d'histoire politique, religieuse et sociale*. Oito anos mais tarde, tornou-se professor de história moderna na Universidade de Estrasburgo (França). Publicou então *La Terre et l'évolution humaine* (1922) e *Martinho Lutero, um destino* (1928). Em 1929, junto ao historiador Marc Bloch (1886-1944), fundou a revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, que deu origem à corrente historiográfica conhecida como Escola dos *Annales*. Febvre dirigiu a revista até sua morte, em 1956. Algumas de suas principais obras traduzidas para o português são *O problema da incredulidade no século XVI* (1942) e *Combates pela História* (1952). Seu trabalho ficou marcado pela interdisciplinaridade e, sendo “tão geógrafo quanto historiador”, conforme Fernand Braudel, foi influenciado pela escola geográfica de *Vidal de La Blache*, uma das primeiras que, desde 1905, atuou com historiadores. Referências: <http://www.editora3estrelas.folha.uol.com.br/autores/7139-lucien-febvre.shtml>; BRAUDEL, Fernand. **Lucien Febvre e a História**. Revista de História/USP. V. 31, n.º 64, 1965.

16 A **revista dos Annales** é uma publicação periódica sobre História, fundada na França, em 1929, pelos historiadores Marc Bloch e Lucien Febvre. Como movimento, a “escola” dos *Annales* foi responsável por trazer à historiografia novas abordagens, buscando o diálogo com a Geografia e com a Sociologia da revista “*Année Sociologique*”. De acordo com Peter Burke, o movimento dos *Annales* divide-se em três fases: a primeira apresenta a radical oposição contra a história tradicional, a história política e a história dos eventos; na segunda, o aproxima-se, de fato, de uma “escola”, com conceitos (estrutura e conjuntura) e novas metodologias (história serial das mudanças na longa duração) dominada, prevalentemente, pela presença de Fernand Braudel; a terceira seria marcada pela fragmentação e por exercer grande influência sobre a historiografia e sobre o público leitor, abordando o que geralmente se chama de “Nova História” ou “História Cultural”, atraindo também novas temáticas. As contribuições e impactos dos *Annales*, desde sua fundação até os dias atuais – posto que a revista permanece em atividade –, são de grande relevância na produção historiográfica francesa e internacional. Ver mais em: CASIMIRO, A. P. B. S.; OLIVEIRA, E. S. . BURKE, Peter, A Escola dos *Annales* (1929-1989): **A Revolução Francesa na Historiografia**. Campinas: HISTEDBR - UNICAMP, 2007 (Resenha).

17 **Élisée Reclus** (1830-1905) foi um importante geógrafo francês, considerado uma espécie de “pai fundador”, ao lado de Vidal La Blache, da disciplina. Após ter cursado dois anos na faculdade de teologia protestante de Montauban, partiu para Berlim, onde começou seus estudos de geografia e tornou-se rapidamente discípulo do geógrafo alemão Carl Ritter (1779-1859). As ideias de cidade e natureza, montanha e nacionalidade, sentimentos e geografia são frequentemente encontradas ao longo de sua obra. Teve uma extensa obra escrita, destacando-se “*La Terre, description des phénomènes de la vie du globe*” (1867/1868), “História de uma montanha” (1880) e os textos sobre os Estados Unidos “Da escravidão nos Estados Unidos: o código negro e os escravos” (1860), “Da escravidão nos Estados Unidos: os plantadores e os abolicionistas” (1861) e “John Brown” (1867). Sua obra influenciou bastante o pensamento brasileiro das últimas décadas do XIX e início do XX – Reclus, inclusive, esteve no Brasil em julho de 1893, quando deu uma conferência na Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro –, sobretudo no que concerne à noção de nação e a nacionalidade. Euclides da Cunha, por exemplo, falou da importância de Reclus para sua obra em uma carta para Coelho Neto em 30 de junho de 1908, enquanto preparava seu livro nunca realizado sobre a Amazônia: “Um paraíso perdido”. Inspirado pelo romantismo, Reclus escrevia sobre um Brasil de natureza exuberante, marcado pelas chagas da escravidão. Ver mais em: MONTELEONE, Joana Moraes. **Elisée Reclus, o geógrafo impressionista**. São Paulo: Intermezzo/Edusp, 2016 (Resenha).



Fig. 5. Odette Lima Seabra fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de E. Atique, 2018.

Cerca o Mar: O processo de valorização da orla de Santos. Na epígrafe desse texto, evocando o direito à cidade, está Henri Lefebvre,¹⁸ autor de vasta obra à qual tenho dedicado meus estudos, desde então.

¹⁸ **Henri Lefebvre** (1901-1991) foi um filósofo francês, cujo trabalho influenciou o desenvolvimento não somente da filosofia, mas também da Sociologia, da Geografia, da Ciência Política e da Crítica Literária. Muitos de seus escritos filosóficos foram dedicados à compreensão da produção do espaço, o que chamou de a reprodução de relações sociais de produção. Dentro da teoria urbana atual, sobretudo na geografia humana, sua obra tem grande impacto no trabalho de autores como David Harvey e de Edward Soja. O cerne do pensamento de Lefebvre é a noção de que o espaço é um produto social, ou uma construção social complexa (baseada em valores e na produção social de significados) que afeta práticas e percepções espaciais. A partir de sua perspectiva marxista, argumenta que esta produção social de espaço urbano é fundamental à reprodução da sociedade no capitalismo. Sendo assim, Lefebvre entendia que cada sociedade – e, conseqüentemente, cada modalidade de produção – produz algum espaço, seu próprio espaço, não escapando, assim, às esferas ideológicas e culturais. Outras informações em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>.

AB: Esta disciplina tem como intuito entender como a produção historiográfica sobre a cidade de São Paulo se deu em algumas áreas do conhecimento. Nos seus textos, nós vemos que a senhora recorre à História para explicar os processos que levaram à realidade geográfica, certo? Isso sempre se deu no âmbito acadêmico geográfico ou houve algum momento em que essa troca entre História e Geografia, para explicar o urbano, tomou mais impulso?

OS: Bom, então vou dividir a resposta... Primeira coisa, não existe conhecimento sem História. Não é só para a Geografia. Não existe conhecimento sem História. Quando estudamos matemática, se ficarmos mecanicamente operando deduções lógicas, aprendo deduções lógicas. Temos que saber o sentido do conhecimento da Matemática, para achar o sentido do movimento do pensamento da Matemática. Porque é o sentido desse movimento que dá sentido ao que você estuda. Você tem que saber por onde o pensamento caminhou. É coisa sem importância? Não, não é! É isso mesmo. Isso se chama método, certo? O método tem a ver com a atitude teórica. Por vezes, esta atitude é conhecida como lugar de fala, de onde se fala. As implicações do pensamento em relação ao objeto é uma reflexão teórica mesmo quando não pareça ser. Então a primeira parte é isso. A segunda parte é vontade teórica, ou o impulso necessário de recorrer à História. Na década de 1970, as Ciências Humanas: Ciências Sociais, História, Geografia, Antropologia foram atravessadas pela tentativa de uma abordagem materialista e dialética da História. Afinal, a luta política corria mais rapidamente que o conhecimento. As categorias da ação política estavam distanciadas do conhecimento na Academia. Em verdade, o rescaldo de 68 se fazia sentir e colocava a questão de que a produção intelectual precisava absorver os conhecimentos das práticas anteriores. Assim é que, naquele momento, foi posta a necessidade de pensar uma epistemologia para as Ciências Humanas, visando a superação do funcionalismo, o positivismo lógico. Louis Althusser,¹⁹ (apresentado por Eric Hobsbawm²⁰ em seu livro “Tempos Interessantes”), de quem falo agora, trabalhou muito para produzir ou fundar uma epistemologia para as Ciências Humanas sob a perspectiva do materialismo histórico e dialético, inspirando-se em Karl Marx, fundador dessa perspectiva histórica da economia e da sociedade, movida por suas contradições. Postura teórico-metodológica inscrita no campo da Filosofia *tout court*. Restou daquele momento importante da reflexão sobre método, preconizada na premissa de que a ação prática tinha que ser informada pela teoria; a constatação de que esse pensamento dominava a prática

19 **Louis Althusser** (1918-1990) foi um filósofo franco-argelino, renomado durante a década de 1960 pela tentativa de estabelecer vínculos entre o marxismo e o estruturalismo. Suas teorias acreditavam ser possível desvincular Karl Marx do humanismo (a revolução como um desdobramento da ética social) e do idealismo (vínculos com a dialética de Hegel) que lhe atribuíam – em seus trabalhos de maior vulto, “Pour Marx” (1965) e “Lire le Capital” (1965), estas teses são trabalhadas. Outro conceito seu que ficou popularizado foi o de corte epistemológico, que é a passagem do conhecimento ideológico para o conhecimento científico. Tal “corte” acreditava ocorrer, em Marx, entre os “Manuscritos Econômicos e Filosóficos” e “O Capital”. Mais informações em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/23/mundo/17.html> e <https://www.britannica.com/biography/Louis-Althusser>.

20 **Eric J. Hobsbawm** (1917-2012) foi um historiador britânico nascido em Alexandria, no Egito. Ingressou, em 1936, na Universidade de Cambridge, onde tomou contato com as teorias marxistas, logo passando a integrar o Partido Comunista da Grã-Bretanha. Juntamente com E. P. Thompson, Christopher Hill, Raphael Samuel, dentre outros jovens historiadores formou o Grupo de Historiadores do Partido Comunista, que empreendeu seus primeiros trabalhos enfatizando a luta de classes ao longo da história inglesa. Por sua origem e formação, foi um historiador europeu cosmopolita, que realizou estudos sobre o Reino Unido, mas, transitava facilmente pela história europeia ou de outras partes do mundo. Dessa maneira, seu percurso historiográfico teve uma vasta gama de assuntos celebrizada na tetralogia das Eras (Revoluções, Capital, Impérios e Extremos), responsável por sintetizar a história desde 1789, até temáticas como a história dos trabalhadores, banditismo social, tradições e até do jazz. Outras informações: BATALHA, Claudio H. M.. **Eric Hobsbawm**: um historiador universal. Linhas Críticas (UnB), v. 18, p. 633-634, 2012.

nos partidos políticos, quando atuavam pela democracia, mas estava fora da produção acadêmica. O positivismo lógico, metodologicamente, serviu de base para as pesquisas em Ciências Humanas até mais ou menos anos 1960,70. O estruturalismo, definido pelas formulações do grupo de Louis Althusser, alcançou diversos campos do conhecimento: Antropologia, Linguística, Geografia, História, Filosofia, de modo que se pode constatar que o estruturalismo fundou correntes do marxismo aplicado às Ciências Humanas e que foi a partir desse esforço, para o qual concorreram intelectuais de envergadura, que o marxismo colocou-se como perspectiva metodológica válida, na produção intelectual. De qualquer forma, os horizontes, sejam da reflexão como da operacionalização do conhecimento foi muito ampliado; o passo fundamental era o de considerar a necessidade de se apropriar da História inteira. Qualquer objeto de estudo traz, em si, um momento de um processo imenso, relativo à sua própria historicidade; o processo conhecimento, para nós, geógrafos, implica escala do planeta inteiro. Então não é possível renegar a História. Foi pelas mãos do Althusser, por um caminho depois superado, que se colocou a necessidade de, metodologicamente, discutirmos em Ciências Humanas, o mundo que está aí, através das categorias do capital. O capital, nas suas metamorfoses constituiu-se em sistema: o sistema mundo de Fernand Braudel.²¹ E, também, de compreender o trabalho como realidade material e simbólica como motor da história. E depois, felizmente, vieram tantos outros autores. Foi muito importante ter me interessado pelo processo urbano. Pois, num certo sentido, a experiência de viver em uma metrópole do capitalismo no Terceiro Mundo é uma coisa que pertence à minha experiência de vida, então, não estou refletindo pelo que não conheço, quero dizer, sobre o que tenho, supostamente, algum conhecimento. A reflexão teórica tem seu momento e lugar. A prática exige seccionar o objeto, problematizar o objeto, sob a premissa de que a problematização guarda uma perspectiva histórica, certo? Existe um livro: História e Consciência de Classe²² do [György] Lukács²³ que ao final

21 **Fernand Braudel** (1902-1985) foi um historiador francês que fez parte da “segunda geração” da Revista dos Annales (sucendo Lucien Febvre, fundador da revista). Seu legado intelectual consiste no diálogo com as ciências “vizinhas”, como a Geografia (importância da relação do ser humano com seu meio) e na perspectiva da longa duração, onde se privilegia a permanência, a continuidade, em detrimento da ruptura brusca da história individual e dos eventos. Esta dialética da longa duração está fortemente presente em um de seus principais trabalhos, cuja repercussão se faz sentir na historiografia francesa e mundial até os dias atuais: “O mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Felipe II”. Braudel lecionou em vários países, inclusive no Brasil, onde fez parte da chamada *Missão Francesa* que, na década de 1930, ajudou a fundar a Universidade de São Paulo. Maiores informações em: CRACCO, Rodrigo Bianchini Cracco. *A Longa Duração e as Estruturas Temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais : a longa duração (1949-1958)*. 2009 – **Dissertação de Mestrado**. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *Fernand Braudel, a América Latina e o Brasil: um capítulo pouco conhecido de sua biografia intelectual. Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS, v.XXVI, n.º 2, p. 7-36, dezembro 2000.

22 **História e Consciência de Classe** é uma obra publicada em 1923 pelo filósofo György Lukács. Trata-se de uma expressão teórica das transformações histórico-mundiais dos anos 20, a partir da dialética marxista defendida por seu autor, sob o “calor” da Revolução Russa de 1917 e dos anos imediatamente posteriores à Primeira Guerra Mundial (1914-1918). É considerado um texto fundador do marxismo ocidental, bastante lido e debatido ao longo das décadas, servindo de referência e inspiração para Adorno e Benjamin, Mannheim, Sartre, Merleau-Ponty e Goldmann. Para autores como o filósofo Slavoj Žižek, seu teor político, ao apontar para uma crítica radical dos regimes liberal-democráticos predominantes no Ocidente, é o que mantém o livro atual. Revisões foram feitas pelo próprio Lukács, num posfácio de 1967, que se tornou parte das novas edições e de todas as traduções. Fontes: <https://www.institutolukacs.com.br/quem>; ŽIŽEK, Slavoj. *From History and Class Consciousness to The Dialectic of Enlightenment... and Back*. **New German Critique**, nº 81: 107-123, 2000.

23 **György Lukács** (1885-1971) foi um filósofo húngaro, considerado um dos intelectuais marxistas mais influentes do século XX. Doutou-se em Ciências Jurídicas e depois em Filosofia pela Universidade de Budapeste. No final de 1918, ingressou no Partido Comunista, sendo, no ano seguinte, designado Vice-Comissário do Povo para a Cultura e a Educação. Em 1923 publicou “História e Consciência de Classe”, uma de suas mais relevantes obras. Em 1930 mudou-se para Moscou, onde desenvolveu intensa atividade intelectual, como no restauro da obra *Manuscritos Econômico-filosóficos*, de Marx, em parceria com Mikhail Lifschitz. No ano de

dos anos 1960 muitos estudantes discutiam. Lembro-me que era difícil de compreender; exigia muito esforço. É assim: em História e Consciência de Classe, se está querendo dizer o que é o trabalho do operário enquanto classe proletária. Explicar o mundo através do trabalho exige distinguir quem trabalha. Bom, todo mundo trabalha. Sim, todo mundo trabalha. Mas tem aqueles, que estão na produção, gerando trabalho excedente que propicia a reprodução social, reprodução da sociedade inteira. Em Lukács vê-se que esse proletariado tem consciência em si. É preciso que alcance a compreensão de que precisa transformar essa consciência para si. Na vida real nós também raciocinamos sobre um nível imediato, e sobre outro mais distante; a nossa experiência que forma a consciência do mundo, joga em dois níveis: o próximo e o distante. Lukács atribuiu ao proletariado os desígnios de mover a história. Na pesquisa é necessário refletir sobre o que se sabe, mas sob uma perspectiva histórica. Em Lukács o operário precisa ter consciência em si para si, para pôr o mundo para si, enquanto classe proletária. E nós também precisamos ter consciência desse conhecimento para poder recolher e devolver para a sociedade os nossos trabalhos. Então, são conquistas que vieram dos debates da década de 1960. A matriz é essa, trata-se de uma concepção materialista da história. Aliás, há um livro, de [Georgi Valentinovitch] Plekhanov,²⁴ filósofo russo, que tem por título essa concepção de mundo: Concepção Materialista da História²⁵; foi um dos primeiros que li, há uns 50 anos atrás. O materialismo e o idealismo sempre se confrontaram, não é? E a luta do idealismo é dar materialidade ao idealismo. É uma luta por ganhar objetividade! Uma objetividade prática.

AB: Quais outras áreas do conhecimento, na sua opinião, são mais convenientes para estudar a cidade, principalmente a cidade de São Paulo?

OS: São Paulo era uma cidade com funções, finalidades e importância política de uma capital. Como centro de negócios e em função do processo de industrialização brasileira ter São Paulo por centro, a cidade submergiu ao processo de metropolização. Na atualidade, circulamos por uma área densamente urbanizada, com mais de 100km de diâmetro. Seria assim, a cidade que virou metrópole, por apresentar uma problemática

1945 retornou à Hungria e assumiu a cátedra de Estética e Filosofia da Cultura na Universidade de Budapeste. Em 1963 publicou “Estética”, considerada sua obra mais completa, pela editora Luchterhand. Já seus estudos sobre a noção de ontologia em Marx, que resultariam, oito anos depois, em “Para uma ontologia do ser social”, iniciaram-se em 1960. Fontes: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-testamento-filosofico-de-gyorgy-lukacs/> e <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/gyoergy-lukacs-539>.

24 O filósofo russo **Georgi Valentinovitch Plekhanov** (1856-1918) é considerado um dos fundadores do marxismo russo. Em sua obra, é responsável pela introdução de uma série de novidades na abordagem da questão da dialética no materialismo. Para isso, resgata elementos de materialismo na filosofia da história de Hegel, principalmente no tratamento da questão econômica, destacando a compreensão das instituições estatais, sociais e religiosas como sujeitas a um devir histórico e a dialética como método de pensamento centrado em saltos que interrompem as evoluções graduais. Da mesma maneira, extraía de Spinoza a sua concepção de uma “substância única”, que a diferencia do materialismo vulgar onde está incluída na esfera “espiritual” e em sua concepção do conhecimento, o que o colocava em oposição às tentativas de “voltar a Kant”, empreendida por outros filósofos marxistas – operação teórica que em muitos aspectos foi precursora de posteriores debates, dentro e fora do marxismo durante o século XX. Ver mais em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Dialetica-e-marxismo-Plekhanov-entre-Hegel-e-Spinoza>.

25 **A Concepção Materialista da História**, obra de Georgi Valentinovitch Plekhanov (1856-1918), publicada em 1897, busca mostrar a evolução da concepção de história, partindo da concepção teológica até o materialismo de Karl Marx, a concepção materialista da história. Em “As questões fundamentais do marxismo”, de 1910, Plekhanov explica as bases filosóficas da concepção marxista do mundo, bem como seu método de análise da sociedade. Fonte: https://fr.wikipedia.org/wiki/Gueorgui_Plekhanov.

singular. Otilia Arantes²⁶ está entre os autores que duvidam da palavra cidade, porque a forma e o conteúdo teriam perdido a correspondência. Não obstante, construímos estudos e pesquisas por volta da noção de cidade. A cidade na história, como tema e problema é abordada em todas as áreas de conhecimento; no planejamento estatal e no ensino na pesquisa. Mesmo sob condições bastante adversas que a metropolização tem produzido, insistimos em pensar sobre a cidade. Os conhecimentos produzidos entre os historiadores, sociólogos, geógrafos, antropólogos, historiadores, arquitetos-urbanistas, para designar o que conhecemos como próprio de uma cidade ao longo da história conduz sempre ao passado ou a pedaços, fragmentos do que foi a cidade. Parece fora de propósito destacar certos autores deixando outros com igual relevância. Como solicitado, sugiro alguns textos. Na Geografia, continuam com força explicativa o livro do Caio Prado Júnior, “O fator Geográfico na formação e desenvolvimento da Cidade de São Paulo”, *in* Evolução Política do Brasil e outros Estudos; 4ª ed. Brasiliense, [1935] 1965. “Contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo” *in*: Evolução Política do Brasil e outros estudos; 4ª edição, Brasiliense,[1943] 1965; __Aroldo de Azevedo (org.) “A Cidade de São Paulo”, coleção em IV volumes, edição comemorativa do IV Centenário de São Paulo, AGB-Associação dos Geógrafos Brasileiros. Juergen Langenbuch “A Estruturação da Grande São Paulo”- IBGE, Rio de Janeiro 1971; Ana Fani A. Carlos e Ariovaldo U. Oliveira. Geografias de São Paulo - Representação e crise da Metrópole. 2V, Ed. Contexto 2004-São Paulo. Florestan Fernandes. Revolução Burguesa no Brasil; Editora Globo 5ª edição 2004; Raquel Glezer, “Chão de Terra e outros Ensaio sobre São Paulo”, Editora Alameda 2007. Maria Odila Leite da Silva Dias, “Interiorização da metrópole e outros estudos” Editora Alameda, 2005, São Paulo.

102

FA: Professora, quando a senhora ingressou na USP, foi lecionar o que?

OS: Entrei para lecionar em 1980.

FA: Em qual disciplina?

OS: No curso: “Regionalização do Espaço Mundial”; iniciei meu trabalho na área de Geografia Regional; neste curso o mundo era objeto de reflexão. Estudávamos Pierre George,²⁷ em “O mundo de dois blocos”, vivíamos o período da Guerra Fria sob intensa polarização entre Estados Unidos *versus* URSS (União das Repúblicas

26 **Otilia** Beatriz Fiori **Arantes** foi professora de Estética do Departamento de Filosofia da USP, entre os anos de 1973 e 1993, quando se aposentou. Lecionou também na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da mesma USP por breve período e na PUC-SP. Presidiu o Centro de Estudos de Arte Contemporânea (1979 a 1992). Sua atuação se dá na área de Filosofia, com ênfase em Estética, com enfoque nos seguintes temas: modernidade, pós-modernidade, Mário Pedrosa, crítica de arte no Brasil, arte e política, arquitetura e urbanismo. É autora de “Urbanismo em Fim de Linha” (Edusp) e “Um Ponto Cego no Projeto Moderno de Jürgen Habermas” (em co-autoria com Paulo Arantes, Brasiliense), entre outros. É organizadora dos quatro volumes de textos de Mário Pedrosa publicados pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp).

27 **Pierre George** (1909-2006) foi um geógrafo francês pertencente à Escola Francesa de Geografia. É considerado um dos geógrafos precursores da Geografia crítica e tem sua origem teórico-metodológica em Paul Vidal de La Blache. É referência para vários estudos relacionados à epistemologia da ciência geográfica, sendo que muitos dos temas que propôs despertam, até os dias, atuais o interesse de geógrafos do mundo todo. Ver mais em: TEODORO, Alexandre Elias de Miranda. Geografia francesa em questão: trajetória e evolução do conhecimento geográfico de Pierre George. **Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Geografia**. Alfenas, Universidade Federal de Alfenas, 2013.

◀ SALA DE AULA E ATIVIDADES
DE PESQUISA NA USP

Socialistas Soviéticas); As teorias do Estado, de Yves Leclerc;²⁸ Introdução à Economia Política. Da formação de blocos econômicos, ao problema da África, resultado do processo de descolonização e as guerras de libertação nacionais, era dedicado uma parte do curso *L'Afrique noir est mal partie*, uma leitura básica.

FA: A cidade de São Paulo chegou a ser objeto de alguma disciplina sua?

OS: Sim, chegou! Estudamos a cafeicultura no Estado de São Paulo. Estudamos, inicialmente, o Vale do Paraíba, por onde migração da cafeicultura deixou a Baixada Fluminense e atravessando o Vale, penetrou no território paulista. No Vale, reproduziu os padrões de ocupação da baixada Fluminense: os casarões, sedes de grandes fazendas, com escravaria. Em São Paulo, a cafeicultura contou com trabalhadores imigrantes e instaurou um sistema de trabalho do colonato. Sobre a cidade estudamos sempre o problema da deterioração do centro. As tentativas de renovação urbana. E, finalmente a periferia usa o centro.

FA: Era uma disciplina de pós-graduação?

OS: Não. Na pós-graduação eu sempre lecionei Teoria e Método. Os alunos não querem saber de estudos particulares. Eles estão aflitos com as pesquisas deles, não é? Então sempre refletimos sobre Teoria e Método.

OG: Odette, você já usou Sistema de Informação Geográfica?

OS: Ah, eu usei muitos mapas, mas nenhum dos meus trabalhos é da época da computação. Esse aqui é datilografado. Hoje, uso computador, tudo é mais rápido e fica melhor. O computador tem muitos recursos que não sei usar. Meus alunos até hoje socorrem quando preciso. Dizem que uso computador como máquina de escrever.

OG: Hoje, durante a aula que tivemos, você, na fotografia da enchente ali, recorre a uma transparência, não?

OS: É, é artesanal, viu? Era tudo artesanal. Então os textos, as observações iam acontecendo, então quando chegava janeiro, um pouco de fevereiro, eu juntava tudo o que eu tinha feito durante o ano e, às vezes, não dava nada. Era difícil, porém necessário, conciliar ensino e pesquisa.

OG: Sobre a sua tese de doutorado, houve algum constrangimento quanto à documentação da Light, para você conseguir ver essa documentação? Houve constrangimento por pessoas que ficaram incomodadas por você ter acesso a essa documentação?

OS: Depois, sim! Porque o senhor Antônio Russo,²⁹ Diretor Presidente da Eletropaulo, nem acreditava

28 **Yves Leclercq** é o autor do livro "Teorias do Estado", publicado no ano de 1977, enquanto professor de economia política de Paris-VIII – Vincennes. De acordo com publicação do periódico francês "*Le Monde*", no ano de lançamento da obra, o livro tem o mérito de listar os grandes textos marxistas dedicados a este assunto desde o início do século. Fonte: https://www.lemonde.fr/archives/article/1977/10/08/theories-de-l-etat-de-yves-leclercq_2880231_1819218.html.

29 **Antônio Russo** (1932-2009) foi um advogado, deputado federal e funcionário público. Atuou como diretor administrativo na Prefeitura de São Caetano do Sul até 1960, passando, dois anos depois a chefiar a Assessoria Técnico-Legislativa da Câmara

que estivessem lá os arquivos. Fomos descobrindo, usando-os. Mas quando escrevi o trabalho entreguei para ele.

OG: Antes de publicar?

OS: Sim, antes de publicar sob o título: “Os meandros dos rios nos meandros do poder”

OG: Antes de defender.

OS: Não! Eu defendi e fui à Eletropaulo. Entreguei para ele, agradei e falei: “felizmente o senhor era a pessoa que estava nesse lugar naquela época”. “Ah, muito obrigada, professora...”. Se leu, não sei. Mas depois, deve ter ido para a biblioteca da Eletropaulo, e os engenheiros que estão todos nomeados ficaram incomodados. Ficaram sentidos. E um deles publicou um artigo na Revista Memória,³⁰ que era da Eletropaulo,³¹ dizendo que não era bem assim, que a interpretação estava forçada. Parei, pensei: “ele que se aborreça! Já fiz a pesquisa, não vou ficar debatendo!”. Mas é difícil tomar essa decisão, sabem? É muito difícil. Um belo dia, pego o jornal da manhã no domingo, e encontro um texto, escrito por Paulo Pontes, funcionário da Eletropaulo. Encontro lá um artigo imenso, uma página inteira da Folha de S. Paulo ou do Estado de S. Paulo, não lembro, dizendo assim: “a professora estava certa”. Ele refez todos os cálculos, refez todo o caminho. Foi melhor do que ter respondido, não foi? Não é verdade? Por outro lado, familiares dos engenheiros da Prefeitura, daqueles resistentes ao esbulho da Light, se reconhecem nesse trabalho.

OG: Qual é a sua opinião e sua análise sobre o projeto do Tietê 92, que está em vigor até hoje? Refiro-me, agora, ao Projeto Tietê de 1994 e ao Plano Diretor da Macrodrenagem de 1999.

OS: O sistema de drenagem de São Paulo acumula intervenções; são camadas de obras de engenharia, que se sucederam desde o Século XIX. Sem reconstituir uma longa história, devemos nos perguntar o porquê das aflições, às quais estamos submetidos, no período chuvoso. Não existe resposta fácil. A estrutura básica do

Municipal. Também trabalhou como diretor administrativo da empresa pública Eletropaulo. Iniciou sua carreira política elegendo-se, em novembro de 1968, vice-prefeito de São Caetano do Sul, pela Aliança Renovadora Nacional (Arena), partido de sustentação do regime civil-militar vigente no país desde abril de 1964. Assumiu o cargo no início do ano seguinte. Simultaneamente, assumiu, em 1972, a presidência do Conselho de Curadores da Fundação Universitária do ABC paulista, instituição mantenedora da Faculdade de Medicina da região. Deixou o cargo de vice-prefeito em março de 1973, ao final da gestão. Filiando-se ao Movimento Democrático Brasileiro (MDB), partido de oposição ao regime militar, elegeu-se deputado federal por São Paulo em novembro de 1978. Empossado em fevereiro do ano seguinte, participou dos trabalhos legislativos como titular da Comissão de Constituição e Justiça. Com o fim do bipartidarismo em novembro de 1979 e a consequente reformulação partidária, filiou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), agremiação sucessora do MDB. Deixou a Câmara dos Deputados em janeiro de 1983, ao final da legislatura. Desde então, se dedicou ao exercício da advocacia em São Paulo. Fontes: Diário do Grande ABC (9/5/09); <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/russo-antonio>.

³⁰ A revista **Memória** foi uma publicação periódica do Departamento de Patrimônio Histórico da extinta empresa estatal paulista “Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S/A”. Era publicada trimestralmente, sendo que seu primeiro número saiu no final da década de 1980.

³¹ A **Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S/A** foi uma empresa criada pelo governo estadual paulista no ano de 1971. A partir de 1981, operou os sistemas de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica nos municípios da área de concessão da antiga “Light – Serviços de Eletricidade S/A no Estado de São Paulo”, que estavam sob o controle da “Eletrobrás – Centrais Elétricas Brasileiras S/A”. Esteve em funcionamento até 1998, quando se iniciou o processo de privatização das companhias energéticas controladas pelo governo estadual paulista. Ver mais em: <http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/GuiaDoAcervo.aspx?id=2>.

escoamento superficial é formada pelos rios Tietê e seus afluentes, Tamanduateí e Pinheiros; estes, com suas respectivas sub-bacias. Na década de 1920 a bacia do Tamanduateí já estava parcialmente povoada. A indústria se desenvolvia naquela região e a água, do rio, dos riachos, dos córregos, eram utilizadas no consumo das famílias e na indústria. Os circuitos econômicos de produção e consumo jamais pararam de crescer, de se multiplicarem. Enchentes se manifestaram bem cedo. As primeiras obras são de 1892, no âmbito da Comissão de Saneamento do Estado. Tratava-se da abertura de canais no curso do Tietê para melhorar o escoamento do próprio Tietê e com isso dar maior velocidade à corrente do Tamanduateí. A cidade era ainda bem acanhada. Porém, a metamorfose do capital mercantil em industrial acelerava os ritmos. Surgiam demandas novas enquanto outras eram redimensionadas como ocorreu com a eletricidade. Nos anos 1920, formam-se, no mundo, os trustes da eletricidade. A Light,³² empresa canadense, começou a operar no Brasil a partir dos sistemas de concessão de serviços públicos. Visou inicialmente, fornecer eletricidade para o sistema de transporte urbano. Até então os bondes usavam cavalos como força motriz. A primeira instalação, em Santana do Parnaíba, distante 33km da Capital, foi um sucesso e marca o início da montagem do sistema elétrico de São Paulo pela Cia. Light. A partir de então, o aproveitamento econômico e social dos rios Tietê e do Pinheiros, ficou subjugado aos interesses da Cia. Os discursos sobre as enchentes em São Paulo tratavam de dissociar o Pinheiros das ocorrências na várzea do Tietê. Quando da retificação do Pinheiros, a Light já tinha construído uma barragem na confluência Tietê-Pinheiros para regular a captação do Tietê e não carregar o ônus das intervenções, algumas desastrosas. À medida que o processo de urbanização acelerado fazia aumentar o esgotamento, que as beiras de rios e córregos eram usadas para precárias moradias de uma infinidade de pobres, as enchentes se tornavam cada vez mais dramáticas. Neste ponto, vale assinalar que até meados da década de 1990, as enchentes mobilizavam a administração pública por inteiro. Sob as pontes das avenidas marginais eram armazenadas bombas de sucção, botes, barcos etc. Instalava-se uma luta para retornar à normalidade rapidamente. O que quase sempre não era possível. Chegamos, então, ao Projeto Tietê, de 1994, e Plano Diretor da Macro Drenagem, de 1999. A orientação do plano invertia os conceitos anteriores “a água deve permanecer onde cair.” Tratou-se da emergência de um novo paradigma, fundado no conceito de vazão de restrição.³³ Foram definidas as vazões de restrição para a calha do Tietê e construídos piscinões de retenção. Os piscinões em funcionamento são estruturas de retenção que

32 A atuação da **Light** tem seu início em 1899, com a criação da “*The São Paulo Railway, Light and Power, Company Ltd.*” com sede em Toronto, Canadá. Em 25 de junho de 1900, alterou sua razão social para “*The São Paulo Tramway, Light And Power Company, Ltd.*” E, no mês seguinte, foi autorizada a funcionar no Brasil. A partir daquele ano, iniciou a instalação de linhas de bondes movidos à energia elétrica no município de São Paulo e também começou a construção da Usina Hidrelétrica de Parnaíba, inaugurada em 1901. Neste ano, os contratos de concessão para transporte de passageiro e de cargas foram unificados, concedendo privilégio à empresa por 40 anos. Em 1912, a empresa passou a fazer parte da holding canadense “*Brazilian Traction, Light and Power Company, Ltd.*”. Além dela, também participavam as empresas “*The Rio de Janeiro Tramway, Light and Power Company, Ltd.*” (1905) e “*São Paulo Electric Company, Ltd.*” (1908). Em 1956, a empresa foi nacionalizada e, em 1979, vendida para as “Centrais Elétricas Brasileiras S/A – ELETROBRAS”. Ver: REIS, Andréia Francisco dos, JOAQUIM, Michele Silva Joaquim. Projeto de Preservação da Documentação dos Trabalhadores da Light São Paulo. In: **Arquivo e Memória dos Trabalhadores da Cidade e do Campo**. Coleção: Arquivos e o direito à memória e à verdade. Comunicações do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos. Arquivo Nacional/Central Única dos Trabalhadores. São Paulo - Rio de Janeiro, 2015.

33 **Vazão de restrição**: trata-se da vazão que expressa os limites estabelecidos para que haja o atendimento satisfatório aos múltiplos usos dos recursos hídricos e que orienta a operação do reservatório. Fonte: RESOLUÇÃO N.º 37, de 26 DE MARÇO de 2004 do Conselho Nacional de Recursos Hídricos / Ministério do Meio Ambiente, disponível em: <http://www.ceivap.org.br/ligislacao/Resolucoes-CNRH/Resolucao-CNRH%2037.pdf>.

funcionam como acumuladores para permitir a vazão controlada por trechos. No Pinheiros não havia enchentes, mas em face de circunstâncias de extrema gravidade, as comportas do Retiro³⁴ podiam ser desativadas visando amenizar o drama da população ribeirinha. No preâmbulo da concepção do Projeto Tietê algumas questões chegaram a ser discutidas e uma delas era a barragem da Penha. Lembro-me o Professor Aziz Ab'Saber,³⁵ que escreveu uma tese na década de 1950, **A Geomorfologia do sítio urbano de São Paulo**. Ele sempre foi um grande estudioso. Posicionou-se, publicamente, criticamente contra a construção dessa barragem. Argumentou que haveria sedimentação, com elevação do leito nesse ponto, em decorrência de deposição do material extraído à montante. Bem, o resultado foi de consequências trágicas, o Pantanal, bairro de população pobre, localizado nas proximidades do Tietê, era sistematicamente invadido porque, em nível inferior, recebia o transbordamento do Tietê. A cidade perdeu seus rios, os paulistanos foram expropriados para a especulação *dinherária*, financeira e pela especulação fundiária. Tal foi o resultado do estudo sobre os meandros dos rios nos meandros do poder. Além do mais, há apenas sessenta anos da obtenção das concessões para aproveitar o fluxo do Tietê e gerar energia em Cubatão, a população moradora no entorno da represa, movimentava-se pedindo a destruição dos sistemas de canais e represas produzidos e administrados pela Light. A água armazenada tinha origem no Tietê, como se sabe, extremamente poluído. Em pouco tempo o sistema gerador entraria em desuso. As estruturas de engenharia permaneceram, o canal do Rio Pinheiros retificado e com 25 km de extensão, tem o regulado na usina elevatória de Traição, localizada no km 12,5; orientado em direção ao Tietê ou à Represa Billings.³⁶ Quando se decidiu por Itaipu³⁷ estava decretado que isso aqui não fazia mais sentido. A montagem do sistema hidrelétrico deixou um rescaldo de problemas ambientais muito grandes. Entrando no Rio Pinheiros – quem nunca foi lá, vá

34 **Comportas do Retiro:** Conjunto de comportas no canal do rio Pinheiros, sob a função de impedir que as cheias do Tietê adentrassem as áreas baixas vizinhas ao Pinheiros. Trata-se de estruturas localizadas na foz do Pinheiros, permitindo separá-lo do Tietê. Durante a ocorrência de chuvas muito intensas, as comportas de Retiro são manobradas e é acionado o bombeamento Traição / Pedreira, drenando as águas afluentes ao rio Pinheiros, lançando-as na represa Billings. Ver: MEICHES, Luiz Alberto Maktas. **Integração de Sistemas de Gerenciamento de Riscos Ambientais**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo, 1998.

35 **Aziz Nacib Ab'Sáber** (1924-2012) foi professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) de 1993 a 1995. Ab'Sáber foi um dos mais importantes estudiosos da Geomorfologia brasileira e atuou também como pesquisador das áreas de Ecologia, Biologia Evolutiva, Fitogeografia, Geologia, Arqueologia e Geografia. Foi importante conselheiro do CONDEPHAAT e também do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo. Fonte: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/aziz-absaber>.

36 **Represa Billings:** Reservatório de água criado para a geração de energia elétrica para a cidade de São Paulo, por meio da usina Henry Borden, localizada em Cubatão. Seu projeto é de autoria do engenheiro estadunidense Asa White Kenney Billings, funcionário da empresa Light (*The São Paulo Tramway, Light and Power Company, Ltd*). A construção da represa teve início em 1925 e término em 1927, quando se iniciou o enchimento do reservatório. Na década de 1940 teve início o desvio de parte das águas do rio Tietê para a represa, aumentando-se, assim, sua vazão, o que possibilitou a ampliação da capacidade de geração de energia elétrica. Fonte: <https://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/institucional-sedu-2/181-plano-educacao-ambiental/874-a-represa-billings-e-o-municipio-de-santo-andre>.

37 Localizada na divisa entre o Brasil e o Paraguai, a **Itaipu Binacional** é uma usina hidrelétrica administrada conjuntamente pelos governos destes países. Sua construção se iniciou na década de 1970, sendo entregue em 1984. Para construí-la, foi feito o desvio do rio Paraná, resultando na remoção mais de 55 milhões de metros cúbicos de rochas e no alagamento de um total de 1500 km² de florestas e terras agriculturáveis. Atualmente, é considerada uma das maiores usinas hidrelétricas do mundo em geração de energia elétrica. Fontes: <http://www.cepa.if.usp.br/energia/energia1999/Grupo2B/Hidraulica/ambiental.htm>; <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,itaipu-completa-40-anos,10095,0.htm>.

que vale a pena – chegando à frente da Estação Elevatória de Traição³⁸ vê-se uma montanha de lixo, nas grades, para não irem para as turbinas. A lógica capitalista é o que explica isso. Dinheiro sob o capitalismo tem que ser investimento e tem que ter retorno financeiro. Dinheiro não pode ser gasto. A manutenção é gasto.

AR: Mesmo a gente bebendo essa água...

OS: Não, a gente não bebe essa água. Tem uma divisão dentro de um ramo da Billings de uma água que vai para o ABC,³⁹ mas é um pedacinho e ela é separada internamente; são nascentes de um braço da represa.

OG: Mas a água da Represa de Guarapiranga⁴⁰ não abastece a região sul?

OS: A água da Guarapiranga abastece sim, mas ela está fora, o nível de terreno é mais alto e ela está fora. Ela não integra o sistema, ela drena. E quando não drena, ela tem um volume tal que se autopurifica. O que não quer dizer que não esteja poluída. Em tese, o discurso é esse.

FA: Professora, aproveitando essa discussão sobre os impactos ambientais nos sentidos mais amplos do termo, uma curiosidade: quando jogavam a água pela Usina Henry Borden⁴¹ para Cubatão,⁴² essa água era escoada para o oceano, mas era um volume muito grande de água caindo, o que acontecia com essa água?

OS: contaminava o oceano...

FA: Isso causou o assoreamento, possivelmente, em toda aquela superfície?

OS: isso eu já não sei te dizer, porque isso era o menor problema. O problema maior era o esgoto de 20 milhões de pessoas, São Paulo, sendo lançado serra abaixo. Uma vez que o curso do Pinheiros, além de retificado,

107

38 A **Usina Elevatória de Traição** foi inaugurada em 1940 e tem como objetivo reverter o curso das águas dos rios Tietê e Pinheiros, para serem encaminhadas à Usina Elevatória de Pedreira e depois ao Reservatório Billings. A usina possui quatro unidades de bombeamento, sendo três delas reversíveis, que podem funcionar como geradoras de energia e como bomba, dotadas de turbinas com rotor tipo Kaplan de eixo vertical, acionadas por motores síncronos. A capacidade de bombeamento é de 280m³/s, elevando as águas em cerca de 5 metros. Do ponto de vista energético, a reversão do rio tem como propósito manter volumes d'água nos reservatórios do Rio das Pedras e Billings suficientes para garantir a geração na Usina Henry Borden. Atualmente, a operação do sistema de reversão do Rio Pinheiros só é acionada para o controle das enchentes. Fonte: <http://www.emae.com.br/conteudo.asp?id=Elevat%C3%B3rias>.

39 A região conhecida como **Grande ABC** está localizada a sudeste da Região Metropolitana de São Paulo e é composta por sete municípios: Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Diadema, Mauá, Ribeirão Pires e Rio Grande da Serra.

40 A **Represa de Guarapiranga** é um reservatório utilizado para abastecimento de água potável na Região Metropolitana de São Paulo, situado na divisa entre os municípios de São Paulo (Zona Sul), Itapeverica da Serra e Embu-Guaçu. Sua construção foi iniciada no início do século XX pela *"The São Paulo Tramway Light and Power, Company, Ltd"*, com a finalidade de regularizar a vazão do rio Tietê, buscando garantir a alimentação da Usina de Parnaíba, atual Usina Edgard de Souza, no município de Santana do Parnaíba.

41 A **Usina Henry Borden** foi a obra principal do chamado "Projeto da Serra", um investimento gigantesco na produção de energia elétrica empreendido pela *The São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited*, a Light, entre as décadas de 1920 e 1960. O projeto teve grande impacto econômico, social e ambiental e incluiu a construção da usina hidrelétrica, em Cubatão - pioneira mundialmente, para a época - e de reservatórios e barragens na Serra do Mar, além de inversões e canalizações de rios. Localizado no sopé da Serra do Mar, em Cubatão, o complexo atualmente é composto por duas usinas de alta queda (720 m), denominadas de Externa e Subterrânea, com 14 grupos de geradores acionados por turbinas Pelton, perfazendo uma capacidade instalada de 889MW, para uma vazão de 157m³/s. Fontes: <http://www.emae.com.br/conteudo.asp?id=Usina-Hidroeletrica-Henry-Borden>; <http://www.museudaenergia.org.br/not%C3%ADcias/not%C3%ADcias/usina-de-mem%C3%B3rias.aspx>.

42 Município localizado na Região Metropolitana da Baixada Santista, Estado de São Paulo.

foi invertido, para abastecer o sistema hidrelétrico.

OG: Por isso houve aquele problema ambiental em Cubatão durante muitas décadas... Então tem um problema de articulação regional, alterações no planalto que afetou o sistema...

OS: Sim, a vegetação do mangue ali foi destruída e isso é muito triste porque aquele é um bioma que guarda riqueza de biodiversidade. O que é bom preservar desta nossa conversa é que a questão ambiental não é uma questão de superfície. Ela está ligada à forma de vida que foi sendo gestada no processo de modernização. Então, se o ambientalismo não considerar as contradições do capitalismo como fundamentais, para agir sobre elas, não teremos futuro. A nossa experiência sociocultural está construída através de discursos lindos, por vezes até necessários: precisa indústria, empregos, etc. É a ordem do progresso material. Veja-se o que sobrou. Bom, o plano de 94 tentou deslocar o problema das enchentes. Eu tenho muitos mapas aqui, filme também. O objetivo do plano da macrodrenagem, como disse, era enfrentar o problema das enchentes do Tietê partindo de um entendimento do funcionamento da bacia hidrográfica. O ponto de partida é macro, envolve os volumes escoados nas diferentes épocas do ano através de riachos, rios e córregos, que integram a bacia do Tietê. Na imensa área da bacia, a drenagem se estabelece em relação à gravidade. Sendo que o eixo principal e inferior de toda bacia hidrográfica é o próprio Tietê. A macrodrenagem acabou por desfocar todo esse problema do rio Pinheiros. O que ocorreu no Pinheiros agravou, sobremaneira, as enchentes ocorridas no Tietê. Pois o nível do Tietê na confluência, Tietê-Pinheiros, estava dado, já que o Tietê descarrega parte do próprio volume no Pinheiros. A Soleira de Barueri,⁴³ bloco rochoso, estabelece o nível de base de toda bacia. Qualquer coisa que se fizesse tinha parâmetros dados, porque aqui tem, originalmente uma vazante delimitada pela soleira granítica, já mencionada, que, é o nível da bacia hidrográfica e a própria capacidade de escoamento. Se alterado o nível de base muda o perfil de escoamento de toda a bacia. Explicando o nível de base: toda a água que chega escoar para jusante segundo a capacidade e abertura da soleira de Barueri, onde, a altura das águas originalmente mantinha-se por volta da cota de 710m. Esse nível das águas foi artificialmente estabelecido entre 710m e 715m, na confluência Pinheiros-Tietê, (distante perto de 30km de Barueri), com a canalização e inversão do curso do Rio Pinheiros. Tal inversão tinha em vista a necessidade de escoar parte do volume do Tietê através do canal do Pinheiros. Foi tão determinante a montagem do sistema elétrico de São Paulo, que produziu seus efeitos por toda a bacia hidrográfica do Tietê; pois o nível das águas na confluência Pinheiros-Tietê, era mantido até perto de Guarulhos. Como atestou o engenheiro Catullo Branco,⁴⁴ toda a bacia do Tietê está relacionada a partir desse

43 Junto à soleira de Barueri, o Tietê representa o ponto de menor potencial hidráulico do aquífero. Maiores informações: GOULART, Fernando Costa. **Avaliação da situação da exploração e comercialização das águas subterrâneas por empresas de transporte de água a granel nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas.** Dissertação de Mestrado. Campinas, Instituto de Geociências da UNICAMP, 2007.

44 Nascido em São Paulo, em maio de 1900, **Catullo Flaquer Branco** (1900-1987) formou-se em Engenharia Elétrica pela Escola Politécnica de São Paulo em 1924. Em 1928, passou a ser funcionário da Secretaria de Viação e Obras Públicas e, em 1936, filiou-se ao Partido Comunista do Brasil (PCB), sendo eleito deputado estadual em 1946. Na década de 1930, o engenheiro costumava afirmar que a saída para o desenvolvimento econômico e social do país estava diretamente ligada às questões energéticas. De acordo com o historiador Miguel Zioli, da Fundação Energia e Saneamento de São Paulo, mesmo contando com poucos recursos financeiros e sem materiais adequados, Catullo conseguiu concluir uma série de estudos que resultaram na publicação de "*Instalações Eolianas para produção de energia elétrica*", primeira pesquisa deste tipo que se tem notícia no Brasil. Fonte: <http://www.museudaenergia.org.br/>

nível; o deságue dos riachos e córregos ficaram sujeitos ao retorno ou reversão de volumes. Um tênue equilíbrio, qualquer alteração de volume e de nível fazia e ainda faz cheias catastróficas. Desloca todos os outros rios, que vão começar a consumir na cabeceira, porque aumenta a velocidade, aumenta o volume de entulho em cada riachozinho. Este é um caso no qual a alteração no nível das águas é equivalente à mudança do nível de base nos efeitos. Se mudar o nível de base a bacia vai funcionar de outro jeito. Aqui a mudança foi através do nível das águas. É um equilíbrio físico que faz funcionar dessa forma. A noção de nível de base é fundamental quando operamos o conceito de bacia hidrográfica. Em 1994, em conformidade com o plano de macrodrenagem foi aprofundado o fundo do leito do Tietê para aumentar o volume retido, em função do escoamento apresentar dificuldades e, assim, atuar nas cheias. Essa intervenção gerou influência controlada na bacia do Rio Tietê. Intervir na bacia pode gerar problemas, com consequências duradoras, como no nosso caso. A contradição aqui é que a Bacia do Tietê já está densamente urbanizada. E, este já é fator de mau funcionamento da drenagem porque a urbanização alcançou os terrenos mais sensíveis aos processos de erosão. Por isso é difícil intervir sem provocar novos desequilíbrios. Mas a alternativa foi aprofundar o leito do canal; ele está aprofundado. Somaram-se várias ações como parte do plano da macrodrenagem para evitar enchente. Dentre elas, como mencionado, foi adotada a construção dos piscinões, que são depósitos de água excedente. Até pode ter ajudado a evitar enchentes, mas na imprensa há registros, matérias bem tristes. Os piscinões ficam geralmente em áreas pobres, quando não chove é área de depósito de lixo e ratos, e quando chove a água sobe, transborda tudo. Gastos necessários para manutenção dificilmente entram nos orçamentos, quando entram parecem insuficientes. No entanto, o princípio de retenção que orienta as ações, parece ser o caminho mais correto para esses problemas, apesar do drama que gera. Tem comunidades pedindo piscinões. Mas a impermeabilização da bacia, ruas asfaltadas, edificações..., ou seja: a água não tem como entrar no solo, ela escoar em superfície, é muito grande a impermeabilização. Os moradores, em geral, procuram meios para asfaltar as ruas; esse é o padrão adotado de pavimentação. Em consequência, aumenta o volume do escoamento superficial. Aumenta o volume que chega à calha do Tietê. Então, como os piscinões funcionam como estruturas de retenção, estarão sempre em defasagem em relação às necessidades práticas a que se destinam.

OG: Disso sempre se soube, mas, mesmo assim, o desenvolvimento da cidade e a política sempre priorizaram os carros e a ocupação, dentro de um viés de investir e ter um retorno...

OS: O que fica escondido nisso tudo se analisamos bem essa questão do escoamento superficial, chega-se à conclusão de que este é o grande problema ambiental de São Paulo. Chega-se também à conclusão de que não tem solução final. Não, o problema ambiental foi plantado lá atrás, exatamente pela forma como os rios e as várzeas da cidade passaram a integrar os processos de modernização social. Desde 1930 foi posta à mesa a opção pelo rodoviarismo. Em São Paulo, as avenidas de fundo de vales, em geral construídas por tamponamento dos riachos e córregos, reproduzem em superfície as linhas do escoamento natural. Na década de 1990, o córrego do Mandaqui, cuja nascente localiza-se na vertente sul da Cantareira, foi canalizado a céu aberto. É

uma experiência que quebra o paradigma anterior. A construção das avenidas marginais expressas do longo dos rios Pinheiros e Tietê, respondem às opções contidas no Plano de Metas (1956) quando foi implantada a indústria automobilística. São processos que valorizam espaços e as propriedades captam através do preço, os investimentos fixados no território. Por essas avenidas circula grande parte do PIB nacional. Sabe-se que o custo das enchentes é muito alto para a sociedade. Mas o drama vivido pela população ribeirinha que habita em condições precárias é de vida e de morte.

FA: Professora Odette, muito obrigado! Tivemos uma aula sobre vida e profissão que ficará para sempre conosco.

OS: Eu agradeço muito poder falar com vocês sobre as minhas elucubrações!



Fig. 6. Odette Lima Seabra fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP. **Fonte:** Arquivo particular de F. Atique, 2018.

A large, light blue, stylized number '5' is positioned on the right side of the cover, partially overlapping the title and author text. The number has a thick, rounded stroke and a slightly irregular, hand-drawn appearance.

A CIDADE DOS CIENTISTAS SOCIAIS

Fraya Frehse

Entrevistada: Fraya Frehse

Data: 27 de novembro de 2018

Duração: 50'45"

Roteiro e transcrição: Dayanne Luz das Neves; Daniel Santos Mathias; Emerson Dylan Gomes Ribeiro e Janaína Franson Caetano

Entrevistadores: Dayanne Luz das Neves; Daniel Santos Mathias; Emerson Dylan Gomes Ribeiro e Janaína Franson Caetano.

Notas Contextuais: Leonardo Faggion Novo

Mediação: Fernando Atique

Local da entrevista: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (EFLCH/UNIFESP) – Campus Guarulhos



Fig. 1. Fraya Frehse fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.

ED: Para início, eu gostaria que você comentasse um pouquinho sobre a origem familiar...

FF: Eu sou de família alemã. Sou, na verdade, parte da segunda geração no Brasil, em parte até terceira. Três dos meus quatro avós são imigrantes. Meu avô por parte de mãe veio de Hamburgo para o Brasil, se instalou em Recife nos anos 1920, e a avó casada com ele já é brasileira, filha também de alemães: um casal de Munique que viera para Recife na Primeira República, por volta dos anos 1910. Já meus avós por parte de pai se conheceram no interior de São Paulo, vindos cada um de uma região daquilo que fora a Alemanha até o início dos anos 1920, quando cada um deles aportou, jovem, no porto de Santos. Um veio de Schwerin, no nordeste do país – que, depois da Primeira Guerra, passou a fazer parte da Polônia e, após a Segunda Guerra, a integrar a Alemanha Oriental. Chegou aos 17 anos, as relações familiares destroçadas pela guerra. Já minha avó aportou aqui aos 14 anos vinda de Oldemburgo, que é uma cidade do noroeste alemão. Seu pai decidiu imigrar para o Brasil com os quatro filhos adolescentes após a morte da esposa. Mas, enfim, no âmbito dessa ascendência nacional única, tenho origens sociais distintas, na verdade, os familiares por parte de mãe pertencentes a uma certa classe média urbana alemã ligada ao pequeno comércio e, no caso de meu bisavô “recifense”, à arquitetura e às artes – Heinrich Moser foi pintor, vitralista e um dos fundadores da Escola de Belas Artes do Recife¹.

ED: E você nasceu e cresceu em São Paulo?

FF: Sim, nasci em 1971 e cresci em São Paulo – com muito orgulho, pois é uma cidade que amo. E estudei no antigo e primeiro assim chamado Colégio Alemão de São Paulo² (1878), o Visconde de Porto Seguro. Desde os 10 anos, minha formação escolar transcorreu integralmente no âmbito do chamado currículo alemão do colégio, o que me assegurou uma grade curricular em que as disciplinas tradicionais eram ministradas paralelamente em alemão e em português (os conteúdos anuais de disciplinas como matemática, por exemplo, eram “divididos” entre professores brasileiros e aqueles comissionados diretamente da Alemanha). Crescer tendo contato simultâneo com dois estilos didáticos completamente distintos me marcou significativamente. Tendo concluído o ensino médio alemão em São Paulo por meio do chamado Abitur³, parti pela primeira vez para a Alemanha. A ideia era cursar arquitetura lá. Mas quando, lá mesmo, tive como me aprofundar em Sociologia – que eu, crescendo no Brasil dos anos da ditadura militar (1964-1985), não tivera como conhecer na escola -, apaixonei-me pelas Ciências Sociais e, um ano e meio depois, decidi voltar para o Brasil e transferir-me para o curso de Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP). Porque, de fato, descobri que queria me tornar pesquisadora para compreender melhor o nosso país, em particular o nosso mundo urbano. Meu sonho era contribuir socialmente de algum modo para fazer avançar o nosso conhecimento sobre o Brasil, ecoando – reconheço hoje - um certo *Zeitgeist* juvenil “cara-pintada” daquele início de década de 1990, em que o país enfrentava seu primeiro

1 Cf. respectivamente Ascom, “Arte gráfica de Heinrich Moser é disponibilizada na internet”, 17.03.2017, <<https://portal.ifpe.edu.br/noticias/arte-grafica-de-heinrich-moser-e-disponibilizada-na-internet>>, e Leopoldina Mariz Lócio, <https://www.artemoser.com/biografia-bio> (Nota da entrevistada [N. E.]).

2 O **Colégio Visconde de Porto Seguro**, também conhecido como **Colégio Alemão de São Paulo**, é uma tradicional instituição de ensino privada de São Paulo localizada no distrito do Morumbi. Foi fundada em 1878 e oficialmente reconhecida pelo governo brasileiro em 1935.

3 *Goethe-Institut Brasilien*, <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/spr/pqe/osc.html>> (N.E.).

impeachment e se abria, prenhe de esperança, para uma nova fase da então recente redemocratização.

ED: Isso explica também o número de idiomas no seu Lattes! Algo bem admirável.

FF: É, então, mas o italiano eu aprendi depois [risos]. Gosto muito de línguas, então eu sempre me interessei por seu estudo. Já o italiano eu aprendi no doutorado, especificamente para ler o primeiro jornal italiano de São Paulo, *Fanfulla*⁴, e o cartões postais que mobilizei como uma das fontes documentais que desembocaram, mais tarde, no meu livro *Ô da Rua!* (Edusp, 2011).

ED: Ainda sobre sua vivência e formação, para além de São Paulo, em quais outros lugares você residiu? E mesmo em São Paulo: em quais bairros você viveu? Você teve o costume de nessas cidades flunar, andar por aí?

FF: Sim, sempre! [risos]... Eu adoro flunar! Além de São Paulo, morei um semestre perto de Mannheim, no sudoeste alemão, depois quase um ano em Colônia, também na Alemanha. Durante o doutorado-sanduíche, morei quase oito meses em Oxford, na Grã-Bretanha. Já como professora da USP passei um ano em Berlim no âmbito de um pós-doutorado, retornando por quatro meses alguns anos depois, como professora titular da Cátedra “Sérgio Buarque de Holanda” da Universidade Livre de Berlim. Afora isso, tive a oportunidade de algumas estadas de um mês respectivamente em Paris e em Berlim, e recorrentes estadas de férias em Recife, desde a infância – tanto que posso dizer que esta é a minha segunda cidade no Brasil.

Já aqui em São Paulo, eu nasci e cresci na Zona Sul, no Campo Belo, numa região da Zona Sul situada, em linhas gerais, entre Santo Amaro e Moema, onde, até no mínimo as décadas finais do século XX, houve forte presença de alemães – no rastro, aliás, de uma tendência geográfica iniciada com a implantação da primeira linha de bondes entre São Paulo e Santo Amaro, em 1886⁵. Eu estudava no Morumbi. Aprovada na prova de transferência para o curso de Ciências Sociais da USP no segundo semestre de 1993, passei a conviver mais na Zona Oeste, além de passar a morar na Vila Mariana e, mais recentemente, na parte baixa de Pinheiros. Mas desde criança eu sempre tive extremo interesse pelo centro da cidade de São Paulo, e também andava muito por ali com meus pais. É que eles frequentaram muito esse perímetro em seu dia a dia durante a década de 1970: suas agências bancárias e os correios de referência se situavam ali, e também os principais comércios que eles costumavam frequentar, a primeira rodoviária, a Estação da Luz. Como muitos outros habitantes da cidade até então, meus pais oscilavam sem pestanejar entre “centro” e “cidade”, quando se referiam àquela área urbana que cedo passei a amar⁶.

Embora minha memória registre andanças prazerosas por ruas e praças da cidade desde menina, foi

4 O **Fanfulla** é um jornal publicado pela comunidade italiana no Brasil desde 1893 como semanário. Cf. Carlos Eduardo Entini, “Jornal Fanfulla está on-line no site da Unesp”, *Acervo Estadão*, 21.05.2020, <<https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,jornal-fanfulla-esta-on-line-no-site-da-unesp,70003308995,0.htm>> (N.E.).

5 Cf. Sílvia C. L. Siriani. **Uma São Paulo Alemã. São Paulo:** Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003, p. 98 (N.E.).

6 Sobre a equiparação entre “centro” e “cidade” como tendência socialmente mais abrangente em São Paulo até os anos 1970, cf. Raquel Rolnik, *A Cidade e a Lei*, São Paulo: Studio Nobel, 1997, p. 106 (N.E.).

Fig. 2. Fraya Frehse fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



115

só mais tarde, já adolescente, que passei a fazer isso sistematicamente, circulando com parentes e amigos por museus, parques e monumentos das regiões do centro e da Avenida Paulista. Com efeito, hoje reconheço que me interessei muito cedo pelos espaços públicos da cidade... Por exemplo, foi na adolescência que descobri e me apaixonei pelas fotografias de rua de [Henri] Cartier-Bresson⁷, que se interessou pelo cotidiano de Paris

⁷ **Henri Cartier-Bresson** (1908-2004) foi um fotógrafo e desenhista francês. Esteve envolvido com o círculo de intelectuais surrealistas de Paris durante a década de 1920, como André Breton (1896-1966), e passou a ser membro do núcleo do movimento e estudar cubismo com André Lhote (1885-1962). Viajou pela África durante a década de 1930 e serviu o exército francês na Segunda Guerra Mundial. Foi levado para um campo de prisioneiros durante a ocupação alemã na França e, ao escapar, juntou-se à Resistência Francesa. Como fotógrafo, Cartier-Bresson fundou a agência fotográfica Magnum, junto a outros destacados profissionais do período, como Robert Capa (1913-1954). Foi contratado por muitas revistas, como *Life*, *Vogue* e *Harper's Bazaar* para ser um fotógrafo viajante, percorrendo distâncias entre a Europa, Estados Unidos, China e Índia. Foi o primeiro fotógrafo da Europa Ocidental a registrar a vida na União Soviética e um dos poucos fotógrafos a registrar os últimos dias de Gandhi. Publicou uma série de livros e compilados de seus trabalhos, dentre os quais destaca-se "Images à la Sauvette", publicado em inglês sob o título de "The Decisive Moment" (1952). Fonte: *Fondation Henri Cartier-Bresson*.

etc. Por quê? Não sabia, então. São coisas, são detalhes dos recônditos de minha vida cotidiana como criança e adolescente dos quais eu só fui me dando conta mais tarde⁸.

E é aí que a graduação na USP fez toda a diferença. A partir de então eu passei a flunar por São Paulo enlevada por conhecimentos sobre a vida sociocultural e histórica da cidade que, evidentemente inexistiram durante a infância e adolescência. E tudo se tornou imensamente mais significativo. Decisivas nesse sentido foram, de um lado, as várias experiências de trabalho de campo e aulas de rua a que fui incentivada tanto pelas disciplinas de Ciências Sociais quanto pelas pesquisas de iniciação científica que realizei durante a graduação. Em particular as disciplinas optativas “Sociologia da Vida Cotidiana”, ministrada por José de Souza Martins⁹ no Departamento de Sociologia, e “Moradias Paulistas”, lecionada por José Eduardo de Assis Lefèvre¹⁰ no Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU), me abriram todo um novo universo de possibilidades didáticas. Aprendi que haveria como eu aliar a minha paixão pela flanação urbana ao ensino de conteúdos pedagógicos. Sobretudo as aulas regulares de rua de Martins na Vila de Paranapiacaba, no centro e no Cemitério da Consolação me ensinaram que virtualmente toda a cidade poderia se transformar em sala de aula. Desde que me tornei professora universitária, venho ministrando regularmente aulas de rua – estendendo a flanação coletiva com alunas e alunos inclusive a outros cemitérios e às periferias da cidade.

De outro lado, foi no final da graduação que participei, em conjunto com Martins, de um curso extracurricular decisivo de fotografia analógica no Grêmio Estudantil da Escola Politécnica¹¹ (Poli). Nossa paixão comum por fotografia fez com que surgisse, em conjunto com outros frequentadores do curso, o grupo amador de fotografia Phora-de-phoco, com o qual desde então realizo caminhadas fotográficas episódicas pelos lugares públicos do centro, do subúrbio e das periferias paulistanas.

ED: São Paulo aparece inclusive na sua dedicatória de seu livro *O Tempo das Ruas*.¹² Você o dedica aos

8 Para uma reflexão mais acabada sobre o tema, cf. Fraya Frehse, “En busca del tiempo en las calles y plazas de São Paulo”, in Ana Rosas Mantecon & Fraya Frehse (orgs.), *Vivir y Pensar São Paulo y la Ciudad de México*, Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana/Juan Pablos Editorial, pp. 109-133 (N.E.).

9 **José de Souza Martins** (n.1938) é bacharel e licenciado em Ciências Sociais (1964) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, onde também obteve seus títulos de mestre (1966) e doutor (1970) em Sociologia. Atualmente é Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Foi professor visitante da Universidade de Lisboa (2000) e Fellow de Trinity Hall e Professor da Cátedra Simón Bolívar, da Universidade de Cambridge (1993-1994). Membro da Junta de Curadores do Fundo Voluntário da ONU contra as Formas Contemporâneas de Escravidão, de 1998 a 2007, período em que foi premiado pela Sociedade Brasileira de Sociologia com o Prêmio Florestan Fernandes (2007). Em 2015, foi eleito para a cadeira nº22 da Academia Paulista de Letras. Conforme informações do CV Lattes.

10 **José Eduardo de Assis Lefèvre** é arquiteto e urbanista, graduado pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (1966), onde também obteve seus títulos de mestre (1986) e doutor (2000). Atualmente é professor aposentado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Foi Presidente da Comissão de Proteção à Paisagem Urbana da Prefeitura do Município de São Paulo (CPPU) entre 1990 e 1997, do Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (COMPRESA), entre 2005 e 2013, e do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT-SP), entre 2016 e 2017. Conforme informações do CV Lattes.

11 O **Grêmio Estudantil da Escola Politécnica de São Paulo** é uma instituição discente fundada em 1903 por alunos da Escola Politécnica de São Paulo. Além de organização estudantil, o Grêmio fundou, em 1904, a Revista Polytechnica, um importante espaço de publicação e circulação de artigos técnicos das áreas da engenharia, como o *Manual de Resistência dos Materiais*, organizado pelos estudantes da Escola Politécnica de São Paulo e publicado em 1905 no periódico.

12 **O Tempo das Ruas** é um livro de Fraya Frehse publicado pela Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) em 2005. No livro, a

seus familiares que te “ensinaram a amar História e amar São Paulo”...

FF: Exato! Enquanto a memória de meus avós me pôs em contato com a história de São Paulo, a vida cotidiana com meus pais me sensibilizou para a beleza que se esconde em cada fresta dos espaços públicos do centro de São Paulo.

Cabe assinalar que sou de uma geração que cresceu enquanto esse perímetro deixava de fazer parte do dia a dia de famílias de classe média como a minha. Elas passaram a contar, em termos urbanísticos, com uma “melhoria da acessibilidade para o automóvel” em bairros mais distantes, enquanto o centro passava a ser tratado pelas intervenções municipais e estaduais como “nó de articulação e passagem”¹³. Isso para não mencionar a implantação dos *shopping centers*.

FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA E
REFERENCIAIS DE PESQUISA

DM: Você possui graduação em Ciências Sociais, mestrado e doutorado em Antropologia Social. Sabemos que você teve algumas formações no exterior, como doutorado-sanduíche em Oxford e pós-doutorado nas universidades Humboldt e Livre de Berlim. Você poderia nos contar um pouco mais sobre a sua época de graduação, da sua formação como pesquisadora, desde a iniciação científica até o doutorado? Se puder falar também da convivência com a professora Lilia Moritz Schwarcz¹⁴, gostaríamos de saber qual foi a contribuição dela, enquanto historiadora, antropóloga e editora, no seu desenvolvimento acadêmico.

FF: Realizei na graduação duas investigações de iniciação científica em sociologia, sob os auspícios da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). A primeira delas transcorreu no Núcleo de Estudos da Violência (NEV) da USP, onde estagiei por um ano e meio logo que retornei da Alemanha. Ali realizei a minha primeira pesquisa documental em jornais, uma análise comparativa das categorias utilizadas pelos diários *Folha de S. Paulo* e *Notícias Populares* entre os anos 1980 e o início da década de 1990 para nomear a autoria e as vítimas da violência policial. Como as coberturas se relacionariam, pertencendo os dois jornais à mesma empresa, o primeiro, como representante da imprensa dita séria e o segundo, da chamada imprensa marrom? A investigação integrava um projeto temático do NEV sobre “continuidade autoritária e construção da

autora propõe um passeio fictício pela cidade a partir do objetivo de desvendar a modernidade que se instalava e como ela se relacionava com aspectos considerados tradicionais. Por meio de análises de notícias publicadas em jornais como *A Província de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *Diário de S. Paulo*, editoriais jornalísticos, crônicas e cartas, atas da Câmara, fotos de Militão Augusto de Azevedo e charges de Angelo Agostini, entre outros, Frehse realiza uma antropologia urbana e reflete sobre a história urbana da cidade.

13 Cf. Kazuo Nakano, Candido Malta Campos e Raquel Rolnik, “Dinâmicas dos subespaços da área central de São Paulo”, in Empresa Municipal de Urbanismo (EMURB) (org.), *Caminhos para o Centro*, São Paulo: Cebrap/Centro de Estudos da Metrópole, 2004, pp. 130-131 (N.E.).

14 **Lilia Katri Moritz Schwarcz** (n.1957) é uma historiadora (1980) formada pela Universidade de São Paulo. Obteve título de mestra em Antropologia Social (1986) pela Universidade Estadual de Campinas e de doutora em Antropologia Social (1993) pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professora titular do Departamento de Antropologia da USP. Foi *Visiting Professor* em Oxford, Leiden, Brown, Columbia e Princeton e é autora de uma série de livros, dentre os quais: *Retrato em branco e negro* (1987), *O espetáculo das raças* (1993), *As barbas do Imperador* (1998), *Brasil: uma biografia* (2015) e *Lima Barreto triste visionário* (2017). Coordenou o volume 4 da *História da Vida Privada no Brasil* (1998). Além da produção bibliográfica, Lilia Schwarcz foi curadora de uma série de exposições, como “A longa viagem da biblioteca dos reis” (Biblioteca Nacional, 2002), “Nicolas-Antoine Taunay e seus trópicos tristes” (Museu de Belas Artes Rio de Janeiro, Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2008) e atua como curadora adjunta para histórias e narrativas do Museu de Arte de São Paulo (MASP). É fundadora e dona da editora Companhia das Letras. Conforme informações do CV Lattes e em sua biografia em site próprio: <https://www.liliaschwarcz.com.br/>



Fig. 3. Fraya Frehse fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de E. Atique, 2018.

democracia”. Na sequência, parti para uma segunda pesquisa documental já fora do NEV, sobre a sociabilidade urbana envolvida em um serviço jornalístico então recente no Brasil, mas bastante comum na Europa: anúncios de encontros pessoais. Concentrando-me especificamente no chamado “Classiline”, inaugurado pela *Folha de S. Paulo* em 1994, investiguei a lógica de sociabilidade que envolvia os consumidores desse serviço: Como se manifestaria ali a solidão, concepção tão presente na sociologia dos autores clássicos da sociologia, porque referente à modernidade oitocentista, enquanto realidade social e cultural historicamente específica, nas cidades?

Enquanto a primeira iniciação científica me introduziu na experiência existencial de todas as etapas de uma pesquisa científica, a segunda me iniciou no prazer dos *insights*, das descobertas de cunho teórico em relação, justamente, à modernidade no mundo urbano paulistano. E eis que se consubstanciava, nessa primeira experiência de pesquisa empírica autoral, uma intuição que, mais tarde, aprendi ser de natureza metodológica. Afinal, ela se refere à necessidade de a sociologia pensar a realidade brasileira em termos próprios, sem meramente transpor, para a interpretação dos fenômenos sociais locais, referenciais teóricos historicamente idealizados por sociólogos europeus e norte-americanos para pensar em especial aquelas sociedades.

Então ainda bem difusa, essa necessidade de compreender São Paulo em seus próprios termos encontrou um amparo intelectual decisivo nas duas disciplinas de Martins que cursei na graduação: além de “Sociologia da Vida Cotidiana”, “Sociologia dos Movimentos Camponeses”. Teve início assim uma e até hoje persistente trajetória de aprendizado e interlocução intelectual sobre a importância de temporalidades históricas relativas ao passado na vida social do Brasil do presente¹⁵.

Foi essa inquietação que me incentivou a aprofundar-me, tanto no mestrado quanto no doutorado, em

15 Cf. a respeito Fraya Frehse (org.), *A Sociologia Enraizada de José de Souza Martins*, São Paulo: Com-Arte, 2018 (N.E.).

Antropologia Histórica – e assim desemboco na convivência com Lilia Schwarcz. Do mesmo modo que venho cultivando, sobretudo desde o meu ingresso na pós-graduação, uma trajetória intelectual de fronteira – no caso, entre a Sociologia, a Antropologia Social e a disciplina histórica, mas sempre em interlocução também com a Arquitetura, o Urbanismo e a Geografia -, Lilia também conta com uma trajetória intelectual de fronteira, sendo historiadora de formação e tendo feito antropologia no mestrado e no doutorado.

Talvez seja por isso ela que sempre me deixou muito à vontade para transitar pelas fronteiras que me interessavam – e interessam até hoje. Ela abrigou as minhas incursões pela sociologia da vida cotidiana, ou a minha “fase Foucault” (e pela historiografia mais ampla). Retrospectivamente hoje, como orientadora que eu mesma sou, vejo com interesse que ela tenha me deixado à vontade nessa fronteira entre Antropologia, Sociologia e História. A fronteira não é um espaço fácil. Esse tipo de construção que eu fiz durante o mestrado e o doutorado deve muito a esse trânsito interdisciplinar. E, curiosamente, preocupar-se com o *transeunte* - que é a personagem fundamental tanto do meu mestrado quanto do doutorado – não deixa de implicar trocas intelectuais com estudiosos de várias áreas.

Dou um exemplo. Uma questão que persegui no doutorado, quando passei a estudar fotografias históricas de rua da São Paulo do século XIX em busca de indícios de padrões de comportamento corporal nas vias e logradouros da cidade oitocentista e do início do século XX, foi a das poses dos fotografados. Para conseguir apreender em termos socioculturais e históricos tais poses, eu tive que dialogar com o sociólogo Pierre Bourdieu¹⁶ de *Un art moyen*, livro sobre os usos sociais da fotografia ainda não traduzido para o português¹⁷. Mas também precisei recorrer a um estudo de colegas historiadoras queridas lá do Museu Paulista - Vânia Carneiro de Carvalho¹⁸ e Solange Ferraz de Lima¹⁹ - sobre poses no século XIX²⁰.

16 **Pierre Bourdieu** (1930-2002) foi formado em filosofia pela Faculdade de Letras de Paris (1954) e foi um importante sociólogo e docente na *École de Sociologie du Collège de France*. Entre 1958 e 1960, prestou serviço militar na Argélia – então colônia francesa – e assumiu a posição de professor assistente na Faculdade de Argel. Quando voltou à França, foi nomeado assistente do filósofo e sociólogo Raymond Aron, na Faculdade de Letras de Paris. Filiou-se ao Centro Europeu de Sociologia, tornando-se secretário-geral em 1962. Suas pesquisas durante as décadas de 1960 e 1970 como etnólogo tiveram impacto no campo da sociologia e suas investigações sobre a vida cultural e sobre as práticas de lazer e consumo dos europeus, sobretudo franceses resultaram nas obras “Anatomia do Gosto” (1976) e “A Distinção – Crítica Social do Julgamento” (1979). Em 1981, Bourdieu assumiu a cadeira de Sociologia no *Collège de France*, onde em sua aula inaugural destacou-se por propor uma crítica sobre a formação do sociólogo, propondo o que ficou identificado como “Sociologia da Sociologia”. Recebeu o título “Doutor Honoris Causa” da Universidade Livre de Berlim (1989), da Universidade Johann Wolfgang-Goethe de Frankfurt (1996) e da Universidade de Atenas (1996).

17 Cf. Pierre Bourdieu, *Un art moyen*, Paris : Minuit, 1965 (N.E.).

18 **Vânia Carneiro de Carvalho** é bacharel e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (1983) e possui mestrado (1995) e doutorado (2001) em História Social pela mesma universidade. É professora do Museu Paulista da USP, onde atua, desde 1990, como curadora de suas coleções e pesquisadora de História com ênfase em cultura material e espaço doméstico. É professora credenciada do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da FFLCH-USP, onde ministra disciplinas e orienta alunos de mestrado e doutorado. Realizou estágio de pós-doutoramento a convite do Institut national de histoire de l'art (INHA) em Paris. Atualmente, é pesquisadora-colaboradora no projeto temático FAPESP “Coletar, identificar, processar, difundir: o ciclo curatorial e a produção de conhecimento”. Conforme informações do CV Lattes.

19 **Solange Ferraz de Lima** possui graduação em história pela Universidade de São Paulo (1983), mestrado (1995) e doutorado (2001) em História Social pela Universidade de São Paulo (1995) É livre-docente pelo Museu Paulista da Universidade de São Paulo com a tese “**Imagens da memória institucional: contextos de uso e funções sociais da fotografia na trajetória do SESC - Serviço Social do Comércio**”. São Paulo, 1947-1997 (2012) e professora credenciada do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da FFLCH-USP, onde ministra disciplinas e orienta alunos de mestrado e doutorado. Conforme informações do CV Lattes.

20 Cf. Vânia Carneiro de Carvalho & Solange Ferraz de Lima, “Individuo, Género y Ornamento en los Retratos Fotográficos, 1870-

O fato de Lilia ter me deixado à vontade foi fundamental, mas nem por isso deixei de dialogar com a bibliografia por ela sugerida em suas aulas e orientação. Assim, eu tive como mergulhar em particular no trabalho do antropólogo Marshall Sahlins²¹, que trabalha muito fortemente sobre história e cujo primeiro livro sobre a ponte antropologia-história teve a oportunidade de traduzir, após encerrar o doutorado²²; e aprofundar-me na obra do historiador Carlo Ginzburg²³, cujo célebre “paradigma indiciário” perpassa todo o meu *Ô da Rua!*. Aliás, como vocês mencionaram o papel de Lilia como editora, a Companhia das Letras²⁴ teve e tem um papel importantíssimo na tradução de historiadores como Ginzburg, que se preocupam com a micro-história, com essa história mais sensível ao cotidiano. O mesmo vale para historiadores da chamada Escola dos *Annales* [*d’histoire économique et sociale*]²⁵. Foi nos anos 1990 que saiu no Brasil a coleção *História da Vida Privada no Brasil*²⁶, que marcou a formação de toda a nossa geração. Por falar em modernidade, o debate sobre originalidade e cópia de modelos estrangeiros da coleção se inspirou na francesa *História da Vida Privada*²⁷, organizada por discípulos

1920”, São Paulo, 2003 (mimeo.) (N.E.).

21 **Marshall David Sahlins** (n.1930) é um antropólogo dos Estados Unidos, graduado pela Universidade de Michigan (1951). Obteve título de doutor na Universidade de Columbia (1954). Na década de 1960 lecionou na Universidade de Michigan e se engajou nos movimentos contra a Guerra do Vietnã (1955-1975) e, ao final, passou alguns anos em Paris e participou dos protestos de maio de 1968. Seu período em Paris e o contato com nomes do estruturalismo francês como Claude Lévi-Strauss (1908-2009). Desde 1973 é professor da Universidade de Chicago. Suas reflexões articulam a antropologia ao pensamento histórico, como em *Ilhas de História* (1990) e *Metáforas Históricas e Realidades Míticas. Estrutura nos Primórdios da História do Reino das Ilhas Sandwich* (2009).

22 Cf. Marshall Sahlins, **Metáforas Históricas e Realidades Míticas**, trad. F. Frehse, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008 (orig. norte-americano 1981) (N.E.).

120

23 **Carlo Ginzburg** (n.1939) é um historiador italiano graduado pela Faculdade de Filosofia de Letras e Filosofia da Escola Normal Superior de Pisa. Foi professor em uma série de universidades nos Estados Unidos, como Harvard, Yale, Princeton e Universidade da Califórnia e, desde 2006, ocupa a cadeira de história cultural europeia na Escola Normal Superior de Pisa. Seus estudos sobre os processos da Inquisição nos séculos XVI e XVII resultaram na publicação dos livros: *O queijo e os vermes* (1987), *Os andarilhos do bem* (1988) e *Mitos, emblemas, sinais* (1989). É considerado um dos maiores nomes italianos da microhistória, perspectiva historiográfica que reduz a escala de observação e dá notoriedade a fatos relevantes que são ignorados dentro de um contexto construído de forma mais generalizadora.

24 O Grupo **Companhia das Letras** é uma empresa fundada em 1986 em São Paulo por Luiz Schwarcz e Lilia Moritz Schwarcz nas instalações da gráfica Cromocart, que pertencia ao avô de Luiz. A editora surgiu com foco em literatura e ciências humanas, mas hoje conta com mais de dezesseis selos dedicados a variados seguimentos. Desde 1989 tem como sócios os irmãos Fernando, Walter, Pedro e João Moreira Salles e, desde 2011, a Penguin Random House, considerado o maior grupo editorial do mundo.

25 A **Escola dos Annales** foi um movimento historiográfico do século XX que se constituiu em torno do periódico acadêmico francês *Annales d’histoire économique et sociale*. Fundada por Lucien Febvre (1878-1956) e Marc Bloch (1886-1944) em 1929, formulou importantes críticas à história positivista e por perspectivas que considerassem novas fontes na pesquisa histórica, como documentos não-textuais e vestígios materiais e arqueológicos. Foi uma influente escola de pensamento a qual se filiaram nomes como Fernand Braudel (1902-1985), Jacques Le Goff (1924-2004) e Pierre Nora (n.1931).

26 A coleção de quatro volumes intitulada **História da Vida Privada no Brasil** foi dirigida por Fernando Novais com o objetivo de analisar os costumes, hábitos e modos de ser dos brasileiros ao longo de cinco séculos de sua história. Os volumes são organizados por diferentes pesquisadores que se dividem cronologicamente: “Cotidiano e vida privada na América Portuguesa”, organizado por Laura de Mello e Souza; “Império: a corte e a modernidade nacional”, organizado por Luiz Felipe de Alencastro; “República: da Belle Époque à era do rádio”, organizado por Nicolau Sevcenko; e “Contrastes da intimidade contemporânea”, organizado por Lilia Moritz Schwarcz. A obra se relaciona com as proposições historiográficas da Escola dos Annales e a publicação de *História da Vida Privada* (1974) e foi publicada em 1997.

27 A coleção de cinco volumes intitulada **História da Vida Privada** foi dirigida pelos historiadores franceses Georges Duby (1919-1996) e Philippe Ariès (1914-1994) publicada em 1985. Ela foi formulada a partir dos pressupostos da Nova História, corrente historiográfica identificada à terceira geração da Escola dos Annales pautado pelo estudo de fenômenos globais de longa duração e da abrangência dos objetos e fontes dos estudos históricos, de maneira a incorporar temas antes relegados, como as festas, o inconsciente, o corpo, a cozinha e as mentalidades. Os volumes foram divididos e organizados pelos seguintes historiadores: *Do Império Romano ao ano mil* (volume 1), organizado por Paul Veyne; *Da Europa feudal à Renascença* (volume 2), organizado por Georges Duby; *Da Renascença ao Século*

dos *Annales*. Naqueles anos Lilia refletia sobre a “originalidade da cópia”. Então, a meu ver, abrir espaço para incursões intelectuais em torno desse assunto foi interessante para mim, fomentando justamente a reflexão que me importava e ainda importa, e que, sendo muito antiga em nossas Ciências Sociais, diz respeito às especificidades do país em meio ao muito que o une a outros, no mundo ocidental.

DM: Lendo suas obras, notamos que você lida com várias fontes e com várias referências historiográficas vindas desses historiadores. Como é trabalhar as diferenças na análise de fontes no método das Ciências Sociais e no método histórico? Há algum conflito?

FF: A grande diferença reside na questão de pesquisa. A questão que se formula para as fontes difere, nas Ciências Sociais e na História. Como escreveu o sociólogo Florestan Fernandes²⁸ num texto já antigo, mas que gosto muito de usar em sala de aula para introduzir rapidamente estudantes iniciantes no modo sociológico de conhecer o mundo: o “ponto de referência do sociólogo” para descrever fenômenos sociais é a “teia de interações e de relações sociais”²⁹ – e eu acrescentaria, com a minha formação antropológica: interações e relações intermediadas simbolicamente por representações. Isso significa que uma questão de pesquisa epistemologicamente própria da Sociologia ou da Antropologia sempre vai se preocupar em situar comportamentos, relações e instituições sociais, mas também objetos, espaços etc, empiricamente apreensíveis justamente nessa “teia”. Já no meu modo de ver a disciplina histórica, mesmo que se referencie pela mesma “teia” – caso em particular das histórias social e cultural -, tem como objetivo epistemológico explorar notadamente a diacronia envolvida nos comportamentos, relações, instituições sociais, nos objetos e espaços em questão.

Dito isso, trabalhar com fontes históricas necessariamente implica a tal crítica da fonte, que é uma coisa muito comum para os historiadores. Mas aí entra em cena outro tema importante para mim: as Ciências Sociais e a História podem se complementar e contribuir entre si. Por exemplo, o método que eu desenvolvi

das Luzes (volume 3), organizado por Philippe Ariès e Roger Chartier; *Da Revolução Francesa à Primeira Guerra* (volume 4), organizado por Michelle Perrot; *Da Primeira Guerra a nossos dias* (volume 5), organizado por Antoine Prost e Gérard Vincent.

28 **Florestan Fernandes** (1930-1995) graduou-se bacharel (1943) e licenciado (1944) em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. cursou pós-graduação em sociologia e antropologia na Escola Livre de Sociologia e Política entre 1944 e 1946 e, a partir de 1945, pesquisador e professor assistente de Fernando de Azevedo na cadeira de Sociologia II. Obteve seu título de mestre (1947) com dissertação *A Organização Social dos Tupinambá*, estudo baseado no relato de cronistas seiscentistas sobre os índios tupi-guarani, trabalho pelo qual recebeu o Prêmio Fábio Prado (1948) e tornou-se obra fundamental à etnologia brasileira. Obteve o título de doutor em Sociologia (1951) pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo com a tese *A Função Social da Guerra na Sociedade Tupinambá*. Ainda em 1943, em plena ditadura do Estado Novo, Florestan começou a colaborar com os jornais, O Estado de S. Paulo e a Folha da Manhã, onde conheceu Hermínio Sacchetta, que o levou para o Partido Socialista Revolucionário (PSR). Durante a década de 1950 engajou-se em campanhas a favor da escola pública no Brasil. Sua pesquisa financiada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO) sobre as inequívocas teses da inexistência do preconceito e discriminação racial no Brasil o levou a publicar *Negros e Brancos em São Paulo* (1955), em parceria com Roger Bastide (1898-1974), questionando a tese da democracia racial. Tornou-se Catedrático em Sociologia I com a tese “A Integração do Negro na Sociedade de Classes” (1964), onde questionou a modernização, acoplada à constituição do capitalismo moderno no Brasil, e a democratização, demonstrando as desigualdades de acesso dos negros e mulatos ao mercado de trabalho. Com o início do regime militar, foi afastado de suas atividades acadêmicas, perseguido e preso. Em 1986 Florestan filiou-se ao Partido dos Trabalhadores, pelo qual se elegeu deputado à Assembleia Nacional Constituinte. Reeleito para novo mandato em 1990. Publicou mais de cinquenta obras e é considerado fundador da Sociologia Crítica no Brasil.

29 Cf. Florestan Fernandes, “O que é a sociologia? [1959], in Florestan Fernandes, **Elementos de Sociologia Teórica**, São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Companhia Editora Nacional, 1970, pp. 20-21 (N.E.).

para apreender analiticamente, em fotografias de rua, padrões de interação entre fotógrafos e fotografados no momento da tomada fotográfica, é elucidativo³⁰. Eu não teria conseguido desenvolvê-lo se me restringisse à análise clássica dos historiadores sobre fotografia. Tive que dialogar ainda, de um lado, com toda uma antropologia da imagem fotográfica, que me sensibilizou para as especificidades culturais do sistema representacional e do tipo de materialidade dos quais a fotografia é fruto; de outro lado, com a sociologia da interação social de Erving Goffman, com sua sensibilidade única para a normatividade do “idioma corporal” implícito nas interações face a face³¹. Essas nuances todas acabaram interferindo no tipo de interpretação que desenvolvi.

Resumindo: gosto sempre de lembrar de uma sugestão dada por um sociólogo norte-americano do qual gosto muito, Charles Wright Mills³², que escreveu um livro intitulado *A Imaginação Sociológica*³³: você não precisa ser sociólogo para ter imaginação sociológica; basta ter a capacidade de estabelecer um vínculo entre o mais individual dos fenômenos e fatos à sua frente e os fenômenos sociais mais amplos. Isso vale tanto para o cientista social quanto para o historiador. O que eu quero dizer, em nome disso e de sua pergunta, é que se deve ter a versatilidade de pesquisador científico, inclusive assumindo que fazer pesquisa científica é próprio de quem é inquieto, de quem não se cansa de ir atrás de evidências sobre fatos e, portanto, das fontes em que podem ser encontradas tais evidências. Isso vai levar o pesquisador a dialogar com os métodos da Historiografia, da Sociologia e da Antropologia. Eu me movimento por essa seara. Para usar um lema de um grupo de música *pop* da época em que eu era adolescente: “Não se reprima”, como já diziam os Menudos [risos]. Não creio ser muito produtor agindo pensando: “Agora só faço isso, só pego isso, porque afinal de contas eu amo [Erwin] Panofsky³⁴, sou historiador, então eu preciso recorrer ao método iconográfico e iconológico desse autor, senão eu não fiz trabalho historiográfico”. Eu acho que isso não colabora muito para o conhecimento científico, que, calcado em evidências empíricas, queremos produzir...

DM: Você não se reprimiu, não é? [risos]. Você teve experiências profissionais para além das acadêmicas, como sabemos: você participou como conselheira do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico,

30 Cf. Fraya Frehse, *Ô da Rua!*, São Paulo: Edusp, 2011, pp. 185-188, e “On the Everyday History of Pedestrians’ Bodies in São Paulo’s Downtown amid Metropolization (1950-2000)”, in Bianca Freire-Medeiros & Julia O’Donnell (orgs.), *Urban Latin America*, London/New York: Routledge, pp. 15-35 (N.E.).

31 Cf. Erving Goffman, *Behavior in Public Places*, New York: The Free Press, 1963, p. 32 (N.E.).

32 **Charles Wright Mills** (1916-1962) graduou-se na Texas A&M University, nos Estados Unidos e obteve seu doutorado pela Universidade de Wisconsin-Madison. Foi nomeado professor de Sociologia na Universidade de Maryland e pesquisou na Universidade de Columbia, onde também assumiu o cargo de professor de Sociologia. Suas pesquisas se focavam nas desigualdades sociais, no poder das elites e na perspectiva histórica como fundamental ao pensamento sociológico. Em 1959, publicou *A Imaginação Sociológica*, onde descreve o processo de conexão das pessoas com as instituições sociais para além de sua experiência individual, habilidade necessária aos sociólogos para analisar as relações entre o cotidiano e os problemas sociais experienciados por um indivíduo. Outras obras importantes são *As causas da próxima Guerra Mundial* (1958), *A Verdade sobre Cuba* (1960) e *Os Marxistas* (1962).

33 Cf. Charles Wright Mills, *A Imaginação Sociológica* [1959], trad. W. Dutra, Rio de Janeiro: Zahar, 1972, pp. 25-26, 2n (N.E.).

34 **Erwin Panofsky** (1892-1968) é um historiador da arte graduado (1914) pela Universidade de Friburgo. Suas primeiras publicações dialogavam com a história da arte alemã, *Idea: uma contribuição para a história das ideias na história da arte* (1924) é considerada uma das obras fundadoras do método iconológico, junto a *Estudos em Iconologia* (1939). Foi professor na Universidade de Hamburgo, mas abandonou a Alemanha com a ascensão nazista e foi para os Estados Unidos, onde foi professor nas universidades de Princeton, Harvard e New York.

▶ **Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT)³⁵ e atualmente é membro da União Brasileira de Escritores³⁶. Como foram essas experiências?**

FF: Até o momento em que lhes concedo esta entrevista, final de 2018, os Departamentos de Sociologia e Antropologia da USP têm direito a um assento no CONDEPHAAT³⁷. Adorei ter ocupado tal assento entre 2008 e 2009, e até hoje respondo com prazer a qualquer demanda que recebo da instituição. Acho interessante você ter chamado atenção para essa experiência, que permite evidenciar que, trabalhando na fronteira entre as Ciências Sociais e a História, temos como atuar de maneira bastante intensa em relação ao patrimônio cultural e histórico. Quando a gente gosta de cidade e trabalha com História, Antropologia e Sociologia Urbanas, perceber o impacto que o nosso conhecimento pode ter sobre um público muito mais amplo é gratificante. É uma experiência que a gente consegue ter quando participa de um órgão de defesa como esse. A experiência na U.B.E. é mais recente. A gente falou muito da minha relação com as pesquisas históricas, mas o fato é que, após o doutorado, eu “retornei” ao presente e fiz uma longa pesquisa etnográfica de um ano e meio nas praças do centro de São Paulo observando, durante as tardes de segunda e sexta-feiras úteis, os pedestres que se deixam ficar nessas praças (os autodenominados moradores de rua, camelôs, pregadores pentecostais, engraxates, sapateiros, artistas, artesãos, cartomantes etc.). Quais as regras envolvidas no modo como esses tipos humanos variados, que, para fins analíticos, venho chamando de *não-transeuntes*³⁸ – pois permanecem fisicamente com regularidade nos lugares públicos em meio ao trânsito fremente de transeuntes –, usam os mesmos perímetros percorridos pelos pedestres que eu antes, no doutorado, investigara por referência a mais de um século antes? A experiência me marcou muito não apenas profissional, mas pessoalmente, pois, além de realizar aquilo que na Antropologia denominamos “observação participante” com essa plêiade variada de homens, mulheres e crianças nas praças da Sé, Patriarca, Ramos de Azevedo, além do Pátio do Colégio e do Viaduto do Chá, entrevistei mais de 70 pessoas. Isso foi uma experiência humana ímpar, que me inspirou a voltar a escrever crônicas – que é um gênero literário no qual eu me exercitei bastante durante a adolescência. Daí a minha aproximação em relação à U.B.E., que conta com um longo histórico de apoio a trocas intelectuais justamente em torno da literatura, no Brasil. Tenho participado de alguns encontros, aí se começa a discutir literatura, o que é crônica etc.

Com efeito, sempre gostei de escrever e espero, assim que possível em termos de tempo, lançar um livro de crônicas sobre a minha convivência com esses pedestres tão variados e instigantes do centro de São Paulo. Isso, evidentemente, sem descurar do livro mais teórico que visou publicar sobre essa pesquisa, que desde o início deste ano vem sendo fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) por meio de uma bolsa de Produtividade de Pesquisa. De fato, para decifrar a cidade, nada como a literatura,

35 O Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (**CONDEPHAAT-SP**) é um órgão subordinado à Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo criado pela Lei Estadual 10.247 de 22 de outubro de 1968.

36 A **União Brasileira de Escritores** (UBE) é uma sociedade fundada em 1958 com a fusão da seção paulista da Associação Brasileira de Escritores e da Sociedade Paulista de Escritores com sede em São Paulo com o objetivos de lutar pela defesa da liberdade de expressão, dos direitos do autor, da cadeia produtiva do livro e pela democratização do acesso à informação.

37 Tal regulamento foi alterado pelo governador do Estado de São Paulo João Doria Jr. no início de 2019 (N.E.).

38 Cf. Fraya Frehse, “Os tempos (diferentes) do uso das praças da Sé em Lisboa e em São Paulo”, in Carlos Fortuna & Rogerio Proença Leite (orgs.), *Diálogos Urbanos*, Coimbra: Almedina, p. 135 (N.E.).

não é? Aliás, os literatos conseguem decifrar tendências sociais e culturais na cidade muito antes de cientistas sociais e historiadores: eis algo que o filósofo e sociólogo Henri Lefebvre³⁹ – que estudo desde a graduação – indiretamente sugere em seu livro *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, de 1968⁴⁰. Por quê? Porque eles têm uma proximidade com o vivido do qual a ciência nos priva um pouco.

Trabalhando sobre jornais e, em particular, sobre os *faits divers*⁴¹ – que explorei muito em *Ô da Rua!* -, aprendi em particular com o saudoso Nicolau Sevcenko⁴² – que participou de minha banca de qualificação do doutorado – que eles integram um gênero literário próprio dos jornais. O mesmo vale para a nossa crônica brasileira: ela é um primor que nasce no jornalismo, e eu sempre adorei ler crônica, sou fã do cronista capixaba Rubem Braga⁴³. Então, durante essa minha experiência nas ruas, eu reconheci para mim mesmo: “É óbvio que a crônica tinha que nascer da rua, aqui no Brasil pelo menos, ou do jornalismo de rua!”

DM: Você falou sobre patrimônio e esse é um tema que nos interessa particularmente. Entre 2011 e 2016 você integrou o “Núcleo de Apoio à Pesquisa São Paulo: cidade, espaço e memória”, junto a nomes como Sarah Feldman⁴⁴,

39 **Henri Lefebvre** (1901-1991) graduou-se em Filosofia na Universidade de Paris (1920). Se aproximou do grupo parisiense surrealista durante a década de 1920 e se filiou ao Partido Comunista Francês (1928), e se juntou à Resistência Francesa (1940). *Crítica da Vida Cotidiana* (1947), estava entre as matrizes intelectuais principais da Internacional Situacionista. Lefebvre dedicou muitas de suas escritas filosóficas a compreensão da produção do espaço, o que chamou de a reprodução de relações sociais de produção, em uma articulação entre diferentes campos do saber, como filosofia, sociologia, geografia, ciência política e crítica literária. Sua concepção da produção de espaço considera o espaço como um produto social, ou uma construção social complexa (baseada em valores e na produção social de significados) que afeta práticas e percepções espaciais. É reconhecido como um pensador marxista responsável por alargar consideravelmente o espaço da teoria marxista, abraçando a vida cotidiana, os significados e as implicações contemporâneas do alcance da expansão do urbano no mundo ocidental ao longo do século XX. Fonte: *Cronologia do Pensamento Urbanístico*. Acesso: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>

40 Cf. Henri Lefebvre, *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*, trad. A. J. de Barros, São Paulo: Ática, 1991, especialmente pp. 5-33 (N.E.).

41 **Faits divers** é uma expressão do jargão jornalístico e um conceito da teoria do jornalismo para designar assunto não categorizáveis nas editorias tradicionais dos grandes veículos. Traduzida livremente para o português como “vários fatos”, ou até mesmo “fatos diversos”, a expressão geralmente se refere à excertos que se tornam notícias por apresentarem casos excepcionais ou aparentemente inexplicáveis.

42 **Nicolau Sevcenko** (1952-2014) possui graduação em História (1975) pela Universidade de São Paulo, onde também obteve seu título de doutor em História Social (1981), mesma instituição onde foi professor titular. Fez estágio de pós-doutoramento na Universidade de Londres (1990). Sua tese de livre-docência, *Orfeu extático na metrópole: São Paulo nos primeiros anos 20* (1992), tornou-se um estudo clássico sobre a metrópole de São Paulo e a cultura na década de 1920. Em 1984, publicou *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes* e tornou-se um de seus livros mais conhecidos. Organizou o volume 3 da coletânea *História da Vida Privada no Brasil*.

43 **Rubem Braga** (1913-1990) foi um escritor e cronista brasileiro. Formado em Direito (1932), escrevia crônicas diárias publicadas no *Diário da Tarde* e, como repórter, trabalhou para os *Diários Associados* e para *O Jornal*. Ao mudar-se para o Recife, passou a escrever para o *Diário de Pernambuco* e fundou, no Rio de Janeiro, o jornal *Folha do Povo*. Publicou *O Conde e o Passarinho*, seu primeiro livro de crônicas em 1936. Foi correspondente do *Diário Carioca* na Europa durante a Segunda Guerra Mundial, tendo tomado parte na campanha da Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália, em 1945. No período de 1961 a 1963, foi embaixador do Brasil no Marrocos.

44 **Sarah Feldman** (n. 1946) é arquiteta e urbanista graduada pela Universidade Mackenzie (1971), mestre (1989) e doutora (1996) em Arquitetura e Urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo e Livre-Docente pela Escola de Engenharia de São Carlos da mesma instituição (2008). Atualmente é Docente Sênior, pesquisadora e orientadora de mestrado e doutorado do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP). É membro de diversos grupos de pesquisa, como o Arqbras, Grupo de Trabalho Políticas Públicas e Territórios da CLACSO - Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais e da rede de pesquisadores **Urbanismo.br**. Foi pesquisadora visitante da *Université Paris-Diderot* (2017) e membro do conselho editorial de uma série de periódicos importantes do campo, como **Revista Espaço& Debates** (1986-2005), **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais** (2013-2017), **Cadernos Metrópole e Oculum**. Conforme informações do CV Lattes.

Simone Scifoni⁴⁵ e Paulo [César] Garcez [Marins]⁴⁶, coordenado pela Ana [Lucia Duarte] Lanna⁴⁷. Recentemente esse trabalho rendeu uma publicação de título “Patrimônio cultural, memórias e intervenções urbanas”

FF: Exato!

DM: Você poderia nos contar um pouco sobre essa experiência, de como foi o processo dessa publicação e de trabalhar em uma equipe multidisciplinar?

FF: Esse foi um desafio acadêmico muito instigante que se deve à iniciativa da professora Ana Lanna. Houve uma época em que a USP estava muito interessada em promover e incentivar pesquisas coletivas por parte de professores da própria USP. O objetivo era reunir, justamente, esses professores para que trabalhassem em conjunto. Ana Lanna veio, então, com a proposta de que a gente juntasse Sociologia, Antropologia, a Geografia, a História e a própria Arquitetura e o Urbanismo para que pensássemos juntos um projeto sobre São Paulo. O plano original era criar uma plataforma digital que promovesse pontes entre as áreas de conhecimento em torno da história da cidade a partir do século XIX; algo na linha da maravilhosa Pauliceia 2.0⁴⁸, projeto do qual o professor Fernando [Atique] participa. A plataforma deveria servir para estudos sobre São Paulo relativos a interseções temáticas entre “cidade”, “espaço” e “memória”. Quer dizer: no fundo, era uma chance para que a gente traduzisse em plataforma digital de acesso amplo as nossas preocupações de pesquisa!

45 **Simone Scifoni** é geógrafa, mestra (1994) e doutora (2006) em Geografia pela Universidade de São Paulo. Sua tese, “A construção do patrimônio natural”, recebeu o Prêmio Capes de Tese em 2007. Atualmente é docente do Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Atuou em instituições públicas de proteção do patrimônio cultural como o Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT/SP) e Conselho Municipal de Patrimônio Cultural de São Bernardo do Campo. Fundadora e membro da Rede Paulista de Educação Patrimonial (Repep) e membro do Internacional Council of Monuments and Sites (Icomos-Brasil). Conforme informações do CV Lattes.

46 **Paulo César Garcez Marins** é bacharel (1991) e licenciado (1995) em História pela Universidade de São Paulo, instituição onde obteve seu título de doutor em História Social (1999). Atualmente é Professor doutor do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, docente do Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP e do Programa de Pós-graduação em Museologia da USP. Participa como pesquisador principal do Projeto Temático “Coletar, identificar, processar, difundir: o ciclo curatorial e a produção do conhecimento”, financiado pela FAPESP (2017-2022), sediado no Museu de Arte Contemporânea da USP. Foi pesquisador dos projetos “*Du Monde en miniature au jardin planétaire: imaginer, vivre e (re)créer le jardin de mondes anciens à nos jours*”, sediado na Université Sorbonne Paris Cité, desenvolvendo pesquisa sobre o Parque da Independência, São Paulo e Conselheiro do Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT-SP). É editor de Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material desde janeiro de 2005, Chefe do Departamento de Acervo e Curadoria e Presidente da Comissão de Pesquisa do Museu Paulista da USP e membro do International Council of Museums (ICOM-BR), do *International Committee for University Museums and Collections* (UMAC/ICOM-BR) e do *International Council of Monuments and Sites* (ICOMOS-BR). Conforme informações do CV Lattes.

47 **Ana Lucia Duarte Lanna** possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais (1980), mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1985) e doutorado em História Social pela Universidade de São Paulo (1994). Atualmente é professora titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Realizou um estágio de Pós-Doutoramento na Universidade Paris IV- Sorbonne (2001) e foi Diretora do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo, Coordenadora do Projeto Temático FAPESP “São Paulo: os estrangeiros e a construção da cidade”, Presidente do Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT-SP) e Chefe do Departamento de História da Arquitetura da FAUUSP. É Coordenadora do Núcleo Apoio a Pesquisa “NAPSP São Paulo: cidade, espaço, memória”. Conforme informações do CV Lattes.

48 A **Pauliceia 2.0** é uma plataforma que tem o objetivo de fazer o mapeamento colaborativo da história de São Paulo no período de 1870 a 1940. Por meio da interface da plataforma, pesquisadores e estudiosos da cidade podem alimentar os seus dados, desde que sejam espacialmente localizáveis. Seu objetivo é criar uma base cartográfica histórica da cidade e tornar esses dados disponíveis a um público amplo. Cf. *Pauliceia 2.0: Mapeamento colaborativo da história de São Paulo (1870 a 1940)*, <http://www.pauliceia.dpi.inpe.br/portal/home> (N.E.).

Claro que tais preocupações são múltiplas, mas cada um de nós escolheria um tema sobre o qual queria trabalhar em torno da cidade entre o século XIX e o presente do século XXI. Essa plataforma especializaria dados de nossas pesquisas sobre a cidade. Mas no meio do caminho houve a mais recente crise econômica. E o plano não conseguiu se realizar. O que pudemos desenvolver foi, justamente, uma conferência internacional sobre os temas “cidade”, “espaço” e “memória”, que foram enfeixados na questão do chamado patrimônio cultural, o qual tentamos pensar para além de sua materialidade física. E é em torno dos resultados reflexivos dessa conferência que foi gestado o livro.

Como você abordou, antes, a questão do patrimônio por referência ao CONDEPHAAT, gostaria, neste momento, de evocar um aspecto adicional em relação a esse tema. À medida que eu estudei o século XIX, e conforme ia decifrando um pouco as regras de conduta de como se portar na rua, percebi que determinadas regras de interação social nas ruas e praças de uma cidade como São Paulo são parte de seu patrimônio, embora não reconhecidas socialmente como tais⁴⁹. Então, por exemplo, a lógica do comércio ambulante, do ponto de vista do uso do espaço público, tem, em si, uma importância estética de natureza social que é típica do comércio ambulante. Se vocês olharem, se vocês examinarem qualquer carro que vende abacaxi, na rua, verão que, ao se abrir o carro, há uma maneira específica de colocar os abacaxis ali! Mesmo na [Rua] 25 de Março⁵⁰, principal via do comércio popular da América Latina em que as pessoas vendem as mercadorias diretamente da China, vigem um determinado conhecimento de senso comum sobre como dispor fisicamente os objetos sobre as lonas e tabuleiros, nas ruas. Isso conta com uma densidade temporal muito antiga: tanto é que, cotejando o que se vê hoje com fotografias e textos de memorialistas do século XIX e das primeiras décadas do XX, é intrigante quanta coisa parecida há!

É esse tipo de provocação que *Ô da Rua!*⁵¹ contém. Foram tais provocações que me trouxeram “de volta” ao presente. O século XIX me deixou curiosa por aquilo que costumo chamar de historicidade dessas regras de conduta na rua. Elas têm uma duração, um ritmo de mudança, que não é aquele dos grandes processos econômicos, políticos... Talvez seja uma velocidade muito mais lenta, mas isso acaba caracterizando os espaços públicos de nossas cidades. Não só aqui em São Paulo, mas em cidades latino-americanas em geral. No século XIX, as protagonistas de tais regras eram quitandeiras, combatidas desde a década de 1870; já hoje, os protagonistas se multiplicaram na variedade de ambulantes nas ruas e praças. Mas as regras como tais reaparecem, transformadas, em nossas ruas.

49 Cf. Fraya Frehse, “¿Las interacciones de los transeúntes como patrimonio de las calles latinoamericanas? El comercio ambulante de São Paulo como ejemplo”, in Dení Ramírez Losada (org.), *Espacio Público, Patrimonio e Identidad(es) en América Latina*, Puebla, ICSI, pp. 163-193 (N.E.).

50 A **Rua 25 de Março** é uma via pública localizada na região central da cidade de São Paulo e considerada como o maior centro comercial da América Latina. Inaugurada em 1865, atualmente a rua configura-se como um dos mais movimentados centros de compras varejistas e atacadistas da região.

51 *Ô da Rua!* é um livro de autoria de Fraya Frehse publicado pela Editora da Universidade de São Paulo (Edusp) em 2011, onde a autora faz da rua do centro histórico de São Paulo, um posto de observação para investigar o urbano entre o início do século XIX e do XX. Com base em fotografias, relatos memorialísticos e de viagem, diários e cartas, crônicas e notícias de jornal, Frehse rastreia imagens da rua criadas por viajantes, (ex-)estudantes da Academia de Direito, ex-meninas de elite, jornalistas e fotógrafos contemporâneos em busca de indícios de transformações nas regras de comportamento corporal e de interação social nessas ruas entre 1808 e 1917.

Fig. 4. Fraya Frehse fotografada quando da participação na atividade da disciplina de pós-graduação que resultou na entrevista.

Fonte: Arquivo particular de F. Atique, 2018.



127

DL: Continuando nessa questão do patrimônio, uma curiosidade com a qual nos deparamos foi encontrar o seu livro de uma forma destacada, durante as Jornadas do Patrimônio em São Paulo⁵². Especificamente, ele estava em destaque ali na Biblioteca Mario de Andrade⁵³. Qual é a sua preocupação sobre a questão do estudo do patrimônio, dentro da Academia? E como você vê o seu trabalho para as pessoas que estudam o patrimônio?

52 A **Jornada do Patrimônio** Cultural de São Paulo é um evento participativo organizado pela Prefeitura da cidade, que tem como intuito sensibilizar o público para a valorização dos patrimônios culturais dos municípios do Estado, por meio de visitas monitoradas, debates, atividades e ações gratuitas voltadas às tradições locais. Inspirado na iniciativa que nasceu na França em 1985 e passou a integrar o calendário de eventos de toda a Comunidade Europeia a partir de 1999, é realizada em São Paulo desde 2015.

53 A **Biblioteca Mário de Andrade**, projeto do arquiteto Jacques Pilon (1905-1962), localiza-se no centro da cidade de São Paulo. Foi a primeira biblioteca pública da cidade, fundada em 1925, a partir do acervo da Câmara Municipal. Atualmente, é considerada detentora do segundo maior acervo documental e bibliográfico do Brasil. A Biblioteca Mário de Andrade é o órgão depositário de todos os registros histórico-culturais da cidade de São Paulo. Seu acervo é composto por livros, manuscritos, gravuras, mapas e obras raras.

FF: Fico feliz em saber que estava lá na Biblioteca! Eu acho que essas Jornadas que ocorrem todo ano, e que eu acompanho, apontam para um desafio que temos em nosso país, mas em particular nessa cidade. Isso, justamente, por causa da lógica que Caetano Veloso tão bem sintetizou em sua música *Sampa*: da “força da grana que destrói coisas belas”⁵⁴! Minha preocupação é a de colaborar para ampliar o diálogo social em torno da importância do patrimônio, pois não adianta nada eu achar que é importante, você também, mas a gente não conseguir se comunicar para além das nossas fronteiras disciplinares e, em escala maior, universitárias! Se iniciativas como as Jornadas do Patrimônio têm um papel crucial nesse sentido, tenho, de minha parte, tentado trabalhar acerca do “outro lado do balcão”, por assim dizer: apreender analiticamente e situar socialmente as representações de senso comum sobre patrimônio. Por exemplo, em minha pesquisa etnográfica sobre os usos das praças do centro por parte dos não-transeuntes, acessei alguns dados reveladores sobre a Praça da Sé. Esta acabou de ser tombada pelo CONDEPHAAT. Conta com uma história longa. É um lugar simbolicamente crucial para a cidade; foi derrubada, modificada. Ela congrega uma série de monumentos cuja qualidade podemos até questionar, além da densidade temporal, mas o fato é que não se pode negar que a praça tem uma importância socialmente abrangente, certo? E isso não apenas para a história da cidade de São Paulo, mas do país, se lembrarmos os usos da Sé no âmbito das manifestações das Diretas Já⁵⁵. Bom, só que o problema é o seguinte: pergunte para as pessoas que ali permanecem fisicamente com regularidade quem, aos olhos delas, são as personagens que aparecem nas estátuas, e mesmo o que para elas é aquele lugar... Para elas patrimônio é propriedade. Então tem mais essa: o senso de propriedade. Aquela Praça da Sé é, para os não-transeuntes, um grande mercado. Teve um morador de rua que, no setor ajardinado do logradouro, me disse, quando lhe perguntei o nome que daria ao local, apontando com o braço para toda a extensão da praça: “É boca dos... dos marreteiro... Vamos dizer assim, né? Dos camelô, né?”

Em minhas conversas informais e entrevistas com esses pedestres, nunca lhes indico de antemão o nome que, para mim, têm os monumentos e espaços cujos usos me interessa problematizar. Pois quero ver como eles os nomeiam. Assim, começam a vir à tona representações insuspeitadas sobre o patrimônio cultural, muito distantes do que para nós, estudiosos, é patrimônio. A gente fica aqui achando que é óbvio que a Praça da Sé conta com a “Catedral da Sé”, mas alguns camelôs e moradores de rua usavam “igreja de São Paulo”, desconhecendo amplamente o que seria “catedral” e “Sé”. Nada é óbvio, sobretudo em uma sociedade tão desigual quanto a nossa, em que as distâncias sociais e culturais são tão imensas. Então, temos um imenso desafio diante de nós: estabelecer pontes com o conhecimento de senso comum dos não estudiosos para, então, desenvolver, com base

54 Considerada um dos símbolos da cidade de São Paulo, a música “**Sampa**”, escrita por Caetano Veloso, foi composta para um programa de TV no aniversário da cidade em 1978.

55 **Diretas Já** foi um movimento civil de reivindicação por eleições presidenciais diretas no Brasil ocorrido entre 1983 e 1984 quando milhares de pessoas foram às ruas. Foram realizados uma série de comícios unificados com a participação de partidos como PMDB, PT, PDT, organizações como a União Nacional dos Estudantes (UNE), Central Única dos Trabalhadores (CUT), Conferência Nacional da Classe Trabalhadora (CONCLAT) e Comissão de Justiça e Paz (CJP). A coordenação suprapartidária passou a contar com mais de setenta entidades da sociedade civil e mais de quinze mil pessoas compareceram ao comício no Pacaembu no final de 1983; cinquenta mil em Curitiba no início de 1984, chegando rapidamente ao número de duzentos mil na Praça da Sé, em São Paulo, ao final do mesmo mês. Em abril, os números chegaram a mais de um milhão de pessoas no Rio de Janeiro e um milhão e meio em São Paulo. Fonte: *Memorial da Democracia*. Acesso: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/per8036/per8036.htm

em tal conhecimento, estratégias para ganhá-los para a nossa “causa”, mostrando-lhes que tal causa pode ter relevância para suas vidas pois os enraíza, como a todos nós, na cidade, promovendo-nos todos a donos de nossa história comum – mesmo que se trate de história de desigualdades e injustiça. Como bem ensina Lefebvre, monumentos, embora vinculados ao poder, não deixam de testemunhar o passado de uma cidade⁵⁶. Então, é um trabalho hercúleo, não é? Sei bem que esse caminho é árduo e quase um grão de areia na praia ou no mar, mas é o único eficaz na longa duração: pois é investimento em educação. Mas só se educa se você dialoga com o educando, se, como ensinou o educador Paulo Freire⁵⁷, se parte das categorias que as pessoas possuem, a fim de, com base nelas, alargar o horizonte do diálogo.

Trago outro exemplo. Certo dia, cheguei na Praça da Sé para o trabalho de campo, quando veio até mim um dos sapateiros que conhecia e me disse: “Você não sabe o que aconteceu aqui essa noite, aliás, hoje de manhã!” E ele me mostrou um artigo que saiu no jornal diário *Metro*⁵⁸, que é distribuído em semáforos. Peguei o jornal em mãos e vi notícia sobre um “morador de rua” que teria “limpado” uma pichação no Monumento a Anchieta⁵⁹, localizado na face norte do tablado retangular fronteiro à Catedral da Sé desde 1954. O morador de rua teria retirado a pichação com a mão. O sapateiro me perguntou: “Você quer falar com ele?”. Respondi, evidentemente, que sim. E não é que ele chamou um rapaz de aparentemente 30 anos de idade, que, quando lhe perguntei, sinalizando para a notícia de jornal, “É você?”, me respondeu: “É, fiz mesmo.” Eu exclamei: “Mas estão dizendo que você salvou o monumento!” Ele respondeu: “Ah, não! Só limpei a estátua do padre porque acho um absurdo esses negócios de pichação ali! Não dá.” Eu falei: “Mas como você fez isso?” Ele me contou que “milagres existem”. Teria pego a manta que, à noite, acolhia o seu sono e a passou na estátua. Eu quis saber se havia alguma substância na manta, queria saber, sem induzir uma resposta, se ele teria contado com o auxílio de alguma substância química, talvez como álcool ou sabão. Ele me disse que não, que só com a aquela mantinha dele, retirou a pichação todinha. Aí voltei a perguntar: “Mas por que você tirou?” A resposta foi: “Porque não pode. Não pode ter pichação aqui! Insisti: “Mas por que não?” A resposta foi: “Nossa, esse padre! Quer que eu te

56 Cf. Fraya Frehse, “Os tempos (diferentes)...”, p. 127 (N.E.).

57 **Paulo** Reglus Neves **Freire** (1921-1997) foi um educador e filósofo brasileiro. Ingressou na Faculdade de Direito do Recife (1943) e passou a trabalhar no Serviço Social da Indústria (SESI) como Diretor do Setor de Educação e Cultura (1947-1954). Assumiu diversos cargos públicos, como membro do Conselho Consultivo de Educação do Recife (1956) e Diretor da Divisão de Cultura e Recreação do Departamento de Documentação e Cultura da capital pernambucana (1961). Foi nomeado Conselheiro do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco (1963) e esteve envolvido na elaboração do Programa Nacional de Alfabetização. Em 1969, fixou-se nos Estados Unidos, onde lecionou na Universidade de Harvard. Em 1970, passou a residir em Genebra, na Suíça, como consultor especial do Departamento de Educação do Conselho Mundial de Igrejas. Nos dez anos seguintes, foi também consultor educacional em diversos países, principalmente africanos. Em 1980, retornou ao Brasil e filiou-se ao Partido dos Trabalhadores (PT) e passou a lecionar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e na Universidade de Campinas, onde permaneceria até 1990. Reconhecido mundialmente, seu inovador método de alfabetização foi desenvolvido a partir de uma consciência crítica na leitura do mundo. Foi perseguido pelos militares durante a Ditadura Civil-Militar no Brasil e se exilou no Chile, onde escreveu suas principais obras: *Educação como prática da liberdade* (1967) e *Pedagogia do oprimido* (1970). Fonte: *Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

58 O **Metro Jornal** é um jornal de distribuição gratuita brasileiro lançado a partir de uma parceria entre a empresa sueca Metro International e o Grupo Bandeirantes de Comunicação. O jornal tem tiragem de 150 mil exemplares e é distribuído nos principais cruzamentos da cidade de São Paulo, nos dias úteis, desde 2007.

59 O **Monumento à Anchieta** localiza-se na Praça da Sé, um dos marcos de origem de São Paulo e presta homenagem ao Padre José de Anchieta (1534-1597), conhecido como o “Apóstolo do Brasil”. O padre jesuíta chegou ao Brasil no século XVI e é evocado nas narrativas fundacionais da cidade de São Paulo.

conte mesmo?” Eu: “Quero, sim!”. E ele: “Mas...Ai, não, dá até vergonha de contar! Olha, esse padre, nossa...esse padre comia todas as índias, era uma loucura esse padre... Nossa! era uma coisa terrível!”.

Então, tudo isso para sinalizar a vocês que aquilo que Lefebvre chamou, em *La production de l'espace* (1974), de “espaço de representações”⁶⁰ é absolutamente complexo. Gente, caso resolvam estudar aquele lugar, comecem a conversar com os pedestres ali, sobre como eles nomeiam o espaço, o que veem ali. Seria possível imaginar, à primeira vista, que - por falar em uso do espaço público - a Praça da Sé é a grande Meca dos pregadores de rua, não é? Mas isso implica também toda uma lógica de embate religioso seríssimo dos pregadores e adeptos das diversas denominações em disputa, ali, em torno do templo católico. É sempre importante ter em conta a teia de interações e de relações sociais que se ocultam em atos como o da pregação de rua. Então, o que a gente faz com tais características do campo empírico? Joga fora? Não! Tem que levar isso em conta para, a partir disso, formular políticas de preservação de patrimônio. Por isso as Jornadas do Patrimônio têm um papel importantíssimo. Elas são realmente uma revolução...

DL: Pensando agora sobre a fotografia nos seus trabalhos, vemos que ela é muito importante para o desenvolvimento das suas pesquisas. Vimos, inclusive, que você participou da organização do livro sobre o Militão [Augusto de Azevedo]⁶¹, e aí fica a curiosidade: qual é o papel da fotografia na sua vida? Você estudou fotografia? Você tem algum trabalho como fotógrafa, fora da questão da pesquisa acadêmica?

A FORMAÇÃO COMO
PESQUISADORA, TEMAS E
INTERRELAÇÕES

130

FF: Eu realmente amo fotografia e fotografo sempre que possível, mas sempre amadoristicamente [risos]. Embora eu sempre tenha tido um envolvimento com a literatura, com as artes em geral, a fotografia tem, de fato, tido um peso maior em minha vida profissional. No final da graduação ganhei minha primeira máquina fotográfica *reflex* de meus pais, e foi com ela que iniciei o anteriormente mencionado curso de fotografia da Poli, o primeiro de vários que frequentei desde então. As excursões do Phora-de-phoco também foram um importante estímulo para que o meu aprofundamento em fotografia avançasse. Estimulados por Martins, que tinha muita vontade de fotografar a desindustrialização de São Paulo, intensamente em curso justamente naqueles anos finais do século XX, passamos a sair mensalmente para fotografar tanto no centro quanto no antigo subúrbio operário. Paranapiacaba tornou-se um cenário de nossa predileção, de modo que, hoje, conto com mais de duas décadas de fotografias sobre a vila. De fato, fomos seguindo fotográficamente os passos da desindustrialização

60 Para uma primeira aproximação, cf. Fraya Frehse, “O tempo (diferente)...”, p. 134 (N.E.).

61 **Militão Augusto de Azevedo (1837-1905)** foi um ator e fotógrafo brasileiro. Antes de ser reconhecido como fotógrafo, Azevedo participa como ator de espetáculos da Companhia Joaquim Heliodoro e da Companhia Dramática Nacional, ambas no Rio de Janeiro, até se estabelecer em São Paulo durante a década de 1860, cidade onde residiu e trabalhou pela maior parte de sua vida. Como fotógrafo, começou a trabalhar no estúdio Photographia Academica de Carneiro & Gaspar e realiza a primeira grande documentação visual da cidade de São Paulo, concluída em 1865. O sucesso de seus álbuns da cidade ao longo do século XIX o permitiram se dedicar à profissão, sendo responsável por um grande número de retratos dos cidadãos da São Paulo de então. Em 1875, torna-se o proprietário exclusivo do estúdio Carneiro & Gaspar, rebatizando-o como Photographia Americana. Dez anos depois, ele anuncia o fim de sua atividade como fotógrafo e lança sua mais conhecida obra: *Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887*. A retomada de Militão de Azevedo pela historiografia começa a ser feita na década de 1940 a partir dos trabalhos de Gilberto Ferrez (1908-2000), que o destaca como um dos pioneiros da história da fotografia no país. Fonte: MILITÃO Augusto de Azevedo. In: **Enciclopédia Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras**. São Paulo: Itaú Cultural, 2020. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2001/militao-augusto-de-azevedo>>. Acesso em: 09 de Set. 2020.

da cidade. Já por ocasião da Copa do Mundo de 1998, fotografamos a multidão diante do telão então armado no Vale do Anhangabaú durante todos os jogos do Brasil – e a inesquecível derrota para a França. Enfim, realizamos também algumas excursões fotográficas pela favela do Jaguaré, onde fotografamos o cotidiano das crianças que ali moravam.

Graças ao empenho de Martins, conseguimos realizar, entre 1999 e 2002, seis exposições coletivas contendo ensaios, respectivamente, sobre Paranapiacaba, a Copa do Mundo e as crianças do Jaguaré. Elas transcorreram tanto na USP, no salão da paróquia na favela e na Universidade de Cambridge.

Essas incursões práticas pelo mundo da fotografia subsidiaram muito positivamente os meus estudos sobre o assunto, já no âmbito dos meus interesses investigativos pela fotografia de rua paulistana do século XIX.

Outro estímulo fundamental para uma melhor compreensão das complexidades técnicas e socioculturais que se escondem sob a fotografia adveio do antropólogo belga Etienne Samain⁶², professor do Instituto de Artes da UNICAMP que conheci no meu primeiro ano de mestrado e se tornou um crucial interlocutor intelectual, no que se refere ao mundo da antropologia e da filosofia da imagem (fotográfica). Sabendo de meu interesse no tema, Samain me apresentou todo um leque decisivo de publicações nacionais e internacionais. Estudando São Paulo no século XIX, logo reconheci que não seria possível compreender as suas ruas social e culturalmente sem entender a fotografia de rua de Militão.

E aí eu mergulhei também em termos metodológicos nesse mundo da fotografia, que é para mim uma fonte documental que permite estranhar tanto o que os textos “dizem” quanto o que eu acho que os textos “dizem”. Em suma: a fotografia permite formular questões por, justamente, não fornecer respostas. Ela é muito enigmática, mas suscita perguntas. Não que o texto escrito não nos dê instrumento para isso. Mas, para você fazer perguntas para um texto escrito, você precisa de mais aprofundamento no texto escrito. Já na fotografia, as perguntas que ela deixa são imediatas, porque, como diz Elizabeth Edwards⁶³ - antropóloga visual cuja disciplina frequentei durante o meu doutorado-sanduíche na Universidade de Oxford -, o que se vê dentro da moldura fotográfica inevitavelmente nos leva a questionar o que está para além da moldura. Por que a pessoa fotografada olhou de lado e foi captada assim pela câmera? Mistério... É fácil gastar a tinta toda de uma caneta para tentar responder essa pergunta.

62 **Etienne Samain (n.1938)** é teólogo, formado pela *Université Catholique de Louvain*, Bélgica (1964), e antropólogo, formado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1976). Pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), professor titular do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e docente do Departamento de Cinema. Dentre seus muitos trabalhos, como o estudo sobre os índios Kamayurá – “Moroneta Kamayurá: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu)” (1991), destacam-se àqueles relacionados a Antropologia da Imagem, como “O fotográfico” (1998) e “Como pensam as imagens” (2012). Conforme informações do CV Lattes.

63 **Elizabeth Edwards (n.1952)** é uma antropóloga e, atualmente, Professora Emérita de *Photographic History* na *Montfort University, Leicester*, onde também atuou como Diretora do *Photographic History Research Centre*. Já esteve filiada, como pesquisadora ou curadora, a diversas universidades e instituições de grande renome internacional, como a *University of Oxford*, *Pitt Rivers Museum*, *University of the Arts London* e *University of Durham*. Suas reflexões nos últimos trinta anos perpassam as práticas sociais e materiais da fotografia e as relações entre fotografia, antropologia e história. Em 2014, recebeu o *Lifetime Achievement Award* da *Society for Visual Anthropology (American Anthropological Association)*. Dentre suas obras, destacam-se “*Photographs, Museums, Collections: Between Art and Information*” (2015), “*Uncertain Images: Museums and the Work of Photographs*” (2014), “*Camera as Historian: Amateur Photographers and Historical Imagination 1885-1912*” (2012), “*Raw Histories: Photographs Anthropology, Museums*” (2001) e “*Anthropology and Photography 1860-1920*” (1992). Fonte: EDWARDS, Elizabeth, in *Fellows of the British Academy*. Acesso: <https://www.thebritishacademy.ac.uk/fellows/elizabeth-edwards-FBA/>

JC: Uma parte da nossa formação no Departamento de História da UNIFESP também é voltada para o Ensino de História, por meio do Programa de Pós-Graduação chamado ProfHistória. Creio ser interessante perguntar, então: como o professor em sala de aula poderia utilizar a sua pesquisa para falar da cidade de São Paulo?

FF: Já falei das aulas de rua: tem sido muito gratificante, em termos pedagógicos, levar os alunos para as ruas do centro, da periferia, do subúrbio... Agora, se sua pergunta se refere ao uso de meus livros, como eles são perpassados por uma busca pelo cotidiano, pelos detalhes da vida cotidiana, espero que possam favorecer esse tipo de contato, um encontro com a cidade do cotidiano.

Mas eu, de fato, sou fã de aliar o trazer os livros para a sala de aula com o levar a sala de aula para a cidade. Você só traz a cidade para a sala de aula se você levar a sala de aula para a cidade. Então, neste processo, as fotografias têm como suscitar *insights* imediatos. Costumo levar, para as minhas aulas de rua no centro, cópias das fotografias de Militão e propor: “Vamos refazer os ângulos fotografados por Militão no centro”. Aí os alunos têm como experienciar corporalmente como foi difícil para ele, em 1887 – e como é diferentemente difícil para nós, hoje – refazer tais fotos. Uma reação contemporânea interessante dos alunos é: “Ah, meu Deus, não dá para refazer o ângulo” pois ou não existe mais o sobrado onde ele tinha subido, ou o trânsito de veículos é intenso demais. Assim, torna-se possível trabalhar o conhecimento histórico de uma maneira que evidencia corporalmente, por assim dizer, como São Paulo desafia a memória. Tudo nessa cidade, no fundo, não quer que a gente se lembre! Então, você ir à rua e dar ao aluno a possibilidade de ter a experiência corporal da dificuldade da memória, é impactante demais! No livro sobre patrimônio cultural sobre o qual conversamos anteriormente, o meu capítulo trata de memória e espaço⁶⁴. Há um sociólogo francês, Maurice Halbwachs⁶⁵, que foi o primeiro a chamar a atenção para o fato de que a memória é socialmente construída. O que lembramos, o que não lembramos depende muito fortemente do espaço. Os historiadores gostam muito do livro *A Memória Coletiva*, de Halbwachs, porque ele demonstra que, para a memória se enraizar, ela necessita se espacializar. Ora, São Paulo se destaca justamente pelo vigor com que “a força da grana” tem erguido e, sobretudo, destruído “coisas belas”. O que, portanto, invariavelmente incide negativamente sobre o processo de memorização, em particular sobre a memória coletiva. Nesse sentido, ministrar uma aula de rua no centro de São Paulo é uma experiência dotada de potencial crítico vigoroso e, portanto, de desalienação em relação à própria memória e à história

64 Cf. Fraya Frehse, “Memória e espaço”, in Renato Cymbalista, Sarah Feldman & Beatriz Kühl (orgs.), *Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas*, São Paulo: Annablume, pp. 237-243.

65 **Maurice Halbwachs** (1877-1945) foi um sociólogo francês que refletiu sobre a memória coletiva em uma de suas obras mais conhecidas, *A memória coletiva*, publicada originalmente em 1925. Na *École Normale Supérieure* de Paris foi aluno de Henri Bergson e outros grandes nomes da filosofia daquele momento que o auxiliaram em suas reflexões. Lecionou filosofia durante a década de 1900 na Alemanha e se doutorou em Ciência Política e Econômica em 1909 e em Letras em 1912. Na década seguinte foi nomeado professor de filosofia na Universidade de Caen (1918) e de sociologia na Universidade de Strasburgo (1919), período em que se tornou discípulo do sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917). Foi professor visitante na Universidade de Chicago (1930) e na Universidade de Sorbonne (1935), onde trabalhou com Marcel Mauss (1872-1950). Foi presidente do Instituto Francês de Sociologia, diretor e colaborador da revista acadêmica *L'Année Sociologique*. Seus trabalhos dialogam com o campo da psicologia social e suas formulações sobre a memória coletiva estabelecem um vínculo entre o presente e o passado: “*Le Cadres Sociaux de la Mémoire*” (1925), “*Le Causes du Suicide*” (1930), “*Morphologie Sociale*” (1938) e “*La Mémoire Collective*” (1950, obra póstuma). Em 1944, obteve a cátedra de Psicologia Social no *Collège de France*, mas, no mesmo ano, foi preso por tropas alemãs acusado de propagar ideologia socialista. Meses depois, foi levado ao campo de concentração de Buchenwald, Alemanha, onde foi assassinado.

da cidade. Contar aos alunos no Pátio do Colégio, portando fotografias e ângulos comparativos de Militão nas mãos e no corpo, que “essa igreja aqui foi inaugurada em 1970, embora ela tenha a cara de uma que existiu no mesmo local no ano de 1862 fotografado por Militão, não?” Aliás, foi essa a grande inspiração dos idealizadores da reconstrução da igreja do Colégio, que mesmo na época de Militão era diversa do templo erguido, no século XVI, pelos jesuítas. Só isso já constitui o conteúdo a ser transmitido para suscitar a reflexão crítica. O conteúdo não é dizer: “Olha, o padre José de Anchieta andou por essa igreja!” Esse é o conteúdo que oculta, o que aliena. E isso embora na frente do prédio esteja, hoje, escrito assim: “Aqui começou São Paulo.”

O nosso desafio é conseguir produzir um contradiscurso que se comunique com as pessoas.

ORIENTAÇÕES E AÇÕES RECENTES

JC: E quais são os trabalhos que você tem orientado nesses últimos tempos?

FF: Então, na USP eu coordeno desde junho o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Espaço e do Tempo (NEPSESTE), que se preocupa em congregar e discutir investigações sobre a dimensão espacial e temporal da vida social. Ali tenho trabalhado muito com alunos interessados em cidade, com usos de espaços públicos urbanos, em particular de São Paulo. Trabalhamos, por exemplo, sobre mobilidade urbana: metrô, por exemplo. Uma orientanda de mestrado está estudando o dia a dia dentro da estação Sé do Metrô⁶⁶. É curioso porque, quando a gente pega a bibliografia sobre metrôs, as palavras-chave frequentemente consistem em: “espaço de mobilidade”, “infraestrutura de mobilidade”; mas o que isso quer dizer? Está todo mundo em trânsito. Aí você vai lá dentro da estação e resolve observar quem não transita. Você descobre, então, que há bem mais de praça de interior ali do que poderíamos, em princípio, pensar!⁶⁷ E características peculiares de nossa “teia” aparecem ali. Outro aluno de mestrado tem trabalhado sobre os usos que pichadores têm feito de seu principal “point” de encontros públicos, em momentos de não-pichação, no centro de São Paulo: a Galeria Olido⁶⁸.

Há alunos que, diferentemente, se interessam por questões eminentemente simbólicas. Uma terceira dissertação que orientei abordou o imaginário dos arquitetos cariocas que pensaram e projetaram espaços públicos para os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro⁶⁹. Qual que era o imaginário desses profissionais sobre a cidade então? Escutar tais profissionais trouxe para o primeiro plano que, em muitos casos, eles se pautavam por uma concepção idealizada de cidade que é europeia, norte-americana e que, aos olhos deles,

66 A **Estação Sé do Metrô** localiza-se na Praça da Sé, zona central da cidade e marco zero do município de São Paulo. Ambas devem seu nome à Igreja da Sé, a partir da qual foram traçadas as primeiras ruas da cidade. Originalmente nomeada Estação Clóvis Beviláqua, a Estação foi projetada como uma das maiores da rede, abrigando as linhas Norte-Sul e Leste-Oeste e uma terceira linha para Santo Amaro- que acabou não saindo do papel. A realização, em partes, do projeto, só foi possível pela unificação das praças da Sé e Clóvis Beviláqua e a demolição do Edifício Mendes Caldeira e do Palacete Santa Helena. As obras foram iniciadas em 1974, ano em que outros trechos do metrô já estavam prestes a ser inaugurados, e foram concluídas em 1978, ano de sua inauguração, junto à praça recém unificada.

67 Cf. Cristiana Martin, *As Praças sob a Praça: Usos concebidos, percebidos e vividos da Estação Sé do Metrô de São Paulo*, dissertação de mestrado em Sociologia, São Paulo: USP, 2020 (N.E.).

68 Cf. Danilo Mendes Piaia, *Quando a Rua vira Point: “Práticas juvenis” e pichadores no centro de São Paulo (2017-2019)*, dissertação de mestrado em Sociologia, São Paulo: USP, 2019 (N.E.).

69 Cf. Heitor Vianna Moura, *Os Outros Rios de Janeiro: Estudo sociológico sobre o imaginário dos arquitetos no contexto de preparação dos Jogos Olímpicos de 2016*, dissertação de mestrado em Sociologia, São Paulo: USP, 2015 (N.E.).

haveria como, simplesmente, aplicar aqui. Mas a gente sabe que não é tão simples assim, enfim...

JC: E finalizando: afinal, o que é a Cidade dos Antropólogos?

FF: A Cidade dos Antropólogos? Ela é uma selva a ser desbravada, sem dúvida nenhuma. Aliás, esse que é o interessante: acho que a contribuição dos Antropólogos para o debate sobre a cidade é justamente a capacidade de estranhá-la, de se valer daquilo que eu chamo de perspectiva etnográfica⁷⁰. Durante todas as etapas da pesquisa, quando você acha que está entendendo tudo, se você dá um passo para trás e se questiona sobre se está entendendo mesmo; e quando você acha que está entendendo nada, você fica instigado a buscar entender mais. Essa dialética entre simultaneamente buscar estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho é o que caracteriza sinteticamente a etnografia em termos epistemológicos: a perspectiva etnográfica. A meu ver, é essa a grande contribuição que a Antropologia tem a oferecer não só para o estudo da cidade, mas de qualquer cenário de pesquisa.

ED: Em nome do Professor Atique, e de todos colegas da turma, muito obrigado por tua imensamente generosidade em compartilhar as experiências e reflexões, Fraya.

FF: Foi ótimo estar aqui com vocês! Espero que vocês tenham gostado, e que eu tenha podido ajudar.



Fig. 5. Fraya Frehse fotografada com a turma de pós-graduandos quando da realização da entrevista na EFLCH-UNIFESP.

Fonte: Arquivo particular de E. Atique, 2018.

70 Cf. Fraya Frehse, *Ô da Rua!*, São Paulo: Edusp, 2011, p. 34 (N.E.).

REFERÊNCIAS
BIBLIOGRÁFICAS



ABREU, Ivanir Reis Neves. **Convênio Escolar: utopia construída**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2007. Dissertação de mestrado. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-13052010-152451/pt-br.php>> . Acesso em 12 de agosto de 2020.

ACKEL, Luiz Gonzaga Montans. **Attílio Corrêa Lima: uma trajetória para a modernidade**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2007. Tese de doutorado. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-17092010-164414/pt-br.php>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

AMBROGI, Ingrid Hotte. **Museu de Rua Digital: Imagem da cidade como memória em rede**. In: Patrimônios possíveis [recurso eletrônico]: arte, rede e narrativas da memória em contexto ibero-americano. Goiânia: Gráfica UFG, 2017. Disponível em: <<https://producao.ciar.ufg.br/ebooks/patrimonios-possiveis/index.html>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

ARAÚJO, Íris Morais. Versões do “progresso”: a modernização como tema e problema do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 18, n. 2, dezembro 2010, pp. 147-201. Disponível em <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142010000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 14 de agosto de 2020.

ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges. **História da vida privada**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 1997 (1985).

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Deops. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/textual/deops>. Acesso em 02/08/2020.

AZEVEDO, Elizabeth. Conservatório dramático e musical de São Paulo: A primeira escola de teatro do Brasil. **Luso-Brazilian Review**, Wisconsin, v. 45, p. 68-83, dez. 2008.

AZEVEDO, Militão Augusto de. **Álbum Comparativo da Cidade de São Paulo: 1862-1887**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1981.

BARBARA, Fernanda. **São Paulo nos últimos cinquenta anos: práticas urbanas consolidadas**. In: 1968: reflexos e reflexões. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018.

BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo**. São Paulo: Anhembi, 1955.

BATALHA, Claudio H. M. Eric Hobsbawm: um historiador universal. **Linhas Críticas** (UnB), v. 18, p. 633-634, 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: **Charles Baudelaire um lírico no auge no capitalismo**. Tradução: José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BESS, Michael. E.P. Thompson. **Encyclopedia Britannica**, 30 de Janeiro de 2020. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/E-P-Thompson>. Acesso em: 26 de julho 2020.

BIBLIOTECA NACIONAL DIGITAL. **O Tico-Tico**. 2015. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/artigos/o-tico-tico/>. Acesso em 01/08/2020.

BOITEMPO EDITORIAL. **György Lukács**. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/autor/gyoergy-lukacs-539>. Acesso em 06/08/2020.

BOMENY, Helena Maria Bousquet. **Darcy Ribeiro: sociologia de um indisciplinado**. Editora UFMG, 2001.

BOURDIEU, Pierre. Anatomy du goût. In: **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**. Paris, 1976.

_____. **La distinction: critique sociale du jugement**. Paris, Minuit, 1979.

BRAUDEL, Fernand. **Lucien Febvre e a História**. Revista de História/USP. V. 31, n.º 64, 1965.

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961 [1936].

CAMPOS, Candido Malta Campos; NAKANO, Kazuo; ROLNIK, Raquel Rolnik. Dinâmicas dos subespaços da área central de São Paulo. In: Empresa Municipal de Urbanismo (EMURB) (org.). **Caminhos para o Centro**. São Paulo: Cebrap/Centro de Estudos da Metrópole, 2004.

CARDOSO, Irene R. **A universidade da Comunhão Paulista (o projeto de criação da Universidade de São Paulo)**. São Paulo: Editora Autores Associados/Cortez, 1982.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Henri Lefebvre: o espaço, a cidade e o “direto à cidade”. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, março 2020, p. 349-369. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-89662020000100349&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

CARMO, César Guimarães do. **A práxis reformada e a sua contribuição para o desenvolvimento educacional do Brasil na segunda metade do século XIX**. São Paulo, Pós-graduação em Ciências da Religião. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2012. Dissertação de Mestrado.

CARTIER-BRESSON, Henri. **Images à la Sauvette**. Paris: Éditions Verve, 1952.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; LIMA, Solange Ferraz de. Indivíduo, gênero y ornamento en los retratos fotográficos, 1870-1920. In: **Imágenes e investigación social**. México: Instituto Mora, 2005.

CASIMIRO, A. P. B. S.; OLIVEIRA, E. S. . BURKE, Peter, A Escola dos Annales (1929-1989): **A Revolução Francesa na Historiografia**. Campinas: HISTEDBR - UNICAMP, 2007 (Resenha).

CASTRO, Edgardo. **Introdução a Foucault**. Tradução de Beatriz de Almeida Magalhães; Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CAVALCANTI, Jardel Dias. **Jornalismo e História**: entrevista com Italo Tronca. entrevista com Italo Tronca. 2003. Disponível em: https://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=1060&titulo=Jornalismo_e_Historia:_entrevista_com_Italo_Tronca. Acesso em: 12 maio 2003.

COLOMBO, Sylvia. Morre historiadora Emília Viotti da Costa, 89, estudiosa do Brasil colonial. **Folha de S. Paulo**. 02 de novembro de 2017.

CONDEPHAAT. **Desinfetório Central**. Disponível em: <http://condephaat.sp.gov.br/benstombados/desinfetorio-central/>. Acesso em 02/08/2020.

CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUEOLÓGICO, ARTÍSTICO E TURÍSTICO - CONDEPHAAT. Processo n. 24.268/1985: Tombamento da Vila Maria Zélia, localizada à Rua Adilson Faria Claro, nesta capital. São Paulo, 1985.

CONTIER, Felipe de Araujo. **O edifício da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Cidade Universitária: projeto e construção da escola de Vilanova Artigas**. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2015. Tese de doutorado. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-23032016-120753/pt-br.php>. Acesso em: 11 de agosto de 2020.

COSTA, Angélica Irene da. **Sérgio Ferro: didática e formação**. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2008. Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18142/tde-25112008-172146/pt-br.php>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

COSTA, Luiz Augusto Maia. Victor da Silva Freire: a vida, as ideias e as ações de um urbanista paulistano de primeira hora - 1869 - 1951. **Cadernos de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo**, v. 11, n. 2, p. 1-30, 2011.

COUY, *Vênus Brasileira*. *A Poética do Fragmento em Rua de Mão Única*. **ZUNÁI** - Revista de poesia & debates. Disponível em http://revistazunai.com/ensaios/venus_brasileira_couy_poeticadofragmento.htm. Acesso em: 26 de julho de 2020.

CRACCO, Rodrigo Bianchini Cracco. **A Longa Duração e as Estruturas Temporais em Fernand Braudel: de sua tese O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II até o artigo História e Ciências Sociais: a longa duração (1949-1958)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2009.

CRISTIANO ALCKMIN MASCARO. **Sobre**. Disponível em: <http://cristianomascaro.com.br/sobre>. Acesso em 10/08/2020.

CRONOLOGIA DO PENSAMENTO URBANÍSTICO. **Henri Lefebvre**. Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <http://www.cronologiadourbanismo.ufba.br/biografia.php?idVerbete=1556&idBiografia=37>. Acesso em 04/08/2020.

D'ARAÚJO, Maria Celina. **O AI-5**. Fundação Getúlio Vargas. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>. Acesso em 02/08/2020.

DE ALMEIDA, Paulo Roberto. Déa Fenelon, o historiador e a cultura popular. Um debate sobre crises, rupturas e desafios. **Revista História & Perspectivas**, v. 1, n. 40, 29 ago. 2009.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS-1930. Paulo Freyre. In: **Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001.

DUIGNAN, Brian. **Jacques Rancière**. Encyclopædia Britannica, inc. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Jacques-Ranciere>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

DURAND, José Carlos; SALVATORI, Elena. A gestão da carreira dominante de Oscar Niemeyer. **Tempo social**, São Paulo, v. 25, n. 2, novembro 2013, p. 157-180. Disponível em: < https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702013000200009>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

142

EDITORA 3 ESTRELAS. Lucien Febvre. <http://www.editora3estrelas.folha.uol.com.br/autores/7139-lucien-febvre.shtml>. Acesso em 04/08/2020.

EDWARDS, Elizabeth. **Anthropology and Photography 1860-1920**. New Haven: Yale University Press, 1992.

_____. **Uncertain Images: Museums and the Work of Photographs**. England: Ashgate, 2014.

_____. **Camera as Historian: Amateur photographers and historical imagination 1885-1912**. Durham: Duke University Press, 2012.

_____. **Raw Histories: photographs, anthropology, museums**. Oxford: Berg, 2001.

EDWARDS, Elizabeth; MORTON, Christopher. **Photographs, Museums, Collections: Between Art and Information**. New York: Bloomsbury Publishing, 2015.

EMPRESA METROPOLITANA DE ÁGUAS E ENERGIA S/A. **Elevatórias**. Disponível em: <http://www.emae.com.br/conteudo.asp?id=Elevat%C3%B3rias>. Acesso em 09/08/2020.

_____. **Usina Hidroelétrica Henry Borden**. Disponível em: <http://www.emae.com.br/conteudo.asp?id=Usina-Hidroeletrica-Henry-Borden>. Acesso em 09/08/2020.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRAS. Militão Augusto de Azevedo. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2001/militao-augusto-de-azevedo>>. Acesso em: 09/09/2020.

ENTINI, Carlos Eduardo. **Jornal Fanfulla está on-line no site da Unesp**. Acervo “Estadão”. 21.05.2020. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,jornal-fanfulla-esta-on-line-no-site-da-unesp,70003308995,o.htm>. Acesso em 11/09/20.

FELDMAN, Sarah. **Planejamento e Zoneamento**. São Paulo: 1947 – 1972. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2005.

FERNANDES, Florestan. O que é a sociologia? [1959]. In: FERNANDES, Florestan. **Elementos de Sociologia Teórica**. São Paulo/Rio de Janeiro: Edusp/Companhia Editora Nacional, 1970.

FELLOWS OF THE BRITISH ACADEMY. Elizabeth Edwards. Disponível em: <https://www.thebritishacademy.ac.uk/fellows/elizabeth-edwards-FBA/>. Acesso em: 11/09/2020.

FONTES, Paulo; MACEDO, Francisco Barbosa. Entrevista com Michael Hall. **Estud. hist.** (Rio J.), Rio de Janeiro , v. 29, n. 59, p. 813-846, Dec. 2016.

FRANÇA, Eduardo de Oliveira. Eduardo de Oliveira França: um professor de História. **Estud. av.**, São Paulo , v. 8, n. 22, p. 151-160, Dec. 1994. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000300013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 de julho de 2020.

FRANGUELLI, Bruno. **José de Anchieta: um poeta apaixonado pelo Reino**. São Paulo: Edições Loyola, 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999 [1967].

_____. **Pedagogia do oprimido**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003 [1970].

FREHSE, Fraya. ¿Las interacciones de los transeúntes como patrimonio de las calles latinoamericanas? El comercio ambulante de São Paulo como ejemplo. In: LOSADA, Dení Ramírez (org.). **Espacio Público, Patrimonio e Identidad(es) en América Latina**. Puebla: Instituto de Ciencias Sociales y Humanidades “Alfonso Vélaz Pliego”, Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2007, p. 163-193.

_____. **Ô da Rua!** São Paulo: Edusp, 2011.

_____. Os tempos (diferentes) do uso das praças da Sé em Lisboa e em São Paulo. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogerio Proença (orgs.). **Diálogos Urbanos**. Coimbra: Almedina, 2013. p. 127-173.

_____. En busca del tiempo en las calles y plazas de São Paulo. In: FREHSE, Fraya; MANTECÓN, Ana Rosas Mantecón (orgs.). **Vivir y Pensar São Paulo y la Ciudad de México**. Ciudad de México: Universidad Autónoma Metropolitana/Juan Pablos Editorial, 2016, pp. 109-133.

_____. Memória e espaço. In: CYMBALISTA, Renato; FELDMAN, Sarah; KUHL, Beatriz (orgs.). **Patrimônio Cultural: Memória e Intervenções Urbanas**. São Paulo: Annablume, 2017, p. 237-243.

_____ (org.). **A Sociologia Enraizada de José de Souza Martins**, São Paulo: Com-Arte, 2018.

_____. On the Everyday History of Pedestrians' Bodies in São Paulo's Downtown amid Metropolization (1950-2000). In: FREIRE-MEDEIROS, Bianca; O'DONNELL (orgs.). **Urban Latin America: Images, Words, Flows and the Built Environment**. New York: Routledge, 2018, pp. 15-35.

FUNDAÇÃO ENERGIA E SANEAMENTO. **Eletropaulo – Eletricidade de São Paulo S/A**. disponível em: <http://acervo.energiaesaneamento.org.br/consulta/GuiaDoAcervo.aspx?id=2>. Acesso em 08/08/2020.

_____. **Fundação lança livro sobre engenheiro, político e professor Catullo Branco**. Disponível em: <http://www.museudaenergia.org.br/not%C3%ADcias/not%C3%ADcias/catullo-branco.aspx>. Acesso em 08/08/2020.

144

_____. **Projeto “Usina de memórias” resgata história da Henry Borden**. Disponível em: <http://www.museudaenergia.org.br/not%C3%ADcias/not%C3%ADcias/usina-de-mem%C3%B3rias.aspx>. Acesso em 08/08/2020.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **Russo, Antonio**. Disponível em: <https://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/russo-antonio>. Acesso em 06/08/2020.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Os Andarilhos do Bem: feitiçaria a cultos agrários nos séculos XVI e XVI**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GONÇALVES, Martin Fernando de Araújo. **Cartografia das livrarias do CENTRO DE SÃO PAULO (1930-1970)**. ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES DA USP / DEP. DE JORNALISMO E EDITORAÇÃO. Relatório final PIBIC/CNPq, 2012.

GOULART, Fernando Costa. **Avaliação da situação da exploração e comercialização das águas subterrâneas por empresas de transporte de água a granel nas regiões metropolitanas de São Paulo e Campinas**. Dissertação de Mestrado. Campinas, Instituto de Geociências da UNICAMP, 2007.

GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. **Semana Pedagógica**. 2016. http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2016/anexo5_dge_3dia_sp2016.pdf. Acesso em 06/08/2020.

GRIMM, Flavia Christina Andrade. **Trajetória epistemológica de Milton Santos: uma leitura a partir da centralidade da técnica, dos diálogos com a economia política e da cidadania como práxis**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana. USP, 2012. Tese de doutorado. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-26062012-143800/pt-br.php>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

HALBWACHS, Maurice. **Le Cadres Sociaux de la Mémoire**. Paris: Librairie Félix Alcan, Première édition, 1925.

_____. **Le Causes du Suicide**. Paris: Alcan, 1930.

_____. **Morphologie Siciiale**. Paris: A. Colin, 1938.

_____. **La Mémoire Collective**. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.

HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HOPKINS, Jerry. **Elvis: The Biography**. Nova Jersey: Plexus Publishing, 1971.

INSTITUTO DE ESTUDOS AVANÇADOS DA USP. **Aziz Ab'Sáber**. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/pessoas/pasta-pessoa/aziz-absaber>. Acesso em 08/08/2020.

INSTITUTO DE FÍSICA DA USP. **Impacto Ambiental**. Disponível em: <http://www.cepa.if.usp.br/energia/energia1999/Grupo2B/Hidraulica/ambiental.htm>. Acesso em 08/08/2020.

INSTITUTO LUKÁCS. **Quem é György Lukács**. Disponível em: <https://www.institutolukacs.com.br/quem>. Acesso em 06/08/2020.

JORGE, Janes. **Rios e Saúde na Cidade de São Paulo, 1890-1940**. História & Perspectivas (Online), v. 24, p. 103-124, 2012.

_____. **Tietê: o rio que a cidade perdeu**. São Paulo, 1890-1940. São Paulo: Alameda/Fapesp, 2006. v. 1. 232p.

JUNQUEIRA, Lília. **Balzac para sociólogos: utopias e disposições sociais no século XIX**. Curitiba: Appris, 2017.

LE MONDE. **Théories de l'État de Yves Leclercq**. 1977. Disponível em: https://www.lemonde.fr/archives/article/1977/10/08/theories-de-l-etat-de-yves-leclercq_2880231_1819218.html. Acesso em 06/08/2020.

LEDGER, Sally; Furneaux, Holly. **Charles Dickens in context**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno**. Tradução: A. J. de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LEME, Maria Cristina da Silva. Francisco Prestes Maia e o urbanismo como campo de conhecimento e de atuação profissional. **Anais**. Rio de Janeiro: ANPARQ, 2010.

LIVRARIA DA TRAVESSA. **Clube da Lua**. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/clube-da-lua/artigo/2aa38c4c-5a12-4adc-bc92-01e78a327d4a>. Acesso em 02/08/2020.

MASO, Juan Dal. Dialética e marxismo: **Plekhanov, entre Hegel e Spinoza**. **Esquerda Diário**. 2016. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Dialetica-e-marxismo-Plekhanov-entre-Hegel-e-Spinoza>. Acesso em 06/08/2020.

MARTIN, Cristiana. **As praças sob a praça**: usos concebidos, percebidos e vividos da Estação Sé do Metrô de São Paulo. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

MEICHES, Luiz Alberto Maktas. **Integração de Sistemas de Gerenciamento de Riscos Ambientais**. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Saúde Pública da USP. São Paulo, 1998.

MILLER, Carlos Eduardo Murgel. **Reurbanização do Vale do Anhangabaú: propostas para a recriação de uma paisagem**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2017. Dissertação de mestrado. Disponível em: < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16135/tde-05072017-102653/fr.php>>. Acesso em 11 de agosto de 2020.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. Tradução: W. Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1972 [1959].

_____. **As Causas da próxima Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961 [1958].

_____. **A verdade sobre Cuba**. Rio de Janeiro: Zahar, 1961 [1960].

_____. **Os marxistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968 [1963].

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÕES. **Ciências Humanas, Sociais e Sociais Aplicadas**. Disponível em: http://www.mctic.gov.br/mctic/opencms/ciencia/SEPED/ciencias_humanas/O_que_e_as_CGHS/O_que_e_as_CGHS.html. Acesso em 02/08/2020.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Resolução Nº 37, de 26 DE março de 2004**. Disponível em: <http://www.ceivap.org.br/ligislacao/Resolucoes-CNRH/Resolucao-CNRH%2037.pdf>. Acesso em 08/08/2020.

MITRE, Amanda Bianco. **Victor Dubugras e a estação ferroviária de Mairinque**. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2018. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/102/102132/tde-17042018-161445/pt-br.php>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

MONNIER, Raymonde. **Le Faubourg Saint-Antoine (1789-1815)**. Paris: Société des Études Robespierristes, 2015.

MONTELEONE, Joana Moraes. **Elisée Reclus, o geógrafo impressionista**. São Paulo: Intermezzo/Edusp, 2016 (Resenha).

MOURA, Heitor Vianna. **Os outros Rios de Janeiro**: estudo sociológico sobre o imaginário dos arquitetos no contexto de preparação dos Jogos Olímpicos de 2016. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

NAHAS, Patrícia Viceconti. **Brasil Arquitetura: memória e contemporaneidade. Um percurso do Sesc Pompéia ao Museu do Pão (1977 – 2008)**. Volumes I e II. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2008. Dissertação de Mestrado. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetailObraForm.do?select_action=&co_obra=167462>. Acesso em: 12 de agosto de 2020.

NATALI, João Batista. **Saiba quem foi Althusser**. Folha de São Paulo. 1995. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1995/4/23/mundo/17.html>. Acesso em 05/08/2020.

NOVAIS, Fernando (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Thaís Reis. **As lojas mais antigas de São Paulo**. Veja São Paulo, 11/02/2017. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/consumo/as-lojas-mais-antigas-de-sao-paulo/>. Acesso em 02/08/2020.

PALMER, Alan. **The East End**: four centuries of London Life. Londres: Faber and Faber, 2014.

PANOFSKY, Erwin. **Idea**: A Evolução do Conceito de Belo. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1924].

_____. **Estudos em Iconologia**. Lisboa: Estampa, 1982 [1939].

PIAIA, Danilo Mendes. **Quando a rua virapoint**: ‘Práticas juvenis’ e pixadores no centro de São Paulo (2017-2019). Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

PINTO, Gelson de Almeida; BUFFA, Ester. **Arquitetura e educação**. Câmpus universitários brasileiros. São Carlos, Editora UFSCar – EdUFSCar, 2009.

PORTAL DO INSTITUTO FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Arte gráfica de Heinrich Moser é disponibilizada na internet**. 17.03.2017. Disponível em: <https://portal.ifpe.edu.br/noticias/arte-grafica-de-heinrich-moser-e-disponibilizada-na-internet>. Acesso em: 11/09/2020.

PREFEITURA DE SANTO ANDRÉ. **A represa Billings e o município de Santo André**. <https://www2.santoandre.sp.gov.br/index.php/institucional-sedu-2/181-plano-educacao-ambiental/874-a-represa-billings-e-o-municipio-de-santo-andre>. Acesso em 08/08/2020.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **História da Biblioteca Mário de Andrade**. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>. Acesso em 02/08/2020.

RAGO FILHO, Antonio. **O testamento filosófico de György Lukács**. *Revista Cult*. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/o-testamento-filosofico-de-gyorgy-lukacs/>. Acesso em 06/08/2020.

REIS, Andréia Francisco dos; JOAQUIM, Michele Silva. **Projeto de preservação da documentação dos trabalhadores da Light São Paulo**. In: ARQUIVO E MEMÓRIA DOS TRABALHADORES DA CIDADE E DO CAMPO. Coleção: Arquivos e o direito à memória e à verdade. Comunicações do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos. Arquivo Nacional/Central Única dos Trabalhadores. São Paulo - Rio de Janeiro, 2015.

RIBEIRO, Maria Alice Rosa. Últimas homenagens a três ilustres associados: Jose Roberto do Amaral Lapa (1929-2000). **História Econômica & História de Empresas**, ABPHE, vol. 3(1), pp. 160-163.

ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. **Fernand Braudel, a América Latina e o Brasil**: um capítulo pouco conhecido de sua biografia intelectual. *Estudos Ibero-Americanos*. **PUCRS**, v.XXVI, n.º 2, p. 7-36, dezembro 2000.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei**: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

SACONI, Rose. **Itaipu completa 40 anos**: Brasil e Paraguai assinaram acordo criando a empresa Binacional para a construção da hidrelétrica. *Jornal "Estadão"*. 2014. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,itaipu-completa-40-anos,10095,0.htm>. Acesso em 08/08/2020.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990 [1987].

_____. **Metáforas históricas e realidades míticas**: estrutura nos primórdios da história do reino das Ilhas Sandwich. Tradução e apresentação: Fraya Frehse. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008 [1981].

SALIBA, Elias Thomé. A vida e a obra de Eric J. Hobsbawm. **O Estado de São Paulo**. 01 de outubro de 2012. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,a-vida-e-a-obra-de-eric-j-hobsbawm-pelo-historiador-elias-thome-saliba,938453>. Acesso em: 26 de julho de 2020.

SAMAIN, Etienne. **Moroneta Kamayurá**: mitos e aspectos da realidade social dos índios Kamayurá (Alto Xingu). Rio de Janeiro, Lidador; XXVIII. 1991.

_____. **O fotográfico**. São Paulo: Hucitec-CNPq, 1998.

_____. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.

SCARABÔTOLO, Hélio A. **A cooperação internacional em educação, ciência e cultura**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 1968.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Retrato em branco e negro**. Jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil, 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

_____. **As barbas do imperador: dom Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. **Lima Barreto: triste visionário**. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil: 1900-1990**. São Paulo: EDUSP, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

SILVA, Beto. **Morre em São Caetano o advogado Antônio Russo, ex-deputado federal**. Diário do Grande ABC, 9/5/09. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/noticia/178319/morre-em-sao-caetano-o-advogado-antonio-russo-ex-deputado-federal?referencia=buscas-lista>. Acesso em 08/08/2020.

SIRIANI, Silvia C. L. **Uma São Paulo Alemã**. São Paulo: Arquivo do Estado/Imprensa Oficial, 2003.

SIQUEIRA, Renata Monteiro. **A inserção da FAUUSP no campo de arquitetura e urbanismo em São Paulo: as contribuições de Anhaia Mello e Vilanova Artigas**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2015. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16136/tde-08092015-113001/pt-br.php>> . Acesso em 11 de agosto de 2020.

SODRÉ, João Clarck de Abreu. **Arquitetura e viagens de formação pelo Brasil (1938-1962)**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2010. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-14062010-153534/pt-br.php>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

TANNURI, Fabiana Luz. **O processo criativo de Lina Bo Bardi**. São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. USP, 2008. Dissertação de mestrado. Disponível em < <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16134/tde-27042010-144717/pt-br.php>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

TEODORO, Alexandre Elias de Miranda. **Geografia francesa em questão: trajetória e evolução do conhecimento geográfico de Pierre George**. Trabalho de Conclusão de Curso em Bacharelado em Geografia. Alfenas, Universidade Federal de Alfenas, 2013.

TRINDADE, Jaelson Bitran. Luís Saia, arquiteto (1911-1975): a descoberta, estudo e restauro das “moradas paulistas”. **Risco - Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo**, São Carlos, n. 18-19, dezembro 2014, pp. 123-169. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/risco/article/view/117005>>. Acesso em: 14 de agosto de 2020.

VIDAL, Laurent. Alain Corbin o prazer do historiador. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49, janeiro 2005, p. 11-31. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100002#nt01. Acesso em: 14 de agosto de 2014.

VILLA, Dirceu. Introdução. In: BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos poemas em prosa (O spleen de Paris)**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2007.

150 VILLA, Rafael Duarte; CORDEIRO, Fábio Cerdeira. Ganhos Relativos ou Política Doméstica? Os Tratados do Canal do Panamá como um Jogo de Dois Níveis. **Contexto Internacional**. Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, julho/dezembro 2006, pp. 301-353. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-85292006000200001&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 09 de agosto de 2020.

WALL, Ed. **Desenho urbano**. Porto Alegre: Bookman, 2012.

WALLENFELDT, Jeff. **The birth of the Rock & Roll: music in the 1950s through the 1960s**. Nova Iorque: Britannica Educational Pub, 2013.

WIKIPEDIA. **Gueorgui Plekhanov**. Disponível em: https://fr.wikipedia.org/wiki/Gueorgui_Plekhanov. Acesso em 06/08/2020.

WISNIK, Guilherme. Artigas e a dialética dos esforços. **Novos estud. CEBRAP**, São Paulo, n. 102, julho 2015, pp. 149-165. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002015000200149&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 12 de agosto de 2020.

WITTE, Bernd. **Walter Benjamin: uma biografia**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WOLIN, Richard. **Louis Althusser**. Enciclopaedia Britannica. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Louis-Althusser>. Acesso em 07/08/2020.

YOUNG-BRUEHL, Elisabeth. **Hannah Arendt**: una biografía. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, S.A., 2006.

ZIZEK, Slavoj. **From History and Class Consciousness to The Dialectic of Enlightenment...** and Back. *New German Critique* 81: 107-123, 2000.

Os Intérpretes da Cidade
Pesquisadores e Histórias de São Paulo
Org.: Fernando Atique

A Cidade dos Arquitetos
Hugo Massaki Segawa

Entrevistado em 11 de setembro de 2018

Autores:

*Carlos Thaniel Moura, Cláudia de Andrade de Rezende, Diógenes Rodrigues de Sousa,
Rafaela Cristina Avelar e Raissa Campos Marcondes*

Notas Contextuais:

Oswaldo Bruno Meca Santos da Silva

A Cidade dos Urbanistas
Sarah Feldman

Entrevistada em 16 de outubro de 2018

Autores:

*Brenda Laisa Morais, José Wagner dos Santos, Karina Oliveira Morais dos Santos, Matan
Ankava*

Notas Contextuais:

Maira de Camargo Barros

A Cidade dos Historiadores
Maria Stella Martins Bresciani

Entrevistada em 30 de outubro de 2018

Autores:

*Felipe Augusto dos Santos Vaz, Maitê Henriques Lemos Alves, Maria Dóris Simões Fleury e
Renan Rosa dos Santos*

Notas Contextuais:

Renata Geraissati Castro de Almeida

A Cidade dos Geógrafos
Odette Carvalho de Lima Seabra

Entrevistada em 29 de outubro de 2018

Autores:

Adriana Rodrigues, Ana Maria Alves Barbour, Orlando Guarnier e Luís Gustavo Reis

Notas Contextuais:

Luís Fernando Simões Moraes

A Cidade dos Cientistas Sociais
Fraya Frehse

Entrevistada em 27 de novembro de 2018

Autores:

*Dayanne Luz das Neves; Daniel Santos Mathias; Emerson Dylan Gomes Ribeiro e Janaína
Franson Caetano*

Notas Contextuais:

Leonardo Fagion Novo

Atique, Fernando.

Os intérpretes da cidade : pesquisadores e histórias de São Paulo / org. :
Fernando Atique. – Guarulhos : EFLCH-UNIFESP, 2020. – 1 recurso
online (156 p.) : PDF. – (Cadernos Lab.Hum ; v. 2).

ISBN 978-65-87312-01-9.

1. São Paulo (SP) – Historiografia. 2. Segawa, Hugo, 1956- – Entrevistas.
3. Feldman, Sarah, 1946- – Entrevistas. 4. Bresciani, Maria Stella
Martins, 1939- – Entrevistas. 5. Seabra, Odette Carvalho de Lima –
Entrevistas. 6. Frehse, Fraya, 1971- – Entrevistas. I. Título.

CDD 981.610072

Elaborado por Emerson I. Kamiya – CRB 8/7442

Produzido a partir de uma disciplina de pós-graduação ministrada em 2018 no Programa de Pós-Graduação em História da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Unifesp, campus Guarulhos, cujo teor foi debater a produção historiográfica sobre a cidade de São Paulo, este livro traz depoimentos de cinco importantes pesquisadores da Pauliceia: Hugo Segawa, Sarah Feldman, Maria Stella Bresciani, Odette Seabra e Fraya Frehse. A estratégia adotada foi a de extravasar os limites disciplinares e mostrar como o urbano se tornou pauta dos estudos históricos, e como surgiram campos relacionados ao mesmo, dando origem às histórias urbana, da cidade, do urbanismo, do planejamento e do território. Concomitantemente, procurou-se apresentar como a produção histórica sobre São Paulo ocorreu em outras disciplinas acadêmicas para além da esperada participação dos historiadores de formação *stricto sensu*. Produzido integralmente a partir de elementos digitais, o livro integra a coleção Cadernos Lab.Hum da Unifesp.

lab . hum
laboratório de humanidades
digitais da unifesp

CAPP
cidade, arquitetura e preservação em perspectiva histórica

UNIFESP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
1933



ISBN: 978-65-87312-01-9



CDL

9 786587 312019